

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM**  
**EDUCAÇÃO**

**NÍVEA OLIVEIRA COUTO DE JESUS**

**“ESCOLA MUNICIPAL RURAL ÁGUA MANSA COQUEIROS**  
**EM RIO VERDE: HISTÓRIA E MEMÓRIA”**

Goiânia

2016

**NÍVEA OLIVEIRA COUTO DE JESUS**

**“ESCOLA MUNICIPAL RURAL ÁGUA MANSA COQUEIROS  
EM RIO VERDE: HISTÓRIA E MEMÓRIA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura.

Orientadora: Professora Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida.

Goiânia

2016

J58e Jesus, Nívea Oliveira Couto de  
Escola municipal rural Água Mansa Coqueiros em Rio  
Verde-GO[ manuscrito] : história e memória / Nívea  
Oliveira Couto de Jesus .-- 2016.  
263 f.; il. 30 cm

Texto em português com resumo em inglês  
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto  
Sensu em Educação, Goiânia, 2016  
Inclui referências f.163-171

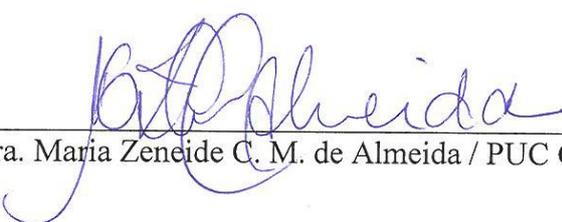
1. Educação - História - Goiás (Estado). 2. Escolas  
rurais - memória - Rio Verde (GO). 3. História oral.  
I. Almeida, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. II. Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás. III. Título.

CDU: 37.018.51(043)

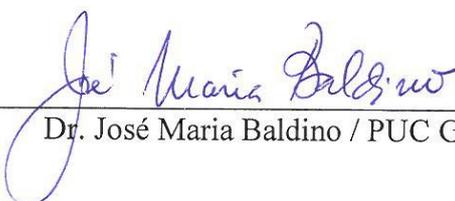
**“ESCOLA MUNICIPAL RURAL ÁGUA MANSÁ COQUEIROS EM RIO VERDE:  
HISTÓRIA E MEMÓRIA”**

Dissertação de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás, aprovada em 15 de junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Dra. Maria Zeneide C. M. de Almeida / PUC Goiás (Presidente)

  
\_\_\_\_\_  
Dra. Diane Valdez / UFG

  
\_\_\_\_\_  
Dr. José Maria Baldino / PUC Goiás

\_\_\_\_\_  
Dra. Ana Maria Gonçalves / UFG (suplente)

\_\_\_\_\_  
Dr. Aldimar Jacinto Duarte / PUC Goiás (suplente)

Dedico este trabalho àqueles que são o motivo de minha existência, meus pais, Meire Ruht e Afonso.

Ao meu esposo Wesley Fernando, companheiro no amor, na vida e nos sonhos, que sempre me apoiou nas horas difíceis e compartilhou comigo as alegrias.

Aos meus filhos queridos, Pedro Afonso e Mirella, presentes de Deus, razão de minha luta e do meu viver.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao escrever uma dissertação, passamos por diversas etapas: momentos de indecisões e decisões, de tristezas, angústias, ansiedades, inseguranças, emoções e alegrias que, além de serem vividas subjetivamente, são também compartilhadas com as pessoas e instituições que no decorrer do trabalho foram indispensáveis para alcançar meus objetivos, o que me fez lembrar que, apesar de ser um trabalho solitário, eu não estava sozinha, como muitas vezes imaginava estar. Por isso, é muito bom ter um espaço para agradecer às pessoas que comigo compartilharam esta etapa da minha vida.

Então, quero agradecer primeiramente:

A Deus por ter me dado força e sabedoria para cursar e concluir o Mestrado em Educação e também ter me proporcionado momentos de novas aprendizagens.

À minha mãe e meu pai que certamente foram a responsáveis pela minha existência e por todas as conquistas da minha vida.

Aos meus filhos Pedro Afonso e Mirella amor maior da minha vida e razão para procurar ser cada dia melhor.

Ao meu marido e companheiro de todas as horas Wesley Fernando por ter suportado minhas ausências, pelo apoio, compreensão e por me amar como sou.

Aos meus irmãos Jonas, Betânia e principalmente ao Fernando que me recebeu em sua casa durante os dias em que precisei ficar em Goiânia, dando-me apoio, atenção e carinho.

A todos os meus amigos e colegas, em especial a Sebastiana, que sempre colaborou com suas opiniões e companheirismo;

Ao Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, instituição formadora cujo nome pesará junto ao meu título, me acompanhando no percurso de minha carreira acadêmica e profissional.

A minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida que me orientou ao longo dessa jornada, contribuindo com suas reflexões para que esse estudo fosse possível.

Aos membros da banca examinadora professora Dr.<sup>a</sup> Diane Valdez e o professor Dr. José Maria Baldino.

Aos secretários de educação do Estado de Goiás e do Município de Rio Verde, que concederam a licença para meu aprimoramento profissional.

A todos os envolvidos na História e Memória da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental ÁGUA MANSA COQUEIROS, colaboradores desta pesquisa, pelas histórias contadas, narradas e escritas. Por compartilhar suas vidas e me permitir revelá-las.

## RESUMO

A pesquisa tem por objeto de estudo a reconstrução da história e memória da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros no município de Rio Verde – GO, o objetivo é contribuir para ampliação dos estudos da historiografia goiana e brasileira, e especificamente o conhecimento da história do surgimento da escola, conforme aquela realidade. Utilizaram-se pressupostos metodológicos da História Oral, História Cultural e Memória. As narrativas contaram com entrevistas de ex-professores, professores atuais, ex-funcionários, ex-aluno entre outros colaboradores, que elucidam dados da comunidade escolar para possibilitar a elaboração de documento científico sobre a história e memória da escola. Por esta razão, a pesquisa pauta-se nas seguintes indagações: Como se deu o surgimento da escola, segundo as narrativas? Qual a relevância da escola para o ensino do campo no município de Rio Verde? O recorte temporal escolhido de 1997, ano em que surgiu a EMREF Água Mansa Coqueiros e também a aplicabilidade da LDB 9394/96, até o ano de 2015. Os dados da pesquisa constatarem que a escola tem papel fundamental na vida das crianças da comunidade rural localizada na região da Água Mansa. Seu surgimento propiciou o acesso, permanência e a legitimação de uma educação do campo que prima pela qualidade, atestada pelos resultados de sucesso.

**Palavras-chave:** História oral. Memória. Escolas rurais. História da Educação de Goiás.

## **ABSTRACT**

The research has the object of study the reconstruction of history and memory of the Rural Municipal Elementary School Mansa Water Coqueiros in Rio Verde - GO, the goal is to contribute to the expansion of studies of Goiás and Brazilian historiography, and specifically the knowledge of history of school appearance, as that reality. They used methodological assumptions of Oral History, Cultural History and Memory. The stories told with interviews of former teachers, current teachers, former employees, former students and other employees who elucidates data of the school community to enable the development of a scientific paper on the history and school memory. For this reason, the research agenda on the following questions: How did the school's appearance, according to the narrative? What is the relevance of school to the field education in the city of Rio Verde? The chosen time frame 1997, the year he came to EMREF Water Coqueiros Mansa and also the applicability of LDB 9394/96, by the year 2015. The survey data find that the school has a fundamental role in the lives of children in the rural community located in the Mansa Water region. Its appearance has provided access, permanence and legitimacy of an education field that stands for quality, attested by successful results.

**Keywords:** Oral History. Memory. rural schools. History of Goiás Education.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Escolas Municipais de Rio Verde – Goiás – Área Rural 2015.

QUADRO 02 – Relação das escolas municipais rurais criadas e extintas. 1969-2010.

QUADRO 03 – Síntese identitárias dos narradores.

QUADRO 04 – Síntese das experiências dos narradores à escola.

QUADRO 05 – Leis e resoluções alusivas a EMREF Água Mansa Coqueiros.

QUADRO 06 – Relação nominal dos professores de 1997 a 2015.

QUADRO 07 – Número de alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros de 1997 a 2015.

QUADRO 08 – Grêmios Mirins das escolas rurais de Rio Verde-GO.

## **LISTA DE TABELAS**

TABELA 01 – Censo 2010.

TABELA 02 – Indicadores da Educação Básica da localidade-Goiás.

TABELA 03 – Porcentagem de professores da Educação Básica com curso superior.  
Rede / Pública.

TABELA 04 – Professores da Educação Básica por escolaridade.

TABELA 05 – Números da Alfabetização no Brasil.

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 01 – Escolas Rurais em queda.

GRÁFICO 02 – Evolução do crescimento da população de Rio Verde-GO entre 1980/2013.

GRÁFICO 03 – Porcentagem de professores da Educação Básica com curso superior.

## LISTA DE FOTOS

- FOTO 01 – Nívea Oliveira Couto de Jesus na apresentação do módulo 2: Como promover a construção coletiva do projeto pedagógico da escola? 2002.
- FOTO 02 – Nívea Oliveira Couto de Jesus. Gestora Escolar. Ano 2007.
- FOTO 03 – Documento retirado do Portfólio da pesquisadora/ 2011.
- FOTO 04 – Documento retirado do Memorial da Turma da Paz/IAM-2008.
- FOTO 05 – Zélia Ferreira de Andrade. 2013.
- FOTO 06 – Afonso Lázaro do Couto. 2010.
- FOTO 07 – Neusa Dias de Oliveira. 1997.
- FOTO 08 – Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2014.
- FOTO 09 – Jonas Nunes do Couto. 2015.
- FOTO 10 – Simone Oliveira Ribeiro de Pinho. 2015.
- FOTO 11 – Luci Meire de Oliveira. 2015.
- FOTO 12 – Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015.
- FOTO 13 – Itor Martins Ribeiro. 2015.
- FOTO 14 – Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro. 2015.
- FOTO 15 – EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento provisório. 1997.
- FOTO 16 – EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento provisório no primeiro trimestre de 2000, na fazenda do senhor Tonhá.
- FOTO 17 – EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento provisório de abril a junho de 2000, na fazenda da Dona Zélia.
- FOTO 18 – A pioneira na criação da EMREF Água Mansa Coqueiros, Zélia Ferreira de Andrade. 1998.
- FOTO 19 – Reunião realizada entre a comunidade escolar rural, prefeita Nelci Spadonni e autoridades na fazenda da Dona Zélia. 1998.
- FOTO 20 – Amigo secreto realizado EMREF Água Mansa Coqueiros em obras. 2000.
- FOTO 21 – EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento nas dependências da extinta Escola Municipal Cândida Pereira no ano de 2001.
- FOTO 22 – EMREF Água Mansa Coqueiros no ano de 2003 com seus primeiros funcionários.
- FOTO 23 – EMREF Água Mansa Coqueiros em sede atual. Ano 2014.
- FOTO 24 – Ampliação da EMREF Água Mansa Coqueiros. 2015.

FOTO 25 – Visita de acompanhamento pedagógico realizada pela tutora do curso PROFORMAÇÃO. 2000.

FOTO 26 – Fase presencial do Curso Proformação. 2000.

FOTO 27 – Atravessando uma pinguela para assistirem aula. 2000.

FOTO 28 – Aula na casa de Dona Cidalina (merendeira). 2000.

FOTO 29 – Culminância do projeto: O Dia da Conquista. 2012.

FOTO 30 – Contando histórias. 2014.

FOTO 31 – Campanha eleitoral. 2015

FOTO 32 – Posse da chapa eleita. 2015.

FOTO 33 – Programa Agrinho (saúde). 2014.

FOTO 34 – Horta escolar. Ano: 2004.

FOTO 35 – Horta escolar. Ano: 2014.

FOTO 36 – Reforço escolar. Ano: 2005.

FOTO 37 – Festa Junina. Ano: 2001.

FOTO 38 – Festa Junina. Ano: 2015.

## LISTA DE IMAGENS<sup>1</sup>

IMAGEM 01 – Pesquisa de campo: corpus escrito e corpus oral.

IMAGEM 02 – Reportagem do Jornal O Popular sobre a Marcha para o oeste.

IMAGEM 03 – Escolas rurais fechadas no ano de 2014 no Brasil.

IMAGEM 04 – Localização geográfica do Estado de Goiás no Brasil.

IMAGEM 05 – Localização geográfica de Rio Verde no Estado de Goiás.

IMAGEM 06 – Desenho do aluno Ryan 2º ano, nos dias seguintes ao acidente.

IMAGEM 07 – Convite para solenidade da qual a depoente recebeu homenagem.

IMAGEM 08 – Vista aérea da EMREF Água Mansa Coqueiros.

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa a diferença entre fotos e imagens se dá pelo fato de que as imagens referem-se a documentos escritos.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AEE – Atendimento Educacional Especializado
- BIRD – Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento
- CEB – Câmara de Educação Básica
- COMERV – Conselho Municipal de Educação de Rio Verde-GO
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CONAE – Conferência Nacional de Educação
- CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação
- EJA – Educação de Jovens e Adultos
- ENERA – Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária
- EMREF- Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental
- FESURV – Fundação de Ensino Superior de Rio Verde
- FUNDESCOLA – Fundo de Fortalecimento da Escola
- GPT – Grupo Permanente de Trabalho da Educação do Campo
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- IAM – Instituto de Assistência a Menores
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
- IMB – Instituto Mauro Borges
- INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
- MDS – Ministério do Desenvolvimento Social
- MEC – Ministério da Educação
- MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra
- ONG – Organização não governamental
- PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
- PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNE – Plano Nacional de Educação

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho infantil

SECAD – Sistema DE Educação Continuada a Distância

SDT/MDA – Secretaria do Desenvolvimento Territorial/Ministério do desenvolvimento Agrário

SEGPLAN – Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento

SME – Secretaria Municipal de Educação

UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

UniRV – Universidade de Rio Verde

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

## LISTA DE PARTICIPANTES<sup>2</sup>

01. Zélia Ferreira de Andrade (Pioneira na criação da escola)
02. Afonso Lázaro do Couto (pai de ex-aluno e ex-funcionário)
03. Neusa Lopes Dias (ex-professora)
04. Márcia Salustiano Carvalho Leão (professora)
05. Jonas Nunes do Couto (ex-aluno)
06. Simone Oliveira Ribeiro de Pinho (ex-professora)
07. Luci Meire de Oliveira (professora)
08. Telma Fátima C. de Oliveira (ex-professora)
09. Itor Martins Ribeiro (pai de ex-aluno, precursor na implantação da escola)
10. Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro (ex-merendeira)

---

<sup>2</sup> A lista segue a ordem de realização em que as entrevistas ocorreram.

## **LISTA DE APÊNDICE**

APÊNDICE A – Instrumentos e procedimentos de coleta de dados/projeto de pesquisa

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista I (Zélia Ferreira de Andrade)

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista II (Afonso Lázaro do Couto)

APÊNDICE D – Transcrição da entrevista III (Neusa Lopes Dias)

APÊNDICE E – Transcrição da entrevista IV (Márcia Salustiano Carvalho Leão)

APÊNDICE F – Transcrição da entrevista V (Jonas Nunes do Couto)

APÊNDICE G – Transcrição da entrevista VI (Simone Oliveira Ribeiro de Pinho)

APÊNDICE H – Transcrição da entrevista VII (Luci Meire de Oliveira)

APÊNDICE I – Transcrição da entrevista VIII (Telma Fátima C. de Oliveira)

APÊNDICE J – Transcrição da entrevista IX (Itor Martins Ribeiro)

APÊNDICE K – Transcrição da entrevista X (Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro)

APÊNDICE L – Leis e resoluções alusivas a EMREF Água Mansa Coqueiros

APÊNDICE M – Memorando da SME 052/2013, determinando a extinção de escolas.

## LISTA DE ANEXO

ANEXO 01– Quadro contendo os resultados referentes à matrícula inicial na Creche, Pré-Escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio (incluindo o médio integrado e normal magistério), no Ensino Regular e na Educação de Jovens e Adultos presencial Fundamental e Médio (incluindo a EJA integrada à educação profissional) das redes estaduais e municipais, urbanas e rurais em tempo parcial e integral e o total de matrículas nessas redes de ensino.

ANEXO 02– Quadro contendo os resultados referentes à matrícula inicial na Creche, Pré-Escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio (incluindo o médio integrado e normal magistério), e na Educação de Jovens e Adultos presencial Fundamental e Médio (incluindo a EJA integrada à educação profissional) da Educação Especial, das redes estaduais e municipais, urbanas e rurais em tempo parcial e integral e o total de matrículas nessas redes de ensino

ANEXO 03 – Matrícula informal dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros.

ANEXO 04 – Matrícula informal dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros.

ANEXO 05 – Matrícula informal dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros.

ANEXO 06 – Carta/comunicado de elogio.

ANEXO 07 – Carta de desabafo de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira nos dias seguintes ao acidente.

ANEXO 08 – Poema classificado no projeto Dia da Conquista.

ANEXO 09 – Jornal informativo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO.

ANEXO 10 – Jornal de divulgação do Grêmios Mirins na rede municipal de ensino.

ANEXO 11 – Termo de abertura do livro de atas do Grêmio Mirim Mico Leão Dourado.

ANEXO 12 – Ata da reunião do Grêmio Mirim Mico Leão Dourado.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO I - OS CAMINHOS DA PESQUISA .....</b>	<b>26</b>
1.1 Construindo minha trajetória profissional .....	26
1.2 Ao encontro da Memória e da História: caminhos percorridos .....	33
<b>CAPÍTULO II – DA EDUCAÇÃO RURAL À EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL E EM GOIÁS .....</b>	<b>52</b>
2.1 Olhar histórico .....	52
2.2 Conhecendo as Escolas Rurais de Rio Verde .....	65
2.3 As Escolas Rurais: criação e extinção.....	67
<b>CAPÍTULO III – TEMPOS E ESPAÇOS PARA RECOMPOR MEMÓRIAS ....</b>	<b>80</b>
3.1 Conhecendo Rio Verde-GO .....	81
3.2 Os Narradores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros .....	92
3.3 Percursos da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros em Rio Verde-GO .....	112
3.4 A contribuição do arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO para a construção do corpus escrito da pesquisa .....	127
3.5 A Cultura Escolar das Classes Multisseriadas .....	132
3.6 Da Escola Rural à Escola do Campo: desafios para a formação dos professores da Escola Municipal Água Mansa Coqueiros .....	134
3.6.1 Alguns projetos desenvolvidos pela escola .....	152
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO.....</b>	<b>160</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>163</b>
Dissertações e teses .....	163
Livros e capítulos de livros.....	164
Corpus Escrito .....	170
Acervo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde.....	170

Acervo da Escola Municipal Rural de Ensino fundamental Água Mansa Coqueiros ...	170
Corpus oral .....	171
<b>APÊNDICE</b> .....	172
<b>ANEXO</b> .....	251

## INTRODUÇÃO

[...] a expectativa do historiador, e por certo de um leitor de um texto de história, é de encontrar nele algo de verdade sobre o passado. O discurso histórico, portanto, mesmo operando pela verossimilhança e não pela veracidade, produz um efeito de verdade: é uma narrativa que se propõe como verídica e mesmo substitui o passado, tomando seu lugar. Nesse aspecto, o discurso histórico chega a atingir um efeito de real. PENSAVENTO.

Esta pesquisa apresenta os testemunhos históricos dos narradores de acordo com sua verdade em relação à história da construção da escola pesquisada, entrelaçada nas memórias e lembranças de cada sujeito participante desta pesquisa. Neste sentido coaduno com Pensavento (2014, p. 55), justifico a citação acima, que traz luz à interpretação de cada leitor, para verificar como se deu tal surgimento.

Vale nota a pertinência de cada percurso familiar, escolar e profissional único e singular, nos mais variados espaços e tempos múltiplos, oportunizados antes e durante a realização do Mestrado em Educação, sobretudo pela mediação das aulas, das orientações, dos seminários, dos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas Educação, História, Memória e Cultura em diferentes espaços sociais, na interlocução com nossos pares, professores-pesquisadores e amigos.

A pesquisa tem por objeto de estudo a reconstrução da história e memória da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros no município de Rio Verde – GO, o objetivo é contribuir para ampliação dos estudos da historiografia regional e brasileira, e especificamente o conhecimento da história do surgimento da escola, conforme a realidade. Utilizaram-se pressupostos metodológicos da História Oral, História Cultural e Memória. As narrativas contaram com entrevistas de ex-professores, professores atuais, ex-funcionários, ex-aluno entre outros colaboradores, que elucidou dados da comunidade escolar para possibilitar a elaboração de documento científico sobre a história e memória da escola.

A recuperação do passado não tem condições de ser totalmente objetiva porque a subjetividade do pesquisador está presente. Por isso, para compreendermos porque o presente é o que é, devemos trabalhar dentro de uma perspectiva sócio histórica, pois ela interroga o passado

com interesses ditados pelo presente, rejeitando verdades universais.  
(GATTI JR. 2000, p. 26)

O interesse pelas memórias e pela história das memórias da escola pesquisada envolve todos os sujeitos que fizeram parte de sua história, através das relações e inter-relações sociais que contribuíram para a fixação dessa Unidade Escolar na comunidade rural.

As motivações e razões que despertaram o interesse pela temática Escola Municipal Rural Água Mansa Coqueiros em Rio Verde-GO – História e Memória, estão em registrar a memória desconhecida por muitos, pois são poucos os estudos que registram a memória como história, além do fato de a escola ter sido criada por iniciativa da comunidade rural e permanecer até os dias atuais, fundamentando a relevância da pesquisa. Ferreira e Amado (2001), afirma

que ao situarem a memória simultaneamente como fonte de alternativas, os historiadores fizeram muito mais do que simplesmente incorporar a memória à sua coleção de ferramentas, fontes, métodos e abordagens, a tensão produtiva vem gerando novas abordagens à concepção tanto da história quanto da memória, nas quais o processo de dar sentido ao passado é entendido como uma capacidade mais geral, expressa de várias formas e modos, que podem ser melhor entendidos como organizados em vetores de diferentes espectros, em vez de estarem agrupados em torno de noções polarizadas de história e memória. (FERREIRA e AMADO, 2001, p. 77)

A EMREF Água Mansa Coqueiros está localizada na região da Água Mansa, por onde passa um córrego com mesmo nome, por esta razão o nome da escola. Encontra-se há aproximadamente 35 km de distância da cidade, sentido Jataí 33.569 km, entrada à esquerda após o anel viário. Segundo as narrativas, a escola foi criada em 1997 por iniciativa da comunidade rural mesmo enfrentando dificuldades diversas relacionadas à infraestrutura.

Há muito, ouvia as narrativas de meu Pai com relação à luta para criação e implantação da escola, já que ele esteve envolvido neste processo desde o início, conforme aponta seu depoimento abaixo. Primeiro como pai de aluno e, posteriormente, como funcionário, trabalhando até se aposentar. Por eu estar no meio educacional, ouvia várias versões dessa história, o que me instigou a investigar através da história oral, a história e memória dessa instituição.

Olha, a primeira coisa, foi a Dona Zélia que iniciou com muita dificuldade, tirando dinheiro do próprio bolso para comprar caderno, comprar alimento, para ensinar algumas crianças carentes que tinha lá. [...] e nós quisemos fazer a escolinha, juntamos com o cara que transportava menino para a cidade para conseguirmos material para fazermos a escolinha lá. Aí conseguimos placas, um pouco de doação de telhas, algumas coisas... (Entrevista, Afonso Lázaro do Couto. 2014)

Por esta razão, a pesquisa pauta-se nas seguintes indagações: Como se deu o surgimento da escola, segundo as narrativas? Qual a relevância da escola para o ensino do campo no município de Rio Verde? Quais indícios contribuíram para a abertura e o fechamento das escolas rurais/do campo no município de Rio Verde-GO?

Dessa forma, para a organização da pesquisa foram estruturados três capítulos. Sendo o primeiro intitulado: Os caminhos da pesquisa. Está subdividido em duas partes. A primeira parte discorre sobre as várias etapas da trajetória profissional da pesquisadora, desde a formação inicial até o mestrado, através das lembranças contidas na memória. Na segunda parte, procura-se empreender reflexões de cunho teórico-metodológico, de forma a relatar os procedimentos utilizados na elaboração do trabalho investigativo o qual se pauta nas narrativas dos diversos sujeitos que compõem o cenário da memória e história da EMREF Água Mansa Coqueiros no município de Rio Verde-GO.

O segundo capítulo, Da Educação Rural à Educação do Campo no Brasil e em Goiás, apresenta uma abordagem histórica sobre o tema, sendo considerado como elemento responsável pela cultura, no sentido de entender a permanência da escola atual ainda nos moldes da escola rural, além de apontar os indícios que contribuíram para a criação e o fechamento das escolas rurais/do campo no município de Rio Verde-GO, através de pesquisa nos arquivos da Secretaria Municipal de Educação.

O terceiro capítulo denominado Tempos e espaços para recompor memórias, aborda os aspectos históricos, políticos e econômicos do município de Rio Verde, são apresentados os narradores da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros, sujeitos que colaboram para sua reconstrução. Descreve os percursos da escola pesquisada tendo como referência os aportes teóricos da história oral, história cultural e memória para construção do estudo, no qual através das narrativas se dá a

reconstrução histórica da unidade escolar desde sua criação em 1997 até o ano de 2015. Aponta às fontes que compõem o corpus escrito da pesquisa, levando em consideração a legislação, o arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde e o arquivo da unidade escolar articulados às memórias individuais e coletivas dos vários sujeitos que compõem este cenário, além da cultura escolar das classes multisseriadas, os desafios para a formação dos professores da Escola Municipal Rural Água Mansa Coqueiros e o percurso profissional e a inserção na escola rural: motivações e perspectivas.

Dentre os autores que estudados para a fundamentação teórica da pesquisa, destacam-se: Alberti (2013), Benjamim (1994), Bosi (1994), Chartier (2002), Halbwachs (2006), Pensavento (2014), Portelli (1997), Meihy (2002), Le Goff (2003) e Thompson (1997).

Utilizou-se o corpus de documentos orais e escritos, no intuito de fundamentar a argumentação da pesquisadora, entrecruzando tempos e espaços, de modo a proporcionar uma compreensão mais profunda de outras versões históricas não oficiais, restituindo o sentido e as significações das histórias singulares construídas em torno de pessoas comuns, excluídas da história, a exemplo das memórias dos envolvidos na criação e implantação da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros no município de Rio Verde-GO.

Para finalizar, indicaram-se algumas considerações sobre o estudo, sendo retomados os principais elementos da pesquisa, em sua totalidade, perpassando pela revisão de literatura, pelas indagações da pesquisa e os desafios futuros.

## **CAPÍTULO I - OS CAMINHOS DA PESQUISA**

Empreste-me tua voz.... Dê-me pela palavra, que é sua, o direito de ser eu; permita-me contar como foi, como vejo, ou pelo menos como vi. [...]. Tenho uma história, minha, pequena, mas única. Pergunte-me o que quiser, mas a letra e o livro para dizer que experimente a vida e que, apesar de tudo, também sou história. (MEIHY, 1996, p. 6)

Sob esta perspectiva o capítulo irá tratar da trajetória profissional da pesquisadora através de suas lembranças, bem como empreender reflexões de cunho teórico-metodológico, de forma a relatar os procedimentos utilizados na elaboração deste trabalho investigativo o qual se pauta nas narrativas dos diversos sujeitos que compõem o cenário da história e memória da EMREF Água Mansa Coqueiros no município de Rio Verde-GO.

### **1.1 CONSTRUINDO MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL**

A memória é uma fonte para a história. Ao diferenciar memória como história vivida e história como produção intelectual, afirma o mesmo autor que história e memória não são sinônimos, pois a memória é a vida carregada por um grupo em permanente evolução, aberta à dialética. A história é a reconstrução sempre problemática do passado; demanda análise e discurso crítico (NORA, 1993, p. 9). De maneira similar, Tedesco (2002), aponta que as memórias são compreendidas como atos de evocação do passado, atos que se reestruturam em imagens mentais a partir de arquivos, imagens, fotografias, entrevistas, pois o passado, enquanto tal, não volta.

Neste sentido, quando se lida com a subjetividade é imprescindível vislumbrar-se que ela é embasada na experiência de vida de alguém. Todos apresentam histórias de vida que são testemunhos edificados consoante suas experiências, o que por si só, constitui um grande campo para a concretização de qualquer pesquisa histórica.

Procurou-se narrar a trajetória profissional através da rememoração a tempos e lugares constituídos pela atividade social vivenciada e desempenhada ao longo dos anos. Parafraseando Vera Rosenbluth. (1997), quando repartimos nossas histórias com outros,

celebramos nossa parte mais humana - ofertamos nossa história como presente. Daí o desejo de compartilhar esta história.

Sempre estudei em escolas públicas. Optei fazer o antigo 2º grau Técnico em Contabilidade motivada pelos meus tios que na época eram bancários e me incentivaram. Porém, nesse período comecei a lecionar para a 2ª série do Ensino Fundamental, hoje 1º ano e adquiri gosto pelo que fazia decidindo-me a cursar Pedagogia. As dificuldades financeiras foram grandes, já que em Rio Verde só havia faculdade particular.

Por esta razão esta trajetória profissional é um processo de ordem social. Não dependeu unicamente do esforço e do interesse, mas dos limites e possibilidades que foram dados pelo contexto socioeconômico, político e institucional em que estava inserida.

Há mais de vinte anos exerço o magistério. Iniciei minha carreira docente após um concurso oferecido pela Rede Municipal de Ensino em 1990, em uma escola na periferia de Rio Verde-GO, escola na qual trabalhei durante cinco anos. Após esse período na rede municipal, prestei o concurso também pela rede estadual e fui aprovada, na qual atuo desde então.

Em 1992 iniciava minha primeira graduação, Licenciatura em Pedagogia pela FESURV, hoje UNIRV-Universidade de Rio Verde, onde ingressei ainda adolescente. Foram quatro anos de luta diária, porque conciliava os estudos com o trabalho. A pedagogia me fazia pensar a todo instante em como melhorar o processo de aprendizagem dos meus alunos, através da reflexão, sistematização e produção de conhecimentos.

Em 1995 me formei e fui lecionar para o curso Técnico em Magistério. Resolvi cursar uma especialização. Em Rio Verde, ainda não existia oferta de especialização como hoje, então parti para Minas Gerais, onde cursei Supervisão Escolar e para a conclusão do curso realizei uma pesquisa sobre “Avaliação da Aprendizagem”. Com o objetivo de aproveitar os créditos e também de crescer intelectualmente matriculei-me na especialização de História Moderna e Contemporânea pela mesma Faculdade em Patrocínio, MG.

No final de 1999 fui convidada pela subsecretária de educação de Rio Verde, professora Castorina Hattes para trabalhar como professora formadora no curso

Proformação<sup>3</sup>, destinado a capacitar professores leigos<sup>4</sup>, que atuavam na primeira fase do ensino fundamental sem terem o magistério. Foi uma oportunidade que me fez crescer, adquirindo o desejo de colaborar e refletir cada vez mais na formação docente. No ano 2001 fui convidada a trabalhar no departamento pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde participando também da coordenação de grupos do programa PCN em Ação.

Em 2002, tive a oportunidade de cursar História na Universidade Estadual de Goiás-UEG no município de Jataí e lá eu ia todos os sábados, bem como nos meses de janeiro e julho, e nessa jornada fiquei cinco anos cursando a faculdade parcelada, que muito contribuiu para minha vida pessoal e profissional.

Percebo minhas trajetórias escolares e as memórias de formação como lugares privilegiados de construção do entendimento. Experiências intensas de exposição e autoconhecimento, de descoberta dos laços entre a memória pessoal e social.

Através da memória, da lembrança, ocorre a expressão dos fatos da história, de modo singular, toda a articulação entreveem na vida social, política, cultural e científica do meio em que estão inseridos, onde o próprio homem como sujeito que constrói os processos históricos são, também, os que constroem as fontes e os documentos que dão subsídios para a sua reconstrução. De forma análoga, Delgado, pondera

A memória, portanto, traduz registro de espaços, tempos, experiências, imagens, representações. Plena de substância social, é bordado de múltiplos fios e incontáveis cores, que expressa a trama da existência, revelada por ênfases, lapsos, omissões. É resignificação do tempo, que

---

<sup>3</sup> O Proformação, Programa da Secretaria de Educação a Distância, é um curso em nível médio, com habilitação para o magistério na modalidade Normal, realizado pelo MEC em parceria com os estados e municípios. Destina-se aos professores que, sem formação específica, encontram-se lecionando nas quatro séries iniciais, classes de alfabetização ou Educação de Jovens e Adultos – EJA das redes públicas de ensino do país. Programa do Ministério da Educação (MEC), instituído a partir de 1999 com o objetivo de acabar com a figura do professor leigo (sem qualificação pedagógica). O Proformação foi idealizado para atingir prioritariamente as Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, locais onde existe um número alto de professores leigos, a maior parte sem o ensino fundamental (antigo 1º grau). Com duração de dois anos, o Programa atende a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), de 1996, que atribui a cada Município e, supletivamente, ao estado e à União, a incumbência de realizar programas de formação, para todos os professores em exercício. A LDB admite, porém, como patamar mínimo, a habilitação em nível médio, na modalidade normal. O programa cumpre também as exigências da Lei do Fundef, na qual “aos professores leigos é assegurado prazo de cinco anos para a obtenção da habilitação necessária ao exercício das atividades docentes – ensino médio e magistério. Disponível: <http://www.educabrazil.com.br/proformacao-programa-de-formacao-de-professores-em-exercicio/> Acesso: agosto/2015.

<sup>4</sup> Ressalto que três professoras da EMREF Água Mansa Coqueiros, objeto de estudo desta pesquisa, Luci Meire de Oliveira, Neusa Dias de Oliveira e Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira, participaram do curso, sendo que uma ainda atua na unidade escolar e outra se transferiu para a cidade. Assunto a ser tratado no capítulo 3.

fornece à História e às Ciências Sociais matéria-prima para a construção do conhecimento. (DELGADO. 2010, p. 61)

A história é a consciência do passado no presente (Delgado, 2006, p.56), onde o ser humano reconhece a temporalidade da história, a qual permite reconhecer o passado. Sendo assim, ao longo de toda essa jornada cada disciplina e teóricos estudados tiveram sua importância e contribuiu bastante para minha formação enquanto educadora e para tornar o ser humano que sou hoje. Acredito que todos os conhecimentos adquiridos foram base para minha postura pedagógica no sentido de contribuir para a melhoria no campo educacional.

Prosseguindo, nos anos de 2002 e 2003 fui tutora do curso Progestão, acompanhando cinco escolas da rede estadual na elaboração do PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola, Projeto Político Pedagógico, dentre outros, além de capacitar os grupos gestores dessas escolas com o referido curso

A foto nº 01 se refere a aula ministrada no Curso Progestão tendo a participação do grupo gestor de cada unidade escolar da rede estadual de educação. Foi trabalhado com o grupo o tema: Como promover a construção coletiva do projeto pedagógico da escola? Esta experiência contribui muito para meu aprimoramento profissional. Vale destacar que as fotografias contidas nesta pesquisa são utilizadas como fonte histórica, pois tratam-se fragmentos de realidade, um aspecto do passado.



Foto 01: Nívea Oliveira Couto de Jesus na apresentação do módulo 2: Como promover a construção coletiva do projeto pedagógico da escola?

Fonte: Memorial Progestão/2002. Arquivo pessoal da pesquisadora.

Em seguida, candidatei-me à direção escolar em 2003, no Colégio Estadual Olynto Pereira de Castro. Fui gestora por quatro anos, tendo a oportunidade de colocar em prática a teoria aprendida tanto no curso de pedagogia como no de Progestão. A partir desta experiência, atentei-me para os registros, ou seja, para a história e memória dos fazeres pedagógicos, das experiências e histórias de vida pelas quais fui vivenciando. Comecei a fazer todos os anos um memorial de tudo o que era feito na escola com as fotos e atividades desenvolvidas.

Na fotografia nº 02 a pesquisadora discursa aos alunos do Colégio Estadual Olynto Pereira de Castro, em meados do ano 2007, período em foi gestora escolar desta instituição de ensino.



Foto 02: Nívea Oliveira Couto de Jesus. Gestora Escolar. Ano 2007.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Após encerrar meu mandato como gestora escolar, fui convidada para trabalhar, no ano de 2008, como coordenadora pedagógica do Ensino Médio no Colégio da Polícia

Militar de Goiás-Unidade Carlos Cunha Filho, onde fiquei por quatro anos. Nesta instituição, aprendi uma nova forma de trabalhar a disciplina em sala de aula<sup>5</sup>, tendo também a atenção em registrar os acontecimentos, construindo um portfólio com as principais atividades realizadas tanto com professores, alunos e comunidade em geral. Na foto 03 pode-se ver a equipe pedagógica de 2011, sendo a pesquisadora a quarta pessoa da direita para esquerda.



Foto 03: Documento retirado do Portfólio da pesquisadora/ 2011.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Ainda no ano de 2008 recebi o convite para trabalhar no IAM-Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde<sup>6</sup>, como coordenadora pedagógica em dois setores, sendo na educação infantil e ensino fundamental no Educandário Espírita Paulo Campos

---

<sup>5</sup> O visual do aluno deve estar alinhado: ele tem de estar com cabelos cortados e arrumados no padrão militar, uniforme limpo e passado a ferro com vinco e, ainda, bater continência para professores, coordenadores e direção. <http://educacao.uol.com.br/noticias/2015/08/25>

<sup>6</sup> O Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde (IAM) foi fundado em 04 de janeiro de 1956, através da liderança de Paulo Campos, sendo criado com a finalidade de prestação de assistência social a menores desajustados, através de internamento e instrução intelectual, aprendizado profissional, encaminhamento a cursos superiores, educação espiritual e orientação geral para a vida civil. Disponível em: <http://www.iamrioverde.com.br/instituicao>. Acesso em agosto/2015.

e no Programa Turma da Paz em parceria com o PETI-Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. No programa Turma da Paz atendia uma clientela de 6 a 16 anos. A partir dos 14 anos os adolescentes começam a participar do Programa Jovem Aprendiz, também promovido pelo IAM. Abaixo na foto nº 04 pode-se ver apresentação cultural dos adolescentes do Programa Turma da Paz. A pesquisadora é a primeira da direita para esquerda.



Foto 04: Documento retirado do Memorial da Turma da Paz/IAM. Ano: 2008.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

No IAM-Instituto de Assistência a Menores de Rio Verde-GO, realizei vários registros das histórias ali vividas, através da elaboração de memoriais. Dessa forma, fui adquirindo gosto e consciência de que a história e a memória são alicerces que dão sentido à vida. Não só no sentido de rememorar o passado, mas ter referenciais consistentes para construir o presente, descobrindo valores e renovando os vínculos. Portanto, o memorial não pode ser visto como uma possibilidade de reconstrução real de fatos e acontecimentos na trajetória de formação do sujeito, mas como uma tentativa de interpretação dos gestos de escrita no processo de subjetivação. Um lugar possível de manifestações da ordem da falta, como nos adverte Brandão:

[...] é um espaço de encenação possível do impossível desejo nunca capturável, deslizando, metonímico, cena da escrita, num não-sabido processo poético que diz do sujeito que escreve, para quem sua escrita é encontro marcado com seus terrores, encontro faltoso com o real ou ponto de ancoragem para seu desamparo (BRANDÃO, 2001, p. 179).

As experiências que trago do passado são elos que se tornam fortes provocações para que eu ansiasse vivenciar esta nova experiência, preparando-me para o ingresso no mestrado. Uma forte emoção tomava conta de mim toda vez que pensava no Mestrado em Educação, a possibilidade de ampliar meus conhecimentos e me dedicar à indagação e ao registro da história e memória com foco na história da educação, área pela qual optei pela linha de pesquisa: Educação, sociedade e cultura.

Senti a necessidade de aprofundar os meus estudos. Foi quando participei do processo seletivo para o Mestrado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás-PUC GOIÁS e fui aprovada. Iniciei no ano de 2014 outro percurso de desafios. Passei a participar do Grupo de Pesquisa: Educação, História, Memória e Culturas em diferentes espaços sociais, coordenado pela minha orientadora, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida. Fui orientada a desenvolver leituras sobre a temática junto ao grupo, a participar de eventos e exercitar a escrita para as publicações. O que possibilitou meu crescimento acadêmico e inserção no campo da pesquisa. Embora saiba que esta trajetória esteja construção, precisava narrar esta caminhada, ainda em curso.

Desse modo, a trajetória profissional narrada encontra-se entrelaçada com as lembranças e memórias da pesquisadora, que procura tratar a vida como uma história composta de uma sequência de acontecimentos com significado que conduziram a investigar a história e memória da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros.

## **1.2. AO ENCONTRO DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA: CAMINHOS PERCORRIDOS**

A investigação tem por objeto de estudo a reconstrução da história e memória da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros no município de Rio Verde – GO, visando contribuir para ampliação dos estudos da historiografia goiana e brasileira, bem como o conhecimento da história do surgimento da escola, tal como ela

se deu naquela realidade, utilizando dados das narrativas de modo a possibilitar a elaboração de documento científico sobre sua história e memória.

A relevância da dissertação ESCOLA MUNICIPAL RURAL ÁGUA MANSA COQUEIROS EM RIO VERDE – GO - HISTÓRIA E MEMÓRIA está em registrar a história de criação e implantação desta instituição, desconhecida pela comunidade escolar, pois são poucos os estudos que registram a memória como história, além do fato da escola ter sido criada por iniciativa da comunidade rural e permanecer até os dias atuais. O que suscitou as seguintes indagações:

- Como se deu o surgimento da escola, segundo as narrativas?
- Qual a relevância da escola para o ensino do campo no município de Rio Verde?

O recorte temporal escolhido de 1997-2015 se justifica pelo surgimento da EMREF Água Mansa Coqueiros, período de aplicabilidade da LDB 9394/96, e sua permanência até os dias atuais, apontando através das narrativas e dos arquivos pesquisados a trajetória desta instituição escolar.

Falar sobre o processo de implantação das escolas rurais implica recolher informações sobre o passado, construído culturalmente, formação e organização da sociedade. Nenhuma educação formal se produz sem estar em sintonia entre identidade cultural e identidade social. Cada comunidade, a partir do momento que se constitui tem suas peculiaridades.

O estudo das instituições escolares assim como a preservação e reconstituição de suas memórias é imprescindível para a história da educação. Sobre o interesse pelas memórias, mas ainda dentro da discussão sobre a história da educação e instituições escolares, Nogueira e Ferro afirmam que:

[...]. O passado vê as inúmeras facetas da história em seu caráter múltiplo de inter-relações, de sucessivas bifurcações na multidimensionalidade que permite a escolha de algumas possibilidades, deixando outras inúmeras para trás. A escola aparece como espaço dessa lembrança, portanto têm-se na escola lembranças que se fixam, nas quais se mantêm raízes (NOGUEIRA-FERRO, 2009, p. 109-110).

O interesse pelas memórias e pela história das memórias da escola pesquisada envolve todos os sujeitos que fizeram parte de sua história, através das relações e inter-

relações sociais que contribuíram para a fixação dessa Unidade Escolar e a consolidação de sua relevância para a comunidade rural.

Embora os relatos orais sejam práticas recentes no meio acadêmico, sempre foram utilizados, no decorrer da história, para repassarem ensinamentos, experiências e valores de geração para geração. Contudo eram práticas não sistematizadas foram perdendo valor com o aparecimento da escrita. Cappelle (2007), afirma em seu artigo: Grupos Escolares, Pesquisa Histórica, Questões Teórico- Metodológicas: A história oral em destaque, que no século XX, com a proposição, pela historiografia francesa, da utilização de novos procedimentos metodológicos nas pesquisas históricas, iniciou-se um processo de valorização dos relatos orais. Entretanto, a história oral, como é atualmente concebida: a “moderna” história oral é uma prática recente no meio acadêmico. Começou a se estruturar e ganhar espaço em meados do século XX. Essa expansão está associada ao avanço tecnológico e à necessidade de registrar as experiências vividas pelos combatentes, por seus familiares e pelas vítimas dos conflitos da II Guerra Mundial.

No Brasil, a difusão da moderna história oral teve início na década de 70. Foi nessa época que se começou a dar voz aos silenciados, ou seja, àqueles que até então não tinham liberdade de expressão, como por exemplo, as comunidades negras, indígenas, as feministas, os operários, os estudantes. Até então, a utilização da história oral era voltada para as elites, era baseada em registros documentais e entrevistas de homens públicos com atuação no cenário político.

Para Meihy (2002), a história oral tem dado ênfase aos fatos locais de interesse coletivo. Ela contribui para a valorização do indivíduo enquanto sujeito que age, interage e constrói a história. A articulação dos relatos do passado com a necessidade de registrar experiências gravadas e transmitidas por meios mecânicos facilitou a democratização das informações e serviu de base para o sentido da história oral, que então para diferenciá-la de outras práticas da oralidade, ganhou o adjetivo “moderna”. (MEIHY, 2002, p.89)

Segundo Meihy (2002), apesar de outros fatores terem contribuído e de ter sido um longo processo de maturação, já se tem notado uma melhoria da autoestima <sup>7</sup>de comunidades que, ao participarem da história oral, passaram a se ver também como parte da história. Sem dúvida, a definição de cidadania, em termos atuais, muito tem a ver com o reconhecimento do papel da história oral. (MEIHY, 2002, p.9).

---

<sup>7</sup>Segundo Meihy (2002), a valorização do indivíduo e seu reenquadramento em contextos capazes de distingui-lo significou uma outra forma de viver socialmente.

Esta linha historiográfica que explora as relações entre memória e história rompe com uma visão determinista que limita a liberdade dos homens, coloca em evidência a construção dos atores de sua própria identidade e reequaciona as relações entre passado e presente ao reconhecer claramente que o passado é construído segundo as necessidades do presente. Ainda que baseada nas fontes escritas, possibilita uma maior abertura, capaz de neutralizar, em parte e indiretamente, as tradicionais críticas feitas ao uso das fontes orais, consideradas subjetivas e distorcidas (FERREIRA 2001, p.20).

Em conformidade com as ideias de Alberti (2013, p. 24), a história oral é um método de pesquisa histórica, antropológica, sociológica, dentre outras, que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.

Historicamente, essa forma de aproximação do objeto de estudo não é nada recente. Já Heródoto e Tucídides lançavam mão de relatos e depoimentos para construir suas narrativas sobre acontecimentos passados. (ALBERTI, 2013, p. 24-25)

Todo esse processo faz dos historiadores garimpeiros em busca de seus metais preciosos, tanto pelas dificuldades com as quais, muitas vezes, se deparam para ter acesso aos materiais referentes à história da Instituição, como pela sensação de plenitude que cada descoberta proporciona e pela preciosidade da qual os “monumentos/documentos” Le Goff (2013)<sup>8</sup> passam a ser portadores.

O objetivo dos pesquisadores que trabalham com história oral é trabalhar narrativas que ganham voz na fala de seus sujeitos”. Entretanto, desejam ultrapassar essa teia discursiva, pontuando, entre o instante da fala e o eternizar da escrita, “desvãos que vazam no tempo o sentido da existência. Desejamos sondar, na memória que se abre à escuta, ecos de lembranças sepultadas. Almejamos tecer, no brilho da história contada, uma nova tapeçaria textual” (GROSSI e FERREIRA, 2001, p.27).

Refletindo acerca de outro conceito, o de memória, entendemos este como inerente à capacidade humana, pois, lida com experiências, sociais e individuais, que podem ser (re) transmitidas para diversos sujeitos históricos. Para Thomson,

---

<sup>8</sup> Jacques Le Goff em seu livro História e memória no capítulo Documento/ Monumento, inicia sua análise refletindo acerca dos materiais que se aplicam à memória coletiva e à sua forma científica: a História. Os materiais (os documentos e os monumentos) não é aquilo que sobreviveu do que existiu do passado, mas partem de uma escolha daqueles que operaram no desenvolvimento temporal do mundo e daqueles que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, o historiador. Disponível em: <http://pethistoriaufc.com> Acesso em outubro de 2015.

(...) a memória “gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas”, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a elas são coisas que mudam com o passar do tempo. THOMSON (1997, p. 57)

Halbwachs (2006, p. 75) advoga a ideia de que a memória se apoia sobre o passado vivido, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o passado apreendido pela história escrita. A memória histórica é compreendida como a sucessão de acontecimentos marcantes na história de um país. O próprio termo memória histórica desta forma, seria uma tentativa de aglutinar questões opostas, mas para entender em que sentido a História se opõe à Memória, é preciso que se atenha à concepção de História por ele empregada.

O que justifica ao historiador estas pesquisas de detalhe, é que o detalhe somado ao detalhe resultará num conjunto, esse conjunto se somará a outros conjuntos, e que no quadro total que resultará de todas essas sucessivas somas, nada está subordinado à nada, qualquer fato é tão interessante quanto o outro, e merece ser enfatizado e transcrito na mesma medida.

Ora, um tal gênero de apreciação resulta de que não se considera o ponto de vista de nenhum dos grupos reais e vivos que existem, ou mesmo que existiram, para que, ao contrário, todos os acontecimentos, todos os lugares e os períodos estão longe de apresentar a mesma importância, uma vez que não foram por eles afetadas da mesma maneira (HALBWACHS, 2006: p. 89-90).

Pelo mesmo viés, a história oral possibilita ao historiador refletir como a pesquisa empírica de campo, a reflexão teórica e os métodos estão indissociavelmente ligados, e demonstram de maneira convincente que o objeto histórico é sempre resultado de sua elaboração pelo historiador, isto é, que a história é construção.

A História possui uma história, e olhar para ela é considerar a vida, os conceitos, as teorias, os comportamentos, como uma construção, fruto de diversos conflitos, tensões e interesses. Vasculhar o cotidiano com as lentes da História Cultural é percorrer caminhos tortuosos, por vezes desafiadores, desconstruir cristalizações e, fundamentalmente, criticar cada fala, objeto, documento ou fotografia, explorando-os

como “testemunho histórico” (NASCIMENTO, 2003, p. 68), em diálogo com os contextos nos quais estão inseridos.

Parafraçando Ricoeur, na apresentação do seu livro *A Memória, a história, o esquecimento* (2007, p. 17): “Esta pesquisa tem origem em diversas preocupações, umas pessoais, outras profissionais, e outras, finalmente, que eu chamaria de públicas”.

A memória coletiva é pautada na continuidade e deve ser vista sempre no plural, memórias coletivas. Ora, justamente porque a memória de um indivíduo ou de um país estão na base da formulação de uma identidade, que a continuidade é vista como característica marcante. A História, por outro lado, encontra-se pautada na síntese dos grandes acontecimentos da história de uma nação, o que para Halbwachs (2006) faz das memórias coletivas apenas detalhes.

A pesquisa desenvolveu-se principalmente através da documentação oral. As entrevistas foram realizadas privilegiando a história oral temática, acreditando assim reabrir o diálogo entre o passado e o presente dos personagens que participaram e construíram a composição deste cenário histórico. Portanto, utilizaram-se os pressupostos metodológicos da História Oral, História Cultural e Memória. A recuperação do passado não tem condições de ser totalmente objetiva porque a subjetividade do pesquisador está presente. Por isso, para compreendermos porque o presente é o que é, devemos trabalhar dentro de uma perspectiva sócio histórica, pois ela interroga o passado com interesses ditados pelo presente, rejeitando verdades universais.

Em tal contexto, Pensavento (2014), pontua que no campo da História Cultural, o historiador sabe que sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única e absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas. (PENSAVENTO, 2014, p. 51)

Paul Thompson (1998), considera que as evidências orais são mais criativas e positivas, já que, por meio das entrevistas, é possível escolher a quem entrevistar e a respeito de que perguntar. Segundo ele, apenas a fonte oral permite-nos desafiar a subjetividade que toda fonte histórica humana contém, não com a ilusão positivista de subtraí-la da documentação, mas de chegar mais próximo de caminhos, verdades e acontecimentos obscuros próximo de caminhos, verdades e acontecimentos obscuros e

ocultos. O contato direto com as fontes vivas e o encaminhamento das entrevistas permitem esta realização.

Outra especificidade também resulta da participação direta do pesquisador na produção do documento de história oral. Sabemos que qualquer documento, tanto o escrito quanto o oral, ou ainda o iconográfico ou sonoro de maneira geral, pode ser interpretado de diversas maneiras pelos historiadores e que os critérios que distinguem a “boa” da “má” interpretação são divergentes e se modificam conforme a visão sobre a própria história e o papel dos historiadores. (ALBERTI, 2013, p. 29)

Dessa forma, na metodologia da história oral o pesquisador pode criar e recriar fontes. Olhar o passado não pode ser um exercício de nostalgia, lembranças simples e saudades. Esses aspectos implicam o diálogo com diversos tipos de documentos, orais, oficiais, fotografias, filmes, cadernos, livros, que segundo Cléria Costa (2006, p. 16) são fontes complementares, uma vez que os procedimentos metodológicos que orientam as pesquisas que trabalham com o corpus oral pouco diferem dos procedimentos usados no corpus escrito.

As sociedades, em sua organização política, econômica, social e cultural, pensam o passado de diversas formas e o narra de distintas maneiras. Nesse sentido, como afirma Portelli (1997), é impossível reviver o passado sem resgatá-lo e colocá-lo no coração. Sabemos que o campo da história oral não é um espaço único de interpretação teórico-metodológica. As várias disciplinas podem contribuir para o aprofundamento dessa discussão, enfatizando coincidências e conflitos. Essa proposta de estudo pode contribuir para rever a construção da realidade dos sujeitos, permitindo que o pesquisador aprofunde, por exemplo, a entrevista com o narrador e a possibilidade de diálogo entre a teoria e o exercício da prática.

Para esse fim, o objeto de estudo foi construído por meio da organização tanto de corpus oral como do corpus escrito, conforme imagem abaixo:

## Corpus documental da pesquisa

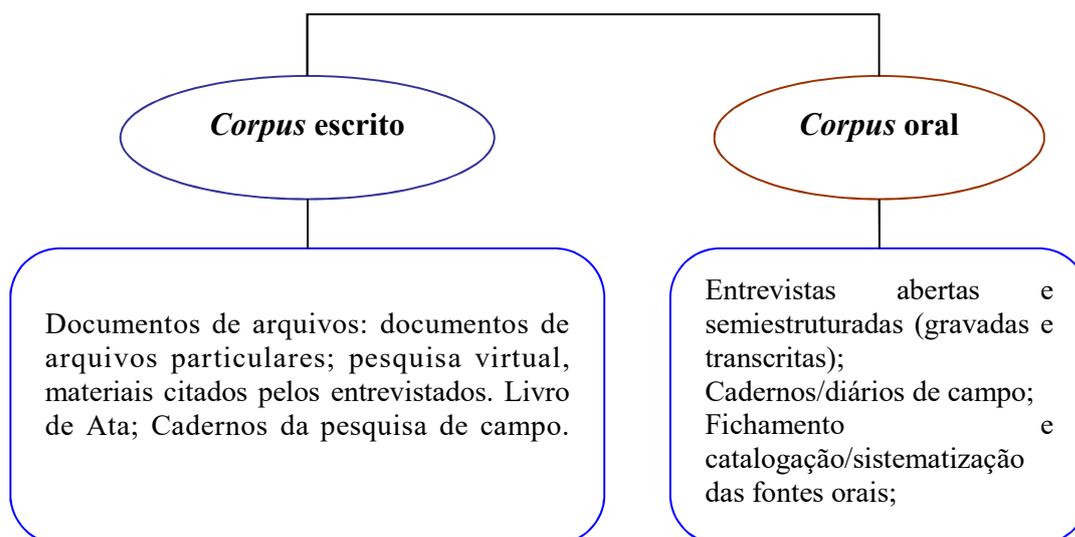


Imagem 01: Pesquisa de campo: corpus escrito e corpus oral.

Fonte: ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro M. de. Educação e Memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944). Brasília, UNB, 2009 (Tese de doutorado).

A imagem 01 deixa entrever os instrumentos de coleta de dados que foram utilizados na pesquisa: ficha de cadastro dos entrevistados, documentos escritos, objetos como cadernos escolares e cartas pessoais, caderno de campo, fotos, dados da internet, entrevistas livres, semiabertas e com roteiros tematizados, que deram sustentabilidade aos vestígios indicados pelas narrativas.

O corpus oral e escrito formam a estrutura em que foram sistematizados os temas descerrado pelas narrativas e interpretados como representações. As entrevistas que formam o corpus oral da pesquisa colaboraram para a reconstrução da história e memória da escola objeto de estudo desta investigação, entendido como uma releitura das experiências e demandas daqueles do momento presente daqueles que narram.

A subjetividade vem sendo bastante reverenciada na metodologia da história oral. Esta deve contribuir na construção de textos originais, na organização dos dados, na interpretação da realidade, sem privilegiar aquelas preposições que o pesquisador/educador já tem a priori. Nesse sentido, é sempre recomendável nos perguntarmos se o que a realidade apresenta é analisado a partir da perspectiva crítica. A subjetividade pode ser o ponto forte da pesquisa. Alguns informantes conseguem reconstruir o diálogo e são específicos em sua análise; outros falam apenas de modo geral e amplo. Entretanto, vários teóricos insistem na afirmação de que as fontes orais estão

distantes dos acontecimentos, enfatizando a possibilidade de distorção da memória. Portelli (1997) defende que:

[...] na verdade, este problema existe para muitos documentos escritos, comumente elaborados algum tempo após o evento ao qual se refere, e sempre por não participantes. As fontes orais podiam compensar a distância cronológica com um envolvimento pessoal mais íntimo. PORTELLI (1997, p. 33)

Assim, trabalhar com a oralidade, nesse particular, é significativo, uma vez que permite que sejam criadas fontes, com o auxílio de pessoas que vivenciaram os fatos que colaboram para a investigação da pesquisa.

Em acordo com Benjamin (1994) o desaparecimento de narradores está ligado ao desaparecimento do dom de ouvir e da comunidade de ouvintes, pois

de ouvir e da comunidade de ouvintes, pois [...] Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual. (BENJAMIM, 1994, p. 205).

Dessa forma, a narrativa coloca-se como um compartilhamento entre narrador e ouvinte, ambos com papéis fundamentais. Aquele que narra, pois é quem estrutura as ideias para comunicá-las; e aquele que ouve por participar da construção de uma narrativa específica considerando que quem fala, fala sempre em direção a alguém e responsabilizar-se pela continuidade dessa narrativa.

Diante de tais considerações, é necessário ter clareza com quem vamos trabalhar, porque os sujeitos escolhidos são de fato relevantes, para o que propomos responder. Na análise das memórias dos sujeitos envolvidos na história e memória da EMREF Água Mansa Coqueiros foram elencados critérios como, as lembranças<sup>9</sup> dos sujeitos envolvidos e sobre a escola, surgimento e fundação, iniciativa da comunidade ou do município.

---

<sup>9</sup> A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais. É nossa primeira e mais fundamental experiência do tempo e uma das obras mais significativas da literatura universal contemporânea é dedicada a ela: Em busca do tempo perdido, do escritor francês Marcel Proust. Baseado no livro “Convite à

A parte mais específica do trabalho de campo foi o momento das entrevistas. Na história oral de vida este momento prevê três etapas: a pré-entrevista, a entrevista propriamente dita e a pós-entrevista (Meihy, 2002).

A pré-entrevista é a etapa que precede ao encontro, onde será realizada a gravação. Foi o momento em que fiz os primeiros contatos com os pioneiros/narradores, às vezes por telefone, outras vezes me dirigindo à residência dos depoentes e até mesmo a própria escola. Nesse momento, aproveitei a oportunidade para explicar como cheguei até eles, para apresentar os objetivos da pesquisa e para ressaltar a importância de sua participação. (Meihy, 2002)

Alberti (2004, p 77, 78) evidencia o raciocínio segundo o qual o entrevistado ao contar suas experiências, transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido. Sob essa óptica, as narrativas de história oral são fontes e como tal não são a realidade, mas pistas, ou ainda versões de um passado que existiu, cabendo perguntar o que podemos aprender especialmente com elas. É neste ponto, diz a autora, que as entrevistas nos ensinam algo mais do que uma versão do passado. Nem todas apresentam essas possibilidades, mas quando apresentam, podem se tornar ricos pontos de partida para a análise.

Para operacionalização da pesquisa alguns procedimentos foram adotados, tais como organizar caderno de campo contendo a lista de controle do andamento do projeto: dados do projeto, dados dos contatos (indicação do contato, data de contato, forma de contato, data(s) da(s) entrevista(s) e local da(s) entrevista(s)), dados do andamento das etapas e de preparo do documento final (primeira transcrição, textualização, transcrição, conferência e carta de cessão de direitos) e envio de correspondências (data da carta de apresentação do projeto, data do agradecimento(s) da(s) entrevista(s), data da remessa da entrevista para conferência e data da carta de cessão), afim de que pudéssemos construir o corpus oral da pesquisa.

Na história oral, o entrevistado é ele próprio, um agente histórico, tornando-se assim de suma importância resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. (FREITAS, 2002 p. 29)

Alicerçada nos pressupostos da história oral, os depoimentos a seguir compõem as narrativas para a reconstrução da história e memória da escola pesquisada, sendo

---

Filosofia”, de Marilena Chauí. Disponível em: <http://www.armazem.literario.nom.br> Acesso em: dezembro de 2015.

testemunhos únicos. Conforme as ideias de Ferreira e Amado (2001, p. 255), na palavra testemunho, encontramos a noção de prova e de verdade. No sentido corrente do termo, o testemunho serve para provar um fato ou uma asserção e para estabelecer uma verdade. Serve para provar, não é a prova.

Nesta perspectiva passa-se a descrever os passos dos procedimentos metodológicos utilizados para a construção do corpus escrito e oral da pesquisa, tendo os fragmentos dos depoimentos como prova dos caminhos percorridos.

Realizou-se o primeiro contato com a pioneira na criação da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa, a senhora Zélia Ferreira de Andrade via telefone, pois ela reside atualmente no município de Confresa-MT a aproximadamente 1000 km de Rio Verde-GO. Coloquei-a par da pesquisa, e ela se colocou à disposição, demonstrando interesse e emoção. Marcou-se o dia, o local e a hora, já que ela viria a Rio Verde para participar das eleições.

O êxito de uma entrevista depende de todo o processo vivenciado pelo pesquisador/entrevistador, e no diálogo que estabelece com o depoente/entrevistado. Nesse sentido, ela tem seu início a partir da elaboração do planejamento, da escolha dos sujeitos e do roteiro de questões. Os primeiros contatos são importantes para o estabelecimento de um clima de confiança, respeito e compromissos entre o pesquisador/entrevistador e o depoente/entrevistado. Para isso, é necessário ao pesquisador/entrevistador uma certa compreensão das relações e posturas humanas. Uma compreensão de que as pessoas são diferentes, cada uma tem suas próprias maneiras de ser e de pensar e, diante de um gravador, podem ter as mais diversas reações.

Nesse sentido, Thompson considera que: Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1998, p. 254).

Começaria então minha primeira entrevista. Já na presença da depoente, ainda com o equipamento desligado, foi explicado que nada do seu depoimento seria utilizado ou publicado sem sua autorização prévia, foi apresentada a carta de cessão. Ficou esclarecido como seria sua participação, e comunicado que se trataria de uma conversa, um diálogo que envolveria três aspectos: suas memórias em relação ao surgimento da escola, sua trajetória pessoal, sua formação e as suas experiências profissionais.

Sobre as crianças percebe-se na narrativa abaixo o instinto maternal de Zélia para tomar a iniciativa de criação da escola.

Comecei com três crianças muito carentes de tudo... nem mãe tinham. Então me identifiquei como mãe deles e comecei a dar aula para eles. Eles não sabiam nem pegar no lápis. (Entrevista, Zélia Ferreira de Andrade. 2014)

A entrevista possibilitou observar a precariedade na infraestrutura e de recursos didáticos disponíveis, além de demonstrar sua força junto aquilo que se propõe fazer, conforme narrativa a seguir.

Na varanda da minha casa onde tinha uma bica d'água, uma mesa composta de cadeiras simples e o quadro negro doado pelo Seu Afonso que morava em outro município, mas que me ajudou muito[...]. Eu tinha 49 anos. Dava alfabetização e os materiais eu vim em Rio Verde e comprei caderno, lápis, borracha, essas coisas mais simples porque eles não tinham nem um lápis.... Infelizmente eu não tinha o curso completo para ser professora. Eu era uma professora leiga, mas que amava demais aquelas crianças[...]. Então isso para mim foi a semente que eu plantei, é uma coisa que marcou na minha vida e na vida de muita gente...eu sou uma senhorinha muito feliz, muito alegre, muito participante na minha cidade e amo o que eu fiz, não me arrependo em nada e estou sempre renovando essas práticas de ajudar, de marcar, por onde eu ando, deixo sempre um tijolinho para construir uma coisa de bom. (Entrevista, Zélia Ferreira de Andrade. 2014)

A segunda entrevista foi realizada com senhor Afonso Lázaro do Couto, um personagem importante na criação da escola, já que ele foi quem doou o primeiro recurso didático para das atividades, um quadro negro de 1,20 x 1,00, sendo seguidos passos semelhantes para sua realização.

[...] A primeira coisa que ela teve para passar para esses meninos foi um quadro de Madeirit que eu tinha e eu dei para ela, muito pequeno, um metro e vinte por um e pouco. Foi o primeiro material que ela ganhou foi esse quadro que eu doei. E daí por diante foi lutando, lutando... e nós quisemos fazer a escolinha, juntamos lá o cara que transportava menino para cidade para nós conseguirmos material para fazermos a escolinha lá. Aí conseguimos placas, um pouco de doação de telhas, algumas coisas[...] eu precisava muito da escola, porque meus meninos tinham que estudar e eles estudavam numa escolinha no município de Aparecida do Rio Doce com muita dificuldade, indo seis quilômetros a cavalo para a escolinha. Então iria ser muito útil para mim... na época a secretária da zona rural era a Valdete, imploramos

para ela com muita dificuldade conseguimos a Neusa. A Neusa não era formada, o curso que ela fez não de magistério. Mas depois de muito a gente insistir ela prometeu que a Neusa tivesse um tempo disponível para fazer um treinamento de duas semanas levava para lá. Aí a Neusa foi lá para a escolinha de madeira. Foi a melhor professora que teve.... As coisas foram melhorando, eu virei funcionário, trabalhei lá cinco anos como guarda e fui motorista do transporte escolar mais ou menos por quatro ou cinco anos. Buscava crianças da região que estudavam lá. Até que entre 2007 e 2008 eu não fiquei bom das vistas e não tive como renovar minha carteira de motorista, então eu parei de transportar. Aí eu prestei o concurso na prefeitura para ser o guarda na escola e trabalhei mais cinco anos como guarda. Trabalhei até me aposentar[...]. Valeu a pena, se fosse para viver de novo iria com certeza. As crianças ensinam a gente. A reinvidicação deles é um ensinamento! (Entrevista, Afonso Lázaro do Couto. 2014)

Vale notar através da narrativa acima, que o senhor Afonso devido a sua necessidade de pai, colaborou para a implantação da escola na região da água mansa, além de unir forças com a comunidade rural. No tocante ao seu envolvimento com EMREF Água Mansa Coqueiros, verifica-se que foi intenso, tornando-se funcionário da escola, onde trabalhou até se aposentar.

Entre uma entrevista e outra procurou-se realizar visitas à Secretaria Municipal de Educação do município onde dados indispensáveis foram coletados para construção do corpus escrito da pesquisa. Em uma dessas visitas foi viabilizado o contato para a terceira entrevista. Foi agendado dia, local e horário para sua realização. A professora Neusa Dias de Oliveira lecionou na escola por dois anos, período em que funcionou em um paiol improvisado. Sua narrativa apresenta os desafios encontrados ao iniciar sua carreira docente na escola pesquisada.

[...]. Lá na escola a gente pegava água na bica do lado de fora. Não tinha cantina na escola, a merendeira fazia a merenda na casa dela e depois levava para dar para as crianças. A gente andava um pouco a pé também, porque o carro, a Kombi não ia até a escola. Tinha um morro, uma serrinha, não havia estrada só um trieiro onde a gente passava para chegar até a escola. Foi assim que iniciei na escola [...]. Foi um desafio muito grande! No início eu tinha um pouco de receio porque as crianças que faziam a 4ª série vinham para a cidade fazer a 5ª série na época. Então quando as crianças iniciaram aqui eu tive muito medo das crianças não terem aprendido e não darem conta de acompanhar aqui na cidade.... No final de semana, sexta-feira, a gente brincava no campinho de futebol em cima do morro, tinha também o riozinho no fundo da escolinha, tinha dia que levava as crianças lá para brincar, tomar banho, era bem divertido. (Entrevista, Neusa Dias de Oliveira. 2015)

A narrativa da professora Neusa evidencia o quanto os relatos orais são uma fonte de informação privilegiada. Informa sobre seu envolvimento nos diferentes acontecimentos e ações referentes a escola.

Conforme analisa Alberti (2013, p. 33), o trabalho de história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerar-se que há universais diferenças.

Por esta razão, devemos considerar a pluralidade e a diversidade de versões e experiências no decorrer da análise científica com o devido cuidado, a respeito do objeto de reflexão, que são a base para a formulação de abstrações e generalizações, além do estudo e cruzamento das fontes.

A quarta entrevista foi agendada após o contato via telefone com a professora Márcia Salustiano Carvalho Leão. Esta entrevista ocorreu na EMREF Água Mansa Coqueiros e foi um momento muito especial.

A professora Márcia iniciou suas atividades docentes na escola no ano de 2003 e atua até o momento. Na sua narrativa discorre sobre sua docência e convicções.

[...] Doze anos, são muitas histórias para contar. A escola significa um grande aprendizado. Tudo que eu sei, minhas práticas e teorias devo a esta escola, a cada pessoa que conviveu comigo, aos nossos projetos, as atividades, os pais, etc. Tudo que sei e sou devo a esta escola. [...]. Não tem mistério, uma educação é feita de exemplos. Se alguém educar seu filho não precisa falar coisas e fazer outras, faça. Se quer educar seus alunos para que tenham ética, responsabilidade, não devo ficar fofocando, tenho que ter ética e além de tudo mostrar o que sou pelos meus atos e atitudes. (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

As novas formas de história de vida valorizam a oralidade, os fatos ocultos, o testemunho vivo de épocas ou períodos históricos. O importante para o historiador, é não apenas armazenar na memória os fatos, mas também promover um processo ativo de criação de significações. Para Portelli:

A utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa, não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória. Estas modificações revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu contexto histórico. Nesse sentido, o que mais interessa é a significação, a subjetividade do narrador (1997, p. 33).

Na história oral, o entrevistado é, ele próprio, um agente histórico, tornando-se assim de suma importância resgatar sua visão acerca de sua própria experiência e dos acontecimentos sociais dos quais participou. Em tal contexto, realizamos a quinta entrevista com um ex-aluno da EMREF Água Mansa Coqueiros, Jonas Nunes do Couto.

A entrevista ocorreu após agendamento na residência do depoente. Na época, tinha entre 10 e 11 anos de idade, estudou na escola no período em que ela funcionou na fazenda do Senhor Itor, em casinha de pau a pique, foi aluno durante dois anos consecutivos da professora Neusa, concluindo a primeira etapa do Ensino Fundamental. Interessante como alguns fatos ficam registrados na memória. Hoje, Jonas é adulto, mas nunca se esqueceu daqueles tempos, valoriza a oportunidade que teve de estudar na zona rural, estudar e vivenciar valores diferentes dos da cidade.

[...] Morava na fazenda que era mais ou menos uns 10 km da Água Mansa. Eu ia de Kombi. Havia outros alunos que vinham para a Rio Verde estudar, mas eu ficava lá, estudei até a 4ª série lá. Eu ia de Kombi até a escola, ela seguia e a tarde buscava a gente por volta das 18h e voltava para casa. [...]. Me lembro que era de madeira, de chão batido, madeira de pau a pique. Tinha um quadro na frente e do lado tinha um filtro. Alguns cartazes na lateral. Quando chovia forte molhava. A convivência com pessoas simples, tudo era mais fácil lá. A simplicidade foi o que mais me marcou, bem diferente dos tempos atuais, sem comparação. (Entrevista, Jonas Nunes do Couto. 2015)

A sexta entrevista foi uma das mais desafiadoras. Pelas redes sociais, fiz contato com uma professora de Rio Verde, irmã da segunda professora que a EMREF Água Mansa Coqueiros teve, A professora Simone Oliveira Ribeiro de Pinho. Descobri que ela residiu no Rio de Janeiro e, atualmente, mora em Goiânia. Através de informações ofertadas pela irmã, fiz o contato via telefone e agendamos nosso encontro. Realizei a entrevista na residência da depoente, e vinte dias depois retornei para apresentar a ela a transcrição da entrevista e coletar a assinatura na carta de cessão.

O contato inicial com o entrevistado objetiva também colocá-lo a par das implicações contratuais de seu depoimento, informando-lhe sobre a existência do documento de cessão de direitos sobre entrevista. Trata-se de um documento por meio do qual o entrevistado cede ao programa os direitos sobre sua entrevista e sem o qual não há como abrir aquele depoimento para consulta. (Alberti. 2013, p. 171)

Sob essa óptica, estando acordada com pesquisa, a depoente Simone passa a narrar sua trajetória na escola. O período foi o ano de 1997, quando a escola saiu da residência da Dona Zélia e foi para a fazenda do Senhor Itor, pai da depoente. Ela havia concluído o Ensino Médio na cidade e não havia professora para assumir a sala de sala. Foi quando seu pai propôs para que ela fosse para fazenda lecionar. Ficou com a turma até o final do ano quando se casou e mudou para a cidade.

[...] Eu havia feito o curso de contabilidade, uma área bem diferente, mas por uma falta de professor na época, eu tinha acabado de concluir o técnico em contabilidade, surgiu essa ideia de uma escola na fazenda para facilitar a vida das crianças que já moravam lá e estavam sem condições para estudar, inclusive meu irmão. E meu pai me convidou. [...] Era numa casinha de madeira coberta de capim, uma casinha de sapé, como se diz, construída na terrinha do meu pai. Era tudo na simplicidade. O que a gente tinha de mais parecido com uma escola da cidade era simplesmente as carteiras e um quadro negro. Tinha o material pedagógico que me mandavam e a gente foi começando do zero mesmo. (Entrevista, Simone Oliveira Ribeiro de Pinho. 2015)

Alberti (2004), ressalta a ideia de as entrevistas, como toda fonte histórica, são pistas para se conhecer o passado. No caso da história oral, as pistas são relatos do passado, surgidos a posteriori, portanto. Pelo mesmo viés, a autora afirma que a narrativa, na história oral, acaba constituindo o passado, isso não significa que o passado não tenha existido antes dela. Quando se opta pelo plural é porque se conclui que todas as narrativas são válidas, são versões, que não cabe ao pesquisador julgá-las.

Em tal contexto, Delgado (2010) menciona que memória e História são, cada uma a seu modo, registros dessa pluralidade, ao mesmo tempo em que são antídotos do esquecimento. Ressalta ainda, que a História, como procedimento epistemológico, fornece conceitos, símbolos e métodos para que o homem, na qualidade de sujeito social, pense a si mesmo, em uma relação que faz o caminho do presente para o passado.

De maneira similar, através de cada entrevista, pistas foram aparecendo sobre o surgimento da EMREF Água Mansa Coqueiros, propiciando caminhos para que outras entrevistas com outros sujeitos fossem necessárias para esclarecer etapas da história e memória desta instituição. Assim, seguindo os mesmos parâmetros de contato, agendamento e esclarecimento da pesquisa, realizou-se uma visita até a região rural da Água Mansa no município de Rio Verde-GO onde duas entrevistas ocorreram, sendo uma com a professora Luci Meire de Oliveira, outra com a ex-professora Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.

A professora Luci Meire iniciou sua carreira no magistério no ano de 1997 na Escola Municipal Cândida Pereira, uma escola rural que foi extinta em 2001. Por esse motivo, seus alunos foram remanejados para a EMREF Água Mansa Coqueiros em 2003, ano em a professora iniciou suas atividades na escola pesquisada e atua até os dias atuais.

[...] Disseram que não tinha condições adequadas e era apenas uma sala de aula. Então construíram a EMREF Água Mansa Coqueiros, com uma estrutura ampla, com quatro salas de aula, energia elétrica, água encanada, banheiros. Acharam aqui mais adequado para as crianças. [...] Uma escola nova, recém construída com espaço amplo foi bem melhor. Mas os três primeiros meses não foram fáceis. Eu continuei sozinha. Tive que dobrar a carga horária, porque minha colega de trabalho teve uma gravidez de alto risco e eu tive que cobrir os dois turnos. Foi difícil para mim. Eu saía de casa de madrugada, por das 5h e chegava depois das 19h. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

A depoente Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira trabalhou na EMREF Água Mansa Coqueiros de 2000 a 2002. No primeiro ano, a escola funcionou em três lugares diferentes. Quando iniciou suas atividades docentes tinha apenas a antiga 8ª série do Ensino Fundamental. Depois cursou o Proformação, que valia como magistério, para capacitar os professores leigos, fez pedagogia e especialização em Educação Infantil. Deixou de ser professora após alguns incidentes e ainda não conseguiu retornar. A entrevista com a ex-professora Telma proporcionou informações novas, de transferências da escola antes da sede definitiva ser construída.

[...]. Eu fiquei muito magoada com aquela diretora. E hoje também não sei se faria o concurso, porque depois disso tive outro trauma bem maior com o acidente do micro-ônibus. No momento ainda não estou em condições emocionais. Estou fazendo tratamento com psiquiatra e psicólogo. [...]. Então eu consigo ainda falar do episódio, porque foi

muito triste, que nunca imaginei passar. As cenas, o momento não sai da minha mente por mais que eu queira. Vem as lembranças boas das As crianças e as famílias me agradecendo por ter salvo a vida deles. Minha casa ficou cheia de gente. (Neste momento a depoente estava muito emocionada com lágrimas nos olhos). Mas não dá para dar detalhes. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

As duas últimas entrevistas foram as mais desafiadoras, pois os depoentes residem há mais ou menos 400 km de Rio Verde-GO, na zona rural, onde o acesso é difícil e sem sinal de comunicação via telefone. Por isso, meu contato foi através dos filhos que residem em Rio Verde e que a cada quinze dias fazem contato com os pais. Trata-se do casal Itor e Cidalina que tiveram a EMREF Água Mansa Coqueiros funcionando em sua propriedade por três anos, de 1997 a 1999. O casal ficou de vir a Rio Verde para o natal, mas não apareceu. Então seus filhos me disseram que viriam para o ano-novo. Mais uma vez fiquei aguardando, sem fazer nenhum outro compromisso que pudesse atrapalhar ou impedir que os encontrasse.

No dia 31/12/2015, por volta das 12h 45 min recebi uma mensagem da filha deles, Maria Rosa, dizendo que tinham acabado de chegar à cidade, iriam almoçar e iriam embora para a fazenda. Então saí o mais rápido possível para realização das entrevistas, que aconteceram na residência de Maria Rosa. A casa estava cheia de familiares, muita agitação e barulho devido à reunião da família para celebrarem a chegada do novo ano.

O primeiro a ser entrevistado foi o senhor Itor Martins Ribeiro. Foi uma entrevista marcada por novas informações e desabafos. O depoente disse ter lutado pela implantação da escola, trabalhando até em campanhas políticas para conseguir seu objetivo. No entanto, senti que não foi reconhecido no seu esforço, pois hoje as pessoas que usufruem da escola nem imaginam quão grande foram as dificuldades e lutas, nem sabem como foi o surgimento da escola.

Ficou lá por quase três anos. Era um ranchinho de pau. O primeiro ano, como a escola ainda não era registrada, eu, o senhor Afonso e o Tonhão que fazíamos a despesa de lanche. Nós associávamos. [...]. Foi difícil. Eu andava a pé. Vinha para a cidade. Depois que conseguimos o lanche pela prefeitura, eu tinha que pegar a autorização na secretaria e fazer as compras no supermercado. Então eu vinha a pé, o motorista que vinha com dois alunos do ginásio me dava carona. Na época meu genro trabalhava na Vulcan, eu esperava ele chegar do serviço à noite, colocava combustível do meu bolso para ele levar o lanche até a escola. (Entrevista, Itor Martins Ribeiro. 2015)

Em seguida, iniciou-se a entrevista com a Dona Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro, que foi merendeira na escola por volta de doze anos. Dona Nega, como ainda é conhecida na região foi uma pessoa muito querida das crianças, pois fazia o lanche e acompanhou as crianças por vários lugares nas diversas mudanças que escola passou. Demonstrou durante a entrevista que apesar de todas as dificuldades estruturais e financeiras, sente saudades daquele tempo, principalmente das crianças.

No início eram seis crianças. Com o passar do tempo foi aumentando, só que como hoje, nunca passou de quarenta. Eu anotava a quantidade para fazer o lanche e tenho na lembrança. [...]. Tenho saudade! Sinto saudade das crianças. Tinha uma foto que queimou, onde mostrava as crianças me dando os parabéns no meu aniversário e eu ajoelhada para ficar da altura deles na porta da cantina. Eu tenho saudade! Achava tudo bom! Até as caminhadas, quando eu ia mais cedo descongelar uma carne ou preparar algum lanche ou quando ficava até mais tarde organizando alguma coisa. Valeu a pena! (Entrevista, Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro. 2015)

Quanto à Cidalina, ficaram guardados na memória momentos marcantes que deixaram um tom de saudade, junto com o prazer de ter colaborado com seu trabalho de merendeira e a certeza de ter feito algo que deu certo, pois ela reafirma que valeu a pena.

As narrativas aqui apresentadas deixam entrever que durante a realização das entrevistas, a emoção esteve presente o tempo todo, expressões de alegria e saudade e até mesmo de desesperança e mágoa se entrelaçam nas falas dos entrevistados, e gestos aparentemente tão sutis, como um pigarro na garganta, uma tosse repentina, um sorriso demorado, um olhar perdido no tempo e envolto por um breve silêncio e o esquecimento, deram o tom das entrevistas e revelaram o sentido da experiência para cada um dos seus atores. Sendo esses elementos de suma importância, como descreve Alberti (2004, p. 10), “é preciso saber ‘ouvir contar’: apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebidos”.

## **CAPÍTULO II- DA EDUCAÇÃO RURAL À EDUCAÇÃO DO CAMPO NO BRASIL E EM GOIÁS**

[...] os praticantes da cultura escolar desenvolvem suas práticas a partir de seus lugares, de suas posições no interior de um sistema de forças assimétricas. Tais práticas, no entanto, não visam apenas a operacionalização destas ou daquelas prescrições, mas objetivam produzir lugares de poder/ saber, inteligibilidades e sentidos para a ação pedagógica escolar junto às novas gerações. [...] tais práticas produzidas pelos sujeitos no seu dia- a- dia escolar, também os produzem. [...] como maneiras de fazer peculiar dos sujeitos da escola e que ocorrem no interior do cotidiano escolar. FARIA FILHO.

Em conformidade com ideias de FARIA FILHO, 2004, p. 151, o capítulo apresenta uma abordagem histórica sobre a educação rural e educação do campo no Brasil e em Goiás como elemento responsável pela cultura, no sentido de entender a permanência da escola atual ainda nos moldes da escola rural, além de apontar as diferenças e similaridades entre os projetos políticos de criação e fechamento das escolas rurais/do campo no município de Rio Verde-GO através de pesquisa nos arquivos da Secretaria Municipal de Educação desta cidade.

### **2.1 OLHAR HISTÓRICO**

Analisar a educação na área rural, partindo de uma abordagem sobre o processo histórico brasileiro, tomou-se um desafio, o qual apresenta aspectos relevantes que desde a colonização<sup>10</sup> tem sido permeado por uma tradição de práticas sociais de exclusão, refletidas ao longo da constituição da educação escolar brasileira e seus processos de ensino.

Por esse prisma, a constituição da educação rural, resultou da ação de uma prática de negação da identidade dos povos do campo em que a dinâmica escolar pressupõe uma concepção de educação, que é histórica, fundada em uma prática social mais ampla, numa sociedade subordinada aos interesses comerciais numa tônica de violência, opressão e

---

<sup>10</sup> Não faz parte do objeto de estudo desta pesquisa uma análise aprofundada sobre o período colonial, garantindo apenas um olhar sobre o período de 1930, que nos parece garantir abordagem histórica a partir do processo de urbanização.

exclusão, fazendo parte da vida dessas pessoas, influenciando a sua forma de agir e de pensar. Por isso, compreendemos segundo Freire (2005, p. 50), que em verdade,

Instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela. Nos opressores e nos oprimidos. Uns e outros, porque concretamente banhados nesta situação, refletem a opressão que os marca.

Em tal contexto, Borba afirma que a tônica da opressão marcou profundamente com a ausência de direitos na vida dos trabalhadores e trabalhadoras, principalmente dos povos do campo considerados em sua diversidade como os agricultores, extrativistas, caçadores, ribeirinhos, pescueiros, indígenas, quilombolas, posseiros, arrendatários, meeiros e fazendeiros, como tais envolvidos numa diversidade de práticas socioculturais de vida no campo e luta pela sobrevivência, diante da compreensão dos opressores de que o outro é um estranho e que só a eles mesmo cabem os direitos. (Borba, 2008, p. 27).

Sendo assim, a invasão dos portugueses e a colonização representaram o início dessa dinâmica cruel. A conversão dos indígenas à fé católica pela catequese e a instrução foi iniciada com vistas a um processo de colonização através da ação dos Jesuítas, esperando-se diminuir as dificuldades em manter o controle e domínio daquela população.

No período colonial a educação tinha o objetivo de controle, da ordem, e a manutenção do status da classe dominante garantindo que os privilégios não fossem alcançados pelos menos favorecidos, e só à elite lhe coubesse o direito à educação. Inclusive, ter direito a educação escolar afirmava-se como um diferencial entre as classes. A ideia de classe tomava corpo na estrutura organizacional daquele contexto carregado de violência, opressão e exclusão.

A preocupação com a educação rural desponta na década de 1930, mas representava apenas uma preocupação do governo em se aparelhar convenientemente a fim de “reformular a dependência estrutural que caracterizava o subsistema econômico brasileiro na época, ao se iniciar um incipiente processo de industrialização” Calazans (1981, p. 162). Esta preocupação do estado com a educação rural, não representou grandes investimentos ou incentivos, a não ser um claro interesse de fixar o homem no campo.

A existência de uma política voltada para a educação rural não se concretizou, pois isso ameaçava a estabilidade da aristocracia-rural e os seus interesses por causa da ideia de que cada Estado pudesse construir sua própria proposta, era excesso de

autonomia além do que ameaçava os seus interesses e ideologias. O que temos, então, como referência de uma preocupação com a educação voltada para o meio rural é percebido a partir da década de 1930<sup>11</sup>, impulsionado por alguns motivos como:

- o excedente populacional vindo do campo para os centros urbanos, desde 1910/1920, onde se iniciava o processo de industrialização, em busca de oportunidades de trabalho; daí a preocupação de manter o homem do campo, no campo para evitar o inchaço populacional;

- A preocupação com o desenvolvimento socioeconômico do país exigia a instrução de trabalhadores para servir ao processo industrial excedente do país;

A educação, neste contexto, tornou-se um meio para atender aos interesses da classe dominante, e só a ela coube traçar os objetivos para a educação que deveriam ter acesso os povos do campo. No entanto, pode-se notar que todas as ações do Estado estavam impactadas pelas ideias do desenvolvimento industrial e a urbanização. Silva (2002) acrescenta que

Na área educacional a partir de 1930, pressionados pelo forte movimento migratório interno, o aumento da miséria no campo e na cidade, o movimento dos pioneiros da educação, a pressão dos setores urbanizados da população por escola, o interesse do empresariado para que tivesse uma capacitação da força de trabalho dos migrantes rurais ou estrangeiros, teve início uma série de iniciativas dentre as quais, as campanhas educativas nacionais, a educação de adultos, as missões rurais, os programas radiofônicos, a implementação da extensão rural do Brasil. (SILVA, 2002, p. 66)

A educação oferecida aos povos do campo tinha como referência em primeiro momento o ruralismo pedagógico<sup>12</sup>, enquanto a prioridade era a educação das elites, o que se reconfigurou com a República em que se viu a necessidade de escolarizar a classe emergente em nome do progresso, vários programas foram elaborados com a finalidade da educação rural.

---

<sup>11</sup> “Mesmo com os congressos rurais do início do século XX, é somente a partir dos anos 30 que começa a delinear-se um modelo de educação voltado para o campo amarrado ao programa de governo da candidatura de Getúlio Vargas a Presidência da República onde ‘a educação aparece como um dos instrumentos apropriados para assegurar a condição de vida dos brasileiros sob o ponto de vista moral, intelectual e econômico’ (HORTA, 1994, p. 01) ” Pereira (2006, p.85)

<sup>12</sup> Movimento que teve como finalidade ruralizar o ensino primário, fazendo que este se transformasse em instrumento de fixação do homem no campo, na busca de esvaziar as correntes migratórias. Para tanto, houve também a preocupação com a modernização da vida social e econômica do meio rural.

No Estado Novo, período de 1937/1945, a escolarização rural teve como base o processo industrial, segundo aspecto de produção da desigualdade, de acordo com Sader (2003), com proposições do governo de Vargas, dava ênfase ao “trabalho manual nas escolas primárias e secundárias e ao desenvolvimento de uma política educacional voltada para o ensino vocacional urbano, destinado especialmente às classes populares”.

Calazans (1993) afirma que é essencial destacar que as classes dominantes brasileiras, especialmente, as que vivem do campo, sempre demonstraram desconsiderar o papel fundamental da educação para a classe trabalhadora. Colocando-se como prioridade os interesses e a preocupação com a manutenção de privilégios e regalias reservadas a uns poucos que não eram aqueles responsáveis pelo trabalho, realizado basicamente no campo, numa relação de oprimido e opressor em que os oprimidos, como objetos, como quase coisas, não têm finalidades. As suas, são as finalidades que lhes prescrevem os opressores. ” (FREIRE, 2005, p. 53)

Neste período Goiás vivia o rápido aceleramento populacional e as mudanças sociopolítica e econômica o colocaram no centro das atenções para o investimento do capital.

No período do Estado Novo (1937-1945), a região Centro-Oeste é incluída em um projeto desenvolvimentista denominado “Marcha para o Oeste”. É quando inúmeras empresas e trabalhadores são incentivados a adentrar, sobretudo, os estados de Goiás e do Mato Grosso com a finalidade única de cultivar grandes lavouras. A região foi escolhida como terreno privilegiado para acolher os projetos de implantação de modernização da agricultura, pois, segundo os seus mentores, o cerrado era uma vegetação mais fácil de ser derrubada e o solo plano. (SILVA, 2012, p. 46).

A imagem a seguir indica o Projeto iniciado em 1938 pelo governo Getúlio Vargas, a Marcha para o Oeste teve em Goiás uma base estratégica por sua localização geográfica, elo entre o litoral e um interior ainda a ser desbravado. A imagem desenha quais caminhos seriam percorridos posteriormente, como a construção da primeira colônia agrícola do Estado, que se transformou na cidade de Ceres, e a organização da expedição Roncador-Xingu, dos irmãos Villas-Boas, que saiu de Aragarças em 1943 e mergulhou na Amazônia ainda virgem de contatos com o homem branco.



com a terra. Dada a história de formação do povo no Estado, parafraseando ainda a autora, este era considerado, até a Primeira República, como isolado, de difícil acesso e pouco adequado para o desenvolvimento da vida civilizada. A situação mudou quando Goiânia foi construída como sede do poder em Goiás e, posteriormente Brasília foi construída como capital do país. De acordo com PIETRAFESA (2002),

A construção de Brasília e a conseqüente instalação do Distrito Federal contribuíram significativamente para a atração de contingentes populacionais em direção a Goiás, já a partir dos anos 1950, e posteriormente para todo o Centro-Oeste. Anteriormente, a construção da cidade de Goiânia, no início da década de 1930, para sediar a nova capital do Estado, também contribuiu na ocupação populacional da Região. No entanto, a “abertura de fronteiras agrícolas”, em momentos históricos distintos, é o principal fator de ocupação e desenvolvimento da Região, que contou, ainda, com forte ação do Estado como mola propulsora desse movimento. (PIETRAFESA, 2002, p. 56).

O propósito do Estado na ruralização do ensino era formar mão de obra para o desenvolvimento mais eficaz de técnicas que aumentavam a produção e fortalecia o capital. No entanto, começou nesse período um movimento em defesa do ensino rural no país, e Goiânia foi eleita para sediar parte de vários eventos que discutiram as metas para o ensino rural, inclusive a formação de professores na Escola Normal. Isso porque “Pretendia-se, na ‘Marcha para o Oeste’, incorporar novas regiões e tornar setores agrícolas mais produtivos e sintonizados com as necessidades de expansão capitalista. A Escola Normal deveria, pois, formar professores mais afinados com estas exigências” (CANEZIN e LOUREIRO, 1994, p. 86).

A educação escolar, enquanto formal, teve referência em todas as constituições brasileiras, a contar da Constituição Federal de 1934, atribuindo o financiamento da educação à União; a Constituição de 1937 submete a educação às necessidades do trabalho; a Constituição de 1946 vinculou recursos para as despesas com educação e assegurou a gratuidade do ensino primário; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 4.024/61 consta em seu Art. 105, que: “os poderes públicos instituirão e ampararão serviços e entidades que mantenham na zona rural escolas capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações profissionais”.

Observa-se o interesse maior em qualificar pessoas para assumir as novas formas de trabalho surgidas pela nova realidade econômica e social que buscava focar interesses de um processo de industrialização, instituindo assim, a formação de técnicos

para as atividades agrícolas em que os cursos possuíam um enfoque instrumental e tecnicista. A LDB (Lei N. 5.692/71) sancionada no regime militar coloca como função central da escola a formação para o mercado trabalho, se expandindo até a área rural voltada para a produção agrícola.

Assim, o conjunto de lutas estabelecidas pelos movimentos sociais e de muitos outros órgãos sociais promoveram e ampliaram a construção de elementos que estabeleceram o diálogo entre o Estado e os movimentos sociais do campo, na discussão por uma educação como direito subjetivo<sup>13</sup>. Foi o que tivemos inicialmente com a Declaração de Jontiem de Educação para Todos (1990), cujo Brasil constitui-se numa referência internacional “ao colocar a política educacional, a política social e o desenvolvimento como elementos fundamentais na construção de uma sociedade democrática e justa” (Brasília, 2004, p.33)

A dura conquista dos trabalhadores e trabalhadoras através de ações organizadas com este fim pelos movimentos sociais tem como referência inicialmente a Constituição de 1988 e a LDB – 9394/96, para assegurar a educação nos aspectos dos direitos humanos e sociais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996), em vigor até hoje, representa o resultado de passos dados em favor da educação, tornando-se relevante a partir da Constituição de 1988, ao afirmar em seu Art. 1º- que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, dessa forma foram abertos espaços para a discussão sobre a Educação do Campo, verificando-se ainda no seu capítulo II Art. 28º- o qual propunha como necessário para a população rural, “uma educação que atenda às necessidades peculiares da vida rural e de cada região”, assim abre brechas para a proposição e a implementação de medidas que adequassem a escola à vida do campo e da sua população e não mais o contrário.

---

<sup>13</sup> O direito público subjetivo é aquele pelo qual o titular de um direito pode exigir imediatamente o cumprimento de um dever e de uma obrigação. Trata-se de um direito positivado, constitucionalizado e dotado de subjetividade”. Brasília (2004, p. 33)

Os povos do campo e da floresta têm como base de sua existência o território, onde reproduzem as relações sociais que caracterizam suas identidades e que possibilitam a permanência terra. Esses grupos sociais, para se fortalecerem, necessitam de projetos políticos próprios de desenvolvimento socioeconômico, cultural e ambiental. E a educação é parte essencial desse processo. (FERNANDES e MOLINA, 2004, p. 61)

Quando se fala em território e educação, significa que é importante a organização dos camponeses em movimentos sociais para defender um direito negado na história. Nesse território, também é possível ao camponês viver com dignidade, ter acesso ao conhecimento que o valoriza e contribui para a sua permanência. O Estado, neste estágio da vida do camponês, deve proporcionar bem-estar social de acordo com os princípios básicos da Constituição Federal.

Em julho de 1997, foi realizado o I Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária – ENERA, resultado de uma parceria entre o Grupo de Trabalho de Apoio à Reforma Agrária da Universidade de Brasília - GT-RA/UnB, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra – MST, representado pelo seu Setor de Educação e o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Ciência e Cultura – UNESCO e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB. Nesse evento é oficializado, através do documento “Manifesto das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária ao Povo Brasileiro”, o Movimento de Educação do Campo no Brasil. Esse exercício da garantia dos direitos por meio do Movimento de Educação do Campo no Brasil fez com que, a partir do tratamento diferenciado que a LDB de 1996 assegura no Artigo 28 às escolas do meio rural.

No entanto, foi a partir da Primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia GO, em 1998, que esse movimento incorporou o conceito de Educação do Campo. Esse encontro defendeu o direito dos povos do campo às políticas públicas de educação com respeito às especificidades, em contraposição às políticas compensatórias da educação rural. (BRASIL, 2010)

Essa Conferência foi o resultado de um longo processo de luta dos povos organizados do campo e trouxe a especificidade da Educação do Campo associada à produção da vida, do conhecimento e da cultura do campo, apontando ações para a escola e para a formação de educadores.

A Educação do Campo, defendida pela Conferência, tratou da luta popular pela ampliação do acesso, permanência e direito à escola pública de qualidade no campo – as pessoas têm o direito de estudar no lugar onde vivem (espaço de produção e de cultura), e do campo – as pessoas têm o direito de estudar o lugar onde vivem (dos agricultores, extrativistas, ribeirinhos, caiçaras, quilombolas, pescadores, seringueiros etc.), incorporando distintos processos educativos no seu Projeto Político Pedagógico.

Essa concepção de Educação do Campo foi incorporada ao documento das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo<sup>14</sup>, oriundas dos debates acumulados historicamente pelos movimentos sociais, pelas universidades, pelo governo e pelas ONGs, entre outros grupos organizados que formaram a Articulação Nacional Por uma Educação do Campo.

(...) pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (Art. 2º, parágrafo único CNE/CEB, 2002).

Na II Conferência Nacional Por uma Educação do Campo, ocorrida em agosto de 2004, em Luziânia/GO, definiu-se a ampliação de novos campos de luta para a Educação do Campo, sinalizando a consolidação de um projeto histórico de educação, conduzido e organizado pelos sujeitos sociais do campo. Recolocou-se o campo e a educação na agenda política do país, impulsionada pela luta pela democratização do acesso à terra e à educação escolar, como direito de todos e dever do Estado. Com isso, firma-se uma nova agenda política definida na Carta de Luziânia:

- Defesa de um projeto de sociedade justa, democrática e igualitária; que contemple um projeto de desenvolvimento sustentável do campo, que se contraponha ao latifúndio e ao agronegócio.
- Defesa de uma educação que ajude a fortalecer um projeto popular de agricultura, que valorize e transforme a agricultura familiar/camponesa e se integre na construção social de um outro projeto de desenvolvimento sustentável de campo e de país.
- Defesa de uma educação para superar a oposição entre campo e cidade e a visão predominante de que o moderno e mais avançado é sempre o

---

<sup>14</sup> CNE. Resolução CNE/CEB 1/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 32.

urbano, e que o progresso de um país se mede pela diminuição da sua população rural.

- Defesa da mudança da forma arbitrária atual de classificação da população e dos municípios como urbanos ou rurais. Essa classificação transmite uma falsa visão do significado da população do campo em nosso país, e tem servido como justificativa para a ausência de políticas públicas destinadas a ela.
- Defesa do campo como um lugar de vida, cultura, produção, moradia, educação, lazer, cuidado com o conjunto da natureza, e de novas relações solidárias que respeitem as especificidades sociais, étnicas, culturais e ambientais dos seus sujeitos.
- Defesa de políticas públicas de educação articuladas ao conjunto de políticas que visem à garantia do conjunto dos direitos sociais e humanos do povo brasileiro que vive no e do campo. Políticas que efetivem o direito à educação para todos e todas e que este direito seja dever do Estado.
- Construção de uma política específica para a formação dos profissionais da Educação do Campo. (BRASIL, 2010)

Ainda na II Conferência, a Educação do Campo foi tratada como uma questão nacional que necessita de políticas públicas a fim de elevar a escolarização dos povos do campo, a partir do diálogo entre os movimentos e as organizações sociais e sindicais, e as esferas federal, estadual e municipal.

Signatário da II Conferência o Ministério da Educação criou, em 2004, a Coordenação-Geral de Educação do Campo com a responsabilidade de elaborar e conduzir uma Política Pública Nacional de Educação do Campo; institucionalizou o GPT – Grupo Permanente de Trabalho da Educação do Campo<sup>15</sup> e incentivou a criação de Comitês/Fóruns e Coordenações Municipais e Estaduais de Educação do Campo.

Entre 2004 e 2005, foram realizados 25 Seminários Estaduais de Educação do Campo incentivados e apoiados pela SECAD/MEC. O principal objetivo foi a divulgação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

Participaram desse momento histórico representantes dos sistemas municipais e estaduais, do MEC e de universidades. Sendo firmado ao final de cada Seminário compromissos por meio das “Cartas dos Estados”, entre esses, a indicação da criação de Comitês de Educação do Campo e de Coordenações de Educação do Campo nas Secretarias Estaduais de Educação. (BRASIL, 2010)

De acordo com Brasil (2010), um dos principais objetivos dos Comitês seria discutir a realidade (os problemas, as soluções, as experiências e as especificidades) e

---

<sup>15</sup> Mediante Portaria Ministerial nº 1.258 de 2007, o GPT do Campo se transforma na Comissão Nacional de Educação do Campo.

propor alternativas para a educação do campo, no sentido de promover a construção de uma política pública de educação do campo pautada nas Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo.

A Educação do Campo é um movimento que emerge no contexto do final dos anos 80. Movimentos sociais, organizações não governamentais, igreja e universidades se envolveram em práticas, debates, publicações, seminários e encontros, visando trazer para o debate para a questão da escolarização para os povos do Campo.

A Educação Rural, como processo que nomeia a construção da escolarização das populações do campo, cujas atividades estão relacionadas com a agricultura, pecuária, pesca, extrativismo, dentre outros, e que dependem fundamentalmente da terra e da água para a sobrevivência, se constitui historicamente como um grande desafio. Ao longo do século XX, inúmeras leis foram promulgadas e projetos implantados sem nenhum resultado expressivo. As precariedades das instalações físicas, a fragilidade dos resultados pedagógicos, a falta de organização administrativa e a presença de professores com pouca formação escolar são características demonstradas por todos àqueles que vivenciaram e/ou pesquisaram o tema (Silva; Moraes; Bof, 2003).

Segundo SCHENDLER (2005) toda proposta de educação do campo está vinculada a um projeto de campo:

a) quando a nomeamos como educação rural é por estarmos relacionando-a com o projeto latifundista empresarial de campo, numa visão reprodutivista, projeto este que exclui os que não se incluem na lógica da produtividade. Nesta perspectiva o campo é pensado como espaço de produção. Assim, a educação é pensada a partir do modo urbano, para atender as necessidades do mercado do trabalho. Neste projeto as políticas educacionais são pensadas como políticas compensatórias e os sujeitos do campo como inferiores.

b) quando a nomeamos como educação do campo é por estarmos relacionando-a com as lutas sociais coladas aos movimentos sociais, com vistas ao desenvolvimento do campo na perspectiva de inclusão dos trabalhadores. Nesta perspectiva o campo é concebido como espaço de vida e resistência dos camponeses que lutam para terem acesso e permanecerem na terra que é espaço de construção de identidade. Assim, a educação é pensada a partir da especificidade e do contexto do campo e de seus sujeitos. Neste projeto as políticas educacionais são vistas como políticas para formação humana.

Tendo como referencial teórico o Caderno de orientações pedagógicas para formação de educadoras e educadores/Programa Escola Ativa 2010, a concepção de uma

educação a partir do campo e no campo foi formulada em um contexto de problematização de conceitos e ideias até então arraigados na sociedade brasileira, como tem sido o de educação rural. A concepção de Educação do Campo, em substituição à Educação Rural, entende campo e cidade enquanto duas partes de uma única sociedade, que dependem uma da outra e não podem ser tratadas de forma desigual.

De acordo com o Caderno de orientações pedagógicas para formação de educadoras e educadores/Programa Escola Ativa 2010, a concepção de educação que historicamente pautou as iniciativas educacionais para o meio rural fundamenta-se, principalmente, na categorização urbano/rural, na qual o espaço rural é definido, de acordo com critérios do IBGE, pela sua localização geográfica e a baixa densidade populacional; por um projeto de desenvolvimento centrado nas atividades urbano-industriais, segundo o qual o campo tenderia ao desaparecimento, não sendo pertinente, portanto, o investimento em políticas estruturantes nesse espaço; pela concepção de rural enquanto espaço tipicamente de atividades agrícolas, priorizando o latifúndio. (BRASIL, 2010)

Desse projeto social, resulta um modelo educacional pautado na oferta de educação mínima, restrita às primeiras séries do Ensino Fundamental; escolas em condições precárias; educadores com pouca formação e baixos salários; incorporação de conceitos urbanos que desconsideram a realidade e a vida camponesa, que alimentam a competitividade, o individualismo e desprezam as diferenças.

Por sua vez, a Educação do Campo é compreendida, ao mesmo tempo, como conceito em movimento, enquanto unidade político-epistemológica, que se estrutura e ganha conteúdo no contexto histórico, que se forma e se firma no conjunto das lutas de movimentos sociais camponeses; que se manifesta e transforma nas relações sociais, reivindicando e abrindo espaço para a efetivação do direito à educação, dentro e fora do Estado.

Nessa perspectiva, a Educação do Campo se diferencia da educação rural, pois é construída por e para os diferentes sujeitos, territórios, práticas sociais e identidades culturais que compõem a diversidade do campo. (BRASIL, 2010). Ela se apresenta como uma garantia de ampliação das possibilidades de homens e mulheres camponeses criarem e recriarem as condições de existência no campo. Portanto, a educação é uma estratégia importante para a transformação da realidade dos homens e das mulheres do campo, em todas as suas dimensões.

O campo, compreendido a partir do conceito de territorialidade<sup>16</sup>, é o lugar marcado pela diversidade econômica, cultural e étnico-racial. É espaço emancipatório quando associado à construção da democracia e de solidariedade de lutas pelo direito à terra, à educação, à saúde, à organização da produção e pela preservação da vida. Mais do que um perímetro não-urbano, o campo possibilita a relação dos seres humanos com sua própria produção, com os resultados de seu trabalho, com a natureza de onde tirar o seu sustento. Se comprometida com a diversidade do trabalho e sua cultura, a educação terá também especificidades que precisam ser incorporadas nos projetos político-pedagógicos.

A Educação do Campo, então, se afirma na defesa de um país soberano e independente, vinculado à construção de um projeto de desenvolvimento, no qual a educação é uma das dimensões necessárias para a transformação da sociedade, que se opõe ao modelo de educação rural vigente. Nessa perspectiva, a escola torna-se um espaço de análise crítica para que se levantem as bases para a elaboração de outra proposta de educação e de desenvolvimento. Nesse sentido, busca-se desenvolver uma proposta de educação voltada para as necessidades das populações do campo e para a garantia de escolarização de qualidade, tornando-se o centro aglutinador e divulgador da cultura da comunidade e da humanidade.

Para Caldart (2002), a associação da Educação do Campo com lutas por políticas públicas e por reforma agrária é o fundamento educativo desse novo Projeto Político de Desenvolvimento. Não se educa verdadeiramente o sujeito do campo sem transformar a condições de desumanização. A conquista da humanização se dá na própria luta contra a desumanização. Caldart compreende que o desafio para as escolas do campo é a formação para recuperar as condições humanas dos povos do campo. Por isso é tão central a definição do tipo de escola que se quer e do projeto educativo que ali se desenvolve.

A conquista do acesso universal a todo o conhecimento produzido pela humanidade e a garantia de uma formação que busque novas estratégias educativas e promova o desenvolvimento humano integral é outro dos desafios da Educação do Campo.

---

<sup>16</sup> A Secretaria de Desenvolvimento Territorial/MDA define território como “um espaço físico, geograficamente definido, geralmente contínuo, compreendendo a cidade e o campo, caracterizado por critérios multidimensionais – tais como o ambiente, a economia, a sociedade, a cultura, a política e as instituições – e uma população com grupos sociais relativamente distintos, que se relacionam interna e externamente por meio de processos específicos, onde se pode distinguir um ou mais elementos que indicam identidade e coesão social, cultural e territorial” (SDT/MDA. Territórios Rurais. [www.mda.gov.br](http://www.mda.gov.br)).

## 2.2 CONHECENDO AS ESCOLAS RURAIS DE RIO VERDE

O Censo realizado em 2010 pelo IBGE, aponta dados significativos sobre a população rio-verdense, onde percebemos que o número de habitantes na zona rural vem diminuindo gradativamente.

Tabela 01- Censo 2010

Código do Município	Nome do Município	Total da população 2000	Total de homens	Total de mulheres	Total da população urbana	Total da população rural	Total da população 2010
5218805	Rio Verde	116.552	90.021	86.481	163.621	12.881	176.502

Fonte: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_goias.Pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_goias.Pdf) Acesso em novembro/2015.

Para pensar as escolas do município de Rio Verde-GO, recorreu-se aos dados do INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, que através do Censo Escolar <sup>17</sup>realizado em 2015, apresenta os relatórios referentes ao número de matrículas efetuadas nas redes estaduais e municipais de ensino, tanto urbana, quanto rural. (Ver anexo 1 e 2)

De acordo com a prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação as escolas rurais encontram bem estruturadas no que se refere infraestrutura e aos recursos pedagógicos.

A Prefeitura de Rio Verde, através da Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer, estruturou o perfil do Ensino Rural através de amplo crescimento pedagógico e infra estrutural, de acordo com as diretrizes educacionais que adota a gestão democrática, autônoma e participativa, por meio de eleições diretas para diretor; professores titulados na área em que atuam; escolas amplas e adequadas às novas

---

<sup>17</sup> O Censo Escolar é um levantamento de dados estatísticos educacionais de âmbito nacional realizado todos os anos e coordenado pelo Inep. Ele é feito com a colaboração das secretarias estaduais e municipais de educação e com a participação de todas as escolas públicas e privadas do país. Trata-se do principal instrumento de coleta de informações da educação básica, que abrange as suas diferentes etapas e modalidades: ensino regular (educação Infantil e ensinos fundamental e médio), educação especial, educação de jovens e adultos (EJA) e educação profissional (cursos técnicos e cursos de formação inicial continuada ou qualificação profissional). Os resultados obtidos no Censo Escolar sobre o rendimento (aprovação e reprovação) e movimento (abandono, transferência, falecimento) escolar dos alunos do ensino fundamental e médio, juntamente com outras avaliações do Inep (Saeb e Prova Brasil), são utilizados para o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), indicador que serve de referência para as metas do Plano Nacional da Educação (PNE), do Ministério da Educação. Disponível em : <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> Acesso em dezembro/2015.

tecnologias; atividades multidisciplinares e inclusivas, que trabalham as temáticas do campo e da cidade.

<http://www.rioverdegoias.com.br/i.php?si=not&ler=2&id=11486>, acesso em outubro/2015.

O município mantém 10 escolas rurais, das quais cinco oferecem o Ensino Médio. Mas a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), ao estabelecer as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, estabelece que o Ensino Médio só poderá ser ofertado pelos municípios se cumpridas as exigências de atendimento pleno da educação infantil e ensino fundamental e, utilizando recursos acima do percentual constitucional de vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos.

Art. 11º. Os Municípios incumbir-se-ão de:

V - Oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 1996, p. 4).

O quadro abaixo apresenta a relação nominal, os níveis e modalidades de ensino que atende e a localização de cada uma.

Quadro 01- Escolas Municipais de Rio Verde – Goiás – Área Rural 2015

<b>Nome</b>	<b>Níveis/Modalidades de Ensino que a escola atua</b>	<b>Localização</b>
EMREF Água Mansa Coqueiros	Ed. Infantil e Ens. Fundamental de 1º ao 5º ano	Fazenda Água Mansa
EMREF Baumgart	Ed. Infantil e Fundamental de 1º ao 5º ano	Fazenda Reunidas
EMREF Breno de Araújo Silva	Ed. Infantil e Ens. Fundamental de 1º ao 9º ano.	Fazenda Paraíso do Rio Preto
EMREF Cabeceira Alta	Ed. Infantil ao 3º ano do Ens. Médio	Fazenda Cabeceira Alta
EMREF Escadinha do Futuro	Ed. Infantil ao 3º ano do Ens. Médio	Fazenda Segredo
EMREF Monte Alegre	Ed. Infantil ao 3º ano do Ens. Médio	Fazenda Monte Alegre
EMREF São José do Pontal	Ed. Infantil ao 3º ano do Ens. Médio	Fazenda São José do Pontal

EMREF Sete Léguas	Ed. Infantil e Fundamental de 1º ao 5º ano	Fazenda Sete Léguas
EMREF Vaianópolis	Ed. Infantil e Fundamental de 1º ao 5º ano	Assentamento Vaianópolis
EMREF Vale do Rio Doce	Ed. Infantil ao 3º ano do Ens. Médio	Assentamento Rio Verdinho

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO.

Segundo o censo escolar/2014, todas as unidades escolares da zona rural contam com água filtrada de poço artesiano, energia da rede pública, fossa, lixo destinado à queima, alimentação escolar para os alunos, cozinha e banheiro dentro dos prédios. São também equipadas com TV, equipamento de som, impressora, equipamento de multimídia (data show), DVD, antena parabólica, computadores. Vale ressaltar que as escolas que oferecem o Ensino Médio são de responsabilidade da rede estadual de ensino, sendo, portanto, extensões de escolas da zona urbana.

### **2.3 AS ESCOLAS RURAIS: CRIAÇÃO E EXTINÇÃO**

De acordo com a matéria publicada no Jornal A Folha de São de Paulo<sup>18</sup> em 03/03/2014, por Natália Cancian, o país fecha oito escolas por dia na zona rural. Nos últimos dez anos são 32,5 mil unidades a menos no campo, de acordo com o levantamento da Folha com base em dados do Censo Escolar. Somente em 2013, 3.296 (Três mil, duzentos e noventa e seis) escolas desse tipo foram fechadas no país. Hoje há 70,8 mil escolas no campo, ante 103,3 mil em 2003.

---

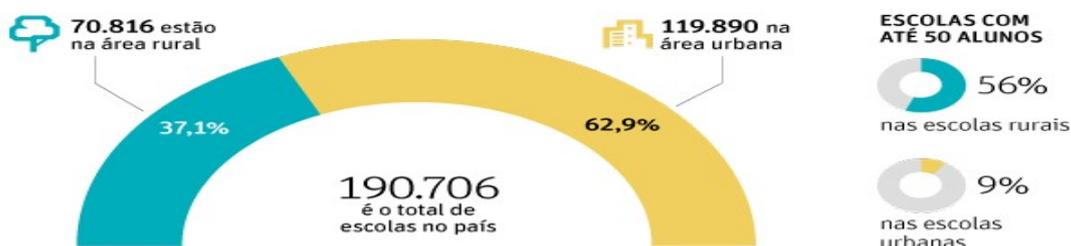
<sup>18</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/03/1420332-pais-fecha-oito-escolas-por-dia-na-zona-rural.shtml> Acesso em setembro/2015.

Gráfico 01: Escolas Rurais em queda

### ESCOLAS RURAIS EM QUEDA

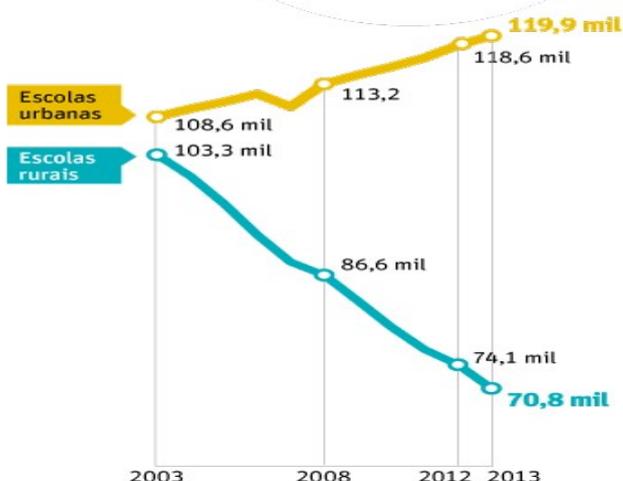
Redução no número de instituições de ensino no campo preocupa governo

#### ESCOLAS NO PAÍS, EM 2013



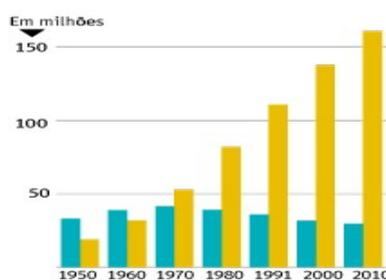
#### EVOLUÇÃO NO BRASIL

Número de escolas rurais caiu 31,4% entre 2003 e 2013



#### ÊXODO RURAL

População rural (azul)  
População urbana (amarelo)



Maior mudança na população ocorreu nas décadas de 1970 e 1980; segundo especialistas, processo de urbanização continua, mas em ritmo menor

Fontes: Ministério da Educação, Censo Escolar - Inep/MEC e Censo Demográfico - IBGE

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/03/1420332-pais-fecha-oito-escolas-por-dia-na-zona-rural.shtml> (Acesso em novembro/2015)

De acordo com a reportagem, o fechamento é acompanhado de uma nucleação, quando várias escolas menores são unidas em uma só escola-polo, maior que as primeiras, ainda na zona rural. Em outros o vazio de escolas no campo e as longas distâncias até as escolas-polo obrigam alunos a se deslocar diariamente até a cidade. Além do risco a segurança das crianças, devido também às condições do transporte escolar em alguns locais, federações de agricultores dizem que a medida acelera o abandono das famílias do campo, facilita a evasão escolar e impede a participação deles na comunidade.

Para Bernardo Mançano Fernandes<sup>19</sup>, da Cátedra Unesco de Educação no campo, o fechamento dessas escolas se deve ao avanço das grandes plantações, que reduz o

<sup>19</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/03/1420332-pais-fecha-oito-escolas-por-dia-na-zona-rural.shtml> (Acesso em setembro/2015)

número de trabalhadores no campo, e à falta de investimento das prefeituras. Ainda de acordo com Mançano, a nucleação pode ser uma alternativa para a melhoria de algumas escolas do campo, desde que seja um projeto em conjunto com a comunidade. Já para João Batista Queiroz, professor de licenciatura em educação no campo na UnB (Universidade de Brasília), a extinção das escolas do campo pode influenciar o êxodo rural. O professor afirma que não basta o critério econômico e de número de alunos (nucleação), é preciso ter educação de qualidade, investindo em alternativas pedagógicas próprias, como a alternância, ou seja, os alunos intercalam períodos em sala de aula, em regime de internato, com períodos na casa dos pais. Reforça ainda que mesmo o número de alunos sendo pequeno, esse número tem direito à educação.

Os pesquisadores do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), Eduardo Luiz Zen e Paulo Meyer Paulo Roberto Corbucc, concluíram que as possíveis explicações para o processo acelerado de fechamentos de escolas rurais podem ser encontradas no desenho da política nacional de educação, que acaba por incentivar as prefeituras a buscar recursos para transporte escolar e não para manter os alunos próximo ao seu local de moradia.

“O programa federal de apoio à educação mais estruturado para o meio rural, principalmente em termos de recursos financeiros, é o fomento ao transporte escolar. Ocorre que, no ponto de vista das prefeituras, que são as responsáveis pela maior parte das escolas do campo, como há uma maior facilidade para obter financiamento para o transporte escolar do que para a manutenção de escolas, pode estar havendo uma indução tácita, não intencional, da política nacional de transporte escolar, levando ao fechamento de cada vez mais escolas do campo”. Fonte: <http://www.promenino.org.br/noticias/reportagens/educacao-do-campo-em-11-anos-mais-de-200-escolas-foram-fechadas> Acesso em: novembro/2015.

Para o ex-presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e professor de Educação da Universidade de Brasília, Luiz Araújo, os municípios têm fechado escolas porque precisam cortar custos de suas Secretarias de Educação.

“São vários os motivos para o fechamento das escolas rurais, mas todos eles se resumem a uma estratégia de diminuir custos. As escolas rurais têm um custo por aluno maior que as instituições urbanas. Em muitos

casos é mais barato investir em transporte para uma cidade próxima do que manter os estudantes na escola rural ” Fonte: <http://www.promenino.org.br/noticias/reportagens/educacao-do-campo-em-11-anos-mais-de-200-escolas-foram-fechadas> Acesso em: setembro/2015.

De acordo com o ex-presidente do Inep, isso traz um prejuízo enorme para os estudantes que, em sua maioria, acabam sendo redirecionados para estudar nas escolas das regiões urbanas mais próximas, o que causa inúmeros prejuízos e reforça desigualdades sociais.

Todavia, o cruzamento de dados disponíveis pelo Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) nos mostra que a educação no campo corre no sentido contrário. Apenas em 2014, mais 4.084 escolas do campo fecharam suas portas. Se tomarmos os últimos 15 anos, essa quantidade salta para mais de 37 mil unidades educacionais a menos no meio rural. Se dividirmos esses números ao longo do ano, temos oito escolas rurais fechadas por dia em todo país.

Dentre as regiões mais afetadas, norte e nordeste lideram o ranking. Só em 2014 foram 872 escolas fechadas na Bahia. O Maranhão aparece no segundo lugar, com 407 fechadas, seguido pelo Piauí com 377. Há tempo que estes números preocupam entidades e movimentos sociais ligados ao campo e à educação, ainda mais pelo fato dos municípios mais pobres serem os mais afetados.

Conforme a reportagem de Maura Silva<sup>20</sup>, publicada por Página do MST, em 24-06-2015, a professora da Universidade de Brasília (UnB) e Coordenadora Geral de Educação do Campo e Cidadania do INCRA, “esses números revelam o fracasso da atual política de educação no campo, Clarice Santos, afirma os instrumentos criados precisam ser revistos para que se alcance o resultado esperado. “Se por um lado existe um esforço do governo federal em ampliar o transporte escolar rural, por outro, esse esforço não é o mesmo para evitar o fechamento das escolas”, exemplifica. Já “Não faz sentido pensarmos em transporte sem alunos. Ou seja, é um conjunto de critérios que demonstram as falhas das atuais políticas educacionais”. Já para Erivan Hilário, do setor de educação do MST, o fechamento destas escolas representa um atentado à educação, um direito historicamente conquistado. "O fechamento das escolas no campo não pode ser entendido

---

<sup>20</sup> Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/543929-mais-de-4-mil-escolas-do-campo-fecham-suas-portas-em-2014> Acesso em setembro/2015.

somente pelo viés da educação. O que está em jogo é a opção do governo por um modelo de desenvolvimento para o campo, que é o agronegócio”, aponta. Segundo Erivan, a situação que vivemos “não está isolada desta opção, porque o agronegócio pensa num campo sem gente, sem cultura e, portanto, um campo sem educação e sem escola”. Ele observa que ao mesmo tempo em que há fechamento sistematizado das escolas no campo, o número de construções de novas unidades educacionais nos centros urbanos tem crescido. “Esse é um dado importante de ser analisado. O fechamento das escolas do campo contribui para o êxodo rural, além de consolidar o papel do agronegócio nessas regiões com a priorização dos lucros”, ressalta.

A imagem abaixo apresenta o número das escolas rurais fechadas em 2014, baseado no censo escolar/INEP de 2014.

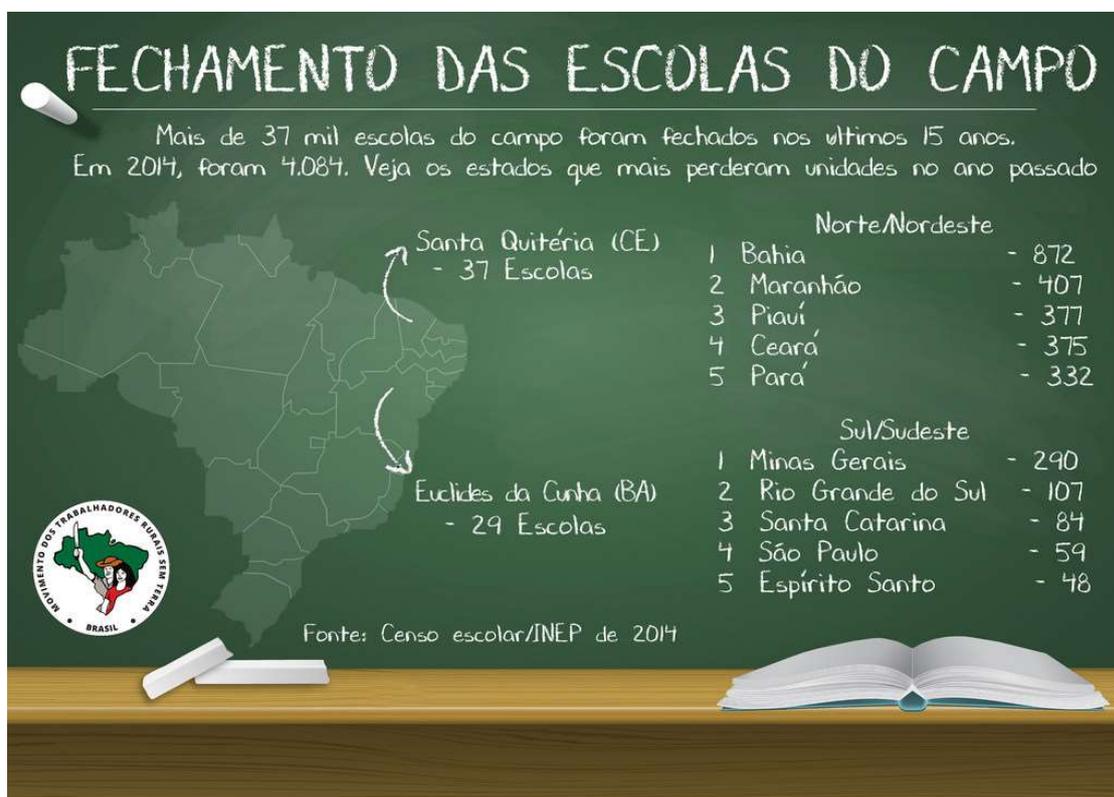


Imagem 03: Escolas rurais fechadas no ano de 2014 no Brasil.  
Fonte: [www.mst.org.br](http://www.mst.org.br) Acesso em: novembro/2015.

Em Goiás a realidade não é diferente. O ensino rural passou por um silencioso processo de urbanização em Goiás e no Brasil nos últimos anos. Mais de 1,2 mil escolas foram fechadas (67%), enquanto milhares de alunos passaram a ser transportados por várias horas até as unidades de ensino nas cidades. Entre as escolas que permanecem

abertas, poucas têm programas de ensino que visam à formação de profissionais para o meio rural.

O resultado é uma educação que não incentiva a fixação do homem no campo e a formação de mão de obra especializada para esses ofícios, que estão necessitados cada vez mais de profissionais qualificados. O estudante vai para a escola com a ideia de se formar para crescer na vida e ir para a cidade, o que tem afetado até o processo de sucessão familiar nas propriedades rurais.

O número de escolas rurais para educação básica (pré-escola, ensino fundamental e ensino médio) caiu de 1.824 no ano 2000 para 586 em 2013, uma redução de 67%, segundo dados do Censo Escolar destes dois anos. A estimativa é que existam mais de 50 mil escolas no País com apenas uma sala de aula, reunindo crianças de diversas idades.

A região de Rio Verde conta com dez escolas rurais. Mas, para o presidente do Sindicato Rural do município, Walter Baylão Júnior, falta formação voltada para as demandas do campo, por isso o próprio sindicato oferece 125 cursos de capacitação, que inclui até doma de cavalos e ordenha mecânica. “Nossas crianças estudam para funções mais específicas das cidades. Muitos nem querem mais saber da fazenda.” <http://www.opopular.com.br/editorias>

Busca-se assim relatar os achados encontrados durante as visitas realizadas ao arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO. Em análise aos relatórios redigidos pelo departamento responsável pelos arquivos, verificou-se o levantamento e organização da documentação referente às Escolas Rurais Extintas, iniciando pelo ano de 1969 até 2009.

De acordo com os relatórios, em março de 2005 o departamento recebeu a incumbência de organizar os documentos relacionados às Escolas Rurais Extintas, porém não havia nenhuma orientação ou roteiro como fazer tal procedimento. Havia documentação em vários setores da secretaria. Pacotes e caixas aos poucos iam sendo desmontados e cada pedaço de papel era avaliado, muitos deles, já corroídos pelos anos. Mas qualquer vestígio ali existente serviria para decifrar situações futuras.

Consta nos relatórios que após a desmontagem das referidas caixas e pacotes, que estavam desordenadas, iniciou-se o levantamento da quantidade e rol das Escolas Rurais Extintas, dando continuidade pela separação da documentação dos alunos, utilizando as letras do alfabeto, de modo que formaram pilhas nessa ordenação. Em seguida passaram a examinar cada um dos documentos para saber a qual escola pertencia, trabalho que foi

bastante complexo, pois tinha que decifrar as escritas, tendo também que verificar o nome dos pais, data de nascimento, dentre outras informações, já que alunos que não eram registrados civilmente e usavam determinado nome, após o registro aparecia um pouco diferente.

Algumas situações curiosas e até engraçadas são descritas nos relatórios. Os filhos de mesmo casal, em número de sete, foram matriculados com os nomes de FRANCISCO, porém não eram registrados civilmente e através das datas de nascimento, sequência das séries outros fatores, eles eram identificados por apelidos, tais como: Chicão, Chiquinha, Francisco Menino, Francisquinha... e, por este motivo, para a elaboração das atas decidiu-se enumerar os alunos, Francisco (1), Francisco (2), até chegar ao sete (7). Em outras situações semelhantes, também foi necessário usar a numeração. Foi o caso da Escola Nossa Senhora Aparecida, que existiam em número de quatro alunos. A cada documento de aluno encontrado, ia sendo criado um dossiê, que era cuidadosamente registrado e separado por escola, totalizando oito mil.

Observou-se nos documentos que para a conclusão dessa primeira etapa de organização foram decorridos aproximadamente um ano. Concluída esta parte, foi criada uma pasta de arquivos no Sistema de Informática da SME denominada: Trinta anos. Nesta pasta, foram registrados, primeiramente, os nomes das escolas e depois seus respectivos alunos. Posteriormente, criou-se a pasta: Atas Rurais e foram verificados todos os boletins de notas, sendo computadas e registradas as médias. Mesmo nos casos onde não notas, foram registradas as sequências de séries de cada aluno, deixando a observação de não constava a nota nos arquivos pesquisados.

Verificou-se que após a lavratura das atas contendo a vida escolar dos alunos, toda a documentação antiga organizada em ordem cronológica foi encadernada. Acreditando não ter mais nenhuma utilidade foi providenciada a incineração dos mesmos, conforme ata no Livro para Registro de Incineração e Ocorrências Diversas Relativas às Unidades Escolares e Projetos Extintos, folhas de 02 a 05.

Foi constatado que a conclusão de todas as atas se deu no final do ano de 2008 até 2010. O trabalho foi árduo, pois quando uma situação parecia estar resolvida, deparava-se com outra que desfazia o que julgava estar pronto, tendo que reiniciar o trabalho.

As fontes armazenadas no arquivo são as mais tradicionais. Textos escritos, manuscritos ou impressos, os documentos foram produzidos pela própria escola, quotidianamente na sua atividade regular. São documentos que registram os passos da sua vida diária, os atos ditos oficiais das instituições; documentos administrativos

comprobatórios, como matrícula, atas de exames, boletins de frequência e de avaliações, diários de classe, livro de assinaturas de ponto, currículos, atos disciplinares, mapas estatísticos, material simbólico. E outros eventos que também fazem parte do seu cotidiano, como festas, competições esportivas, concursos literários, exposições etc.

Os arquivos não podem ser vistos como um amontoado de documentos, mas oportunidade de compreender o passado nas relações que estabelece com o presente, é um lugar de memória.

Neste contexto, os documentos são as fontes que atestam os relatos da memória sendo imprescindíveis à pesquisa históricas.

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2003, p. 545).

Dessa forma, os arquivos surgem como importantes locais de referência, pois armazenam uma complexa rede de documentos<sup>21</sup> fundamentais para a compreensão dos diferentes nexos entre cultura escolar, a cultural nacional e as diferentes correntes pedagógicas e suas respectivas políticas.

Para facilitar a compreensão de como está organizado o arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO, passo a pontuar as etapas do trabalho realizado por este departamento:

- Levantamento de 194 (cento e noventa e quatro) Escolas Rurais Extintas a partir de 1969 até 2001 e em atividades até o ano 2000;
- No período de 2005 a 2008 foram restauradas toda a documentação existente, verificando nomes de professores, alunos, localidades das escolas, nomes dos proprietários das fazendas onde estavam instaladas as escolas;
- Confecção de aproximadamente oito mil dossiês devidamente separados por escola;

---

<sup>21</sup> O movimento dos Annales contribuiu para a ampliação da noção de documento, não mais só os escritos, mas a tudo aquilo que revela o passado humano, fruto da ação do homem nos seus mais diversos suportes: objetos variados, quadros, etc. O documento, que tinha o significado de prova, passa a ser considerado monumento (perpetua ou evoca o passado), quando utilizado pelo historiador (Le Goff, 1996, p. 535, 536, 546).

- Elaboração de mais de 2.300 (duas mil e trezentas) Atas de Resultado Finais, com divisão de notas para obtenção da média final de cada disciplina, em ordem cronológica de ano, de forma coesa, para que qualquer pessoa que venha a desempenhar a função dentro do arquivo consiga atender, com presteza, a quem necessitar;
- As Atas de Resultado Finais foram catalogadas em 12 (doze) livros em ordem alfabética, constando a relação dos alunos e o histórico de cada Unidade Escolar;
- A documentação antiga foi catalogada e encadernada em espiral, contendo a sequência de ano, ordem alfabética das escolas, relatórios de matrículas e notas originais para apuração fidedigna do trabalho realizado, a quem possa interessar;
- As Atas de Resultados Finais foram classificadas em Livros próprios classificados em ordem alfabética.
- Criação do Livro nº 13, que relata a História de cada Unidade Escolar do Ensino Rural, classificando por regiões;
- Criação do Livro nº 14, que possibilita a prestação de informações sobre quais e quantas Unidades Escolares o aluno estudou, totalizando em 24.349 (vinte e quatro mil, trezentos e quarenta e nove) alunos;
- Foi criado o Livro nº 15, que relata os nomes dos alunos e seus dossiês, com os números de registro e box que se encontram, ressaltando que aproximadamente 8.000 (oito mil) alunos que já tinham passado por mais de uma escola e possuíam mais de um dossiê, foi unificado, o que fez cair para aproximadamente 6.200 (seis mil e duzentos o número de dossiês);
- Criou-se também o Livro nº 16 com a relação das Unidades Escolares Rurais Extintas e em Atividades, contendo endereço, rol de professores e anos de atuação;
- O Livro nº 17 foi criado para prestar informações sobre quais e quantas Unidades Escolares o professor lecionou no período de 1969 a 2009;
- No Livro nº 18 consta a relação das Unidades Escolares Extintas e em Atividades com as devidas Leis de criação, Denominações, Resoluções, Portarias, localidades e fotocópias das mesmas até o ano de 2009.

Nas décadas de 1970 e 1980 existiu um grande número de escolas rurais no município, porém, a maioria foi extinta, conforme se pode verificar no quadro 04. A extinção de escolas municipais rurais reflete as ações adotadas pela Prefeitura Municipal

nos últimos anos. No ano de 2003, a Portaria nº 076 estabeleceu a nucleação das unidades escolares da zona rural da Secretaria Municipal de Educação, com o objetivo de reduzir o uso dos recursos financeiros, fechando cinco (5) escolas em um curto período de tempo.

Os dados do quadro 04 mostram que na década de 1970 foram criadas 134 escolas e extintas 85. De acordo com informações obtidas no setor de registro das escolas criadas e extintas da Secretaria de Municipal da Educação de Rio Verde, esse número alto de escolas criadas na década de 1970 deve-se ao fato de que as documentações das escolas criadas anteriormente, e que estavam em funcionamento, foram computadas nesse período. Contudo, é importante destacar que nessa década, estavam em atividade mais de 50 escolas rurais. A realidade altera-se nas décadas de 1980, quando foram criadas 33 escolas e 34 fechadas, e na década de 1990, quando foram criadas 24 escolas e 37 extintas.

Quadro 02 – Relação das escolas municipais rurais criadas e extintas

<b>ANO</b>	<b>ESCOLAS CRIADAS</b>	<b>ESCOLAS EXTINTAS</b>
1969	1	0
1970	2	0
1971	61	8
1972	18	13
1973	12	8
1974	15	11
1975	10	7
1976	9	16
1977	4	14
1978	3	5
1979	0	3
1980	1	3
1981	1	5
1982	4	5
1983	4	2
1984	3	0
1985	3	5
1986	6	3
1987	3	1
1988	5	8
1989	3	1
1990	9	2
1991	1	7
1992	2	6
1993	2	2
1994	1	5
1995	1	3
1996	5	4
1997	3	1
1998	0	5
1999	0	2
2000	0	8

2001	0	10
2002	0	5
2003	0	1
2004	0	0
2005	0	0
2006	0	0
2007	1	3
2008	1	1
2009	0	0
2010	0	1
Total	194	184

Fonte: Arquivos da Secretaria Municipal de Rio Verde-GO. Dados obtidos em abril/2015.

O fechamento de muitas escolas, a partir da década de 1980, esteve ligado à questão da migração campo cidade, pois a redução de parcelas significativas da população rural no município provocou diminuição do número de educandos. Reduziu-se, também, a população rural em valores absolutos; em 1970, havia 28.770 pessoas no rural e em 1980, a população rural era de 19.158 pessoas. Também houve redução em valores relativos; em 1970, a 56 população rural representava 51,6% da população total do município, e em 1980, a população rural correspondia a 25,7% da população total. (CUNHA RIBEIRO. 2015, p. 56)

O poder público, aproveitando essa situação acabou extinguindo muitas escolas e promovendo a nucleação, ou seja, extinguiu as escolas menores e ampliava a estrutura das maiores. Apesar da redução do número de escolas trazer consequências negativas, a criação de escolas nucleadas no campo permitiu a oferta de vários níveis de ensino em um mesmo local.

Na perspectiva de reconceber o campo, mesmo que a nucleação das escolas no espaço da cidade tenha feito estragos, poderá, ao ser recolocada, permitir que se oferte desde a Educação Infantil até o Ensino Fundamental e Médio, no espaço do campo. Normalmente, nestas escolas é ofertado somente o primeiro segmento do Ensino Fundamental, pelo número reduzido de educandos, pois com o êxodo rural, principalmente da juventude, gera-se um esvaziamento das comunidades onde ficam apenas famílias com pessoas idosas, refletindo diretamente na educação. (GHEDINI et al., 2010, p. 115).

A principal consequência negativa da nucleação é o aumento da distância entre a unidade escolar e a residência dos alunos. Apesar de ser ofertado transporte escolar para os alunos do rural no município de Rio Verde, alguns passam longos períodos dentro dos

ônibus escolares. Outro problema é a dificuldade para os pais acompanharem a vida escolar dos filhos, pois o transporte é oferecido apenas para os alunos. Assim, se um pai ou uma mãe precisar ir à escola, precisará se deslocar por grandes distâncias. (CUNHA RIBEIRO. 2015, p. 57)

Outro motivo, não diretamente ligados à diminuição da população rural, contribuíram para o fechamento de muitas escolas rurais no município. O imaginário de que o urbano é o moderno, e representa o futuro, e a população do campo é insignificante, inibiu investimentos em várias escolas. Contudo, a superação do urbano pelo rural é parcial e, como afirma Clemente (2011), o urbano não se expandirá a ponto de fazer com que o rural desapareça por completo, apesar de ser inegável a hegemonia do urbano sobre o rural.

Observamos que a organização da documentação facilitou a elaboração e exatidão de certidões e históricos escolares aos que tem recorrido ao departamento de arquivo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO em busca de documentos que comprovem o percurso em que estiveram nas Unidades Escolares do Ensino Rural.

Pela leitura da documentação referente ao período investigado, constatou-se a existência de diversos problemas relacionados à educação escolar municipal rural. Sendo que um dos mais criticados era aquele relativo à falta de infraestrutura das escolas rurais onde atuavam os professores do município, pois os investimentos públicos não eram suficientes para construir edifícios específicos onde pudessem ser ministradas as aulas e tampouco para conservar e readequar a estrutura já existente. Em função disso, improvisavam-se salas de aula em lugares totalmente inadequados, tais como: ranchos de palha e em cômodos pequenos, insalubres, mal iluminados e desconfortáveis. Além de as instalações apresentarem um péssimo estado de conservação, havia também o problema de ser algumas escolas instaladas no mesmo edifício onde residiam famílias, resultando na mais completa ausência de privacidade para os alunos, professores e para os habitantes da casa escola. (BRANDÃO, 1983).

Conforme consta no apêndice M – Memorando da SME 052/2013, desse período até o ano de 2013 três outras escolas foram extintas devido estarem paralisadas há mais de três anos, sendo EMREF Alfredo Ferreira de Castro, EMREF Orcalino Ferreira Guimarães e EMREF Recanto do Futuro. Após esta data nenhuma outra escola foi extinta.

Segundo informações da Secretaria Municipal de Educação, os proprietários rurais criavam escolas improvisadas em suas próprias residências para atender uma

demanda emergencial. Assim que não necessitavam mais, a escola era fechada. Devido ao grande número de escolas rurais, não havia recursos suficientes para que tivessem infraestrutura física e pedagógica, o que também contribuiu para o grande número de escolas fechadas, sendo realizado o que se chama processo de nucleação, já referido neste capítulo.

Tais dados deixam entrever algumas diferenças e similaridades entre os projetos políticos de criação e fechamento das escolas rurais/do campo.

### CAPÍTULO III – TEMPOS E ESPAÇOS PARA RECOMPOR MEMÓRIAS

A história se faz com documentos escritos, quando existem. Mas ela pode e deve ser feita com toda a engenhosidade do historiador.... Com palavras e sinais. Paisagens e telhas. Formas de campos e ervas daninhas. Eclipses lunares e cordas de atrelagem. Análises de pedras pelos geólogos e de espadas de metal pelos químicos. Febvre.

O perfil de análise deste capítulo está em conformidade com as ideias de Febvre (1985), pois define a maneira de se abordar questões relacionadas ao arquivo e a memória dos sujeitos que participaram do processo de criação e institucionalização da EMREF Água Mansa Coqueiros.

Conhecedores de que há muito a Ciência Histórica deixou de ser simples colecionadora de fatos e passou ao entendimento de que seus trabalhos estão direcionados a um esforço de compreensão das ações humanas do passado, o historiador seleciona, analisa e reconstrói histórias, recheando de sentido os fatos que elegeu para esclarecer sua proposta.

Portanto, ao pensar no corpus escrito e oral da pesquisa, há uma preocupação em definir o que vem a ser fonte histórica. O termo mais clássico para conceituar a fonte histórica é documento. Palavra, no entanto, que, devido às concepções da escola metódica, ou positivista, está atrelada a uma gama de ideias preconcebidas, significando não apenas o registro escrito, mas principalmente o registro oficial. Vestígio é a palavra atualmente preferida pelos historiadores que defendem que a fonte histórica é mais do que o documento oficial: que os mitos, a fala, o cinema, a literatura, tudo isso, como produtos humanos, torna-se fonte para o conhecimento da história”. (SILVA; SILVA, 2009, p. 158).

A ideia que temos acerca de fonte histórica pode ser classificada de diversas formas, por exemplo: fontes visuais, fontes audiovisuais, fontes sonoras, fontes escritas, fontes impressas, fontes digitais, etc., porém preferi estruturar minha pesquisa em duas partes, sendo o corpus escrito e o corpus oral.

Assim nosso objetivo é refletir sobre as fontes que compõem o corpus escrito e oral da pesquisa, levando em consideração, a legislação, o arquivo da Secretaria

Municipal de Educação de Rio Verde, o arquivo da unidade escolar e as memórias individuais e coletivas dos vários sujeitos que compõem este cenário.

### **3.1 CONHECENDO RIO VERDE- GO**

Quando reflito sobre a importância da memória na construção da história local e o valor de suas peculiaridades e a possível implicação destas na formação das identidades e, conseqüentemente, no desenvolvimento de uma consciência cidadã, me vem à mente evidências do meu interesse que remontam à minha trajetória pessoal e profissional no município de Rio Verde- GO.

O campo da historiografia da educação no Brasil conta, segundo Saviani (2004), com pouco mais de meio século de existência. A priori é possível inferir que as mudanças em curso ao longo da primeira metade do século XX no Estado de Goiás, tais como a substituição de uma economia mineradora por uma de base agropastoril, implantação da estrada de ferro, a transferência da capital, a Marcha para Oeste, e o incentivo governamental à ocupação das terras do Centro-Oeste contribuíram para uma transformação no que concerne às políticas voltadas à instrução pública no Estado de Goiás.

No que tange à educação, o sistema educacional de Goiás era bastante incipiente, havia obrigatoriedade de escolarização para as crianças com idades de 7 a 14 anos, que deveriam frequentar escolas públicas ou particulares, ou ainda, serem instruídas em casa por suas famílias. Segundo Silva (1975), o provimento do ensino em família, figura na história da educação em Goiás como uma modalidade de instrução elementar que prevalece nas duas primeiras décadas do século XX, configurando-se como uma “verdadeira instituição” (p. 50). A autora registra que essa modalidade se tornou uma característica do ensino nas zonas rurais em Goiás, nas quais o professor, designado como mestre-escola, recebia uma mensalidade referente ao ensino ministrado a cada aluno.

Sobre os anos iniciais do século XX em Goiás, Silva (1975) destaca que o desenvolvimento de um sistema de ensino público era dificultado por fatores como: baixa remuneração dos professores, evasão escolar, isolamento da capital de Goiás em relação aos grandes centros e aos povoados do interior do Estado, desqualificação docente, desorganização didático-administrativa e minguados recursos a serem destinados à

instrução pelos cofres públicos, fatores que levavam inúmeras vezes à supressão de escolas. De acordo com Silva (1975, p. 47)

Nada parecia favorecer ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino vigente, nem mesmo as sucessivas reformas que amiúde ocorriam. Inúmeras foram as administrações que se empenharam em elaborar um regulamento da instrução ou modificar o existente. Medidas louváveis houve, como a criação do Lycêo, do Seminário Episcopal e a abertura de uma Escola Normal. Foram empreendimentos pioneiros de especial significado, lançando sementes das quais germinariam muitos dos benefícios futuros. Na realidade, porém, o ensino somente sofreria um impulso considerável após as duas primeiras décadas do século XX, quando a melhoria das vias de comunicação permitiria que, paulatinamente, se aproximasse Goiás do resto do País.

No que concerne à interferência de ideias oriundas de outros Estados da federação referentes a métodos e processos de ensino, pode-se dizer que Goiás contou fortemente com a influência dos Estados de São Paulo e Minas Gerais.

O padrão das escolas paulista e mineira prevaleceu desde os primeiros tempos, fato que encontra explicação na própria incipiência educacional de Goiás (impotente ainda para tentar o seu modelo) e no renome que, entre nós, usufruía o ensino daqueles Estados (SILVA, 1975, p. 238).

É possível supor que essa influência apresente relação com a hegemonia econômica e cultural do Estado de São Paulo sobre os outros Estados. Essa é uma hipótese apontada por Saviani (2004, p. 23), que afirma:

Considerando-se que o estado de São Paulo detinha a hegemonia econômica, dada sua condição de principal produtor e exportador de café e, com a República, alcançou também a hegemonia política posta em prática com a ‘política dos governadores’, a ele coube dar a largada no processo de organização e implantação da instrução pública, em sentido próprio, o que se empreendeu por meio de uma reforma ampla da instrução herdada do período imperial.

A influência do pensamento paulista pode ser interpretada, de certa forma, como uma tentativa de reorganização do sistema de ensino em Goiás. Os documentos

evidenciam<sup>22</sup> que ao final da década de 1920, houve um acordo entre os governos de Goiás e São Paulo, que culminou com a diligência de um grupo, de técnicos em formação de professores, que veio ao Estado de Goiás encarregado de assumir por um período de dez meses a administração da Escola Normal e reformar o ensino normal e o ensino primário estaduais. O episódio que marca a vinda desses professores ao Estado, no ano de 1929, é conhecido como Missão Pedagógica Paulista.<sup>23</sup>

A leitura da documentação referente à Missão Pedagógica Paulista leva à compreensão de que em Goiás, os profissionais paulistas reorganizaram a Escola Normal, assentados em uma matriz psicológica da Escola Nova.<sup>24</sup>

Vale ressaltar, que esses documentos foram testemunhos de um dado período histórico, produzidos sob determinadas condições e que devem ser lidos como parte de um processo de memorização constituído no próprio tempo dos acontecimentos, não podendo ser apreendidos como expressão absoluta da verdade, mas como rastros que ajudam a reconstruir o tempo histórico, ou, dito de outra forma, colaboram para a reescrita da memória e da história da educação em Goiás.

Mendonça (2005. p. 135-136), discorre sobre a ocupação do sudoeste Goiano, que se deu no início do Século XIX com a isenção de pagamento de impostos por 10 anos pela Lei nº 11 para criadores de gado bovino e equino na região sul de Goiás. Segundo a autora, por volta do ano de 1840, chegam à região de Rio Verde, José Rodrigues de Mendonça, sua esposa, Florentina Cláudia de São Bernardo e filhos se estabeleceram a seis léguas de Rio Verde, no que viria a ser a Fazenda São Tomás.

O Arraial de Nossa Senhora das Dores do Rio Verde surgiu em 25 de agosto de 1846, quando José Rodrigues e sua mulher doaram sete sesmarias de suas terras para o patrimônio da igreja e construção de uma capela em louvor a Nossa Senhora das Dores, em 5 de agosto de 1848, através da Lei Provincial, a Vila foi elevada à categoria de Distrito de Rio Verde. De acordo com a Lei nº 08 de 6 de novembro de 1854, o povoado de Dores do Rio Verde foi elevado à categoria de Vila.

---

<sup>22</sup> Cf. Correio Oficial, nº 1.610, de 26 de setembro de 1929; nº 1.617, de 15 de outubro de 1929; nº 1.621, de 24 de outubro de 1929, e nº 1.625, de 5 de novembro de 1929.

<sup>23</sup> O grupo de profissionais designados pelo governo de São Paulo para assessorar o governo de Goiás era composto pelos professores: Humberto de Souza Leal, chefe da missão e técnico em ensino normal; José Cardoso, técnico em métodos pedagógicos e diretor de ensino; e Cícero Bueno Brandão, especialista em educação física escolar. Cf. Correio Oficial, nº 1.702, de 31 de maio de 1930.

<sup>24</sup> A Escola nova, também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX. Disponível em: <http://www.diarioliberalidade.org> Acesso em 05/11/2015.

O grande marco de arrancada para o desenvolvimento aconteceu na década de 1970. Com a abertura dos cerrados à agricultura e a chegada das estradas pavimentadas que a ligam a Goiânia e Itumbiara, a agricultura começou a florescer e atraiu produtores do Sul e do sudeste do país. Também vieram agricultores americanos que fundaram uma colônia. Todos eles trouxeram maquinários, tecnologias, recursos e experiências que transformaram o município em um dos maiores produtores de grãos de Goiás e um dos destaques do país.

Conforme imagem 03, o mapa do Brasil aponta a localização do Estado de Goiás. O Estado de Goiás está localizado na Região Centro-Oeste, tendo como Estados limítrofes, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Tocantins, Bahia, Minas Gerais e Distrito Federal. Possui 5 Mesorregiões, 18 Microrregiões 18 e 246 Municípios 246. O seu território é de 340.086 km<sup>2</sup>. Sua capital é Goiânia. De acordo com o censo de 2010 divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Goiás contava com 6 154 996 habitantes, fazendo deste o estado mais populoso da Região Centro-Oeste. Segundo estimativas do mesmo instituto, em 2015 a população atingiu 6 610 681 habitantes.



Imagem 04: Localização geográfica do Estado de Goiás

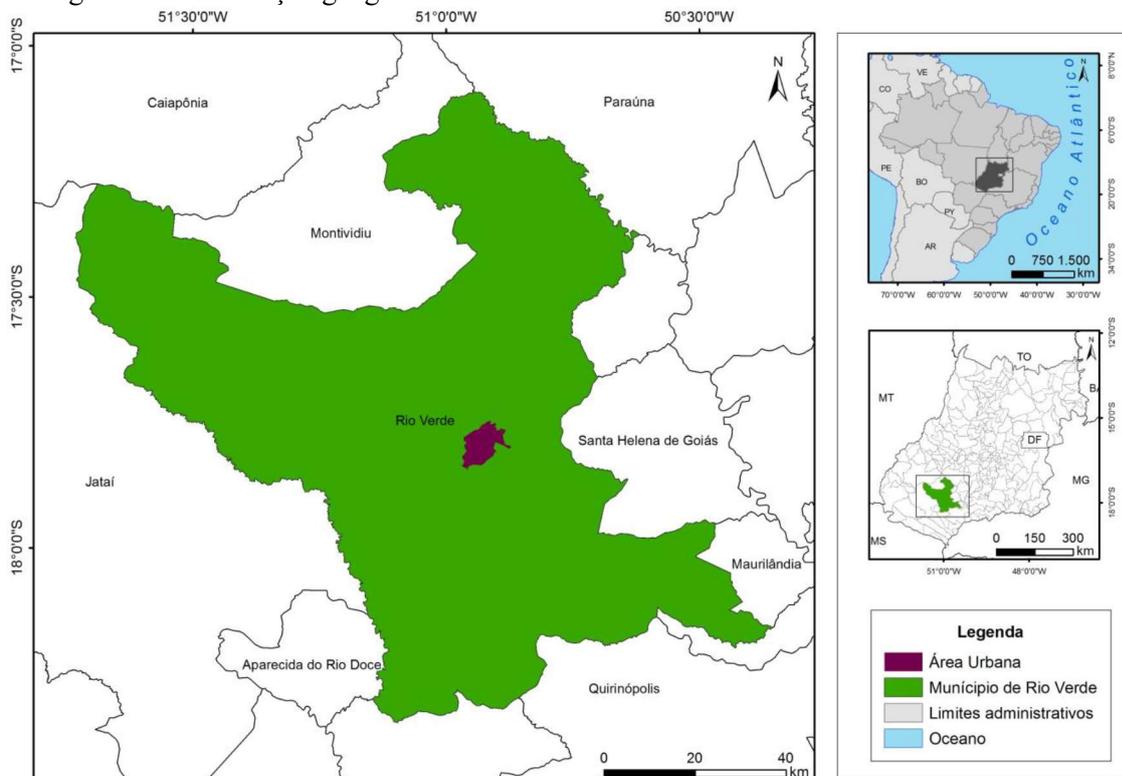
Fonte: <https://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/n/29802-mapas> Acesso: agosto/2015.

O crescimento demográfico no estado acentuou-se após a fundação das cidades de Goiânia, em 1933, e Brasília, em 1960. Atualmente a taxa de crescimento demográfico em Goiás é maior do que a média nacional brasileira. Em 2010 a densidade demográfica era de 17,20 hab./km<sup>2</sup>.

O território goiano é marcado tanto por vazios demográficos quanto por regiões de alta concentração populacional. As áreas mais densamente povoadas do estado são a Região Metropolitana de Goiânia, com cerca de 2 milhões de habitantes, Microrregião de Anápolis, com mais de meio milhão de habitantes, e o Entorno do Distrito Federal, com um pouco mais de 1 milhão de habitantes.

Na imagem 04, visualiza-se a localização geográfica do município de Rio Verde no Estado de Goiás. Rio Verde está localizado na microrregião Sudoeste do Estado de Goiás, Centro-Oeste brasileiro. A cidade fica a 220 km de Goiânia, capital do Estado, e a 420 km de Brasília, capital do Brasil. Hoje, com 8.379,661 km<sup>2</sup> de extensão territorial, sua população é de 176.424 habitantes, sendo 163.540 na área urbana e 12.884 na área rural de acordo com o último censo. A estimativa em julho 2013 apontava uma população de 197.048 habitantes (BRASIL, 2010b<sup>25</sup>).

Imagem 05: Localização geográfica de Rio Verde no Estado de Goiás



Fonte: Sistema Estadual de Geoinformação (SIEG), 2014. Org.: QUEIROZ JÚNIOR, V. S. 2014.

<sup>25</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico> Acesso: novembro 2015.

Santos (2014, p. 106) aponta que segundo o Censo do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – em 2013, a população do município de Rio Verde – Goiás, é de 197.048 habitantes, mas, em 2014, esse número já ultrapassa os 200 mil.

O aumento considerável da população de Rio Verde, no período de 1980 e 2013 (ver gráfico 2), foi devido ao crescimento acelerado de dois importantes segmentos da economia do município: agricultura e pecuária, que proporcionaram a instalação de várias empresas e, conseqüentemente, a vinda de pessoas de várias regiões do país em busca de uma oportunidade de emprego.

De acordo com o mesmo autor, a agricultura e pecuária desenvolveram muito e mostrou Rio Verde para o resto do país; grandes empresas, nacionais e multinacionais se instalaram no município e chamaram a atenção de migrantes de diversas partes do Brasil e até do exterior. Com isso, entre 2003 e 2013, classificou-se como a sétima cidade brasileira em crescimento populacional.

Através da Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento (SEGPLAN) – Instituto Mauro Borges (IMB) de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, Goiás (2014) divulga o crescimento populacional da cidade de Rio Verde-GO entre os anos de 1980 e 2013, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 2: Evolução do crescimento da população de Rio Verde/GO entre 1980/2013



Fonte: Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (2014)

De acordo com documentos históricos, nos idos do século XVIII, no ano de 1788, teve início na província de Goiás, a instrução primária, com a chegada de três professores, sendo um para Villa Boa, um para Meia-Ponte e outro para Pilar, posteriormente, vieram mais dois professores de Latim e de Retórica (ALMEIDA, 1991).

Segundo o relatório do Presidente da Província Dr. Antônio Augusto Pereira da Cunha (CUNHA NETO, 1988, P. 181), em 1857, conforme a resolução n. 10, de 9 de novembro é criada uma cadeira de instrução primária, conforme o documento Instrução Pública no anexo 1. Em 1876, temos a criação de uma escola feminina primária de primeiras letras, a qual foi fechada dois anos depois, devido à falta de frequência de alunas. Ainda de acordo com esse documento, em 1896, a lei n. 104 criava aulas de Português, Francês e Aritmética na comarca de Rio Verde.

Na década de 1920, iniciou-se a construção da escola municipal urbana, que ainda hoje, encontra-se em funcionamento, o Grupo Escolar Eugênio Jardim, em um terreno doado pela família do Senhor Laudemiro Bueno, por meio da Prefeitura Municipal de Rio Verde. A escola foi construída pelo Estado e é uma das escolas mais antigas do estado de Goiás. Seu nome foi dado em homenagem ao desembargador Senhor Eugênio Jardim, que, segundo Pires (2001, p. 80), muito lutou para sua primeira edificação, foi até o Rio de Janeiro, então capital da república, em busca de recursos para sua construção e contou com a ajuda do Presidente Dr. Epitácio Pessoa. As famílias Campos e Caiado<sup>26</sup> tiveram muita influência.

Quanto à formação administrativa, o IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>27</sup>, aponta o Distrito criado com a denominação de Rio Verde pela Lei

---

<sup>26</sup> A história política de Goiás é indissociável da saga de dois clãs rivais - os Ludovico e os Caiado. Do Império à Revolução de 30, os Caiado, tripulantes do Partido Republicano de Goiás (PRG), monopolizaram o governo. A ascensão de Getúlio Vargas trouxe no rastro a figura de Pedro Ludovico Teixeira. Um dos responsáveis pela queda da República Velha em Goiás, foi duas vezes interventor federal e duas vezes governador entre 1930 e 1954. Para impulsionar a ocupação do estado, incentivou o deslocamento dos moradores para cidades com baixa densidade demográfica. Em 1937, promoveu a mudança da capital de Goiás Velho para Goiânia. Pedro Ludovico dominou a política regional por quase 40 anos, até ser cassado, em 1969, quando estava no Senado. Três anos antes, Mauro Borges Teixeira, filho e herdeiro, tivera os direitos políticos revogados pelo regime militar. Com os velhos antagonistas afastados da cena, os Caiado retornaram sob o comando de Leonino, filiado à Arena, nomeado governador em 1971. A árvore genealógica da família, que teve em Antônio Ramos Caiado - conhecido como Totó Caiado - seu tronco mais vigoroso, ainda gera frutos: Candidato à Presidência pelo PSD em 1989, o governador Ronaldo Ramos Caiado, tenta reeleger-se neste ano. Sérgio Ramos Caiado também disputa uma vaga na Câmara. A inauguração de Brasília, que transferiu para o território goiano a capital federal, aumentou a importância política da região. O principal cacique regional desde 1960 é Joaquim Roriz, atualmente com a candidatura ao governo impugnada pela Lei da Ficha Limpa. Como todos os governadores de Brasília, também o mineiro Roriz não nasceu no Planalto Central. A capital federal do país ainda é uma cidade governada por forasteiros. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-historia-politica-do-brasil-republicano-regiao-centro-oeste> Acesso: março 2016.

<sup>27</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico> Acesso: novembro 2015.

Provincial n.º 6, de 05-08-1848. Elevado à categoria de vila com a denominação de Rio Verde pela Lei Provincial n.º 8, de 06-11-1854, sendo desmembrado de Goiás e tendo como sede a povoação do Rio Verde.

Constituído do distrito sede e instalado em 26-09-1862. Pela Lei ou Resolução Provincial n.º 1, de 05-11-1855, é criado o distrito de Torres do Rio Bonito e anexado ao município de Rio Verde. Pela Lei ou Resolução Provincial n.º 508, de 29-07-1873, é desmembrado de Rio Verde o distrito de Torres do Rio Bonito, elevado à categoria de Vila. A vila de Rio Verde é elevada à condição de cidade, com a denominação de Rio Verde, pela Lei Provincial n.º 670, de 31-07-1882. Pela Lei Provincial n.º 603, de 29-07-1879, é criado o distrito de Abadia da Paraíba e anexado ao município de Rio Verde. Pela Lei Municipal n.º 35, de 28-11-1907, é criado o distrito de Chapadão e anexado ao município de Rio Verde. Nos quadros do Recenseamento Geral de 1-IX-1920, o município aparece constituído de 3 distritos: Rio Verde, Capelinha e Chapadão. Não figurando o distrito de Abadia de Paranaíba.

O IBGE assegura que pelo Decreto Municipal n.º 23, de 24-02-1931, é criado o distrito de Cachoeira Alta e anexado ao município de Rio Verde. Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município aparece constituído de 4 distritos: Rio Verde, Cachoeira Alta, Chapadão e Quirinópolis. Não figurando de Capelinha. Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, o município aparece constituído de 4 distritos: Rio Verde, Cachoeira, Chapadão e Quirinópolis. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 1.233, de 31-10-1938, o distrito de Chapadão passou a denominar-se Montividiu.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 4 distritos: Rio Verde, Cachoeira, Montividiu e Quirinópolis. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 8.305, de 31-12-1943, é criado o distrito de Ipeguari e anexado ao município de Rio Verde. Sob o mesmo Decreto, é desmembrado do município de Rio Verde o distrito de Quirinópolis, elevado à categoria de município. No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o município é constituído de 4 distritos: Rio Verde, Cachoeira Alta, Ipeguari e Montividiu. Pela Lei Estadual n.º 191, de 20-10-1948, desmembra do município de Rio Verde o distrito de Ipeguari. Elevado à categoria de município com a denominação de Santa Helena de Goiás.

Os dados do IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <sup>28</sup>demonstram que em divisão territorial datada de 1-VII-1950, o município é constituído de 3 distritos: Rio Verde, Cachoeira Alta e Montividiu. Pela Lei Municipal n.º 353, de 19-01-1953, é criado o distrito de Garimpo do Rio Verdão ex-localidade e anexado ao município de Rio Verde. Pela Lei Estadual n.º 954, de 13-11-1953, complementada pela Lei Estadual n.º 1.274, de 14-12-1953, desmembra do município de Rio Verde o distrito de Cachoeira Alta. Elevado à categoria de município. Pela Lei Municipal n.º 354, de 19-01-1959, é criado o distrito de Ouroana e anexado ao município de Rio Verde.

Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 4 distritos: Rio Verde, Garimpo do Rio Verdão, Montividiu e Ouroana. Pelo Decreto Municipal n.º 499, de 18-11-1961, é criado o distrito de Riverlândia e anexado ao município de Rio Verde. Pelo Decreto Municipal n.º 549, de 14-09-1962, é criado o distrito de Santo Antônio da Barra e anexado ao município de Rio Verde. Pela Lei Municipal n.º 361, de 15-01-1963, é criado o distrito de Castelândia e anexado ao município de Rio Verde. Pela Lei Estadual n.º 4.925, de 14-11-1963, é desmembrado do município de Rio Verde o distrito de Garimpo do Rio Verdão. Elevado à categoria de município com a denominação de Maurilândia. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 6 distritos: Rio Verde, Castelândia, Montividiu, Ouroana, Riverlândia e Santo Antônio da Barra.

Segundo os dados do IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística <sup>29</sup>pela Lei Estadual n.º 8.111, de 14-05-1976, o distrito de Castelândia deixa de pertencer ao município de Rio Verde para ser anexado ao município de Maurilândia. Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o município é constituído de 5 distritos: Rio Verde, Montividiu, Ouroana, Riverlândia e Santo Antônio da Barra.

Pelo Acórdão do Superior Tribunal, de 21-08-1980, Rio Verde adquiriu do município de Maurilândia o distrito de Castelândia. Em divisão territorial datada de 1-VII-1983, o município é constituído de 6 distritos: Rio Verde, Castelândia, Montividiu, Ouroana, Riverlândia e Santo Antônio da Barra. Pela Lei Estadual n.º 10.393, de 30-12-1987, é desmembrado do município de Rio Verde o distrito de Montividiu, elevado à categoria de município.

Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído de 5 distritos: Rio Verde, Castelândia, Ouroana, Riverlândia e Santo Antônio da Barra. Pela Lei Estadual

---

<sup>28</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico> Acesso: novembro 2015.

<sup>29</sup> Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico> Acesso: novembro 2015.

n.º 11.400, de 16-01-1991, é desmembrado do município de Rio Verde o distrito de Castelândia, elevado à categoria de município. Pela Lei Estadual n.º 11.703, de 29-04-1992, é desmembrado do município de Rio Verde o distrito de Santo Antônio da Barra Alta, elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 1995 o município é constituído de 3 distritos: Rio Verde, Ouroana e Riverlândia. Pela Lei Municipal n.º 3.063, de 08-03-1994, é criado o distrito de Lagoa do Bauzinho e anexado ao município de Rio Verde. Em divisão territorial datada de 2003 o município é constituído de 4 distritos: Rio Verde, Lagoa do Bauzinho, Ouroana e Riverlândia. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2014.

Para Santos (2014, p. 8), Rio Verde se consolidou como a capital do agronegócio um pouco antes de 2010, haja vista que o crescimento econômico do agronegócio gerou renda que ajudou alavancar outros setores da economia.

Acerca da infraestrutura que Rio Verde dispõe para essas empresas, Santos (2014) descreve que

O município de Rio Verde é cortado por duas importantes rodovias federais: a BR-060 que liga Brasília, no Distrito Federal à Bela Vista, no Mato Grosso do Sul, passando por Jataí, Chapadão do Sul, Campo Grande e Sidrolândia, entre outras cidades e, a BR-452, que liga Rio Verde a Araxá, em Minas Gerais, passando por Itumbiara-GO e Uberlândia. O município conta ainda com a GO-174 cortando a região no sentido norte-sul e é o corredor pelo qual a produção de grãos de Rio Verde alcança São Simão, onde está localizado o porto goiano da Hidrovia Paranaíba-Tietê-Paraná. Este, considerado um dos modais mais baratos para o transporte de commodities, é de extrema importância não só para a economia goiana, como para a integração do centro-sul com os países do MERCOSUL. Como infraestrutura, Rio Verde ainda possui aeroporto com pista asfaltada com 1.500 x 30 metros de extensão, com balizamento noturno e terminal de passageiros. O município possui quatro distritos industriais municipais e dois estaduais prontos para receber novas indústrias, além de haver estudos em andamento, para a implantação de outro distrito. SANTOS (2014, p. 16)

Com toda essa infraestrutura disponível, aliada aos incentivos fiscais dados às empresas e o grande potencial na agricultura e pecuária, fica fácil de entender porque a cidade de Rio Verde-GO é considerada a capital do agronegócio e a quarta maior economia do Estado de Goiás.

Para Borges (2006), o crescimento econômico do Sudoeste Goiano esteve ligado inicialmente à criação de gado e, a partir da década de 1970, ganhou destaque a agricultura, que adotou técnicas modernas de cultivo ligadas à Revolução Verde. Ainda

de acordo com o autor, foram estruturados, na região, dois Complexos Agroindustriais (CAI): da soja e de carnes.

O município de Rio Verde (GO) é o pioneiro no processo da agro industrialização da soja no Estado de Goiás. A criação da cooperativa COMIGO, em 1975, possibilitou o esmagamento de soja já na década de 1980, quando a cooperativa passou a investir na industrialização, como afirma Gonçalves (2008):

Em 1982, a COMIGO inaugurou um novo ramo de negócio em Goiás, sendo a primeira indústria de esmagamento de soja no Estado. Inicialmente os subprodutos do processo industrial eram óleo bruto e farelo. Em 1984, foi inaugurada a refinaria que passou a produzir óleo de soja refinado, e na segunda metade dos anos de 1980, entrou em atividade a fábrica de sabão que aproveita resíduos do processo de industrialização da soja (GONÇALES, 2008, p. 122).

Em 1982, a COMIGO inaugurou um novo ramo de negócio em Goiás, sendo a primeira indústria de esmagamento de soja no Estado. Inicialmente os subprodutos do processo industrial eram óleo bruto e farelo. Em 1984, foi inaugurada a refinaria que passou a produzir óleo de soja refinado, e na segunda metade dos anos de 1980, entrou em atividade a fábrica de sabão que aproveita resíduos do processo de industrialização da soja (GONÇALES, 2008, p. 122).

Na década de 1990, a Perdigão instala um frigorífico para o processamento de carnes no município. A chegada da Perdigão – atual BR Foods – gerou alguns milhares de empregos e atraiu muitos migrantes. Houve incremento significativo da população a partir de 2000, quando o frigorífico iniciou o abate de aves e suínos. Nesse período, a empresa contratou uma grande quantidade de trabalhadores, contribuindo para a atração de mais pessoas para o município.

O pioneirismo na instalação de agroindústrias em Rio Verde (GO) não impediu a existência de graves problemas sociais. De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), utilizando os dados do Censo IBGE 2010, foram encontradas 7.034 pessoas em situação de extrema pobreza, ou seja, com renda domiciliar per capita abaixo de R\$ 70,00. Isto significa que 4,0% da população municipal viviam nesta situação. Do total de extremamente pobres, 545 (7,7%) viviam no meio rural e 6.489 (92,3%) no meio urbano.

### 3.2 OS NARRADORES DA ESCOLA MUNICIPAL RURAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ÁGUA MANSA COQUEIROS

A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma. (BOSI, 1994 p. 88)

O verbo transitivo narrar vem do latim *narrare*, significa expor, contar, relatar, referir, dizer. Significa, pôr em memória, registrar, historiar<sup>30</sup>. Nesse prisma, o narrador é aquele que ocupa o lugar de sujeito da experiência trazendo a sabedoria em forma de narrativa sobre tempos, lugares, espaços e eventos recompostos pelo trabalho das memórias.

Entendemos a narrativa na perspectiva de Benjamim (1994). Para esse autor, a narrativa constitui-se num exercício de contar, dizer, falar, não o presente, mas, o vivido, o experienciado. Mas se surge a pergunta por que utilizar narrativa? Trazemos o autor para explicar:

A narrativa [...] é, por assim dizer, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. [...] (BENJAMIN, 1994, p. 69).

As narrativas mostram-se carregadas da subjetividade de quem as narra, uma vez que o narrador, segundo Benjamim (1994, p. 66) “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”; ou seja, “o narrador vence distâncias e volta para contar suas aventuras num cantinho do mundo onde suas peripécias têm significação” (BOSI, 1994, p. 84).

Compreende-se a memória não como um reservatório no qual as pessoas se voltam sempre que querem se lembrar de algo. O ato de rememorar, segundo (BOSI, 1994), é um trabalho que é feito constantemente, pois, assim como a pessoa que lembra muda as suas lembranças também mudam. Rememorar é reler, a partir do presente, experiências

---

<sup>30</sup>Disponível em: <http://www.lexico.pt/narrar/> Acesso em: novembro 2015.

vividas em outros tempos. Sendo assim, as possíveis contradições constatadas nas narrativas dos sujeitos envolvidos na História e Memória da EMREF Água Mansa Coqueiros são demonstrativas desse trabalho de memória, em que os tempos se interpenetram, como pontua Bosi,

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, tal como foi, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55)

Pelo mesmo viés, as leituras de mundo jamais serão imparciais, neutras, visto que são influenciadas pelos valores e classificações sociais elaborados no interior do grupo social ao qual se pertence.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Desse modo, é fundamental não deixar de levar em conta, nas falas dos entrevistados, de que lugar social eles estão falando. Traçar um perfil desses entrevistados auxiliou na compreensão de suas representações acerca do conhecimento histórico.

As entrevistas com os sujeitos que fizeram e ainda fazem parte da história e memória da EMREF Água Mansa Coqueiros aconteceram basicamente de forma individualizada.

Alberti (2013, p. 173), evidencia seu raciocínio segundo o qual nos casos de entrevistas temáticas, nas quais o depoente é solicitado a falar apenas sobre determinado tema, um conhecimento exaustivo de sua biografia pode não ser tão relevante. Mas tanto em um caso como no outro devem-se considerar os dados biográficos do entrevistado

quando da elaboração do roteiro da entrevista, a fim de obter melhores resultados no momento de sua realização.

O quadro 05 sintetiza as informações identitárias dos narradores.

Quadro 03: Síntese das informações identitárias dos narradores.

Nome/dados biográficos	Idade	Local de nascimento	Profissão Atual	Experiências culturais
Zélia Ferreira de Andrade	67	Jataí-GO	Estudante	Catequista, costureira, professora leiga
Afonso Lázaro do Couto	72	Rio Verde-GO	Motorista/Aposentado	Pequeno agricultor, motorista de taxi e de transporte escolar rural, vigia, irmã e filha professoras
Neusa Lopes Dias	56	Rio Verde-GO	Professora	Festividades religiosas na zona rural
Márcia Salustiano Carvalho Leão	47	Ituiutaba-GO	Professora	Leitura, pintura em tela e tecido
Jonas Nunes do Couto	29	Rio Verde-GO	Vendedor	Foi motorista, hoje vendedor, irmãs professoras
Simone Oliveira Ribeiro de Pinho	39	Rio Verde-GO	Cuidadora	Foi a segunda professora da escola
Luci Meire de Oliveira	45	Caçu-GO	Professora	Sempre atuou como professora rural
Telma Fátima C. de Oliveira	46	Rio Verde-GO	Do lar	Foi professora da escola
Itor Martins Ribeiro	70	Cacheira Alta-GO	Carpinteiro	Proprietário da fazenda onde a escola funcionou por 03 anos
Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro	63	Aparecida do Rio Doce-GO	Do lar	Foi a primeira merendeira da escola, atuando por 12 anos

Fonte: Caderno de campo da autora. Início: fevereiro/2014. Término: junho/2016.

O quadro 06 sintetiza as experiências dos narradores em relação à escola, baseado em seus depoimentos.

Quadro 04: Síntese das experiências dos narradores em relação à escola.

Nome/dados biográficos	Tipo de envolvimento com a escola	Condições de trabalho/ Infraestrutura	Material de apoio	Principais lembranças/ o que marcou
Zélia Ferreira de Andrade	Pioneira na criação e implantação da escola	Lecionava na varanda de sua casa	Cadernos, quadro, giz e livros usados	Eu sou uma senhorinha muito feliz, muito alegre, muito participante na minha cidade e amo o que eu fiz.
Afonso Lázaro do Couto	Pai de aluno, primeiro a doar o quadro negro e guarda escolar	Regulares	Regulares	Valeu a pena, se fosse para viver de novo iria com certeza. As crianças ensinam a gente. A reivindicação deles é um ensinamento.
Neusa Lopes Dias	Professora por dois anos na atual escola, em local provisório	Precárias (escola funcionando num paiol)	Livro didático do professor, quadro, giz, natureza	Os momentos em que as crianças aguardavam o transporte ou os pais, brincando no campinho ou no córrego.
Márcia Salustiano Carvalho Leão	Professora desde o ano de 2003	Satisfatórias	No início mimeógrafo, hoje jogos diversos	Meu aluno Jonathan foi o melhor de Rio Verde e foi para a etapa estadual, passou e foi para Brasília.
Jonas Nunes do Couto	Ex-aluno	Precárias (escola de pau a pique)	Quadro, livro	No início das aulas a gente fazia uma oração.
Simone Oliveira Ribeiro de Pinho	Ex-professora	Precárias (escola de pau a pique)	Quadro, livro, giz	As dificuldades nas horas da chuva, passamos muito sufoco...
Luci Meire de Oliveira	Professora desde 2002	Boas	Quadro, livros, brinquedos pedagógicos	Nós convivemos mais com as famílias.
Telma Fátima C. de Oliveira	Ex-professora	Precárias, escola mudando de um lugar para o outro	Quadro, livro, giz	Incerteza, sem local definitivo para a escola.
Itor Martins Ribeiro	Ex-pai de aluno	Precárias	Precários	Feliz por ter lutado pela escola.
Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro	Ex-merendeira e mãe de aluno	Regulares	Regulares	Saudades das crianças.

Fonte: Caderno de campo da autora. Início: fevereiro/2014. Término: junho/2016.

A senhora Zélia Ferreira de Andrade foi a pioneira na criação e implantação da EMREF Água Mansa Coqueiros. Ela nasceu no município de Jataí, em 03/09/1948. Tudo começou no ano de 1996 quando ficou sensibilizada ao conhecer três crianças órfãs de mãe com idades entre cinco e treze anos que além de carentes de recursos financeiros e afetivos, também nunca haviam frequentado uma escola. Então, em 1997, começou com os poucos recursos que dispunha a lecionar para essas três crianças.



Foto 05: Zélia Ferreira de Andrade. Ano: 2013.  
Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

Segundo a depoente, fazia questão de dar aula e educar, dar carinho, cortar a unha, lavar a cabeça, socializá-los com as pessoas. No decorrer do ano letivo, a notícia de que estava lecionando foi se espalhando pela região, foi então que a escola chegou ao número de dezoito alunos. Buscou ajuda junto aos órgãos públicos responsáveis sem sucesso, pois a escola precisa ser legalizada, a começar pelas matrículas, para ter direito de receber os recursos (cadernos, cartilhas e merenda escolar). Abaixo consta a lista original de matrículas realizadas no início de 1997. Trata-se da lista com o nome dos alunos que frequentavam as aulas de Zélia, conforme anexos nº 03, 04 e 05.

De acordo com o depoimento abaixo, Zélia pediu ajuda a algumas pessoas de Rio Verde e até de Quirinópolis, onde residia sua filha. Tendo condições de trabalhar com as crianças até que a escola fosse legalizada, como aponta em seu depoimento.

[...]fui visitar minha filha em Quirinópolis e ela falou: Mãe vai no prefeito daqui eles vão ajudar a senhora. E aí eu fui na assistente social, era a primeira dama que trabalhava lá. Ela me deu três volumes grandes de lanche que deu para bastante semanas, eu consegui dar lanche para essas crianças. E aí a primeira dama de Quirinópolis, Dona Maria de Fátima me parabenizou com uma carta, falando do meu ato de chegar há um lugar desconhecido, sem condição nenhuma de condução, nem de escola, não tinha como conduzir as crianças para outra escola e eu ter coragem com tão pouco juntar aquelas crianças e não dar só a aula de alfabetização, mas dar amor e carinho. Isso para mim foi muito bom. Infelizmente eu não tinha o curso completo para ser professora. Eu era uma professora leiga, mas que amava demais aquelas crianças. (Entrevista, Zélia Ferreira de Andrade. 2014)

Lombardi (2004), destaca que as fontes resultam da ação histórica do homem e, mesmo que não tenham sido produzidas com a intencionalidade de registrar a sua vida e o seu mundo, acabam testemunhando o mundo dos homens em suas relações com outros homens e com o mundo circundante.

O anexo 04 é o testemunho do momento vivenciado pela professora Zélia Ferreira de Andrade ao buscar recursos no município de Quirinópolis-GO, possibilitando, segundo Oliveira (2005, p. 3) entender o mundo e a vida dos homens, em registros construídos por homens e mulheres em diferentes contextos históricos. Zélia recebeu uma carta de elogio da primeira dama e também secretária de promoção social de Quirinópolis pela sua iniciativa e luta para implantação e manutenção da escola na região da Água Mansa, buscando recursos e doações para que as crianças pudessem estudar e lanchar. O documento sustenta a narrativa de Zélia.

Conforme analisa Oliveira (2005, p. 94), a história oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta a sua história, esta se mostra envolta em um contexto sócio histórico que deve ser considerado. Assim, Zélia Ferreira de Andrade iniciou suas atividades docentes num contexto em que o País vivia os primeiros tempos da LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, apresentando critérios para o exercício da educação básica:

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são:

I – Professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio. (BRASIL,1996)

Assim, a pioneira e primeira professora da EMREF Água Mansa Coqueiros não pode continuar suas atividades docentes, pois não possuía a qualificação mínima exigida pela legislação.

O segundo personagem dessas memórias é senhor Afonso Lázaro do Couto. Nascido em Rio Verde no dia 21 de outubro de 1942. No período de 1996 a 2000, residia na fazenda Pantanal do Rio doce, no município de Jataí, local cuja distância é de aproximadamente nove quilômetros de onde é a sede atual escola. Possuía dois filhos que precisavam estudar e como pai, lutou em parceria com a comunidade rural para criação e implementação da EMREF Água Mansa Coqueiros. O depoimento abaixo reforça o motivo pelo qual necessitava da escola.

[...] então eu precisava muito da escola, porque meus meninos tinham que estudar e eles estudavam numa escolinha no município de Aparecida do Rio Doce com muita dificuldade, indo seis quilômetros a cavalo para a escolinha. Então iria ser muito útil para mim. (Entrevista, Afonso Lázaro do Couto. 2014)



Foto 06: Afonso Lázaro do Couto. Ano: 2010.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

De acordo com suas narrativas, um de seus filhos estudou na escola no período em que a mesma transferida para uma fazenda vizinha de propriedade do senhor Itor, funcionando provisoriamente casa de madeira, paiol, até a que a sede definitiva fosse construída. O senhor Afonso é uma referência para a EMREF Água Mansa Coqueiros, pois atuou como pai, vigia, motorista e até auxiliando as crianças em tarefas de reforço. Criou vínculos de amizade e respeito.

A professora Neusa Dias de Oliveira atuou por dois anos na EMREF Água Mansa Coqueiros, de 1998 a 1999, período em funcionou provisoriamente em um paiol. A mesma nunca havia exercido a profissão, nem mesmo para substituir. Morava na região e seu esposo era motorista do transporte rural, inclusive transportando crianças da escola pesquisada. Segundo sua narrativa, a professora que estava na escola deixou as aulas e não havendo ninguém para assumir a escola corria o risco de ser fechada.

[...] meu marido era motorista, levava as crianças para a escola e eu fui convidada para trabalhar na escola. Lá eu tentei, mesmo sem ser professora e consegui dar aula para as crianças do pré-escolar até a 4ª série, como era chamado na época, sala multisseriada. (Entrevista, Neusa Dias de Oliveira. 2015)



FOTO 07: Neusa Dias de Oliveira. Ano: 1997.  
Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

De acordo com a professora Neusa, ela foi convidada pela comunidade rural, tendo como incentivadores a Dona Zélia Ferreira de Andrade (professora pioneira) e o senhor Afonso Lázaro do Couto, que junto com outros pais procuraram a Secretaria Municipal de Educação, sugerindo o seu nome. Ela recebeu dois dias de treinamento na cidade e por dois anos ministrou aulas em turma multisseriada tendo como principal apoio pedagógico o livro didático. Só deixou a escola porque seu esposo foi transferido da zona rural para a zona urbana.

Márcia Salustiano Carvalho Leão nasceu em Ituiutaba-MG no dia 31/08/1968. Iniciou sua carreira docente aos dezessete anos, indo para a EMREF Água Mansa Coqueiros em 2003. Ao longo dos anos se tornou uma referência devido ao espírito de liderança e comprometimento com a escola. Em seu depoimento aponta parte da sua trajetória na escola, bem como o que esta instituição significa para sua vida.

[...] vim substituir a colega que estava doente e surgiu a oportunidade de prestar o concurso. Prestei o concurso, passei e naquela época começaram a exigir professores graduados e foi oferecido uma bolsa de estudos para os professores. Foi minha grande oportunidade de estar retornando, agarrei com unhas e dentes, sendo uma ótima aluna. Aliei a teoria com a prática e estamos aí. [...] A escola significa um grande aprendizado. Tudo que eu sei, minhas práticas e teorias devo a esta escola, a cada pessoa que conviveu comigo, aos nossos projetos, as atividades, os pais, etc. Tudo que sei e sou devo a esta escola. (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)



Foto 08: Márcia Salustiano Carvalho Leão. Ano: 2014.  
Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

No caminho de Paul Ricoeur (1993, p. 63), narrar é contar o vivido, é colocá-lo em uma temporalidade e, assim, humanizar o tempo, alinhar os personagens, tecer uma intriga; é, ainda, transgredir o discurso oficial em busca da criação; é, sobretudo, aliar o tempo vivido ao tempo ficcionado. Com essa compreensão, o relato da professora Márcia Salustiano não deve ser entendido como mera repetição de outrora, mas também como recriação impregnada de esperanças em um tempo que por vir.

A professora Márcia reconstrói com orgulho sua trajetória, lembrando sua infância, o início no magistério, a primeira turma de alunos, a chegada à EMREF Água Mansa Coqueiros, suas experiências e convicções.

Segundo o entendimento de Delgado (2010, p. 44), as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contém a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória, alimentam-se. Narrativas, sujeitos, memórias, histórias e identidades. É a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. É a história em construção. São memórias que falam.

Portanto, a história oral, como método e prática do campo de conhecimento histórico, reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas, também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas.

Jonas Nunes do Couto é ex-aluno nasceu em Rio Verde-GO no dia 08/09/1986. Estudou na EMREF Água Mansa Coqueiros quando tinha entre 10 e 11 anos de idade. Foi aluno da professora Neusa por dois anos. Na época, as condições físicas da escola eram bastante precárias, porém afirma que o tempo em estudou na escola foi inesquecível. Alguns momentos marcaram sua infância, como a oração no início da aula, a sala multisseriada, as brincadeiras e a simplicidade. Narrou com satisfação os tempos que em estudou na zona rural, conforme narrativa abaixo.

[...]. Na época quando eu comecei lá, devia ter de 10 a 11 anos de idade, foi bem interessante, eu brincava com os meninos, jogava futebol, nadava do córrego. O mais marcante foi ter a oportunidade de estar na fazenda e brincar na minha infância. [...]. Sim, as vezes era um pouco confuso, porque a professora tinha que ensinar todos ao mesmo tempo, tinha aluno que estava em um nível melhor, mas a gente estudava, se esforçava e conseguimos. (Entrevista, Jonas Nunes do Couto. 2015)



Foto 09: Jonas Nunes do Couto. Ano: 2015.  
Fonte: Arquivo pessoal do depoente.

Em conformidade com as ideias de Meihy (2002 p. 83-84), há três tipos de narrativas de história oral, pois geralmente as falas fogem da lógica comum na linha do tempo, da sequência cronológica dos fatos, o que se observa é a existência de um tempo remoto, distante, longínquo, que poderíamos chamar de antigamente ou tempo antigo. Um segundo tempo seria o dos acontecimentos centrais e determinantes, que podemos chamar tempo das mudanças essenciais. O terceiro seria o da captação do depoimento, chamado tempo da narrativa. O tempo da narrativa é o que presentifica toda a história evocada. Quase sempre, essa fase implica o resultado da articulação lógica dos fatos encadeados no tempo antigo e no tempo dos acontecimentos.

Dessa forma, se dá a narrativa da ex-professora Simone Oliveira Ribeiro de Pinho. Nasceu no dia 24/12/1976, em Rio Verde-GO. Foi a segunda professora a exercer suas atividades na escola. Na época tinha dezenove anos e possuía o Ensino Médio completo, motivo pelo qual foi incentivada a pegar a turma. No entanto, sua formação

não era o magistério e sentiu muitas dificuldades, pois além de ser uma área que não dominava, ainda se tratava de sala multisseriada.

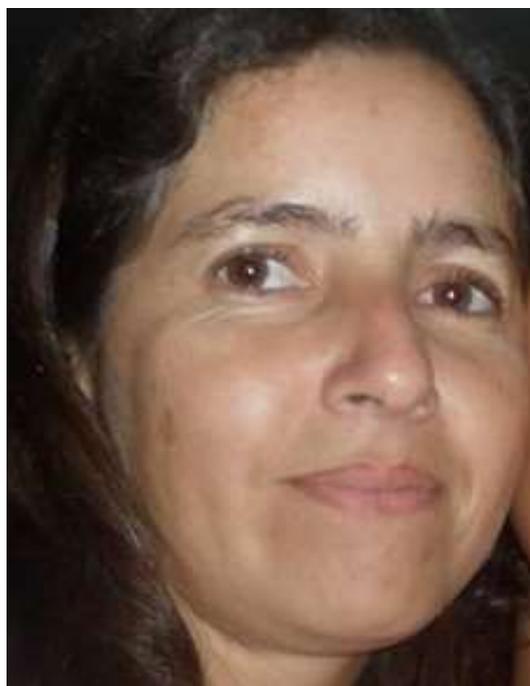


Foto 10: Simone Oliveira Ribeiro de Pinho. Ano: 2015.  
Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

[...]. Foi um desafio grande. Eu procurava colocar próximos, independentemente da idade, a alfabetização que eram meus dois primos, eu trabalhava a mesma coisa, puxando mais a de seis anos, que tinha mais maturidade. Cada dia eu preparava um material diferente para trabalhar com eles. Os da 2ª série, algumas coisas davam para adaptar junto com os da 3ª série, tentando puxar um pouco de cada lado. [...]. Era final de ano, como eu disse eles me passavam o material, mas nunca vinha o diário. E quando chegou no final do ano, não tinha feito curso de magistério, não tinha noção de como fazer. Então fui cobrada, me passaram os diários, eu tive que fechar todo aquele material dentro de poucos dias. No caso eram várias turmas, quatro diários. (Entrevista, Simone Oliveira Ribeiro de Pinho. 2015)

Simone deixa claro em suas narrativas que apesar de todas as dificuldades relacionadas aos aspectos físicos e pedagógicos, sente-se feliz por ter colaborado para a implantação da escola na região, pois segundo ela, caso não assumisse a turma, a mesma seria fechada.

A próxima narrativa é da professora Luci Meire de Oliveira. Nasceu no dia 27/03/1970 no município de Caçu-GO. Reside na Fazenda São Tomás Coqueiros,

próxima a EMREF Água Mansa Coqueiros. Acredita que se tornou professora por acaso, pois seu primeiro vestibular foi para Direito. Porém, após se casar e residir na zona rural, surgiu a oportunidade de lecionar em uma escola chamada Escola Municipal Cândida Pereira, hoje extinta. De acordo com a depoente a escola foi extinta devido as condições precárias de funcionamento, tanto estruturais quanto pedagógicas. Foi trabalhar na EMREF Água Mansa Coqueiros no ano de 2002, quando a nova sede da escola tinha acabado de ser construída e atua até o momento.



Foto 11: Luci Meire de Oliveira. Ano: 2015.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto tirada durante a entrevista.

[...]. Nunca imaginei que seria professora. Eu fiz meu ensino médio em técnico em contabilidade. Meu primeiro vestibular foi para Direito, mas não fui aprovada. Daí eu casei e fui morar na fazenda e na época precisava de uma professora e como eu tinha ensino médio completo me contrataram. Foi por acaso que comecei. Depois fiz o Proformação, porque não tinha o magistério. Em seguida a faculdade, período em que houve o concurso. Eu fiz e fui bem classificada, não me lembro se 4º ou 6º lugar para trabalhar na zona rural e aí nunca parei. [...]. A escola em que eu comecei foi extinta. Se chamava Escola Municipal Cândida Pereira. Lá tinha uma sala muito pequena, sem conforto, sem energia elétrica. A água era de cisterna, tínhamos que puxar com balde. O banheiro era aquela casinha, tipo privada, sem vaso sanitário. Trabalhava com o pré-escolar até a 4ª série, numa sala multisseriada.

Eu ficava sozinha. Eram mais ou menos 10 a 12 crianças. Eu fazia tudo. Mandavam o lanche e eu servia. Tirava a água da cisterna para as crianças lavarem as mãos e também para colocar no filtro. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira é ex-professora da EMREF Água Mansa Coqueiros, nasceu aos 20/08/1969 no município de Rio Verde-GO. Suas narrativas são marcadas por momentos de emoção, dor, saudades e também realizações. Possui os cadernos de plano de aula do tempo em que lecionou na escola, bem como cartinhas de alunos, tarefas, dentre outros. Dentre as professoras que trabalharam na escola, foi a que mais teve dificuldades devido às diversas transferências da escola de um lugar para outro, sem sede adequada e definitiva. Quando iniciou sua carreira docente possuía apenas o Ensino Fundamental completo, entretanto, iniciou seus estudos motivada pela profissão docente.



Foto 12: Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. Ano: 2015.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Foto tirada durante a entrevista.

[...]. Foi para a fazenda do meu sogro porque foi interditada, devido ao risco de cair sobre as crianças. Era de pau a pique, o telhado danificado. Então foi para um barracão na fazenda do meu sogro. Ficou de janeiro a março, uns três meses. Não pode ficar lá porque a tutora e os

responsáveis que iam visitar a escola disseram que não poderia continuar, porque eu tinha que fazer tudo, o lanche, etc.[...]. Nesta época eu nunca tinha feito curso, não sabia como era. Então minha cunhada que já era professora, hoje trabalha no Colégio Estadual Oscar Ribeiro da Cunha, que me ensinou a dar aula, fazer plano de aula. Eu tinha só a 8ª série. Ainda não tinha feito o Proformação, o magistério. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

A ex-professora Telma narrou com algumas restrições, o acidente ocorrido no dia 16/09/2012 envolvendo o micro-ônibus que fazia o transporte dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros. Um fio de alta tensão caiu sobre o veículo. Por sorte ela estava no transporte, pois havia ido substituir uma professora. Ela conseguiu retirar as crianças do micro-ônibus, antes que fossem eletrocutados. Infelizmente, o motorista e uma garotinha perderam suas vidas no acidente. O que deixou marcas profundas na ex-professora. Recebeu várias homenagens, sua casa ficou cheia por vários dias em forma de agradecimento por sua atitude. Os documentos abaixo retratam parte dessa experiência.

A imagem 09 expressa os sentimentos da professora Telma ao passar pela experiência com o acidente de ônibus, dando sustentação a sua narrativa. Do ponto de vista da história cultural, a carta abaixo possibilita desvendar vestígios relacionados a data, hora, ritmo epistolar<sup>31</sup>, tempo gasto na escrita, além da experiência pessoal do tempo.

---

<sup>31</sup> Embora as cartas se prestem aos fins mais variados, pode-se afirmar que nenhuma correspondência deixa de ser, em certa medida, uma conversa de seu autor consigo mesmo. Espécie curiosa de solilóquio, a escrita epistolar pressupõe a presença de uma ausência, um interlocutor com o qual se compartilha, à distância, certas disposições. Disponível em: <http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br> Acesso em janeiro de 2016.

Na imagem nº 06, o aluno Ryan do 2º ano do ensino fundamental expressa a ideia de trajeto realizado pelo transporte que usava diariamente. Vale ressaltar que o transporte escolar estava em boas condições de uso. O acidente ocorreu devido à queda de um fio de alta tensão sobre o ônibus.



Imagem 06: Desenho do aluno Ryan 2º ano, nos dias seguintes ao acidente, representando o trajeto com ônibus.

Fonte: Arquivo pessoal da depoente. Ano: 2011.

Uma imagem é carregada de significados, mesmo que não se saiba formulá-los adequadamente em termos discursivos ou conceituais. Pode-se estabelecer mecanismos de captura de situações, ações ou determinações sociais, econômicas, políticas e culturais em um dado contexto a partir de fontes visuais nem sempre explícitas em fontes escritas. Lehmkuhl (2010), menciona,

Para o historiador, deparar-se com imagens em meio aos documentos escolhidos para a elaboração de sua narrativa é acontecimento muitas vezes carregado de medos e desconfianças, seguido de abandono das imagens ou então da opção por utilizá-las de maneira meramente ilustrativa, em capas, folhas de rosto, entradas de capítulos, abertura de apresentações e explanações de conteúdos. Ao fazer tais escolhas, o historiador perde a oportunidade de sondar novos olhares, de penetrar em universos outros, anteriormente não explorados. Qualquer objeto de estudo, qualquer temporalidade, qualquer problemática e qualquer período são passíveis de abordagens por meio das imagens, desde que elas estejam presentes entre os documentos encontrados e/ou

escolhidos, desde que integrem o corpus documental recortado pelo historiador (LEHMKUHL, 2010, p. 55).

Nessa perspectiva, deparou-se com o documento abaixo. Percebe-se através da imagem nº 07, o quanto a professora Telma foi importante para que as vidas das crianças fossem preservadas. O corpo de bombeiros por meio de solenidade prestou homenagem à professora por sua bravura.

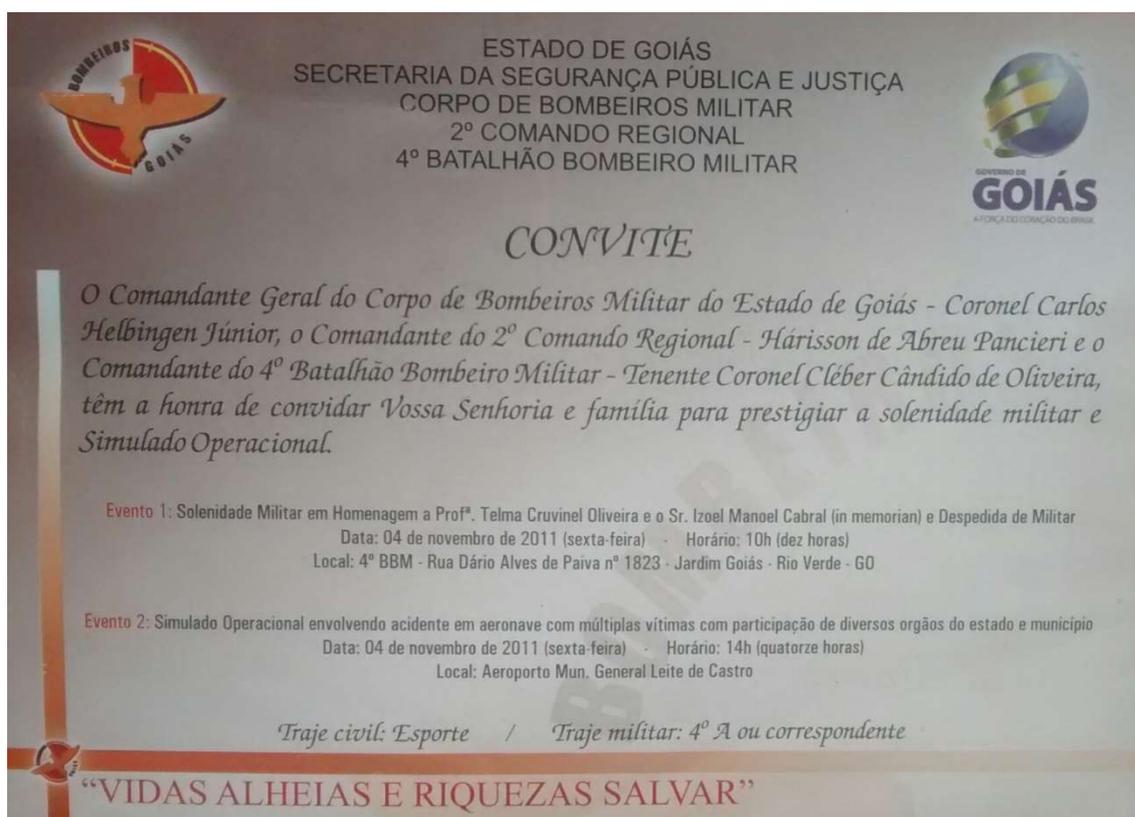


Imagem 07: Convite para solenidade da qual a depoente recebeu homenagem.  
Fonte: Arquivo pessoal da depoente. Ano: 2011.

Foi muito difícil para mim, então eu prefiro não falar. Até hoje sinto muito, apesar de já fazer mais de três anos. Ocorreu em 16 de setembro de 2012. Ontem mesmo eu estava lendo as cartas das crianças me agradecendo por ter salvado a vida delas. Até comentei com o meu sogro, eu não deveria estar assim, afinal foram duas vidas que se foram, mas se eu não estivesse lá teriam sido várias. Depressão é uma coisa que a gente não consegue dominar. Mas estou em tratamento. Fiz especialização por orientação da psicóloga. Mas não consegui ainda fazer concurso e retornar por causa da morte da menininha e do motorista. Então eu consigo ainda falar do episódio, porque foi muito

triste, que nunca imaginei passar. As cenas, o momento não sai da minha mente por mais que eu queira. Vem as lembranças boas das crianças e as famílias me agradecendo por ter salvo a vida deles. Minha casa ficou cheia de gente. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira 2015)

Dando continuidade ao trabalho, surge o senhor Itor Martins Ribeiro, nasceu aos 18/12/1945 no município de Cachoeira Alta-GO. De acordo com suas narrativas, trabalhou na campanha eleitoral que elegeu a prefeita Nelci Silva Spadoni, gestão 1997 a 2000. O mesmo ressalta que a implantação da escola foi promessa de campanha feita em churrasco realizado em sua fazenda. Por isso, procurou cobrar sua instalação. No primeiro ano, ele e alguns companheiros da região se associaram para oferecer o lanche das crianças, do segundo ano para frente, a prefeitura começou a ajudar, mas ele era o responsável por pegar autorização na secretaria de educação, comprar os alimentos e fazer com que chegassem até a escola. Foram três anos de muitas lutas e desafios. Devido sua iniciativa alguns favores foram concedidos e distribuiu de acordo com o que julgava conveniente. Sua filha Simone Oliveira Ribeiro de Pinho foi a professora neste primeiro ano, sua esposa, a senhora Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro, a merendeira, e o motorista, um vizinho, a quem ele havia pedido voto durante a campanha política.



Foto 13: Itor Martins Ribeiro. Foto tirada no dia da entrevista.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Ano: 2015.

Fiquei morando na região por trinta e seis anos. Vi muito sofrimento de crianças que não tinham como estudar e ter seus empregos e hoje estão por aí bebendo pinga, porque não tinha escola. Os fazendeiros não lutavam, mas eu lutei. Inclusive a primeira ponte que foi feita que ia para minha casa, os fazendeiros foram debater com os empreiteiros, pois achavam que tinham que fazer outras pontes, porque nós não dávamos renda. Mas responderam que não tinham feito o que eu fiz, correr atrás. E o José Lázaro prometeu no meio de monte de gente em campanha e eu fui atrás da promessa. [...]. Os empregos para funcionários foram oferecidos para mim. Então eu passei para as pessoas que havia pedido voto. Passei para minha esposa ser a merendeira. A Simone, minha filha foi professora, mas depois saiu. Depois da Simone ficou a Ivonete por três meses e depois assumiu a Neusa, filha do Seu Tonhá. (Entrevista, Itor Martins Ribeiro. 2015)

A última narradora trata-se da senhora Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro. Foi a primeira merendeira da EMREF Água Mansa Coqueiros, atuou por doze anos. Acompanhou os primeiros momentos da escola até ela ser o que é hoje. Demonstrou em suas narrativas não encontrar dificuldade para a realização das atividades, mesmo em condições precárias, pois havia sido criada naquele ritmo.



Foto 14: Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro. Foto tirada no dia da entrevista.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora. Ano: 2015.

Lá não tinha água, a cisterna lá do ranchinho na época da seca secava e não tinha como tirar água. Eu ia no córrego, pegava a água colocava dentro de tambores e levava no carrinho. Jogava água no chão, varria, limpava as carteiras, enchia o filtro e ficava feliz, porque fui criada

daquele jeito. Deixava tudo arrumado e voltava para casa, cuidava dos meus afazeres e na hora da merenda ia outra vez com o carrinho para transportar o lanche. Era assim que funcionava. [...]. Era difícil, mas sinto saudade! Tudo foi história e boa! Com muita sinceridade, principalmente de minha parte, sempre trabalhei com honestidade, pensando em fazer o bem para eles. Um lanchinho simples, mas com amor. Às vezes alguma coisa estava pouca e pensava o que iria fazer, mas eles sempre gostavam. (Entrevista, Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro. 2015)

Com base no conceito de memória coletiva de Halbwachs (2006), Grossie Ferreira assinalam que a interpretação de um fato pelo narrador configura um modo de frequentar o mundo. Assim, a construção da identidade do narrador se imbrica com a memória em direção ao território da alteridade, em jogos de poder que enlaçam grupos sociais estruturados. Embora o ato de lembrar remonte ao passado vivenciado pelo sujeito, é impossível reviver os eventos do passado tal como foram vividos. A lembrança, nas palavras de Halbwachs, é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifesta-se já bem alterada. (Halbwachs, 2006, p. 71).

Nesse sentido se pautam as narrativas dos sujeitos envolvidos na história e memória da EMREF Água Mansa Coqueiros, pois para o sujeito que narra é impossível lembrar tudo, lembrando apenas daquilo que foi significativo. Ao lembrarmos de algo, evocamos momentos vividos, remontamos a vivências, trazemos à memória conteúdos vividos, valendo-nos de nossas referências atuais. A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja, irreversivelmente no momento em que é reconhecido. (Benjamim, 1994, p. 224). Ou seja, as imagens chegam até nós em forma de pequenos sinais. As imagens utilizadas por Benjamin são extremamente potentes para repensar as relações entre memória e história. Ele propõe o rompimento com atemporalidade homogênea e linear constitutiva das memórias dominantes.

### **3.3 PERCURSOS DA ESCOLA MUNICIPAL RURAL DE ENSINO FUNDAMENTAL ÁGUA MANSA COQUEIROS EM RIO VERDE-GO**

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência em forma de imagens-lembrança. (BOSI, 1994. p. 53)

A história das instituições escolares abrange, além de aspectos normativos, formas de gerenciamento e decisões políticas, periféricas e centrais. Estudar como os tempos e os espaços foram organizados, quais e de que forma as articulações ocorreram entre os profissionais e os usuários da escola, as modalidades de funcionamento e as relações externas mantidas com a comunidade, segundo Werle (2004) é memória que se reconstrói pelo poder de perpetuação de suas bases, mas é, fundamentalmente, história narrada a partir da crítica ao monumento, marca de poder de uma época.

Investigar o processo de criação e instalação da escola, a caracterização e a utilização do seu espaço físico, o espaço de poder, a seleção de conteúdos escolares utilizados, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, a legislação e normas, segundo Buffa (2002) permitem dar significados para a sociedade na qual a escola está inserida.

Procurou-se através das falas dos depoentes buscar não só a constituição da narrativa sobre a escola pesquisada e seu contexto, mas envolver efetivamente os depoentes nesse processo de constituir narrativas historiográficas tendo como objeto a história e memória da EMREF Água Mansa Coqueiros.

A escassez de documentos escritos tanto nos arquivos da Escola Municipal Água Mansa Coqueiros, quanto na Secretaria Municipal de Educação referente ao período de criação e implantação faz da história oral uma valiosa fonte de dados. Os narradores com seus relatos nos levaram a valiosos documentos escritos e iconográficos e estes, por sua vez, têm contribuíram para uma melhor compreensão dos depoimentos.

A EMREF Água Mansa Coqueiros está localizada na região da Água Mansa, há aproximadamente 35 km de distância da cidade, sentido Jataí 33.569 km, entrada a esquerda após o anel viário, conforme vista aérea exibida na imagem nº 08. A escola foi criada e denominada através da Lei nº 3.545/97 de 10 de setembro de 1997.



Imagem 08: Vista aérea da EMREF Água Mansa Coqueiros. Ano: 2007.

Fonte: <http://escolasbr.com/esc-mul-rural-de-ens-fund-agua-mansa-coqueiros> Acesso: novembro/2015

A constituição da escola percorreu quatro momentos históricos. Na sua primeira fase iniciou nos fundos da casa da senhora Zélia Ferreira de Andrade no ano de 1997. Segundo seus relatos orais, a senhora ficou sensibilizada ao se deparar com três crianças órfãs de mãe, sendo criadas pelo pai em condições precárias, sem oportunidade de frequentar uma escola, nem receber orientação quanto a higiene e socialização.

O mais velho tinha 13 anos e se chamava Joaldo, o segundo era o Sebastião com 11 anos e pequeno tinha cinco anos, chama Edson. E dessas crianças que eu fazia questão de dar aula e educar, dar carinho, cortar a unha, lavar a cabeça, socializar eles com as pessoas. E por esse encontro, esse contato meu com essas crianças, a escola ao invés de três alunos, quando eu me vi estava com 18 alunos. E não tinha muitos recursos, eu recorria as pessoas que poderiam me ajudar, inclusive a prefeitura. A prefeitura falou que não podia me ajudar. E lá não tinha acesso para a gente vir até a cidade e era tudo muito difícil. Eles eram muito carentes e eu também, mas carinho me sobrava para ajudar aquelas crianças tão desamparadas. (Entrevista, Zélia Ferreira de Andrade. 2014)

A EMREF Água Mansa Coqueiros iniciou suas atividades com três alunos, mas a notícia foi se espalhando na região e terminou o ano com dezenove. A pioneira na criação da escola, a senhora Zélia Ferreira de Andrade, foi por várias vezes à cidade buscar junto aos órgãos responsáveis ajuda relacionada a materiais escolares, merenda, etc. O desafio foi grande. Iniciou providenciando alguns bancos, depois conseguiu a doação de quadro

negro pequeno e também cadernos, giz e lápis de algumas escolas particulares, mas sempre precisava complementar os gastos com seus próprios recursos.

Para que a escola pudesse receber os recursos advindos do governo federal, precisava ser regulamentada, ter autorização de funcionamento. Foram momentos de muita tensão, desabafos até na rádio local para sensibilizar a sociedade e as autoridades reivindicando uma solução para as crianças que precisavam estudar. Dona Zélia tinha muita garra e boa vontade, mas faltava a formação mínima para exercer o magistério e a escola pudesse ser regularizada, ficando em sua residência apenas alguns meses. Foi então que um dos pais, o senhor Itor Martins Ribeiro, se dispôs a ceder um espaço provisório em sua fazenda, até que a sede definitiva da escola fosse construída e pudesse ter autorização de funcionamento, iniciando a segunda fase de constituição desta instituição escolar.

Eu fiquei com escola um tempo, uns meses ainda. Eu era muito feliz quando as crianças chegavam. Eu não recebia nada de ninguém, mas quando aquelas crianças chegavam com as flores na mão, as frutas que eles achavam pelo caminho e traziam com aquele sorriso lindo e me apertava, me abraçava, me beijava era todo o salário que eu queria ganhar. Eu era muito feliz com essas crianças..., mas por eu não ter uma escolaridade maior, me tiraram esta escola e a levaram para um outro ambiente, outro lugar, outra fazenda e lá a escola continuou. (Entrevista, Zélia Ferreira de Andrade. 2014)

A segunda fase durou aproximadamente três anos, meados de 1997 até 1999. Neste momento a Educação brasileira se adequava a LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, exigindo a formação mínima em nível de magistério para lecionar na primeira fase do Ensino fundamental, razão pela qual a senhora Zélia não permaneceu como professora. Assim, o senhor Itor Martins Ribeiro, convidou sua filha Simone Oliveira Ribeiro de Pinho para ser professora, já que havia concluído o ensino médio. A mesma ficou na escola até o final de 1997. Posteriormente assumiu uma professora chamada Ivonete, porém não se adaptou, tanto que nos arquivos da secretaria da educação não consta seu nome.

Segundo as narrativas do senhor Itor Martins Ribeiro, a escola foi implantada devido à promessa de campanha eleitoral para a prefeitura de Rio Verde-GO, que elegeu a prefeita Nelci Silva Spadoni, gestão 1997 a 2000. O mesmo afirma que trabalhou na política e conseguiu a escola para região da Água da Mansa. Os depoimentos abaixo sustentam tais acontecimentos.

Verifica-se na narrativa do senhor Afonso o desafio para conseguir uma professora para a escola.

Lá começou com muita dificuldade, conseguimos uma professora que se chamava Ivonete. Eu que levei ela daqui para lá, vim buscar e levei. Mas lá não tinha como ela ficar na escola, tinha que ficar numa outra fazenda. E a professora não resistiu a exigência de mãe de aluno que estudava lá, muito complicado, ela saiu. (Entrevista, Afonso Lázaro do Couto. 2014)

Almeida (2001) afirma que as pessoas são resultado das marcas do passado que se acumulam com o passar do tempo; que elas são reveladoras do ponto de vista das construções, sucessos, crises, rupturas e permanências. O trabalho com memórias oportuniza que se conheça e se compreenda melhor o processo educacional de uma época. As lembranças da professora Simone tratam deste lugar que foi se constituindo enquanto escola ao mesmo tempo em que se tornou professora de forma inesperada.

Na verdade, não foi planejado. Eu havia feito o curso de contabilidade, uma área bem diferente, mas por uma falta de professor na época, eu tinha acabado de concluir o técnico em contabilidade, surgiu essa ideia de uma escola na fazenda para facilitar a vida das crianças que já moravam lá e estavam sem condições para estudar, inclusive meu irmão. E meu pai me convidou. Ele morava na fazenda e eu na cidade. Ele me aconselhou dizendo: Simone vai para lá dar aula, você terminou seus estudos, fica aí trabalhando na cidade e lá precisando de professora. Eu falei: Pai eu não tenho habilidade com isso, não sei se é o que eu gosto. Meu pai insistiu bastante e eu resolvi dar esse apoio para ele, para família, para a região. Porque foi muito difícil para e minha irmã estudar, nos locomover, vir para a cidade, minha mãe com a gente na cidade e meu pai na fazenda. Então eu pensei, não quero que aconteça o mesmo com meu irmão, que na época era pequeno e também por causa das outras crianças. Então resolvi ajudar ele nesse início de luta. (Entrevista, Simone Oliveira Ribeiro de Pinho.1015)

As memórias permitem compreender como a escola foi se constituindo na região, partindo da iniciativa da comunidade rural da região. O senhor Itor aponta em seu depoimento os obstáculos enfrentados.

Eu corri atrás da escola, muitas vezes eles retrucavam, mas eu usava o nome do José Lázaro que era o vice. Ele falou que tudo que eu fosse fazer era para usar o nome dele. Ele se afastou do cargo, mas eu consegui duas pontes, uma para o nosso chão, outra para a Água Mansa e também a escola, tudo com a Dona Nelcy. [...]. No primeiro ano nada.

Do segundo ano para frente conseguimos o lanche e o transporte. Eu, Seu Afonso e o Tonhão correndo atrás para conseguirmos. Os empregos para funcionários foram oferecidos para mim. Então eu passei para as pessoas que havia pedido voto. Passei para minha esposa ser a merendeira. A Simone, minha filha foi professora, mas depois saiu. Depois da Simone ficou a Ivonete por três meses e depois assumiu a Neusa, filha do Seu Tonhá. (Entrevista, Itor Martins Ribeiro. 2015)

No primeiro ano de funcionamento, como ainda não estava regularizada, reconhecida legalmente, o proprietário da fazenda, Itor Martins Ribeiro, afirma que teve que custear as despesas com a merenda escolar. Para isso, fazia uma associação com outros pais, os senhores Afonso e Tonhão, citados em sua narrativa acima, dividindo as despesas. Em 1998 e 1999, a prefeitura passou a fazer as despesas com a merenda escolar, no entanto, o senhor Itor tinha que se deslocar até a cidade, pegar a autorização de compra na secretaria da educação, fazer as compras e fazer com que chegasse até a escola. Foi um período difícil, conforme afirma em sua fala abaixo.

Foi difícil. Eu andava a pé. Vinha para a cidade. Depois que conseguimos o lanche pela prefeitura, eu tinha que pegar a autorização na secretaria e fazer as compras no supermercado. Então eu vinha a pé, o motorista que vinha com dois alunos do ginásio me dava carona. Na época meu genro trabalhava na Vulcan, eu esperava ele chegar do serviço à noite, colocava combustível do meu bolso para ele levar o lanche até a escola. (Entrevista, Itor Martins Ribeiro. 2015)

Após a saída da professora Simone, iniciou outra batalha para se conseguir uma professora. Os senhores Afonso, Itor e Tonhá foram até a secretaria da educação reivindicar uma professora, porém sugerindo um nome, pois sabiam que seria difícil conseguir alguém que quisesse se deslocar. Assim, assumiu a professora Neusa Dias de Oliveira. A professora Neusa trabalhou por dois anos, 1998 e 1999, período em que funcionou na propriedade do senhor Itor.

Desse modo, a EMREF Água Mansa Coqueiros funcionou na propriedade do senhor Itor Martins Ribeiro por três anos. Uma espécie de paiol até que fosse construída sua sede seguindo as exigências legais. Na fotografia abaixo observa-se o local onde as crianças tinham aula diariamente.



Foto 15: EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento provisório. Ano de 1997. Arquivo pessoal de Cidalina Maria.

A professora Neusa nunca havia lecionado, mas tinha o Ensino Médio completo. Teve dois dias de treinamento da Secretaria Municipal de educação de Rio Verde e com o passar dos anos foi se aperfeiçoando. Segunda a professora foi um grande desafio, pois se tratava de uma sala multisseriada, séries e idades diferenciadas. Uma escola sem estrutura física e pedagógica.

Foi um desafio muito grande! No início eu tinha um pouco de receio porque as crianças que faziam a 4ª série vinham para a cidade fazer a 5ª série na época. Então quando as crianças iniciaram aqui eu tive muito medo das crianças não terem aprendido e não darem conta de acompanhar aqui na cidade[...]. Eu só tive orientação de dois aqui na cidade. No mais era através dos livros didáticos. Cada criança tinha o seu e através do livro eu ia desenvolvendo as atividades, eu realmente não tinha quem me ajudasse. Foi eu e eu mesmo. Na época eu tinha medo por isso, eu nunca tinha dado aula e começar sem ajuda. Ninguém da secretaria ia lá. Então foi uma batalha que eu consegui vencer. Quando eu pego alguma coisa para fazer, eu gosto de ver se consigo. (Entrevista, Neusa Dias de Oliveira. 2015)

Nesse período, a Superintendência do Ensino Rural, como era chamada, se posicionou a favor da construção da nova sede na fazenda onde residia o senhor Itor, ao invés de ser onde iniciou, pois, a fazenda da Zélia ficava na estrada principal, gerando perigo para as crianças. Foi realizado um trabalho de terraplanagem no local para início das obras. Na verdade, a propriedade pertencia ao pai de Itor, o senhor Enedino José de

Oliveira, que se dispôs a doar parte da propriedade para a construção da escola. No entanto, houve discordâncias, alguns atritos, conforme depoimento abaixo e escola foi transferida para um outro local também improvisado. Um barracão na casa do senhor Tonhá, sogro da professora Telma que passaria então a assumir as atividades docentes da escola. Teve início sua terceira fase, de 2000 até meados de 2002, marcada por transferências de localidades.

[...]. A Zélia, os pais de alunos fizeram um abaixo assinado para a escola passar para as terras da Dona Zélia. Eu havia ganhado um alqueire de terra para fazer a escola mais próxima da estrada. O fazendeiro, O senhor José paulista me deu a terra para esse fim. Não deu certo, porque a Rita, venceu o contrato e não mudava. Quando foi para fazer a escola, a Dona Nelci me procurou e contei que tinha ganhado a terra, que seria bom fazer a escola mais perto da estrada até a Rita desocupar. Então ela me respondeu que aquela mudança da Rita iria longe, perguntou se eu tinha alguma coisa contra a Dona Zélia. Então eu disse que não tinha nada contra ela, o secretariado da senhora que colocou ela revoltada comigo. E ao mesmo tempo ela estava correndo atrás para que a escola fosse nas terras dela. Tanto que na época doaram uma quarta de chão para fazer a escola. Daí quando terminaram fizeram cerca bem próximo a escola. Primeiro ela doou a terra, depois vendeu. (Entrevista, Itor Martins Ribeiro. 2015)

Percebe-se que houve um conflito relacionado ao local onde seria construída a sede definitiva da escola, motivos políticos, outros pessoais. No entanto, as narrativas evidenciam que a escola surgiu a partir das necessidades da comunidade rural, sem participação ou envolvimento de nenhum movimento social. Dando início assim a terceira etapa de funcionamento da EMREF Água Mansa Coqueiros.

De acordo com os relatos da ex-professora Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira, após a escola deixar a fazenda do senhor Itor, passou a funcionar em um barracão na fazenda do seu sogro, senhor Tonhá, ficando lá aproximadamente três meses. Nessa época já cursava o Proformação e recebia visitas da tutora do curso que avaliava tanto sua prática pedagógica, quanto as condições de trabalho, e a infraestrutura do local. Dessa forma, a escola também não pôde ficar nesse local, pois era inadequado.

[...]. Foi para um barracão na fazenda do meu sogro. Eu já estava fazendo o Proformação e a minha tutora que era a Adriana ia me visitar, assistia minhas aulas. Eu tinha de fazer o lanche porque não tinha como a merendeira vir. O meu esposo era quem transportava os alunos. Ele

levava os alunos deixava comigo e eu ficava com eles até por volta das 8h da noite. Eu fazia o lanche, cuidava do meu menino e mais tarde tinha que dar outro lanche, porque ficavam até tarde. As crianças chegavam por volta das 11h 30mi e ficavam até a noite. Ficou de janeiro a março, uns três meses. Não pode ficar lá porque a tutora e os responsáveis que iam visitar a escola disseram que não poderia continuar, porque eu tinha que fazer tudo, o lanche, etc. O lugar não era adequado para as crianças. Tinham que usar o banheiro da minha casa, porque lá não tinha. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

Na foto Nº 16 percebe-se as condições inapropriadas de funcionamento da escola. Nota-se que se tratava de depósito da fazenda, contendo vários sacos com rações, dentre outros.



Foto 16: EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento provisório no primeiro trimestre de 2000, na fazenda do senhor Tonhá.

Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira

Sendo assim, houve necessidade de transferência novamente. Retornaram para a propriedade da Dona Zélia, só que dessa vez num pequeno ranchinho de pau a pique ficava próximo à sua casa. A intenção era ficar lá até que a sede da escola nova fosse construída.

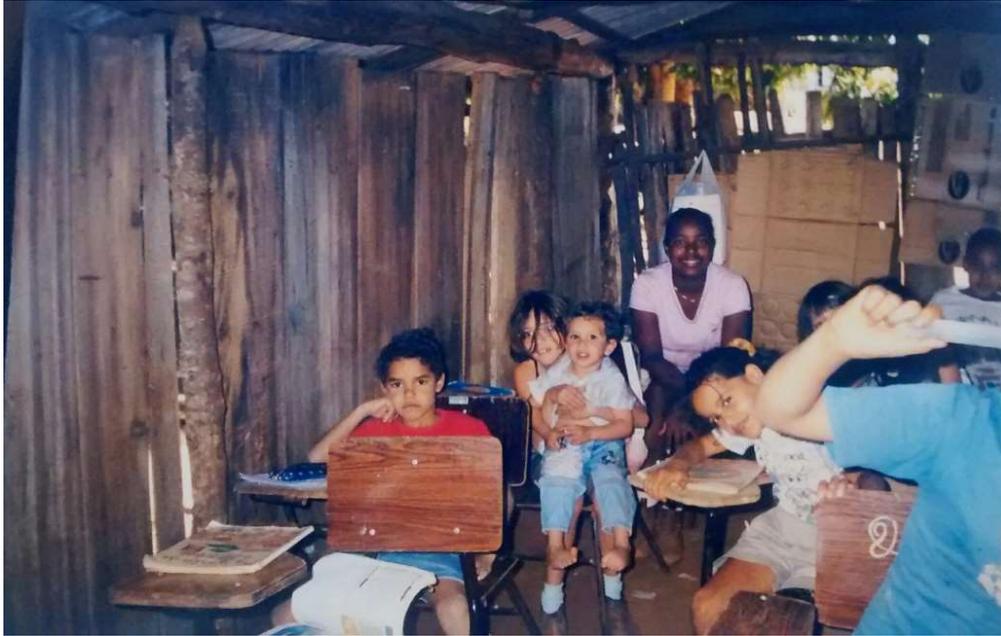


Foto 17: EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento provisório de abril a junho de 2000, na fazenda da Dona Zélia.  
Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira

Nesse tumultuado ano de 2000, em que a escola funcionou em três lugares diferentes, a comunidade rural realizou campanhas para arrecadar materiais de construção, mobilizando granjeiros e autoridades locais. Nas figuras abaixo identificamos uma dessas importantes lembranças.



Foto 18: A direita a professora pioneira na criação da EMREF Água Mansa Coqueiros, Zélia Ferreira de Andrade. Ano: 1997.  
Arquivo pessoal de Zélia Ferreira de Andrade.

Segundo as narrativas da ex-professora Telma, nesse período foi agendada uma reunião da casa da Dona Zélia com a prefeita Nelci Spadonni para decidir sobre o futuro da escola. Após a escolha do local definitivo para a construção da escola, as obras iniciaram, porém, houve paralizações, o que gerou atrasos. Diante dessa situação, resolveram mudar para a EMREF Água Mansa Coqueiros ainda em obras, pensando que com atitude poderiam pressionar as autoridades e também não imaginavam que seria tão difícil.

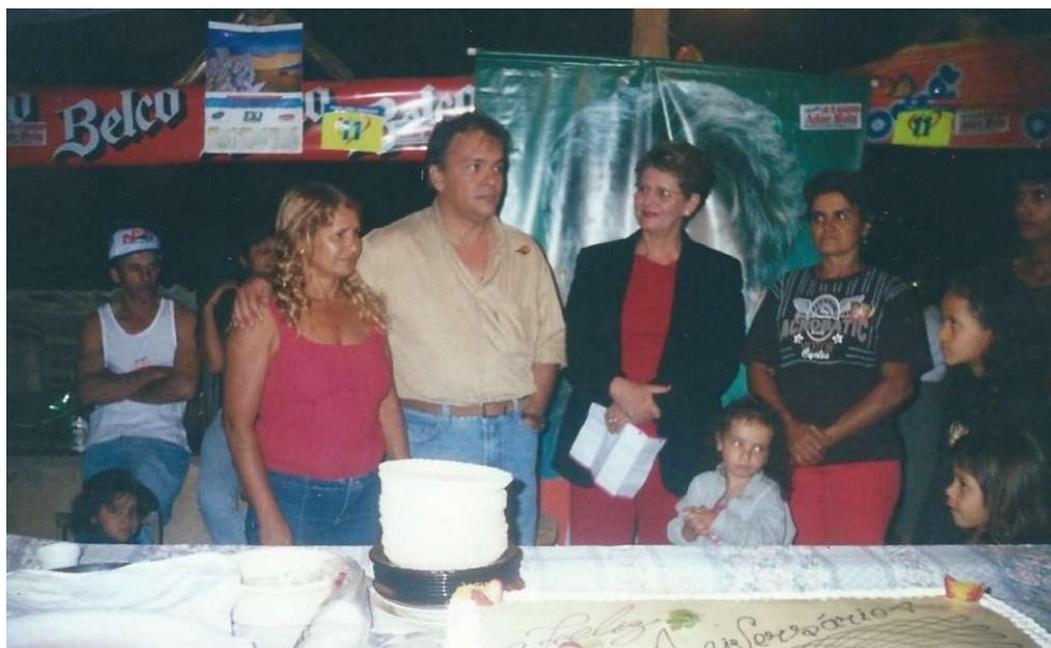


Foto 19: Reunião realizada entre a comunidade escolar rural, prefeita Nelci Spadonni e autoridades na fazenda da Dona Zélia. Ano: 1998.

Fonte: Arquivo pessoal de Zélia Ferreira de Andrade

[...]. Daí pedimos a Dona Zélia para ficar na casa dela, numa casinha que também era de pau a pique, até terminar as obras de construção da escola. Foi agendada uma reunião na casa da Dona Zélia, que ocorreu com a presença dos pais. Foi quando visitaram a escola na fazenda do Senhor Itor e viram que não tinha condições e fizeram a escolha do local que seria construída a escola. Logo começou a construção, mas pensamos que seria mais rápido. Como demorou muito precisamos ir para essa casinha da Dona Zélia. Ficamos de abril até junho. Mas também não foi possível ficar lá. Ficamos na escola em obras por quase dois meses, mesmo sem estar pronta, faltando energia, água e piso. As obras foram paralisadas devido à falta de pagamento. Eu colocava o quadro em dois cavaletes. A Dona Nega, a merendeira, fazia a merenda na casinha dos pedreiros, usando o fogão deles. Depois é conseguimos ganhar um fogão e colocamos onde hoje é a cozinha e lá ela fazia o lanche. O banheiro usado era o que os pedreiros tinham feito para uso deles, tipo privada, com um buraco no chão. Eu levava água da minha casa e, tambores para fazer o lanche e para as crianças beberem e lavarem as mãos. Foi assim até terminar o ano. Mesmo assim, sem água

e luz não desisti. O meu esposo ainda fazia o transporte. Deixava a gente lá, ia para Rio Verde e depois a noitinha nos buscava. Ficávamos a luz de vela, fechados e com medo de chegar alguém estranho. Alguns alunos que morava perto, os pais buscavam, mas quem dependia do transporte ficava aguardando. A Dona Nega ia embora a pé. Foi difícil! Isto ocorreu em 2000. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

Ficam claros nas narrativas da ex-professora os momentos de dificuldades enfrentados no ano de 2000. A falta de infraestrutura, de condições básicas de funcionamento como energia, água e banheiro. Na imagem abaixo, verifica-se esta rotina na escola em construção.

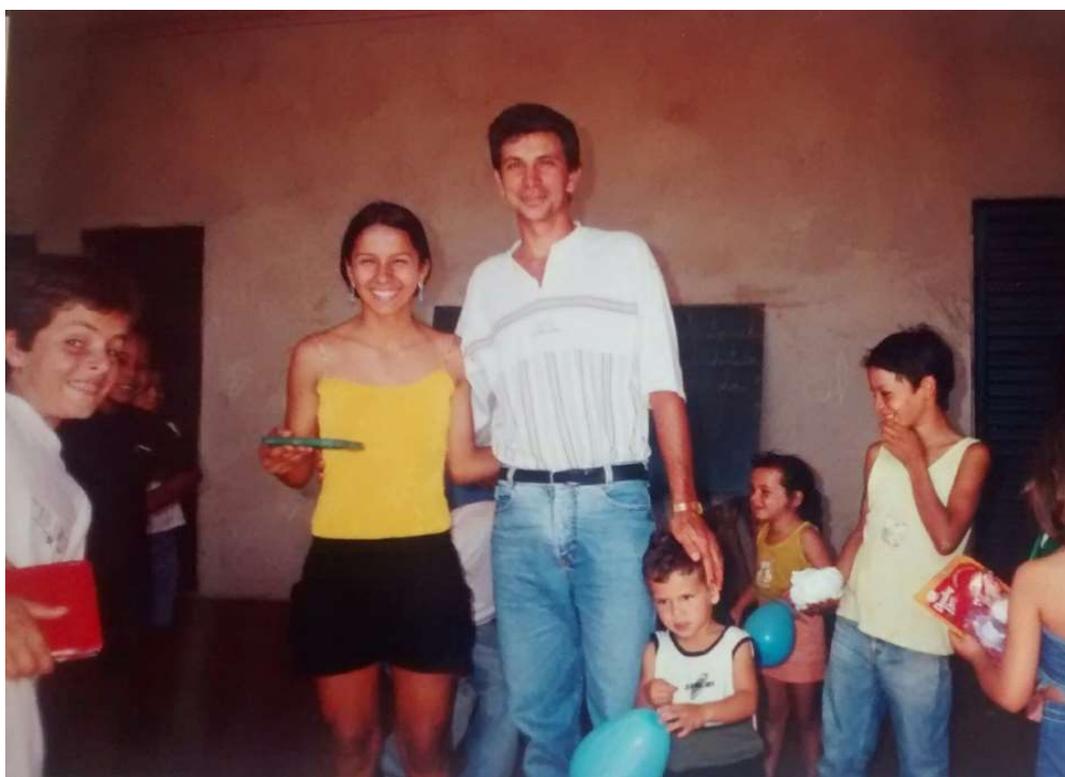


Foto 20: Amigo secreto realizado EMREF Água Mansa Coqueiros em obras.  
Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. Ano: 2000.

Pode-se perceber o quadro negro ao fundo sobre cavaletes, salas sem portas, o piso ainda de chão, conforme a narrativa anterior da ex-professora Telma. No ano seguinte a Secretaria Municipal de Educação não permitiu que continuassem na escola sem conclusão das obras. Assim, foram transferidos para a Escola Municipal Cândida Pereira. Lá só havia uma sala de aula, que ocupada na época pela professora Luci Meire.

Portanto dividiram as crianças em duas turmas, sendo da educação infantil a 2ª série no turno vespertino com a professora Telma e da 3ª a 4ª série no turno matutino com a professora Luci Meire.

Mas devido a sala estar muito cheia, a diretora resolveu dividir a turma. Ela ficou com 3ª e 4ª séries pela manhã e eu a tarde com pré-escolar, 1ª e 2ª séries. Recebíamos visita da tutora e da gestora do Proformação. Fazíamos aniversários das crianças, nossos também, quadrilha, piquenique. Era muito bom! Eu gostava de levar os alunos embaixo de umas árvores bonitas, fazíamos uma roda de leitura para trabalharmos com os livros. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)



Foto 21: EMREF Água Mansa Coqueiros em funcionamento nas dependências da extinta Escola Municipal Cândida Pereira no ano de 2001.

Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira

Na foto nº 21 visualiza-se a infraestrutura precária da Escola Municipal Cândida Pereira, onde a EMREF Água Mansa Coqueiros funcionou até início do ano 2002, período em sua sede definitiva ficou concluída. Nota-se a falta de espaço para atividades diversificadas, as paredes de placas que tornam o ambiente quente, além da falta de cadeiras para acomodação de todos.

Em meados do ano 2002, a EMREF Água Mansa Coqueiros é transferida para sua sede definitiva, iniciando sua quarta fase que se estende aos dias atuais.



Foto 22: EMREF Água Mansa Coqueiros no ano de 2003 com seus primeiros funcionários.  
Fonte: Arquivo pessoal de Afonso Lázaro do Couto.

Nesta época a escola contava com sete funcionários. Da direita para esquerda temos Vera Lúcia Nunes da Silva (aux. De serviços gerais), Afonso Lázaro do Couto (vigia), Luci Meire de Oliveira (professora), Ismael (motorista), Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro (merendeira), Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira (professora) e Márcia Salustiano Carvalho Leão (professora), conforme imagem acima.

Desse modo, inicia-se um período menos conturbado para todos os envolvidos com a escola.

Uma escola nova, recém construída com espaço amplo foi bem melhor. Mas os três primeiros meses não foram fáceis. Eu continuei sozinha. Tive que dobrar a carga horária, porque minha colega de trabalho teve uma gravidez de alto risco e eu tive que cobrir os dois turnos. Foi difícil para mim. Eu saía de casa de madrugada, por das 5h e chegava depois das 19h. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

Eu vim para a escola em 2003. Vim substituir a colega que estava doente e surgiu a oportunidade de prestar o concurso. Prestei o concurso, passei e naquela época começaram a exigir professores graduados e foi oferecido uma bolsa de estudos para os professores. Foi minha grande oportunidade de estar retornando, agarrei com unhas e

dentes, sendo uma ótima aluna. Aliei a teoria com a prática e estamos aí. (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

As narrativas acima apresentam os pontos de vista das professoras ao iniciarem suas práticas docentes no prédio recém-construído. A professora Luci Meire ressalta sua satisfação em estar em um ambiente amplo, propício à aprendizagem das crianças. Já a professora Márcia destaca a oportunidade que teve de assumir a sala de aula como substituta, tornando-se professora efetiva, posteriormente, através de concurso público.



Foto 23: EMREF Água Mansa Coqueiros em sede atual. Ano 2014.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Na última visita realizada a EMREF Água Mansa Coqueiros no dia 10 de dezembro de 2015, verificou-se as obras de ampliação da escola, conforme fotografia 25.



Foto 24: Ampliação da EMREF Água Mansa Coqueiros. Ano 2015.  
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

A história cultural deve confrontar o que está proposto no discurso com o que está ocorrendo de fato, ouvindo a voz dos dominados. Para Chartier (2006) a força dos instrumentos postos em ação para impor uma disciplina, uma ordem ou uma representação do poder, do outro e dele mesmo sempre deve transgredir com as resistências, distorções e artimanhas daqueles a quem pretendem submeter.

Não é possível escrever a história e memória d EMREF Água Mansa Coqueiros, preocupada com a cultura escolar sob o viés da história cultural utilizando somente documentos oficiais, pois estes não refletem a realidade pedagógica, mas sim um ideário. Para Chervel (1990, p.190) é necessário tomar consciência de que uma estipulação oficial, num decreto ou numa circular, visa mais frequentemente, mesmo se ela é expressa em termos positivos, corrigir um estado das coisas, modificar ou suprimir certas práticas, do que sancionar oficialmente uma realidade.

No que se refere ao percurso da EMREF Água Mansa Coqueiros em Rio Verde-GO, sua trajetória histórica possui semelhanças com outras escolas rurais no Brasil, no

entanto, a possibilidade de permanência se diferem. Muitas são extintas, conforme tratado do capítulo anterior.

### **3.4 A CONTRIBUIÇÃO DO ARQUIVO DA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE-GO PARA A CONSTRUÇÃO DO CORPUS ESCRITO DA PESQUISA**

A partir da análise documental buscou-se identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída a partir do entrecruzamento de aspectos que emergiram na construção dos documentos orais e na organização das informações de diferentes naturezas (documentos orais, escritos e iconográficos). Pimental (2001) argumenta que o documento representa já uma interpretação de fatos elaborados por seu autor, e, portanto, não devem ser encarados como uma descrição objetiva e neutra desses fatos. A análise é sempre um processo interpretativo e construído historicamente.

Os arquivos constituem a memória das instituições, das pessoas, de um povo e de uma nação. São repositórios de memória dos grupos sociais, pois ali estão armazenados diversos relatos de cultura e da tradição de uma comunidade.

A contribuição dos documentos depositados nos arquivos, para o relato histórico é inegável. A este propósito afirma Lucien Lefebvre (1985, p. 226), não há notícias históricas sem documentação, pois se dos fatos históricos não foram registados, documentados, gravados ou escritos, aqueles fatos perdem-se. Portanto, segue abaixo os dados contidos na documentação referente a criação, história e memória da EMREF Água Mansa Coqueiros, contidos nos arquivos da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO, os quais compõem o corpus escrito da pesquisa.

Quadro 05-Leis e resoluções alusivas a EMREF Água Mansa Coqueiros.

<b>NORMA</b>	<b>DATA</b>
Lei nº 3.545/97	10 de setembro de 1997
Resolução nº 033/2001	07 de novembro de 2001
Resolução nº 037/02	20 de dezembro de 2002
Resolução nº 035/05	16 de dezembro de 2005
Resolução nº 02/07	28 de março de 2007

Resolução nº 23/07	05 de dezembro de 2007
Resolução nº 18/08	11 de junho de 2008
Resolução nº 044/09	21 de outubro de 2009
Portaria 076/03	26 de novembro de 2003

Fonte: Arquivos da Secretaria Municipal de Rio Verde-GO. Dados obtidos em abril/2015.

A escola foi criada e denominada através da Lei nº 3.545/97 de 10 de setembro de 1997 e as seguintes Resoluções de autorizações:

- Resolução nº 033/2001, de 07 de novembro de 2001 – COMERV, autoriza o funcionamento do Ensino Fundamental na Zona Rural em espaços físicos destinados à formação escolar em fazendas do município, com direção e secretaria centralizadas, com efeito retroativo ao ano de 1997;
- Resolução nº 037/02, de 20 de dezembro de 2002 – COMERV, autoriza o funcionamento da Unidade Escolar por 04 (quatro) anos, à partir de 2003 e aprova regimento escolar;
- Resolução nº 035/05, de 16 de dezembro de 2005 – COMERV, prorroga autorização escolar, até 31 de dezembro de 2006; Resolução nº 02/07, de 28 de março de 2007 – COMERV, prorroga autorização de escolar até 31 de dezembro de 2007;
- Resolução nº 23/07, de 05 de dezembro de 2007 – COMERV, aprova novo Regimento Escolar, valida os atos praticados pela unidade escolar em consonância com o texto regimental, ora aprovado, a partir do ano letivo de 2006;
- Resolução nº 18/08 de 11 de junho de 2008 – COMERV, prorroga até 31 de dezembro de 2009, os atos autorizativos vencidos até o ano letivo de 2008 e vincendos de 2009;
- Resolução nº 044/09, de 21 de outubro de 2009 – COMERV, regulariza situação funcional da Unidade Escolar, por tempo indeterminado, estando condicionada a manter os padrões mínimos exigidos;

Através da Portaria 076/03 SME, de 26 de novembro de 2003, estabeleceu nucleação das Unidades Escolares da Zona Rural, maximizando a utilização de recursos destinados à manutenção dos alunos e professores, mais próximos de suas residências e,

a minimização do custo do Transporte Escolar, a presente Unidade Escolar ficou pertencendo ao núcleo 02.

As fontes selecionadas para reconstituir a história das instituições escolares não podem ser somente aquelas que se encontram no interior da escola. Assim, devem-se estabelecer critérios na escolha das fontes, pois elas não respondem às relações entre o objeto e o seu contexto, quando se restringem ao contexto escolar, e não ao contexto da sociedade. Segundo Ragazzini (2001):

As fontes escolares não são suficientes para fazer uma história integral da escola, sabendo que posso me equivocar se concebo as fontes provenientes da escola como as únicas fontes possíveis para a história da escola. As fontes provenientes das práticas escolares não representam as únicas possibilidades para os estudos histórico educativos, portanto não são autossuficientes, ainda que sejam importantes e significativas (p.20).

Além da arquitetura da instituição, dos documentos oficiais, como: leis, decretos, pareceres, testemunhos escritos, Ata de fundação, relatórios, fotos, jornais impressos, materiais da internet. Conforme já afirmamos, os relatos orais também são considerados fontes de igual valor, quando direcionados pelo pesquisador.

O quadro a seguir apresenta a relação em ordem cronológica dos professores que participaram da história da EMREF Água Mansa Coqueiros, compondo o quadro docente da instituição.

Quadro 06 – Relação nominal dos professores de 1997 a 2015

<b>Ano</b>	<b>Nomes</b>
1997	Simone Oliveira Ribeiro; Zélia Ferreira Andrade.
1998	Neusa Dias de Oliveira.
1999	Neusa Dias de Oliveira.
2000	Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.
2001	Luci Meire de Oliveira; Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.
2002	Luci Meire de Oliveira; Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.
2003	Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2004	Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.

2005	Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2006	Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2007	Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Maraísa Moreira Borges; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2008	Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Maraísa Moreira Borges; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2009	Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2010	Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2011	Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2012	Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2013	Ghilda Cintra Moreira; Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2014	Débora Oliveira Maia; Geralda Ribeiro da Costa; Ghilda Cintra Moreira; Giliane Geralda de Medeiros; Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão.
2015	Débora Oliveira Maia; Geralda Ribeiro da Costa; Ghilda Cintra Moreira; Luci Meire de Oliveira; Márcia Salustiano Carvalho Leão; Maura Gleibe.

Fonte: Arquivos da Secretaria Municipal de Rio Verde-GO. Dados obtidos em maio/2015.

Vale ressaltar que desde sua criação a unidade escolar trabalha com salas multisseriadas. Mas que no decorrer dos anos foram reduzidas. Em 2015 contava com duas salas multisseriadas, sendo uma para a Educação Infantil e outra para 4º e 5º ano. Abaixo, a professora Márcia opina sobre a sala de aula multisseriada que exerce sua prática docente.

Aqui eu tenho 4º e 5º anos, alunos com níveis diferenciados de aprendizado. E nessa interação um auxilia o outro. A aprendizagem flui de uma maneira intencional, porque tem o processo de planejamento, mas de maneira mais livre, espontânea e criativa. Eu vejo muitos professores querendo na sala de todos iguais. (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

Em seu conjunto, os dados analisados informam demonstram que os estudos dedicados a história a partir de documentação oficial também se faz importante o confronto com objetos concretos, neste caso as narrativas dos sujeitos envolvidos no processo de criação e implantação da escola e suas práticas escolares.

Com o passar dos anos o número de alunos foi aumentando e conseqüentemente o número de funcionários, como apresenta os quadros 08 e 09.

Quadro 07 – Número de alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros de 1997 a 2015

Ano	Nº de alunos Ed. Infantil	Nº de alunos Ens. Fundamental	Total
1997	9	10	19
1998	2	20	22
1999	4	9	13
2000	4	13	17
2001	3	17	20
2002	5	21	26
2003	-	36	36
2004	-	35	35
2005	-	34	34
2006	-	49	49
2007	-	31	31
2008	5	20	25
2009	7	28	35
2010	16	40	56
2011	16	36	52
2012	13	14	27
2013	17	60	77
2014	14	63	77
2015	15	61	76

Fonte: Arquivos da Secretaria Municipal de Rio Verde-GO. Dados obtidos em maio/2015.

Percebe-se que os arquivos, as fontes e os documentos escolares assumem papel relevante, visto que constituem um dos alicerces ao desenvolvimento de pesquisas historiográficas sobre a história das instituições escolares. Eles precisam ser pensados em um contexto amplo, relacionados ao que representam à memória histórica, tendo que ser preservados e conservados, para testemunhar sobre o passado e as relações de poder travadas entre diferentes grupos sociais, bem como as disputas por um determinado projeto de sociedade.

Neste sentido, o trabalho do pesquisador é promissor em face das oportunidades que ele tem, quando no contato direto com as fontes tem o poder de conferir-lhes significado, a partir do conhecimento histórico que elas constituem em si e que precisa ser interrogado em seu contexto de produção.

Outro grande desafio para o historiador cultural é acabar com a dicotomia entre o erudito e o popular, no nosso caso, entre o discurso oficial e materialização, mas sim compreender como, em cada época se tecem relações complexas entre formas impostas mais ou menos restritivas e identidades salvaguardadas, mais ou menos alteradas (Chartier, 2007, p.65). O enraizamento da cultura escolar não é uma reprodução, sempre há o que permanece e o que se altera na escola.

No tangente à construção do corpus escrito, os documentos relacionados a escola sejam na Secretaria Municipal de Educação, na EMREF Água Mansa Coqueiros, bem

nos arquivos pessoais dos narradores foram de suma importância foram fundamentais no processo de reconstrução histórica, possibilitando amplitude e diálogo com as fontes orais.

### **3.5 A CULTURA ESCOLAR DAS CLASSES MULTISSERIADAS**

A cultura escolar inclui segundo Viñao Frago (1996) modos de pensar e atuar dos professores que se constituem em estratégias para levar a classe, interagir com os colegas e participar da vida cotidiana. Estruturam-se sempre em forma de discursos e ações que junto com a experiência e formação, fazem com que os professores consigam realizar o trabalho.

O século XIX e início do século XX, época em que a população brasileira habitava principalmente a região rural, marcaram o auge das escolas multisseriadas, que muito serviu para escolarizar, disciplinar e formar os “sujeitos bons” (responsável por moldar os principais valores morais), mão de obra responsável pelo progresso.

Ferri (1994) realizou denso estudo sobre a escolarização multisseriada no Brasil. A realidade das classes multisseriadas, por muitos desconhecida, revelou-se uma prática em diferentes municípios do País. A modernidade e a tecnologia desenvolvida principalmente no último século melhoraram e qualificaram, de modo geral, a vida da humanidade. Porém os efeitos deste progresso são percebidos de forma desigual no espaço rural<sup>7</sup>.

A escolarização nos meios rurais, a partir dos anos 40, adquire a conotação de ser um instrumento capaz de colaborar na fixação das populações em seu ambiente original. A escola rural deveria ensinar conhecimentos básicos. Assim, se o aluno viesse para a cidade teria as habilidades mínimas necessárias para sobreviver em um novo ambiente. Porém, essa escola também deveria ter propósitos maiores, no sentido de desenvolver saberes de acordo com as necessidades da vida das populações rurais. Tudo isso teoricamente, pois, em muitos casos, a realidade mostrou-se diferente e os currículos escolares eram os mesmos, tanto para as escolas das cidades quanto para as do meio rural. Pode-se dizer que há uma omissão do Estado e as responsabilidades educacionais são transferidas ao professor. Ele é o agente que deveria lutar por melhorias nas regiões em que trabalhava, via de regra sozinho (ALMEIDA, 2009, p. 285-286).

A educação rural é vista como um instrumento capaz de formar, de modelar um cidadão adaptado ao seu meio de origem, mas lapidado pelo conhecimento científico endossado pelo meio urbano. Ou seja, é a cidade que vai apresentar as diretrizes para formar o homem do campo, é dela que virão os ensinamentos capazes de orientá-lo a bem viver nas suas atividades, com conhecimentos de saúde, saneamento, alimentação adequada, administração do tempo, técnicas agrícolas modernas amparadas na ciência etc. E a escolarização vai preparar e instrumentalizar o homem rural para enfrentar as mudanças sociais e econômicas, só assim poderá estar apto a participar e compreender as ideias de progresso e modernidade que emergem no País.

Embora as classes multisseriadas existam em espaços urbanos, o “interior” parece ter-se configurado como lugar privilegiado desta prática. O argumento da adversidade às condições físicas espaciais e o reduzido número de alunos das comunidades rurais colaboram para a continuidade e permanência da escola multisseriada.

A partir das duas últimas décadas do século XX, este tipo de escola tem sido alvo de massivas críticas da sociedade civil, principalmente quanto à formação de professores. Argumentos como a desqualificação docente e a reprovação parecem ser os principais pontos que levaram ao desaparecimento de muitas instituições. A sua característica básica, a de reunir em torno de um professor vários alunos de séries diferentes, data de décadas atrás e perpetua-se até hoje.

As narrativas abaixo nos levam a concluir que o nível de dificuldade em exercer a docência numa sala multisseriada é grande, tornando-se um desafio para as professoras e também para os alunos.

Eu passava uma atividade para uma série, depois para a outra, enquanto uns faziam eu passava para outros, tentando conciliar. O mais difícil era trabalhar oralmente, porque quando ia fazer uma explicação todos te davam atenção, sendo que as vezes a explicação era só para um grupo. Trabalhar a oralidade era mais complicado... você a frente, numa escola pequena, chama a atenção de todos. (Entrevista, Neusa Dias de Oliveira. 2015)

Não é fácil. Eu dividia a quadro para cada série. Planejava a aula escolhendo um tema que abrangesse todas as séries. Por exemplo se eu fosse explicar sobre a água, fazia um plano sobre a água para todas as séries, pois todos vão fazer perguntas, querendo saber o porquê. Se fizer um plano diferente sobre outro assunto você é interrompida o tempo todo. As atividades são separadas. Para os menores eu usava mimeógrafo para fazer as tarefas. Para os maiores eu passava no quadro e usava os livros, procurando atender os chamados a medida do possível. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

No primeiro ano a coordenadora foi uma vez na escola. Eu fui lá na secretaria, eles me passaram o que tinha que fazer no início do ano e eu fiquei sozinha. A visita ocorreu em outubro, já no fim do ano. Foram verificar como eu estava me saindo, ver os resultados. Disseram que estava bom. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

A pesquisa revelou que as professoras lidam de forma diferenciada com as demandas de suas classes multisseriadas, que são distintas entre si, tanto pelo número de aluno e de situações diversas, como pela estrutura física e material das escolas rurais. Cada professora procurou desenvolver de acordo com sua realidade, múltiplos modos de trabalhar com a diversidade das salas multisseriadas.

### **3.6 DA ESCOLA RURAL À ESCOLA DO CAMPO: DESAFIOS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL RURAL ÁGUA MANSA COQUEIROS**

Brasil (2014, p. 48), argumenta que a formação acadêmica do professor é condição essencial para que assuma, efetivamente, as atividades docentes e curriculares em todas as etapas e modalidades, seja no ambiente escolar, seja nos sistemas de ensino. A formação, portanto, é um requisito indispensável ao exercício profissional docente e em atividades correlatas. A conjugação desse requisito com outros fatores que incidem na profissão contribuiu, ao longo do tempo, para que a formação acadêmica passasse a ser vista como um direito do professor.

No Brasil, a Constituição Federal de 1988 é referência, em seu artigo 206, inciso V, à valorização dos profissionais da educação. A Emenda Constitucional nº 53/2006 ratifica a necessidade e premência dessa valorização para todos os profissionais da educação, alterando o inciso V, do artigo referido anteriormente, em que a valorização dos profissionais da educação escolar seja garantida através de “planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas” e, o inciso VIII acrescenta o “piso salarial nacional para os profissionais da educação escolar pública, nos termos de lei federal”. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996 traz o Título VI específico aos Profissionais da Educação, artigos 61 a 67, referindo-se à formação e à valorização desses profissionais. Outro

ordenamento legal, que tem como um dos objetivos centrais a melhoria da qualidade do ensino, é o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005/2014.

O PNE afirma que os docentes com formação de nível médio na modalidade normal, não licenciados ou licenciados em área diversa da atuação docente, em efetivo exercício, deverá ser garantida a formação específica em sua área de atuação, mediante a implementação de cursos e programas, assim como caberá aos entes federativos implantar programas específicos para formação de professores para as populações do campo, comunidades quilombolas e povos indígenas. Com a consolidação da política, efetivam-se a gestão e o acompanhamento do Plano Nacional de Formação dos Professores da Educação Básica. De acordo com dados do Observatório do PNE – Plano Nacional de Educação, em sua Meta 15-Formação de Professores<sup>32</sup>, o Estado de Goiás apresenta os seguintes indicadores de qualidade no que refere a formação docente.

Tabela 02-Indicadores da Educação Básica da localidade-Goiás

<b>Ano</b>	<b>Estabelecimentos</b>	<b>Matrículas</b>	<b>Docentes</b>	<b>Turmas</b>
2007	4.398	1.487.143	53.286	57.769
2008	4.485	1.462.653	56.966	59.089
2009	4.456	1.455.476	56.932	59.141
2010	4.510	1.458.141	58.675	60.541
2011	4.464	1.434.365	59.357	60.873
2012	4.452	1.431.111	58.365	60.930
2013	4.525	1.430.561	59.631	61.578
2014	4.552	1.440.552	60.842	61.839

Fonte: MEC/Inep/DEED/Censo Escolar / Preparação: Todos Pela Educação

<sup>32</sup> Meta 15 - Formação de professores. Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/15-formacao-professores/dossie-localidades> Acesso em janeiro/2016.

Tabela 03- Porcentagem de professores da Educação Básica com curso superior. Rede / Pública

Ano	Com superior		Com licenciatura		Sem licenciatura	
	%	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade
2007	79%	34.429	72,7%	31.655	6,4%	2.774
2008	80,3%	36.507	78%	35.470	2,3%	1.037
2009	80,7%	37.031	78%	35.815	2,6%	1.216
2010	80,2%	37.448	77,4%	36.148	2,8%	1.300
2011	82,4%	38.879	74,7%	35.230	7,7%	3.649
2012	85,1%	38.946	77%	35.231	8,1%	3.715
2013	86,5%	40.212	78,3%	36.365	8,3%	3.847

Fonte: MEC/Inep/DEED/Censo Escolar / Preparação: Todos Pela Educação

Tabela 04- Professores da Educação Básica por escolaridade

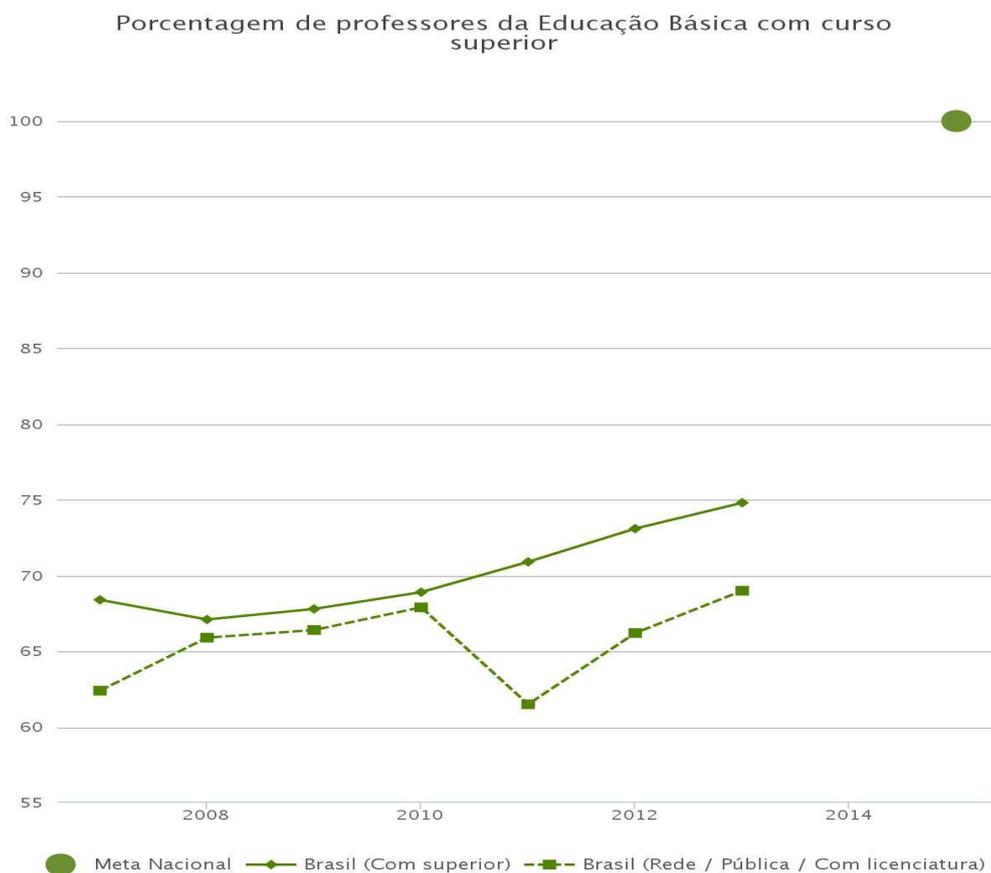
Ano	Ensino Fundamental		Ensino Médio - Normal/Magistério		Ensino Médio		Ensino Superior	
	%	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade
2007	0,6%	337	15,4%	8.193	5,9%	3.124	78,1%	41.632
2008	0,5%	260	13,7%	7.822	8,2%	4.693	77,6%	44.191
2009	0,5%	281	12,3%	7.010	9,1%	5.208	78%	44.433
2010	0,4%	218	11,6%	6.816	10,9%	6.380	77,1%	45.261
2011	0,4%	244	9,9%	5.858	11,1%	6.604	78,6%	46.651
2012	0,3%	168	6,8%	3.988	11,9%	6.925	81%	47.284
2013	0,2%	125	5,4%	3.206	12%	7.166	82,4%	49.134

Fonte: MEC/Inep/DEED/Censo Escolar / Preparação: Todos Pela Educação

O indicador abaixo mostra a porcentagem de professores da Educação Básica com Ensino Superior completo. Em 2013, apenas 74,8% tinham essa formação, o que significa que um quarto dos professores lecionavam mesmo sem ter formação superior. Nas desagregações é possível visualizar a porcentagem de professores que fizeram curso superior com licenciatura, 65,4%. Os dados do observatório do PNE demonstram que os

professores são os indivíduos que estavam em efetiva regência da classe em 25/05/2012. Não inclui os professores de turmas de atividade complementar e de atendimento educacional especializado. O indicador é calculado com base na função docente (ou cargos), portanto, um professor poderá ser contabilizado mais de uma vez no total se tiver mais de um cargo de professor. Para cada função docente, verifica-se se o professor tem educação superior e, no cálculo das desagregações, se ele tem ou não licenciatura. O percentual é calculado em relação ao total de funções docentes. A partir de 2013, o INEP passou a utilizar uma nova metodologia na divulgação dos dados consolidados de docentes com formação superior. Além de ter a escolaridade declarada como superior, é também necessário que a situação de um de seus cursos superior seja concluído.

Gráfico 03: Porcentagem de professores da Educação Básica com curso superior.



Observatório do PNE  
 Fonte: MEC/Inep/DEED/Censo Escolar  
 Elaboração: Todos Pela Educação

Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/metaspne/15-formacao-professores>  
 Acesso em: janeiro/2016.

O PNE destaca também a formação dos professores da educação do campo na meta 7.26, apontando

7.26) consolidar a educação escolar no campo de populações tradicionais, de populações itinerantes e de comunidades indígenas e quilombolas, respeitando a articulação entre os ambientes escolares e comunitários e garantindo: o desenvolvimento sustentável e preservação da identidade cultural; a participação da comunidade na definição do modelo de organização pedagógica e de gestão das instituições, consideradas as práticas socioculturais e as formas particulares de organização do tempo; a oferta bilíngue na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, em língua materna das comunidades indígenas e em língua portuguesa; a reestruturação e a aquisição de equipamentos; e o atendimento em educação especial (BRASIL, 2015).

Sob essa óptica, a escola deve estar colada à realidade dos sujeitos sejam estes do campo ou da cidade, respeitando todos os tempos e espaços da vida. E os trabalhadores do campo têm direito de ter uma escola onde moram, e que sejam respeitados levando em conta as suas relações de produção. A educação seja no campo ou na cidade não deve ser a-histórica, descontextualizada.

O documento referência do CONAE<sup>33</sup>/2014 discorre sobre a formação inicial e continuada, entendida como processo permanente, que articula as instituições de educação básica e superior, o qual requer um debate mais aprofundado, no âmbito do planejamento e da Política de Formação de Profissionais da Educação Básica. Esta política, delineada no Decreto no 6.755/2009, cujos princípios evidenciam uma concepção de formação que considera os profissionais da educação básica como portadores de conhecimentos, experiências, habilidades e possibilidades, os credencia a integrar os programas das universidades e demais instituições formadoras, exercendo um papel fundamental nos processos formativos.

Enfatiza também que a valorização, incluindo as condições de trabalho e remuneração dos profissionais da educação, constitui pauta imperativa para a União, estados, DF e municípios, como patamar fundamental para a garantia da qualidade de educação, incluindo a concretização das políticas de formação. É necessário superar a ideia, posta em prática em alguns estados e municípios, de, em função do piso salarial,

---

<sup>33</sup> CONAE – Conferência Nacional de Educação. Tema: O PNE NA ARTICULAÇÃO DO SISTEMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO: Participação Popular, Cooperação Federativa e Regime de Colaboração.

modificar os planos de carreira para introduzir remuneração por mérito e desempenho, em detrimento da valorização da formação continuada e titulação ou, ainda, de vincular esta remuneração a resultados da avaliação e desempenho dos alunos nos testes próprios ou nacionais. Tais políticas têm colocado em risco a carreira do magistério e fragilizado o estatuto profissional docente.

As categorias formação inicial e formação continuada fazem parte do contexto da educação do campo, mas estas ainda se constituem num desafio para as instituições formadoras bem como às redes de ensino nas quais os profissionais da educação do campo estão inseridos, haja vista que estudiosos como Arroyo (2007) têm apontado que os currículos acadêmicos dos cursos de formação de professores apresentam dificuldades de integrar em suas matrizes teóricas a diversidade social, política, econômica e cultural relacionadas com a educação do campo, devido às especificidades inerentes aos sujeitos coletivos camponeses, com destaque para os movimentos sociais. A palavra campo na educação do campo não significa o perfil do solo em que o agricultor trabalha, mas o projeto histórico de sociedade e educação que vem sendo forjado nos e pelos movimentos camponeses. (MOLINA; JESUS, 2004, p. 23).

Na formação inicial e continuada de professores para o trabalho docente comprometido com o ideário da classe trabalhadora camponesa. Entendemos aqui a formação continuada “como componente essencial da profissionalização docente, devendo integrar-se ao cotidiano da escola e considerar os diferentes saberes e a experiência docente” (BRASIL, 2009).

Todos os professores que atuam na EMREF Água Mansa Coqueiros são licenciados em pedagogia, portanto a escola conta com professores qualificados para o exercício do magistério. Vale ressaltar que participam de programas e projetos de formação continuada, visando aprimorar a prática pedagógica docente.

Dentre os programas e projetos pelos quais os professores da unidade escolar participaram no decorrer de suas trajetórias profissionais, destaca-se: Proformação, Escola Ativa, Profoco, PNAIC e Olimpíadas de Língua Portuguesa.

O Proformação - Programa de Formação de Professores em Exercício, na modalidade de educação a distância surgiu, como uma resposta dentre as diversas alternativas para o atendimento da legislação. Tratava-se de um curso de nível médio com habilitação para o magistério destinando-se aos professores sem habilitação mínima (terceiro ou quarto pedagógico) que atuam nas quatro séries iniciais do ensino fundamental e educação infantil. Tinha a duração de dois anos, organizado em quatro

módulos semestrais. Foi desenvolvido especialmente para atender professores dos Estados das Regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste. O programa foi projetado através de uma parceria entre União, Estados e Municípios, onde cada parte colaborou significativamente na sua execução. (Guia geral do PROFORMAÇÃO – 2000, p. 35).

O Proformação surgiu nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul em 1999, ampliando-se visivelmente a partir do ano 2000, para mais treze estados brasileiros: Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia, Sergipe e Tocantins, ficando dividido em três grupos. O primeiro programa de base foi iniciado em janeiro de 2000, fazendo parte do mesmo os seguintes estados: Acre, Ceará, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia e Sergipe. O segundo iniciou-se em julho do mesmo ano, através dos seguintes estados: Alagoas, Amazonas, Bahia, Maranhão e Tocantins. Finalmente, a terceira etapa começou em julho de 2002 com os estados: Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rondônia e Sergipe (Informativo do MEC).

Os principais objetivos do programa Proformação: habilitar o professor cursista em nível médio; elevar o grau de conhecimento e de competência profissional dos docentes e contribuir para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem e do desempenho escolar dos alunos na rede pública. O Proformação estava fundamentado no parecer CEB 15/98 da Câmara de Ensino Básico do Conselho Nacional de Educação, que define diretrizes curriculares para o ensino médio; no referencial para a formação de professores proposto pela Secretaria de Ensino Fundamental do MEC (SEF/MEC), aprovado pelo CNE (Resolução CEB nº 2199) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). (Manual de operacionalização do PROFORMAÇÃO, 2000, p.15).

O Proformação desenvolve-se na modalidade de Educação a Distância utilizando materiais auto instrucionais (impressos e vídeos), serviço de apoio à aprendizagem, atividades coletivas e individuais, além de contar com outros recursos tecnológicos para facilitar a construção do conhecimento, segundo Philippe Perrenoud “Podem-se associar os instrumentos tecnológicos aos métodos ativos, uma vez que eles favorecem a exploração, a simulação, a pesquisa, o debate, a construção de estratégias e de micromundos.” (Dez Novas Competências para Ensinar, 2000, p.136). São distribuídos guias de estudos e cadernos de verificação de aprendizagem, ambos contendo textos para estudos e exercícios para o aprofundamento do conhecimento. Os vídeos abordavam conteúdos e estudos nas áreas temáticas incluindo situações de prática pedagógica e

propostas de atividades diretamente ligadas à prática docente, sendo utilizados nos encontros quinzenais. (Manual de operacionalização do PROFORMAÇÃO, 2000, p.9).

Dentre os professores da EMREF Água Mansa, três participaram do curso, sendo Luci Meire de Oliveira, Neusa Dias de Oliveira e Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. As fotografias 25 e 26 ilustram esta formação.



Foto 25: Visita de acompanhamento pedagógico realizada pela tutora do curso Adriana Cristina Teixeira (1ª da esquerda para a direita) e a ex-professora Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. (2ª da direita para a esquerda). Ano: 2000.

Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.

O quadro de tutoria é formado por especialistas que acompanham os professores cursistas no dia a dia, sendo que, cada tutor poderá acompanhar até dez professores participantes. Os tutores visitam quinzenalmente os professores, tiram suas dúvidas, respondendo perguntas, através de contato telefônico ou pessoal. A função do tutor no programa é de facilitador da aprendizagem, ser um elo entre o professor cursista e a AGF além de ser um companheiro em quem o cursista deve confiar. Quinzenalmente, o tutor visita o seu grupo trabalhando planos de aula, ajustando o conteúdo do Programa à sala de aula, orientando projeto de trabalho e planejando atividades para serem realizadas na prática docente (Guia Geral do PROFORMAÇÃO – 2000, p.32).



Foto 26: Fase presencial do Proformação. Ex-professora Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira (a 4ª da direita para esquerda) e professora Luci Meire de Oliveira (a 1ª da esquerda para a direita). Ano: 2000. Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.

É plausível concluir através das narrativas a seguir que o Proformação, apesar de não ter sido um curso específico para o professor do campo, possibilitou outras formações para as professoras que iniciaram na EMREF Água Mansa Coqueiros.

Eu trabalhei um ano, sem ajuda e orientação pedagógica. No segundo ano começou o Proformação. Aí tive orientação e ajuda, pois tinha a tutora, a formação continuada presencial. Foi o início da formação na área. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

Recebíamos visita da tutora e da gestora do Proformação. Fazíamos aniversários das crianças, nossos também, quadrilha, piquenique. Era muito bom! Eu gostava de levar os alunos embaixo de umas árvores bonitas, fazíamos uma roda de leitura para trabalharmos com os livros. (Entrevista, Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira. 2015)

As dificuldades para conciliar o exercício do magistério com a formação eram muitas, tornando-se um desafio. Na sexta-feira as professoras tinham que ir para a cidade participar da fase presencial do curso. Por essa razão, tinham que ministrar suas aulas pela manhã, para que pudessem ir estudar. Como a escola possuía apenas uma sala, a professora Telma tinha que improvisar um espaço para suas aulas. Algumas eram

ministradas embaixo da árvore, ao ar livre, outras eram revezadas nas casas das crianças a convite das próprias famílias, onde faziam um rodízio. O depoimento da merendeira Cidalina sustenta a informação.

Na sexta-feira como as professoras tinham que dar aula pela manhã e tinha só uma sala, eles revezavam. Iam para minha casa, outras vezes iam para casa de colegas e assim ia passando cada semana, corria a roda. Naquela foto estávamos indo na casa de dois alunos, não era perto, íamos a pé e no caminho atravessámos a pinguela numa represa. Ela deu aula lá, eu fiz o lanche. Isto aconteceu umas duas vezes. Quando dava o horário voltávamos e o ônibus já estava encostando para irmos embora. Então era assim que funcionava e lembrei porque a gente estava atravessando a pinguela e carregando o lanche, as vasilhas de fazer o lanche, porque os pais dos alunos pediam para falar para a professora que se fosse para ela dar aula embaixo da árvore era para ir para a casa deles, convidavam. As vezes era perto, a gente ia, outras vezes o ônibus ia para a mesma direção e íamos também. Com cuidado para perder o horário dos alunos que iam para a cidade, nem dos que estudavam lá. Nada passava da hora. Era difícil, mas sinto saudade! Tudo foi história e boa! Com muita sinceridade, principalmente de minha parte, sempre trabalhei com honestidade, pensando em fazer o bem para eles. Um lanchinho simples, mas com amor. Às vezes alguma coisa estava pouca e pensava o que iria fazer, mas eles sempre gostavam. (Entrevista, Cidalina Maria de Oliveira Ribeiro. 2015)



Foto 27: Atravessando uma pinguela para assistirem à aula. Ano: 2000.  
Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.

Na foto nº 28 observa-se a prática docente da professora Telma na residência de um aluno, conforme narrado pela merendeira Cidalina. Nota-se as crianças sentadas em círculo com os cadernos sobre as pernas, em condições inadequadas de postura. Porém exercendo sua função docente nas condições que dispunha no momento.



Foto 28: Aula na casa de Dona Cidalina (merendeira). Ano: 2000.  
Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira.

A realidade vivenciada pelos sujeitos que compõem esse período histórico da EMREF Água Mansa Coqueiros nos desafiam a repensar a escola, pois é visível precariedade da educação oferecida às populações do campo, principalmente turmas multisseriadas, que se constituem a maioria das escolas do campo, uma vez que são escolas com um pequeno número de estudantes, situadas em localidades pouco populosas.

Entretanto, o contingente de estudantes nestas escolas representa uma quantidade expressiva de pessoas que merecem e tem direito a um atendimento escolar de qualidade. Passa-se assim a explicar sobre o Programa Escola Ativa, criado sob a perspectiva de permitir a formação integral do aluno, respeitando a diversidade e priorizando a identidade e o exercício de cidadania. (BRASIL, 2010, p. 11)

O Programa Escola Ativa, começou a ser implementado no Brasil em meados de 1997, com recursos resultantes de acordo entre o Banco Mundial e o Brasil, representado pelo MEC, que, para administrá-lo, cria o Fundo de Desenvolvimento da Escola –

FUNDESCOLA<sup>34</sup>. Recursos financeiros, orientações administrativas e pedagógicas são repassadas às secretarias estaduais e municipais de educação, responsáveis pela aplicação do referido Programa que, no período acima indicado, se estende pelos estados e municípios das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Estado brasileiro.

Programa Escola Ativa, adotado no Brasil, inspira-se na experiência “Escuela Nueva/Escuela Ativa”, iniciada na Colômbia em 1975, com o apoio do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). A partir desta experiência, a política aí adotada ampliou-se para aplicação em outros países da América Latina, além da Colômbia, como: Argentina, Chile, Costa Rica, Equador, Guiana, Guatemala, Honduras, Paraguai Peru e República Dominicana (BRASIL, 1999).

O Programa Escola Ativa, implementado pelo MEC, pode-se afirmar que o mesmo se inspira no movimento escola novista, entendido, na sua época, como busca de alternativas para uma educação que correspondesse às mudanças provocadas diante da emergência de um mundo urbano industrial (MONARCHA, 1990). As ideias preconizadas pelo escolanovismo chegaram ao Brasil nos anos de 1920, constituindo-se nos fundamentos do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932.

As escolas multisseriadas eram consideradas como resquício de um período em extinção em decorrência do processo acelerado de urbanização. Os espaços do campo, comumente negligenciado por políticas públicas e atendido apenas por políticas compensatórias, recebe um programa que procura auxiliar o trabalho do educador.

A definição do Programa Escola Ativa para as classes multisseriadas rurais é formulada por Fernando Piza e Lilian Sena, respectivamente o coordenador e a assessora técnica, vinculados ao FUNDESCOLA<sup>35</sup>. Para estes é necessário combinar, na sala de aula uma série de elementos e instrumentos de caráter pedagógico/administrativo, cuja implementação objetiva aumentar a qualidade do ensino oferecido naquelas classes, de acordo com aqueles autores. A finalidade do Programa, assim definida por técnicos encarregados de sua implementação, está diretamente associada às concepções que o

---

<sup>34</sup> FUNDESCOLA (Fundo de Fortalecimento da Escola) é um programa Ministério da Educação, financiado pelo BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento) e elaborado em parceria com as secretarias estaduais e municipais de educação. Estabelece um conjunto de ações para o ensino público fundamental regular nos estados das regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fundo\\_de\\_Fortalecimento\\_da\\_Escola](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fundo_de_Fortalecimento_da_Escola) Acesso em janeiro/2016.

<sup>35</sup> Ver: PIZA, Fernando Ferreira; SENA, Lilian Barboza. PMG3: Escola Ativa. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2001/cms/cmstxt3.htm> Acesso em: 9 mar. 2010.

sustentam, tendo por princípio a aprendizagem centrada na atividade do aluno, por isso mesmo a denominação de escola ativa.

O Censo Escolar 2008 apontou a existência de mais de 48 mil estabelecimentos de ensino nas áreas rurais com organização exclusivamente multisseriada, Educação do Campo e Classes Multisseriadas com uma matrícula de 1,3 milhão de estudantes, configurando uma urgente necessidade de apoio técnico e financeiro por parte da União, Estados e Municípios. (BRASIL, 2010, p. 12)

Os povos do campo demandam boas escolas para seus filhos, bons educadores e uma educação que não prepare apenas para a vida na cidade, mas que reconheça as distintas formas de existência, de manifestações da vida e de relações sociais e com a natureza, e, não apenas, para a vida na cidade.

A defesa de um país soberano está vinculada à construção de um projeto de desenvolvimento do campo onde a educação é uma das dimensões necessárias para a transformação da sociedade. Portanto, a Educação do Campo é entendida como forma de ação político-social, em oposição à tradicional educação rural, transposição empobrecida da educação construída para as áreas urbanas. No contexto da Educação do Campo, a escola passa a ser reconhecida como espaço de reflexão da realidade dos povos do campo, de seu trabalho, suas linguagens, de suas formas de vida e, sobretudo, de um novo projeto político de desenvolvimento.

No que se refere à metodologia do Programa Escola Ativa, busca-se uma articulação entre teoria/prática na construção de conhecimentos. A opção do Programa é por uma metodologia problematizadora, capaz de definir o educador como condutor do estudo da realidade, por meio do percurso das seguintes etapas: I) Levantamento de problemas da realidade; II) Problematização, em sala de aula, das questões identificados na realidade, a partir de fundamentos filosóficos, antropológicos, sociais, políticos, psicológicos, culturais e econômicos e articulação com os dos conteúdos; III) Teorização (pesquisa, estudos e estabelecimento de relação com o conhecimento científico; IV) Definição de alternativas de solução em relação à problemática identificada; V) Proposição de ações de intervenção na comunidade. (BRASIL, 2010, p. 21)

Brasil (2010), destaca que atualmente o Programa Escola Ativa está presente em 39.732 escolas, segundo dados do SIMEC quanto à adesão ao Programa para o ano de 2010. O propósito da Coordenação Geral de Educação do Campo CGEC/SECAD/MEC é possibilitar o acesso a este Programa, com seus recursos de natureza pedagógica, para todas as escolas que assim desejarem e seguir no aprimoramento dessa tecnologia

educacional destinada a auxiliar o trabalho de educadores (as) que atuam com classes multisseriadas.

Esta perspectiva na organização do trabalho pedagógico significou a passagem da centralidade do conteúdo e do professor para a atividade e o aluno. Essa preocupação em institucionalizar novas práticas pedagógicas ativas tem relação direta com as questões econômicas mais amplas e com o mercado de trabalho capitalista decorrente do avanço científico e tecnológico que tem ampliado também no campo, que passa a requerer trabalhadores mais flexíveis, que participem ativamente em várias etapas e processos da produção, que deem opiniões, desenvolvam várias atividades, sejam multifuncionais, versáteis, e polivalentes, num mundo do trabalho precarizado, instável, sem garantias e que insere uma lógica da colaboração de classe, tudo isso dentro da lógica da qualidade total visando uma maior produtividade e um domínio do capital na relação capital/trabalho (NOGUEIRA, 2001).

Por isso, o Programa Escola Ativa carrega no seu núcleo a divergência com o aspecto tradicional, rasgando as vestes da teoria pedagógica tradicional e se apresenta com o novo modelo, que atenda os interesses dos alunos da escola do campo, compreensão que decorre de uma visão pragmática da realidade objetiva.

Sendo um programa com características de novidade, para romper com o velho, com as tradições, também se propõe a formar um novo professor capaz de se adaptar à nova realidade da escola. E, como esse profissional também foi formado em uma escola tradicional, segundo Ernesto Schiefelbein (1993) poucos professores podem ensinar usando um método ativo, por que este método não foi usado durante toda a sua formação docente, nem tampouco durante a sua educação primária e secundária (SCHIEFELBEIN, 1993, p.09).

Segundo a narrativa da professora Márcia Salustiano, o programa não teve continuidade na EMREF Água Mansa Coqueiros, embora fosse muito bom.

Foi em 2012, durou um ano. A Escola Ativa colaborou muito, mas é sempre assim, as vezes aquilo que é novo, o professor não entendi da forma que o outro pensa e o trabalho não ocorreu como deveria. O Programa Escola Ativa também é um projeto muito bom, com tudo pronto para ajudar. Mas não teve continuidade. (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

Constata-se através da narrativa que o programa não teve continuidade. Embora tenha acontecido em 1998 um longo esforço para a reformulação do Programa Escola Ativa no Brasil, procurando adequar seu conteúdo a realidade brasileira, não há avanços qualitativos na concepção da proposta, o que evidencia que os responsáveis pela sua reformulação não percebem que num momento de crise do sistema capitalista, em que se tem que negar a possibilidade do entendimento da realidade objetiva, nega-se também as categorias de historicidade e contradição.

Atendendo à metodologia do Programa Escola Ativa, surgiu a ideia do Dia da conquista, um projeto realizado pela EMREF Água Mansa Coqueiros no início do ano letivo de 2012 na escola multisseriada, consistindo em um dia de festa na instituição apresentando à comunidade as conquistas alcançadas pelos alunos no decorrer do período letivo. Durante a culminância do projeto foram selecionados os três melhores desenhos das turmas do Infantil I e II, 1º e 2º ano, as três melhores produções de texto do 3º ano e as três melhores produções de poema do 4º e 5º ano, o tema escolhido foi “O Lugar onde vivo”, conforme a classificação do concurso os alunos receberam medalhas e os primeiros lugares receberam um kit escolar.

Os funcionários da escola foram convidados para escreverem um poema de acordo com o tema proposto e aceitaram o desafio. O Sr. Afonso Lázaro Couto, o vigia da unidade escolar nesse período e dos sujeitos dessa trajetória histórica foi um dos premiados e declamou seus versos, cheio de emoção e alegria, conforme anexo nº 04.

Na foto nº 30 pode-se visualizar no primeiro quadro a professora Débora fazendo a entrega de certificado para a aluna participante. No segundo quadro apresenta a premiação do funcionário Afonso, o terceiro da direita para a esquerda, pela equipe técnica pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde-GO.



Foto 29: Culminância do projeto O Dia da Conquista, com entrega de premiação. Ano: 2012.  
Fonte: <http://educacao.rioverde.go.gov.br/noticias>

Nesse momento de reconstrução histórica através das narrativas, recorro a Ricouer (2008), quando enfatiza a ideia para o fato da produção historiográfica encandear sentidos para o material histórico analisado mesmo quando ela não se estrutura de forma narrativa. Tanto a narração mais tradicional, quanto os modelos historiográficos mais contemporâneos, quando reconstroem dados do passado, estão sempre rerepresentando esses dados ou esse passado por meio de suas análises.

Dando continuidade aos cursos de formação, destaca-se também a Política de Formação Continuada em Ouvidorias – Profoco, uma iniciativa da Ouvidora-geral da União, que promove a capacitação de servidores e empregados públicos de ouvidorias. Em parceria com outros órgãos, são oferecidos cursos presenciais e à distância, com carga horária de 20h. Em 2015, foram realizados 20 cursos presenciais, com os seguintes temas: Gestão e Prática em Ouvidoria, Acesso à Informação, e Mediação em Ouvidoria.

A coordenadora acompanha, fazendo visitas semanais. No início do ano tem a semana de planejamento, além de estarem oferecendo o curso: Profoco, tendo encontros mensais na cidade. (Entrevista, Luci Meire de Oliveira. 2015)

O PNAIC-Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa tem o propósito de apoiar todos os professores que atuam no ciclo de alfabetização, incluindo os que atuam nas turmas multisseriadas e multietapa, a planejarem as aulas e a usarem de modo articulado os materiais e as referências curriculares e pedagógicas ofertados pelo MEC às redes que aderirem ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e desenvolverem as ações desse Pacto. Resolução em vigor: Resolução nº 4, de 27 de fevereiro de 2013, com alterações da Resolução nº 12, de 8 de maio de 2013.

O Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa tem sido desenvolvido por meio de ações que estimulam a ação reflexiva do professor sobre o tempo e o espaço escolares. Cinco princípios centrais orientam a proposta: Currículo inclusivo, que defende os direitos de aprendizagem de todas as crianças, fortalecendo as identidades sociais e individuais; Integração entre os componentes curriculares; Foco na organização do trabalho pedagógico; Seleção e discussão de temáticas fundantes em cada área de conhecimento; Ênfase na alfabetização e letramento das crianças.

Tabela 05 - NÚMEROS DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

Nº escolas com matrículas no 1º, 2º, 3º ano e multisseriadas/ multietapa	108.733
Nº de turmas do 1º, 2º, 3º ano e multisseriadas/ multietapa	400.069
Nº de matrículas do 1º, 2º, 3º ano e multisseriadas/ multietapa	7.980.786

Fonte: INEP

A foto nº 31 demonstra a proposta de trabalho diferenciada do PNAIC, Língua Portuguesa, realizada pela professora Márcia Salustiano Carvalho Leão na sala multisseriada, explorando os eixos de ensino da língua como norteadores do planejamento escolar previstos no PNAIC: leitura, produção de textos, oralidade e a análise linguística - apropriação do Sistema de Escrita Alfabética.



Foto 30: Contando histórias. Ano: 2014.

Fonte: Arquivo digital da escola.

Diante de tais práticas de formação percebe-se a escola como um espaço criativo, tanto para o professor quanto para o aluno, pois tem a possibilidade de aprender a fazer e modificar-se, transformando e modificando a cultura da sociedade a que pertencem.

A escola é um espaço de criação (Chervel, 1990), interferindo na sociedade ou simplesmente uma reprodução, reflexo da sociedade? Para mim, não existe essa dicotomia, a escola é as duas coisas, é um espaço de confronto. O espaço escolar é um

lugar de contradições e lutas, é um organismo vivo (Vinao, 2008), pois nascem e se desenvolvem, evoluem, se transformam, desaparecem, engolem umas às outras, se atraem e se repelem, se desgarram e se unem, competem entre si, se relacionam e intercambiam informações, ou as tomam emprestadas de outras. (Vinao, 2008, p.204).

Compõem também a formação docente dos professores da EMREF Água Mansa Coqueiros a Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, que desenvolve ações de formação de professores com o objetivo de contribuir para a melhoria do ensino da leitura e escrita nas escolas públicas brasileiras.

Vale ressaltar que não é um programa voltado para a educação do campo, mas de uma iniciativa da Fundação Itaú Social, com coordenação técnica do Cenpec - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, que contribui para a melhoria do ensino da leitura e escrita nas escolas públicas de todo o país, desenvolvida em parceria com o Ministério da Educação. Também são parceiros do programa na execução das ações o Conselho Nacional dos Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e o Canal Futura, conforme informação no site<sup>36</sup>.

A Olimpíada tem caráter bienal e, em anos pares, realiza um concurso de produção de textos que premia as melhores produções de alunos de escolas públicas de todo o país.

Participam professores e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental (EF) ao 3º ano do Ensino Médio (EM), nas categorias: Poema no 5º e 6º anos EF; Memórias no 7º e 8º anos EF; Crônica no 9º ano EF e 1º ano EM; Artigo de opinião no 2º e 3º anos EM. Nos anos ímpares, desenvolve ações de formação presencial e a distância, além da realização de estudos e pesquisas, elaboração e produção de recursos e materiais educativos.

Em 2010, 2ª edição da Olimpíada, o aluno Jonathan Luis Kuczirca do 5º ano do Ensino fundamental ficou entre os finalistas nacionais, na categoria Poemas. Esta conquista significou muito para o aluno, sua família e para a escola como um todo. Sua professora, Márcia Salustiano Carvalho Leão conta com satisfação a conquista.

Gostei muito de trabalhar com Olimpíada de Língua Portuguesa, que vem prontinho com nove oficinas só para o professor explorar e trabalhar com os alunos. Esse projeto foi um dos que maior rendimento. Meu aluno Jonathan foi o melhor de Rio Verde e foi para a etapa estadual, passou e foi para Brasília. Então nós ficamos entre os trinta melhores do país. (Entrevista, Márcia Salustiano Carvalho Leão. 2015)

---

<sup>36</sup> <https://www.escrevendoofuturo.org.br>

### 3.6.1 ALGUNS PROJETOS DESENVOLVIDOS PELA ESCOLA

O projeto Grêmio Escolar Mirim foi estruturado na rede pública municipal no ano de 2009, com o objetivo de formar lideranças. No órgão, a educação financeira é trabalhada propiciando que os estudantes aprendam a planejar; pesquisar; gerir a verba pública e observar o que comprar em termos de validade e utilidade; exigir nota fiscal; prestar conta dos valores e tudo a serviço da coletividade. Assim, pensando nestes princípios, desde 2010, 3% dos recursos das unidades são colocados à disposição dos Grêmios.

Atualmente, a rede municipal conta com 56 grêmios mirins, divididos entre Ensino Fundamental da zona urbana e rural e Ensino Infantil. O órgão é composto por presidente, vice-presidente e tesoureiro.

Veja no quadro, o nome dos grêmios mirins de todas as escolas rurais do município de Rio Verde.

Quadro 08- Lista dos Grêmios Mirins das escolas rurais de Rio Verde-GO

<b>UNIDADE ESCOLAR</b>	<b>GRÊMIO ESCOLAR MIRIM</b>
EMREF Água Mansa Coqueiros	Mico Leão Dourado
EMREF São José do Pontal	Lobo Guará
EMREF Vale do Rio Doce	Onça Pintada
EMREF Cabeceira Alta	Bem- te- vi
EMREF Monte Alegre	Falcão
EMREF Sete Léguas	Tucano
EMREF Breno de Araújo Silva	Beija-flor
EMREF Vaianópolis	Papagaio-da-cara-roxa
EMREF Baumgart	Tatu canastra
EMREF Escadinha do Futuro	João de barro

Fonte: <http://www.rioverdegoias.com.br/>

O Grêmio Mirim foi um dos projetos de grande relevância para os alunos e professores da EMREF Água Mansa Coqueiros. Foi realizado um trabalho interessante com as crianças da unidade escolar, sendo criado zona eleitoral e as chapas concorrentes conforme demonstra a foto nº 32.



Foto 31: Campanha eleitoral. Ano: 2015.  
Fonte: Documentos da EMREF Água Mansa Coqueiros.

A campanha das chapas participantes propiciou o exercício da cidadania. Após o resultado das eleições, a chapa vencedora foi empossada. Na foto abaixo visualiza-se esse momento histórico na vida dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros.



Foto 32: Posse da chapa eleita. Ano: 2015.  
Fonte: Documentos da EMREF Água Mansa Coqueiros.

De acordo com anexo nº 10, a Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde divulgou o projeto em jornal informativo próprio, destacando os grêmios mirins eleitos na rede municipal de ensino. A programação contou com atividades em prol de todos os integrantes da diretoria dos Grêmios Estudantis, acompanhados pelos gestores, professores e coordenadores escolares.

Dentre as atividades do colegiado, os membros do Grêmio desenvolvem ações preventivas e de conscientização nas escolas com relação à segurança pública, incentivando o uso do uniforme escolar, monitorando o recreio e divulgando a não violência.

O anexo 11 apresenta o termo de abertura do livro Ata destinado aos registros do Grêmio Escolar Mirim Mico Leão Dourado da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros, situada na Fazenda Água Mansa, no município de Rio Verde-GO.

O anexo 12 se refere a primeira ata do Grêmio Escolar Mirim Mico Leão Dourado no ano letivo de 2015. O documento trata de assuntos relacionados à prestação de contas do PDEM-Programa Dinheiro nas Escolas Municipais, apontando valores destinados ao colegiado e a conta a ser creditada a parcela de 2015 o qual foi reprogramado de 2014.

O Programa Agrinho é de responsabilidade social do Sistema FAEG /SENAR e Sindicatos Rurais. Desenvolvido em parceria com o Governo Estadual por meio das Secretarias de Educação, da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, do Meio Ambiente e Recursos Hídricos e, com Prefeituras (Secretaria Municipal de Educação) e diversas empresas e instituições privadas. Visa a formação de uma geração mais crítica e consciente de seu papel de cidadão. Além disso, sua proposta contribui para o desenvolvimento do setor agropecuário, com base em conceitos de sustentabilidade. O tema do concurso Agrinho de 2015 é "Saber e atuar para melhorar o mundo: saúde, qualidade de vida e meio ambiente"

Na foto abaixo observa-se uma atividade desenvolvidas em 2014, envolvendo saúde e meio ambiente.



Foto 33: Programa Agrinho. Ano: 2014.  
Fonte: Acervo da EMREF Água Mansa Coqueiros.

A horta escolar sempre esteve presente na história da EMREF Água Mansa Coqueiros. Funcionando como laboratório vivo de aprendizagem e incentivo à preservação do meio ambiente, a horta escolar desperta sobre tudo o interesse pela produção agrícola, além de colaborar na complementação da merenda escolar. A fotografia nº 34 mostra o senhor Afonso Lázaro do Couto, na época o vigia da escola, em 2004, cultivando a horta escolar nos primeiros anos de funcionamento na atual sede da escola.



Foto 34: Horta escolar. Ano: 2004.  
Fonte: Acervo da EMREF Água Mansa Coqueiros.

Após dez anos de atividades com horta escolar como demonstra a foto nº 36, podemos ver a continuidade deste projeto através do trabalho realizado pela professora Márcia Salustiano e seus alunos do 4º e 5º anos.



Foto 35: Horta Escolar. Ano: 2014.  
Fonte: Acervo da EMREF Água Mansa Coqueiros.

A unidade escolar sempre teve grande preocupação com a aprendizagem de seus alunos. Por isso, todos colaboravam com aqueles com maior dificuldade, conforme ilustração abaixo.



Foto 36: Reforço escolar. Ano: 2005.  
Fonte: Acervo da EMREF Água Mansa Coqueiros.

O projeto Festa Junina funciona mesmo antes da escola ter sede própria, entre 1997 e 2002. Por se tratar de um evento que envolve toda a comunidade em um momento de confraternização. A foto a seguir retrata a cultura escolar no que se refere às festividades juninas em espaço aberto no ano de 2001, período em que a EMREF Água Mansa Coqueiros funcionava na sede da Escola Municipal Cândida Pereira.



Foto 37: Festa Junina. Ano: 2001.  
Fonte: Arquivo pessoal de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira

Na foto nº 39 observa-se as atividades juninas desenvolvidas pela escola onde os professores exploraram as comidas típicas desta festividade no ano de 2015.



Foto 38: Festa Junina. Ano: 2015.  
Fonte: Acervo da EMREF Água Mansa Coqueiros.

A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades e hoje, na febre e na angústia. A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro (Jacques Legoff, 2003, p. 469)

Pois um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois (Walter Benjamim, 1994, p. 37).

As narrativas deixam uma clara uma pressão de como as lembranças desse grupo de professoras ainda estão vivas. Mesmo com o passar do tempo, são capazes de recordar e narrar com clareza muitos aspectos de seus percursos profissionais.

A cultura local revelou uma forma de organização coletiva que incluiu o rural como lugar de pertencimento frente às representações postas pelo mundo social urbano. Para esses professores pertencer ao campo representa suas identidades construídas, mostradas e reconhecidas pela força da oralidade, dos discursos que denunciaram à margem imposta por uma organização baseada na cidade (CHARTIER, 2002, p. 11).

Desse modo, as tradições são entendidas como práticas usos ou representações construídas culturalmente por cada grupo social (CHARTIER, 2002). Para OLIVEIRA, 2004, p. 272, o modo como os professores desenvolveram e fizeram opção de suas práticas sociais figuraram como modos de viver, trabalhar, morar, assim a cultura é sempre tomada como expressão de todas as dimensões da vida, incluindo valores, sentimentos, emoções, hábitos.

Nesta perspectiva, o tempo das trajetórias investigadas é compreendido a partir do sentido que cada sujeito expressa para sua prática, independente da preocupação com a linearidade dos fatos no tempo, analisadas na sua coletividade, sendo às memórias, narração de uma vida conectada com a narração de outras vidas, numa dinâmica que supõem ir além da sucessão cronológica (FISCHER, 2005, p. 159). À trajetória se entrelaça e constitui posições, codificadas e relacionadas à densidade das memórias. Portanto, utiliza-se a perspectiva do Tempo Social de Halbwachs (2006) ao considerar a convivência social e em grupo como definidora de uma representação coletiva sobre o tempo.

Ao lançar mão da memória para estudos sobre a profissão docente, é necessário considerar que as memórias pessoais não existem isoladas ou autônomas, elas se

constroem em função de quadros comuns de referência do grupo social e das ideias partilhadas por esse grupo. (VIDIGAL, 1996). A análise do caminho percorrido pelas professoras na constituição de sua vida profissional permite a reconstituição dos caminhos da profissão docente.

Bosi (1994), defende a memória coletiva, afirmando que nós não estamos sós nas recordações, na medida em que vivemos em grupos e dependemos de interações. Para ela, a memória coletiva desenvolve-se a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais e a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. O grupo é o suporte da memória, quando nos identificamos com ele.

Portelli (1997, p. 16), apesar de afirmar que a lembrança é moldada pelo meio social, não utiliza o termo Memória coletiva, na medida em que acredita que o ato e a arte de lembrar são profundamente pessoais.

A pesquisa evidenciou através das narrativas a multiplicidade de fatores envolvidos na constituição do universo psíquico da pessoa. A riqueza de detalhes e as nuances reveladas pelos depoimentos confirmam, portanto, a natureza complexa da constituição das singularidades, cuja análise não merece ficar reduzida ao enquadramento em tendências lineares tampouco fatores isolados. Os resultados desta investigação corroboram, portanto, os postulados da abordagem histórico-cultural. Por esta razão, o percurso profissional dos professores do ensino rural deve ser interpretado com cautela, evitando generalizações precipitadas ou reducionistas. É preciso que se leve em consideração os fatores que concorrem para a constituição de suas singularidades.

## 4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

“[...] compreender o presente por meio do passado e sobretudo o passado por meio do presente”. Febvre.

O pensamento de Febvre (1985) traduz em síntese o movimento da pesquisa, sobretudo compreender o presente por meio do passado. Para isto, recorreu-se à História Oral, à História Cultural e à Memória para buscar compreender como se deu o surgimento da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros, segundo as narrativas e sua relevância para o ensino do campo no município de Rio Verde.

### 4.1 REVISANDO A LITERATURA

Com esteio nos referenciais teóricos de Alberti (2013), Benjamim (1994), Bosi (1994), Chartier (2002), Halbwachs (2006), Pensavento (2014), Portelli (1997), Meihy (2002), Le Goff (2003), Thompson (1997), dentre outros, a pesquisa foi fundamentada, adquirindo cientificidade.

Os estudos permitiram deduzir que as fontes orais podem acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador e pesquisador necessita de documentos variados, não apenas os escritos. Vale mostrar aqui a evolução de uma prática importante que compõe parte da historiografia contemporânea.

De acordo com Alberti,

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. É claro que, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos. (ALBERTI, 2013, p. 4)

Nessa linha, a história oral, conforme a citação, centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Pode-se entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade,

mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não. Para Maurice Halbwachs (2006), toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.

A História Cultural possibilitou considerar a subjetividade dos atores a resgatar no passado sua individualidade, sua trajetória de vida e sua inserção no mundo acadêmico e social. A proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2005, p. 42).

## **4.2 RESPONDENDO ÀS INDAGAÇÕES DA PESQUISA**

A pesquisa apresentou os testemunhos históricos dos narradores de acordo com sua verdade em relação ao surgimento da escola, entrelaçada nas memórias e lembranças de cada sujeito participante.

É preciso destacar que o corpus oral e o corpus escrito disponibilizados enriqueceram o trabalho de construção da pesquisa. Apenas com a utilização das fontes escritas não teriam dados respostas as minhas indagações, mas apresentado dados e informações já conhecidas pela história oficial de criação da escola. Foi preciso ir além e percorrendo os caminhos da história oral ouvir a vozes esquecidas do meio rural reconstruir a história e memória da Escola Municipal “Água Mansa Coqueiros”.

Através das narrativas, foi possível absorver aspectos peculiares da formação, posturas e hábitos de aprender e ensinar tanto dos professores quanto dos alunos, assim como, as fortes relações entre a instituição e a vida pessoal e profissional explicitadas nas entrevistas. Assim, por meio das narrativas e dos documentos consultados, observou-se que cada história individual se fez e se refez fortemente influenciada e condicionada ao contexto da escola. Ao narrar sobre a escola, suas alegrias, crenças, mitos, tradições, angústias, os narradores entrelaçaram leituras acerca das suas próprias vidas, aproximando-se com o universo social, familiar e cultural da comunidade rural.

A investigação evidenciou através das narrativas a multiplicidade de fatores envolvidos na constituição do universo psíquico da pessoa. A riqueza de detalhes e as nuances reveladas pelos depoimentos confirmam, portanto, a natureza complexa da

constituição das singularidades, cuja análise não merece ficar reduzida ao enquadramento em tendências lineares tampouco fatores isolados. Os resultados corroboram com os postulados da abordagem histórico-cultural, levando em consideração os fatores que concorrem para a constituição de suas singularidades.

No que se refere à relevância da escola para o ensino do campo no município de Rio Verde, vale ressaltar que seu surgimento se deu a partir da iniciativa da comunidade rural, sem a participação de qualquer movimento social. A necessidade de se ter uma escola que atendesse à clientela da região rural da água da mansa foi a razão principal para busca de sua criação e implantação naquela localidade. Além disso, se destaca por sua permanência até os dias atuais com resultados positivos tanto pelo crescimento do número de alunos, como pelas conquistas educacionais.

A memória não é sonho, é trabalho (BOSI, 1994, p. 55) e, nesse sentido, lembrar implica olhar para o passado com os olhos do presente. Os entrevistados desta pesquisa olharam para suas experiências relativas ao surgimento da escola e sua permanência até os dias atuais com os olhos que possuem hoje, carregados de representações que lhes são próprias deste tempo. Suas memórias cruzaram os diferentes tempos. E, por conta disso, aquelas falas que à primeira vista poderiam ser classificadas como contraditórias nada mais são do que o resultado do trabalho da memória.

Devido à impossibilidade dos estudos relacionados à história e memória serem esgotados, acredita-se que novos olhares sejam necessários. Olhares estes que podem se voltar para a história da educação regional e goiana, possibilitando uma gama de pesquisas referentes ao tema.

## REFERÊNCIAS

### Dissertações e teses

ALMEIDA, D. B. Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2001. 245 p.

ALMEIDA, Maria Zeneide C. M. Educação e Memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944). Brasília: UnB, 2009.

BORBA, Sara Ingrid. Educação rural: uma realidade no chão sem-terra da escola do campo. João Pessoa: UFPB, 2008.

CLEMENTE, Evandro César. O Programa de Microbacias no contexto do desenvolvimento rural da região de Jales-SP. 2011. 339f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente (SP), 2011.

CUNHA RIBEIRO, Emival da. A contribuição do ensino de geografia para a formação da cidadania nos alunos das escolas rurais no município de Rio Verde-GO. Dissertação de Mestrado em Geografia. Jataí: UFG, 2015.

FERRI, C. Classes multisseriadas: que espaço escolar é esse? Dissertação de Mestrado. Santa Catarina, SC. Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 1994. 161p.

GONÇALES, Claudécir. As políticas públicas, a modernização dos cerrados e o complexo públicas, a modernização dos cerrados e o complexo soja no sul goiano: 1970-2005. 2008. 245f. . 2008. 245f. . 2008. 245f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

PIETRAFESA, José Paulo. “A grande travessia”: agricultura familiar e qualidade de vida. Brasília, 2002. Tese (Doutorado) - UnB.

SILVA, Adilson Alves da. A educação do campo em Goiás: contribuições da Comissão Pastoral da Terra. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2012.

XIMENES, Francimar Alves. Egressos do curso técnico em agropecuária: um estudo de caso no instituto federal goiano – câmpus Rio Verde. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Regional. ALFA. Goiânia. 2015.

## **Livros e capítulos de livros**

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALMEIDA, D. B. A educação rural como processo civilizador. In: STEPHANOU, M.; ARAÚJO, Jaqueline Veloso Portela. História da educação rural em Goiás. Cadernos de História da Educação, v. 8, n. 2. Jul. /dez. 2009.

ALMEIDA, Maria Zeneide C. M. Curso de Pedagogia: um protagonista em busca de sua identidade. Revista Educação. Goiânia: UFG, 1991.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Por uma educação do campo. In ROSELI Salette Caldart, Mônica Castagna Molina (organizadores). 3. ed. – Petrópolis RJ: Vozes, 2007.

BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. São Paulo. Difel. 1985.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Acácio Fonseca; BAYLÃO, André Luis da Silva; TONG, Paulo. Liderança em tempo de mudança. In: Revista da Faculdade de Tecnologia: Educação Profissional: Ciência e Tecnologia, SENAC, Distrito Federal, v. 3, n.2, p. 161, jan./jun, 2009.

BOSI, Eclea. Memória e sociedade. Lembranças de velhos. 3. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BRANDÃO, Carlos R. Casa de escola. Campinas: Pirineus. 1983.

BRANDÃO, R. S. A Vida Escrita: Os Impasses do Escrever. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

BRASIL. Diretrizes Operacionais para uma Educação Básica nas Escolas do Campo. Resolução CNE/CEB n.1. de 3 de abril de 2002, Brasília, DF: MEC/SECAD, 2003.

\_\_\_\_\_. Documento-referência do CONAE 2014. O PNE na Articulação do Sistema Nacional de Educação: Participação Popular, Cooperação Federativa e Regime de Colaboração. Brasília: 2014.

\_\_\_\_\_. Escola Ativa. Capacitação de professores. Brasília, DF: Fundescola, MEC, 1999.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico. 2010b.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo escolar. 2012. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>. Acesso em: 20/09/2015.

\_\_\_\_\_. Lei 6.755/2009. Diário Oficial da União de 16/06/2009. Dispõe sobre a Política Nacional de Formação de Professores.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Referências Para uma Política Nacional de Educação do Campo. Caderno de Subsídios. Brasília: Inep/MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo escolar. 2012a..

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Caderno de orientações pedagógicas para formação de educadoras e educadores. Brasília: 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 1. Educação no campo. 2. Programa Escola Ativa. I.. Brasília: 2010.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE). Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação. 2014.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de Educação 2014-2024: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.

BUFFA, E. História e Filosofia das Instituições Escolares. Estudo Dois. In: Novos Temas em História da Educação Brasileira. Instituições Escolares e Educação na Imprensa. ARAÚJO, J.C.S.; GATTI JR, D. (Orgs.). Campinas: Autores Associados, 2002. p. 25-38.

BURKE, P. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: História e imagem. Bauru: EDUSC. 2004.

CALAZANS, M. J. C. Para Entender a Educação do Estado no Meio Rural: traços de uma trajetória, 2005. Disponível em: <http://www.tvbrasil.com.br/salto>. Acesso em: julho/2015.

CALAZANS, M. J. C. Planejamento da educação no Brasil: Novas estratégias em busca de novas concepções. In: KUENZER, A. Z.; CALAZANS, M. J. C.; GARCIA, W. Planejamento e educação no Brasil. São Paulo: Cortez, 1993. p. 11-34. (Coleção Questões de Nossa Época, v. 21).

CALAZANS, J.; CASTRO, L. F.; SILVA, H. Questões e contradições da educação rural no Brasil. In: WERTHEIN, J.; BORDENAVE, J. (Orgs.). Educação rural no Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 161-198.

CHARTIER, Roger. À Beira da Falésia. A história entre certezas e inquietude. Porto alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CALDART, Roseli S. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In: Por uma Educação do Campo: Identidade e Políticas Públicas. V. 4. Brasília, 2002, p. 25-36.

CANEZIN, Maria Teresa; LOUREIRO, Walderez Nunes. A Escola Normal em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 1994.

CAPPELLE, Rosana Vidigal Santiago. Revista Educação em Foco. Ed. Foco nº especial. P. 131 – 143, mar/ago. 2007.

COSTA, Cléria Botelho da. Um desafio à modernidade. In: Experiências e Memória. 2001, p. 35-41.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Guia geral do PROFORMAÇÃO. 2ª ed. Brasília: MEC/FUNDESCOLA, 2000. 52 p.

CUNHA NETO, M. I. O bom professor e sua prática. Campinas: Papirus, 1988.

DELGADO, Lucilia de Almeida N. História Oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ESCOLA ATIVA. Capacitação de Professores. 2a ed., FUNDESCOLA/MEC, 2003. Adaptação de Hacia la escuela Nueva, escrito por Vicky Colbert, Beryl Levinger e Oscar Mogollón.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (2004) A Cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n. 1, p. 139-159, jan. /abr.2004

FEBVRE, Lucien. Combates pela história. 2a ed, Lisboa, Presença, 1985

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). ENTRE-VISTAS: abordagens e usos da história oral. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FERREIRA, Marieta de Moraes, FERNANDES, Tania Maria e ALBERTI, Verena. (Org.) História oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FERNANDES, Bernardo Mançano, MOLINA, Mônica Castangna. O Campo da Educação no Campo. Por Uma Educação do Campo, v. 1, p. 53-90, 2004.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. Professoras: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva, 2005.

FREIRE, Paulo. A Concepção “Bancária” da Educação como Instrumento da Opressão. Seus Pressupostos, sua Crítica. In: Pedagogia do Oprimido. 41ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: USP, 2002.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, Histórias e (Re) Invenção Educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). Educação, Memória, História: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p.287- 330.

GATTI JR, D. Reflexões Teóricas sobre a História das Instituições Educacionais. Ícone-V. 6 nº. 2 Jul./Dez. 2000.

GHEDIN, Evandro. Educação do Campo: Epistemologia e práticas. São Paulo: Cortez, 2012.

GROSSI, I e FERREIRA, A. razão narrativa: significado e memória. História Oral, n. 4, Junho de 2001.

GRÜN, Anselm. Se quiser experimentar Deus. Tradução de Carlos Almeida Pereira. 2 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2001.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HOBBSAWM, E. Sobre História. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

LE GOFF, J. História e memória. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LEHMKUHL, L. Fazer história com imagens. In: PARANHOS, K. et. al. (Orgs). História e imagens: textos visuais e práticas de leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

LOMBARDI, José Claudinei. História e historiografia da educação: atentando para as fontes. In: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Izabel Moura. (Org.). Fontes, história e historiografia da educação. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 141-160.

LOUREIRO, Walderês Nunes. O aspecto educativo da prática política. Goiânia: UFG, 1988.

MENDONÇA, Zilda Gonçalves de Carvalho. A história da formação docente: a singularidade da Escola Normal em Rio Verde, GO, (1933-1974). Goiânia: Asa, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_, José Carlos Sebe Bom. (Org.). (Re) introduzindo história oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.

MENEZES, M. C. (Org.). Educação, memória, história: possibilidades, leituras. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2004. 254 p.

MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. de. Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. (Org.). (Coleção Por Uma Educação do Campo).Brasília, DF. Articulação Nacional Por uma Educação do Campo, 2004.

MONARCHA, C. A rein!enção da cidade e da multidão. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Historiografia educacional sergipana: uma crítica aos estudos de História da Educação. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/NPGED, 2003. (Coleção Educação é História, 1).

NOGUEIRA, Teresinha de Araújo Magalhães; FERRO, Maria do Amparo Borges. A Escola: memórias de um lugar em que mantemos raízes. In: FERRO, Maria do Amparo Borges; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; SOUSA, Lourenilson Leal de. (orgs.). História da Educação: novos olhares, velhas questões. Teresina: EDUFPI, 2009.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: Educ, [s/p], 1993.

NOGUEIRA, Vera Maria Ribeiro. Assimetrias e tendências da Seguridade Social brasileira. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, n. 65, p. 95 - 123, 2001.

OLIVEIRA, Leda Maria Leal de. Memórias e experiências: desafios da investigação histórica. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. Muitas memórias, outras histórias. São Paulo: Olho D'água, p. 263- 281, 2004.

OLIVEIRA, Regina T. Cestari. Legislação educacional como fonte da história da educação brasileira. Vídeo Conferência apresentada na Faculdade de Educação/UNICAMP, em 29.09.2005. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso: 20/10/2015.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. História oral, Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. Jan. /jun. 2005.

PESAVENTO, Sandra Jathay. História & História Cultural. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. Cadernos de pesquisa, São Paulo, n. 114, p.179-195, nov. 2001.

PIRES, Hindenburgo F. Ethos e mitos do pensamento único global totalitário. Terra Livre, São Paulo, n. 16, p. 153-167, 2001.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente? Projeto História. São Paulo: Educ, 1997, n. 14, p. 33-7.

SCHÜTZ, Liene Maria Martins. Novo Hamburgo, sua história, sua gente. S/d, Novo Hamburgo, 2001.

RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_, P. A memória, a história e o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.

ROSENBLUTH, Vera de 1997, Mantendo Família Histórias Alive: Descobrimo e Gravando as Histórias e reflexões de uma vida (Point Roberts, Washington: Hartley e Marks Publishers.

SANTOS, Divino Ramos dos. Rio Verde: a quarta maior economia de Goiás. Rio Verde-Goiás: Espaço Comunicação Ltda, n.5, p. 70-74, jul, 2014.

SAVIANI, Dermeval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. SAVIANI, Dermeval et al. O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 9-57.

SCHENDLER, Sonia Fátima. Uma história em construção. Palestra proferida no IV Encontro Estadual das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária em Rio Bonito do Iguaçu, em 06 de setembro de 2005.

SCHIEFELBEIN, Ernesto. Em busca de la escuela Del siglo XXI: puede darnos la pista la Escuela Nueva de Colombia? Oficina Regional de Educacion de la UNESCO para América Latina y el Caribe (OREALC)/ Oficina Regional de Educacion de la UNESCO para América Latina y el Caribe del UNICEF (TACRO). Chile, 1993. <http://unesdoc.unesco.org/images/0011/001160/116052so.pdf> acesso 02/05/2011

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Dicionário de conceitos históricos. 2ª ed, 2 reimpressão, São Paulo, Contexto, 2009.

SILVA, Lourdes Helena; MORAIS, Terezinha Cristiane; BOF, Alvana. A educação no meio rural do Brasil. Revisão da literatura. Programa de estudos sobre educação rural/no campo no Brasil. Brasília, Mimeo, 2003.

SILVA, Maria do Socorro. Da raiz à flor: produção pedagógica dos movimentos sociais e a escola do campo. 2002.

SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e. Tradição e renovação educacional em Goiás. Goiânia: Oriente, 1975.

TEDESCO, J. C. (org.). Usos de memórias: política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF, 2002.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória – questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In ANTONACCI, Maria Antonieta e PERELMUTTER, Daisy (orgs). Projeto História – ética e história oral. S. Paulo: PUC/SP, abr./97, (15): 51 – 84.

VIDIGAL, A. C. Viva a empresa familiar. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

WERLE, F. O. C.. Histórias das Instituições Escolares – de que se fala? In: Fontes, História e Historiografia da Educação. Estudo Dois. LOMBARDI, J.C.; NASCIMENTO, M.I.M. (Orgs). Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2004. 13-35 p.

## **Corpus Escrito**

### **Acervo da Secretaria Municipal de Educação de Rio Verde – Goiás**

Lei nº 3.545/97. Denomina a criação da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental “Água Mansa coqueiros”, de 10 de setembro de 1997.SME.

Portaria 076/03, de 26 de novembro de 2003. SME

Resolução nº 033/2001, de 07 de novembro de 2001. COMERV.

\_\_\_\_\_ nº 037/02, de 20 de dezembro de 2002. COMERV.

\_\_\_\_\_ nº 035/05, de 16 de dezembro de 2005. COMERV.

\_\_\_\_\_ nº 02/07, de 28 de março de 2007. COMERV.

\_\_\_\_\_ nº 23/07, de 05 de dezembro de 2007. COMERV.

\_\_\_\_\_ nº 18/08, de 11 de junho de 2008. COMERV.

\_\_\_\_\_ nº 044/09, de 21 de outubro de 2009. COMERV.

### **Acervo da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros**

AMC. Ata de criação do Grêmio Mirim Mico Leão Dourado. 2015.

\_\_\_\_\_. Ata de Reunião de Pais. 2015.

\_\_\_\_\_. Relatórios de projetos desenvolvidos. 2010.

## Corpus Oral

ANDRADE. Zélia Ferreira de. Entrevista concedida em 05/10/2014. (50 min.). Nasceu no dia 03/09/1948 no município de Jataí-GO. Professora leiga e pioneira na criação na EMREF Água Mansa Coqueiros.

COUTO. Afonso Lázaro do. Entrevista concedida em 17/12/2014. (52 min.). Nasceu em 21/10/1942 no município de Rio Verde-GO. Iniciou seu envolvimento com a escola como pai de aluno, e encerrou como vigia até se aposentar.

COUTO. Jonas Nunes do. Entrevista concedida em 14/11/2015. (45 min.). Nasceu no dia 08/09/1986 na cidade de Rio Verde-GO. Ex-aluno da EMREF Água Mansa Coqueiros em 1998 e 1999.

LEÃO. Márcia Salustiano Carvalho. Entrevista concedida em 29/09/2015. (60 min.). Nasceu no dia 31/08/1968 no município de Ituiutaba-MG. Iniciou suas atividades docentes na EMREF Água Mansa Coqueiros no ano 2003, atuando até a realização da pesquisa.

OLIVEIRA. Luci Meire de. Entrevista concedida no dia 10/12/2015. (45 min.). Nasceu no dia 27/03/1970 no município de Caçu-GO. Iniciou suas atividades docentes na EMREF Água Mansa Coqueiros no ano de 2002, atuando até a realização da pesquisa.

OLIVEIRA. Neusa Dias de. Entrevista concedida no dia 21/05/2015. (46 min.). Nasceu no dia 05/07/1959 no município de Rio Verde-GO. Foi professora na escola de 1998 a 1999, em condições precárias de infraestrutura.

OLIVEIRA. Telma de Fátima Cruvinel de. Entrevista concedida no dia 10/12/2015. (60 min.). Nasceu no dia 20/08/1969 no município de RIO Verde-GO. Ex-professora da EMREF Água Mansa Coqueiros. Exerceu suas atividades docentes nos momentos de transição, enfrentando várias dificuldades.

PINHO. Simone Oliveira Ribeiro de. Entrevista concedida no dia 16/11/2015. (52 min.). Nasceu no dia 24/12/1976 no município de Rio Verde-GO. Foi a segunda professora da escola, atuando por quase um ano.

RIBEIRO. Cidalina Maria de Oliveira. Entrevista concedida no dia 31/12/2015. (40 min.). Nasceu no dia 15/02/1952 no município de Aparecida do Rio Doce-GO. Ex-merendeira da escola.

RIBEIRO. Itor Martins. Entrevista concedida no dia 31/12/2015. (52min.). Nasceu no dia 18/12/1945 no município de Cachoeira Alta-GO. Pai de ex-aluno. A escola funcionou durante três anos em sua propriedade rural, de 1997 a 1999.

## **APÊNDICES**

**APÊNDICE A – INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS/PROJETO DE PESQUISA.**

**PARTE 1**

**I-Corpus Oral: fontes orais/narrativas/entrevistas:**

**1- Ficha/questionário para o início da entrevista**

**1.1- Ficha de dados do (a) entrevistado (a):**

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Nome completo: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ . Local: \_\_\_\_\_

Município: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Grau \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ escolaridade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

Escolas que frequentou (local/data/nome/tipos de escola): \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Trabalho atual e atividades/funções que exerce ou que exerceu:

\_\_\_\_\_

Outras atividades que realiza ou prática: eventos, leituras, atividades culturais e de lazer, esportivas, hobbies, etc.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**1.2- Dados da família:**

Nome do pai \_\_\_\_\_

Data e local de nascimento: \_\_\_\_\_

Nome da mãe: \_\_\_\_\_

Data e local de nascimento \_\_\_\_\_

Nº de irmãos e escolaridade atual de cada um: \_\_\_\_\_

**1.3- Perfil da família:**

- a) nível social;
- b) escolaridade (ano-período; local (ais); níveis ou graus);
- c) atividade profissional e/ ou ocupação principal que exerce ou exerceu (dona de casa, fazendeiro, comerciante, viajante, outros,...);
- d) experiências culturais da família (leituras, viagens, participação em atividades sociais e políticas da comunidade, festividades religiosas e/ou regionais/locais, outras...);
- e) outros itens sobre a família (avós, tios, etc.) que o entrevistado ou entrevistada considere importante acrescentar.

PAI:

---

---

---

---

---

---

---

---

MÃE:

---

---

---

---

---

---

---

---

Obs: \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## **2. Entrevistas:**

### **Roteiro:**

- Guia para a condução dos depoimentos:
- Perguntas com temas centrais – diretrizes para o entrevistado seguir/desenvolver seu próprio discurso sem interromper o fluxo do pensamento – questões não são respondidas uma a uma, mas narradas segundo o fluxo do pensamento do narrador: recordações e lembranças.

### **2.1- Estrutura das entrevistas: Três tipos de entrevistas**

A primeira com os pioneiros na construção e implantação da escola; Uma, com ex-alunos da escola pesquisada sobre a escola e os (as) professores (as); outra com professores (ex e os atuais, se possível) da escola pesquisada;

### **2.2. Os professores sobre suas lembranças:**

- Formação (utilizar o mesmo roteiro dos alunos/alunas sobre as experiências escolares, professores):
- Formação profissional: - ano, escola e tipo de formação (primário, colegial, magistério, superior).
- Carreira/profissão docente: ingresso na carreira: concurso, indicação, convite, contrato,
- salário, carreira, acrescentando a parte específica sobre sua formação, e/ou formas de ingresso na instituição/concursos carreira, promoções, condições e tempo de trabalho, etc.
- Condições de trabalho (infraestrutura da escola; em sua própria casa; nos clãs das famílias, fazenda, etc.);

- material de apoio didático – fornecido/oficial, pessoal, dos colegas, alunos, etc.;
- outros, que o/a entrevistado/da quiser comentar.

### **2.3.- Sobre a Escola (pesquisada):**

- Sobre o surgimento e fundação da escola;
- sobre a iniciativa da comunidade e/ou do Estado/Município;
- Sobre os primeiros professores; (e sobre aquelas que lembrarem);
- sobre a estrutura física da escola (se casa prédio, igreja, salão, etc.);
- sobre o contrato/vínculo e formação dos professores;
- sobre os materiais de apoio didático, financeiro e administrativo (origem dos recursos de manutenção, etc. da escola);
- Diretores/as: formação, contrato/vínculo, (descrever o perfil, se for o caso);
- numero de alunos/as; séries; multisseriadas, etc.;
- numero de professores/as, funcionários/as, etc...
- Outras informações que a/o entrevistada/do lembrar e comentar.

## **3. ROTEIRO DE ENTREVISTA COM EX-ALUNOS (AS):**

### **a) Memórias sobre as suas experiências escolares**

- Tipo de formação recebida pelo entrevistado e suas lembranças mais marcantes sobre a sua experiência escolar;
- Tipo de envolvimento com a escola, os colegas, os professores, os estudos e as tarefas (prazerosos ou não);
- Lembranças das escolas que frequentou – clima e cultura escolar, acolhimento ou não (rigidez, hostilidade, discriminação); organização, disciplina, orientações, conselhos, castigos, festas, comemorações, desfiles, etc.
- Lembranças do espaço físico–colégio, grupo escolar, sala, casa, rancho, etc. carteiras, bancos, cadeiras, mesa, quadro nas paredes, etc.
- Material / metodologia (lições, tarefas utilizadas) – cadernos, livros, cartilhas, quadro-giz, lousa (industrializada, pedra), cartazes, etc.

## **b) Balanço do significado e importância da escolarização na sua vida**

As entrevistas estão estruturadas em três eixos. O/A entrevistado/a narra com suas próprias representações sobre a escola; significado da escola e da escolarização na sua vida; discorrer sobre:

- As aprendizagens escolares mais valorizadas para sua formação do ponto de vista social, afetivo e de habilidade;
- Aplicabilidade e utilidade das habilidades e aprendizagens escolares para sua sobrevivência, autoestima (“valor humano”) e inserção social e/ou numa atividade laboral (profissional, de trabalho, etc.)
- Os professores/mestres: o(s) mais marcante(s); lembranças e memórias dos vínculos, práticas, rituais; conteúdo das aprendizagens.

## **c) Relações entre o ambiente familiar e a cultura letrada e experiência escolar dos pais e outros familiares**

- Influências da família de origem no seu processo de escolarização;
- Discurso dos familiares sobre o significado da escolarização e as expectativas para o futuro dos filhos “estudados”;
- Características da escolarização;
- Traços da cultura familiar: Formas de autoridade familiar/Formas de investimento pedagógico Moral do universo doméstico – representações da família sobre a educação e a moral, valores éticos, honestidade, etc.
- Formas familiares da cultura escrita; condições e investimento econômico na escolarização (livros, tarefas, etc.).

## PARTE 2: CORPUS ESCRITO

### II- Corpus: Escritos/ Documentos:

- A. Cadernos escolares de alunos e dos Professores.
- B. Documentos oficiais, arquivos e escritos da escola;
- C. diários escolares, boletins e outros registros escolares (cadernetas, certificados, formaturas, etc.;
- D. Currículo da escola, formas de avaliação dos alunos.
- E. cartas e correspondências de professores, alunos, etc.;
- F. relatórios de inspetores, diretores, professores, cadernos de atas de reuniões da escola, conselhos escolares/de classe, de secretaria, etc.;
- G. apostila de nomeação e ou registro de atividade funcional/laboral.
- H. Jornais, revistas, documentários regionais e locais sobre os professores, a escola, as atividades e festividades cívicas, desfiles, concursos e torneios literários e esportivos, formaturas, etc.;
- I. Fotografias, registros, etc.;

**I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO/ ENTREVISTADO DA  
PESQUISA:**

1. Nome do entrevistado: \_\_\_\_\_

Documento de identidade Nº: \_\_\_\_\_ sexo: M ( ) F ( )

Data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_ UF: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Telefone: ( ) \_\_\_\_\_

2. Entrevista:

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Horário: \_\_\_\_\_ às \_\_\_\_\_

Pessoas presentes no momento da entrevista, grau de parentesco ou função:

\_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Fone: \_\_\_\_\_

Obs \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## II - DADOS SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte da pesquisa, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa o (a) senhor (a) não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida poderá procurar o comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás pelo telefone (62) 3946-1274.

### 1 - Informações sobre a Pesquisa:

1.1– Título do projeto: “História e Memória da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros”

1.2- Pesquisadores (as) responsáveis: Mestranda em Educação Nívea Oliveira Couto de Jesus e sua orientadora Profa. Dra. Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida.

1.3 - Duração da pesquisa: 30 meses (2014-2016).

- O período de participação do (a) senhor (a) na pesquisa está previsto para dois momentos: o primeiro, no ato da realização/gravação da entrevista previamente agendada; o segundo, do retorno do pesquisador/equipe com a entrevista transcrita em forma de texto para a leitura e consentimento de sua utilização para publicação acadêmico-científica. Também será agendado previamente. (THOMPSON, 1988 – cf. p.22 a 24 desse projeto).

- Outros momentos também poderão ocorrer ao longo do período de realização da pesquisa para complementações de ambas as partes. O período de realização prevista para esses contatos e diálogos entre os pesquisadores e os entrevistados está previsto para o segundo semestre de 2014 e primeiro semestre de 2016.

1.4 - Avaliação do risco/ benefício da pesquisa:

Sem risco ( )                      mínimo ( x )                      risco baixo ( )

Risco médio ( )                      risco maior ( )

- Probabilidade de que o entrevistado/colaborador venha a sofrer algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo: refere-se à possibilidade de que seja publicada alguma declaração sobre a qual não concorde.

- Risco evitado com a leitura do texto da entrevista e assinatura da carta de autorização. Conforme princípios éticos dos procedimentos teórico-metodológicos. (PORTELLI, 1997 e 2004); QUEIROZ (1988); c.f Projeto, p. 22 a 24).
- O benefício ou retorno para o colaborador refere à importância do seu papel como um dos personagens de uma reconstrução histórica da qual também faz parte, contribuindo para a conservação da memória e da história do seu grupo social. (COSTA, 2001; HUNT, 2001; THOMSON, 1995, RICOUEUR, 2007).

### **III - REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO ENTREVISTADO SOBRE O TEMA, OBJETIVOS E METODOLOGIA DA PESQUISA:**

- **Objetivos:** A pesquisa tem como principal objetivo contribuir para que as lembranças da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros continuem vivas, estimulando e reativando o diálogo do presente com o passado, por meio da memória individual e coletiva, além de ampliar os estudos da historiografia goiana e brasileira.
- **Metodologia:** A pesquisa será realizada por meio de entrevistas orais gravadas com ex-alunos, professores e funcionários da escola, além de pessoas que contribuíram para sua implantação e funcionamento; o relato será feito com ajuda de um roteiro com questões referentes ao tema do estudo; as respostas que o (a) senhor (a) der, serão gravadas e depois transcritas em forma de um texto. Caso o(a) senhor(a) concorde com a versão transcrita, assinará uma carta de cessão/autorização para publicação e divulgação do seu relato, em forma de artigos, livro ou textos pelo pesquisador e a equipe (bolsistas e outros pesquisadores) vinculada à pesquisa.
- Caso a versão transcrita e apresentada para a leitura não corresponda à sua interpretação, ou mesmo, venha a se arrepender de alguma declaração, expressão, confidência, termos, palavras, empréstimos de documentos/fotos, dentre outros expressos no calor do momento da entrevista, basta que o(a) senhor(a) manifeste sua vontade no momento da leitura do texto transcrito, que será retirado o conteúdo parcial ou integralmente, tal como forem indicadas e manifestadas pelo(a) senhor(a).

#### **IV - ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA CONSIGNANDO:**

1. O (a) senhor (a) terá acesso, a qualquer tempo, no transcorrer da pesquisa, às informações sobre procedimentos, dados, documentos ou objetos de memória fornecidos à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. O texto transcrito da sua entrevista lhe será apresentado por meio de leitura pelo (a) senhor (a) ou pelo pesquisador, ou ainda por uma pessoa da sua confiança presente no momento dessa leitura.
3. O (a) senhor (a) também terá liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, no período de realização dessa pesquisa, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo ou constrangimentos;
4. As informações fornecidas pelo (a) senhor (a) serão transformadas, a partir da data da sua autorização, em diante em documento histórico, tal como qualquer outro documento para o historiador e para a historiografia, salvaguardando sua confidencialidade, sigilo privacidade, inclusão ou exclusão de qualquer informação já prestada durante a realização da pesquisa.
5. Ressaltando que após essa autorização as informações fornecidas serão publicadas e divulgadas em forma de um documento histórico para a posteridade.

#### **V - INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE INTERCORRÊNCIAS CLÍNICAS E REAÇÕES ADVERSAS.**

Pesquisadora: Nívea Oliveira Couto de Jesus

Prof.<sup>a</sup> orientadora: Dr.<sup>a</sup> Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida.

Obs.: A pesquisa está vinculada a um grupo de pesquisadores da Pós-Graduação em Educação–PPGE/PUCGO, de uma linha pesquisa denominada “Educação, Sociedade e Cultura”.

Av. Universitária, 1069 – St. Universitário

Caixa Postal 86 – CEP 74605-010

Goiânia-Goiás

Telefone/Fax: (62)3946-1070 ou 1071

[www.pucgoias.edu.br](http://www.pucgoias.edu.br) / [prope@pucgoias.edu.br](mailto:prope@pucgoias.edu.br)

## VI - CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa, relatando minhas experiências de vida e memórias sobre as questões apresentadas.

Declaro que, após leitura da transcrição da entrevista por mim concedida e, estando de acordo com o seu conteúdo assinarei também a carta de sessão e autorização para publicação das minhas informações reconstruídas em documento escrito e histórico para uso científico-acadêmico. (C.f. carta de autorização em anexo).

Rio Verde, \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do entrevistado da pesquisa.

---

Assinatura da pesquisadora responsável.

## VII - CARTA DE CESSÃO/AUTORIZAÇÃO:

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

À Prof.<sup>a</sup> Mestranda em Educação PUC GOIÁS Nívea Oliveira Couto de Jesus

Eu, \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista gravada em áudio e/ou vídeo, incluindo transcrição para leitura, bem como de cópias de documentos e de fotografias cedidos por mim, para que a professora acima indicada possa usá-los integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para os objetivos acadêmicos e educacionais a que se destinam. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-las e usar citações, ficando vinculado o controle à mesma professora e à Instituição da Pesquisa, que terão a sua guarda.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente, que terá minha firma reconhecida em cartório.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Nº identidade: \_\_\_\_\_ Órgão expedidor: \_\_\_\_\_

**APÊNCICE B – Transcrição da entrevista realizada com a senhora Zélia Ferreira de Andrade em 05/10/2014**

*Como tudo começou?*

Há anos atrás eu residia na fazenda Coqueiros do Rio Doce e lá eu resolvi fundar uma escola. Comecei com três crianças muito carentes de tudo... nem mãe tinham. Então me identifiquei como mãe deles e comecei a dar aula para eles. Eles não sabiam nem pegar no lápis.

O mais velho tinha 13 anos e se chamava Joaldo, o segundo era o Sebastião com 11 anos e pequeno tinha cinco anos, chama Edson. E dessas crianças que eu fazia questão de dar aula e educar, dar carinho, cortar a unha, lavar a cabeça, socializar eles com as pessoas. E por esse encontro, esse contato meu com essas crianças, a escola ao invés de três alunos, quando eu me vi estava com 18 alunos. E não tinha muitos recursos, eu recorria as pessoas que poderiam me ajudar, inclusive a prefeitura. A prefeitura falou que não podia me ajudar. E lá não tinha acesso para a gente vir para a cidade e era tudo muito difícil. Eles eram muito carentes e eu também, mas carinho me sobrava para ajudar aquelas crianças tão desamparadas.

Então comecei a procurar recursos em outros lugares e até em Quirinópolis eu fui. Como tem uma carta registrada de 1997. Em 1996 eu conheci as crianças e em 1997 eu fui levando, fazendo o que eu podia fazer, buscando ajuda aqui em Rio Verde, que era muito pouca, pois ninguém queria me ajudar. Diziam que eu havia criado um problema e que aquele problema era só meu. Mas com a ajuda de várias pessoas que como eu pensam no ser humano, a gente conseguiu fundar esta escola, mesmo sem documentar ela aqui no nosso município. Aí com o passar do tempo a escola foi regularizada. Eu já tinha feito as matrículas dos dezoito alunos na secretaria e a escola foi reconhecida.

Eu fiquei com escola um tempo, uns meses ainda. Eu era muito feliz quando as crianças chegavam. Eu não recebia nada de ninguém, mas quando aquelas crianças chegavam com as flores na mão, as frutas que eles achavam pelo caminho e traziam com aquele sorriso lindo e me apertava, me abraçava, me beijava era todo o salário que eu queria ganhar. Eu era muito feliz com essas crianças..., mas por eu não ter uma escolaridade maior, me tiraram esta escola e a levaram para um outro ambiente, outro lugar, outra fazenda e lá a escola continuou.

Hoje em 2014, a escola é muito boa, inclusive eu tenho contato com as professoras, com a coordenadoria e sou muito feliz pelo o que eu fiz, porque o que eu

plantei cresceu e frutificou. Vários alunos daqueles já estão na faculdade, estão formados, são sementes que eu plantei. Por isso eu sou muito feliz pelo trabalho hoje!

*Então a senhora começou com três crianças e essas aulas funcionavam na casa da senhora?*

Na varanda da minha casa onde tinha uma bica d'água, uma mesa composta de cadeiras simples e o quadro negro emprestado pelo Seu Afonso que morava em outro município, mas que me ajudou muito. Eu buscava giz nas escolas particulares, me davam giz, apagador. Então eu dava minhas aulas com cadernos que eu comprava e corria atrás, sempre correndo atrás da gente melhorar, porque as crianças eram tão carentes que elas iam para almoçar lá em casa. Elas chegavam para comer lá em casa. Foi eu não dava mais conta de sustentar essas crianças sozinha. Foi quando eu recorri a prefeitura. Lá eles disseram que tinha que fazer matrícula para reconhecer a escola. Que o MEC só dava merenda pra escola que era reconhecida. Então fizeram as matrículas, mas que não tinha merenda nem para os da cidade, quanto mais para os da zona rural. E daí com meu jeito e com ajuda pessoas boas em Rio Verde, que não tem nem como citar o nome, porque eram tantas pessoas mandavam lanche e que ajudavam, porque a gente também não tinha muito recurso, até que um dia fui visitar minha filha em Quirinópolis e ela falou: Mãe vai no prefeito daqui eles vão ajudar a senhora. E aí eu fui na assistente social, era a primeira dama que trabalhava lá. Ela me deu três volumes grandes de lanche que deu para bastante semanas, eu consegui dar lanche para essas crianças. E aí a primeira dama de Quirinópolis, Dona Maria de Fátima me parabenizou com uma carta, falando do meu ato de chegar há um lugar desconhecido, sem condição nenhuma de condução, nem de escola, não tinha como conduzir as crianças para outra escola e eu ter coragem com tão pouco juntar aquelas crianças e não dar só a aula de alfabetização, mas dar amor e carinho. Isso para mim foi muito bom. Infelizmente eu não tinha o curso completo para ser professora. Eu era uma professora leiga, mas que amava demais aquelas crianças.

Então foi feita uma reunião, da qual eu fui e a coordenadora na época que era a Valdete, queria que parasse a escola e eu falei para ela que não parasse a escola porque aquelas crianças não podiam ficar sem estudar. E se parasse eu iria até Goiânia, mas eu trazer recurso essa escola ia continuar, porque os meninos não iam continuar analfabetos como eram. E nessa reunião a diretora da cidade disse para mim: Dona Zélia, a senhora criou um problema, agora a senhora que resolva esse problema. Eu respondi para ela: Eu não criei problema, eu estou resolvendo problema de vocês que não dão assistência

nenhuma a essas crianças que estão afastadas de Rio Verde apenas 30 km. Foi um momento muito difícil, a gente discutiu muito. Eu só falei que se tentassem acabar com a escola eu iria buscar recurso em qualquer lugar, mas as crianças não iriam ficar sem estudar. E no outro dia eu esperei e fui na rádio Morada do Sol na época e pedi um espaço para o Costa Filho e falei tudo o que havia acontecido na reunião, inclusive que haviam me excluído da reunião. Mas um pai de uma das crianças me chamou e quando ela chegou eu estava lá. Rio Verde inteira ficou sabendo o que estava acontecendo e graças a isso a escola ficou lá e eu me afastei, mas sempre amiga das crianças e até hoje sou. Hoje são moças e moços já casados. Mas tem reconhecimento, quando me veem me abraçam e tem carinho por mim. Isso eu guardo para toda vida! Hoje ela é uma escola bem estruturada, tem internet, tem até o 5º ano, tem quatro ou cinco professoras, tem salas, biblioteca. Hoje é uma escola muito boa!

Então isso para mim foi a semente que eu plantei, é uma coisa que marcou na minha vida e na vida de muita gente. Eu moro em outro estado, mas estou sempre lá porque esta terra me pertencia. Ainda tem um pedaço que pertence. Então de três em três meses eu estou fazendo parte dessa comunidade. Me sinto uma pessoa feliz de ter feito algo que não vai morrer e vai ficar para sempre quando eu não mais estiver neste planeta existir. Resumindo, eu sou uma senhorinha muito feliz, muito alegre, muito participante na minha cidade e amo o que eu fiz, não me arrependo em nada e estou sempre renovando essas práticas de ajudar, de marcar, por onde eu ando, deixo sempre um tijolinho para construir uma coisa de bom.

*Qual idade a senhora tinha quando acolheu essas crianças? O que a senhora ensinava? Havia alguma orientação? Alguém ajudava? O a senhora ensinava?*

Eu tinha 49 anos. Dava alfabetização e os materiais eu vim em Rio Verde e comprei caderno, lápis, borracha, essas coisas mais simples porque eles não tinham nem um lápis. E os livros, eu fui na prefeitura e peguei livros usados que estavam entulhados que iriam ser queimados. Eu tive lá e eles mandaram eu escolher. Eu escolhi esses livros para recortar. E tinha menino que tinha feito o 2º ano, 3º ano e estavam lá sem estudar porque não tinham acesso à cidade. E todos eles iam, então eu pegava livros e cartilhas para eu alfabetizar. Inclusive tinham dois deficientes, que eram os filhos da Dona Rita com dificuldades para falar, porque não ouviam. Eram alunos especiais.

*Como a senhora fazia para lidar, trabalhar com eles?*

Eu aprendi a falar como eles, usando gestos, mímica. Até hoje eu recordo quando eles falavam: Eu amo você! (Neste momento a depoente usou gestos com as mãos) Era muito interessante quando eles falavam: passarinho e acenavam có, có... (depoente com as mãos apontando para o alto), então eu falava: não, é pás-as-ro, pássaro. E com o passar do tempo o Ricardo aprendeu a falar várias palavras. Eu perguntava para ele: cadê a mamãe? Ele respondia com gestos (depoente demonstrou com as mãos) mamãe lá longe e gorda. Fui ensinando que não era assim. Mamãe era Rita, repetindo várias vezes. Quando falava com mãos gorda, eu dizia Mamãe Rita. E ele aprendeu a falar Mamãe Rita. E quando eu perguntava e ele respondia: Mamãe Rita (apontando a direção) veio embora para a cidade. Então através disso eu conseguia me comunicar com os dois. A menina era muito inteligente, já escrevia, já lia, desenhava e desenha muito bem. Hoje mãe de família já. A Lucélia, ela também é deficiente. Não fala, não ouve. Com esses eu me comunicava com mímica, jeito, carinho e sorriso eu ia entendendo as coisas. E também para ir escrevendo no quadro, no caderno e depois eu peguei esses livros já usados lá na prefeitura e seguia isso. Como eu tenho uma filha, que é a Janiclei que na época já era professora e é até hoje, inclusive ali no Abel, na época ela morava em Quirinópolis, ela fazia tipo uma ata do que eu ia dar, aquelas matérias que ia dar para aqueles alunos que eram alfabetizados. Então ela passava o ensinamento para mim para passar para os meninos que não precisavam mais ser alfabetizados.

*Então ela passava os conteúdos que a senhora iria trabalhar? Tinha alunos que não sabiam segurar o lápis, mas tinha alguns que já conseguiam ler?*

Tinha alguns que já conseguiam ler e escrever, inclusive a Lucélia que era deficiente. Os materiais que usava eram gesticulação com deficientes, carinho, sorriso, atenção e os era mesmo a escrita no quadro, era tarefa no caderno, era contar história. A gente tinha horta, formamos uma horta e sábado não aula e ia mexer com a horta, inclusive a gente chegou até a usar as cenouras, aquelas coisas que davam mais rápido. No sábado não tinha aula, a gente só brincava de pular corda, festejava ali e cuidava da horta. Todo dia eu cuidava a tarde, mas no sábado era todo o grupo.

*Eles ficavam quanto tempo com a senhora?*

Eles chegavam onze horas e saíam ali pelas quatro, cinco horas. Então eles chegavam, quem não almoçou eu dava almoço. Quem tinha almoçado esperava o lanche. Duas horas era o recreio, eu dava o lanche que eu mesma fazia, depois estudava e ia

embora. E era só três vezes na semana, eu dava aula três vezes na semana, mesmo porque era longe e tinha uns meninos que moravam mais distante, bem distante lá... era difícil trazer essas crianças a pé, e como na época eu não tinha carro era difícil pra mim buscar. Então eu dava aula todo dia não, era três vezes na semana, até a gente adaptar o meio de transporte, uma coisa que melhorasse o transporte deles, porque eles vinham a pé.

*E a escolha do local para construir a escola? Primeiro foi na casa da senhora e depois?*

Primeiro eu arrumei os bancos, aí foi aumentando as crianças, fui aumentando os bancos, a mesa para ter espaço para todo mundo. E daí depois que eu tive contato com prefeita Nelci, na época, veio na minha casa, ficou sabendo dessa escola, da luta, porque já tinha ido na rádio várias vezes, já tinha ido em Quirinópolis... através disso ela ficou sabendo e veio me visitar e visitar onde estava fazendo, a gente já estava iniciando, levantando o alicerce, como tem nas fotos, eu professora e alunos e mais os leigos de roda, motorista, meu marido, amigos que estavam ajudando a gente a montar essa escola. O terreno da minha filha era um bico, tinha o lado que eu morava, que era dela também e uma estrada que dividia dois alqueires do outro lado. Então minha filha falou: Mãe eu vou emprestar o terreno. Porque eles vieram pedir que queriam construir a escola e eu falei que não tinha terra ali, mas que ia pedir para minha filha. E falou: oh mãe, eu posso emprestar aquele canto, a senhora vê lá o canto, é um triângulo, aquela parte de cima (a depoente mostrou com as mãos) a senhora aproveita para fazer a escola, mas ela não doou, nem deu, ela emprestou o terreno. Com o passar do tempo eu comprei esse terreno. Eu paguei esse terreno para minha filha, a gente construiu e morou nesse terreno, onde eu tenho essa propriedade até hoje e é alugada agora. Esse terreno ficou emprestado até dois anos atrás. Há dois atrás a prefeitura (2012) comprou esses dois equitares e está em comum até hoje. Espero que esta semana a gente vá dividir esse terreno, separar a terra da prefeitura do meu pedaço de chão também. A localidade da escola foi assim, a gente começou, a Dona Nelci terminou, faltando pintura, forro e a casa do guarda, que o Paulo Roberto entrou e terminou.

**APÊNCICE C – Transcrição da entrevista realizada com o senhor Afonso Lázaro  
do Couto em 17/12/2014**

*Pai, o senhor já morava lá na região quando surgiu a ideia de fazer uma escola. Eu sei que o senhor é dos personagens importantes que acompanhou o surgimento, a implantação e enfim, até pouco tempo o que a escola é hoje. Então eu gostaria que o senhor voltasse no tempo e contasse para mim, para nós e para todos que irão ler esta dissertação, as memórias do senhor. Quais são as memórias que o senhor da Escola Água Mansa antes dela ser o que ela é hoje? Como começou? O que o senhor lembra?*

Olha, a primeira coisa, foi a Dona Zélia que iniciou com muita dificuldade, tirando dinheiro do próprio bolso para comprar caderno, comprar alimento, para ensinar algumas crianças carentes que tinha lá. E aí foi que com muita dificuldade, a secretaria não dava apoio, ninguém dava apoio e ela correndo atrás, ela teve ir até Quirinópolis para conseguir material escolar para esses meninos, lutando, lutando... a população, os pais com muita dificuldade. A primeira coisa que ela teve para passar para esses meninos foi um quadro de Madeirit que eu tinha e eu dei para ela, muito pequeno, um metro e vinte por um e pouco. Foi o primeiro material que ela ganhou foi esse quadro que eu doe. E daí por diante foi lutando, lutando... e nós quisemos fazer a escolinha, juntamos com o cara que transportava menino para a cidade para conseguirmos material para fazermos a escolinha lá. Aí conseguimos placas, um pouco de doação de telhas, algumas coisas...

Quando nós começamos a levantar a escola, nesse intervalo, a escola foi lá para o Itor, e a professora era a Simone filha do Itor, que deu umas aulas lá também. Eu não cheguei a ir lá nessa escolinha, era feita de madeira e com dificuldade fizeram uma cisterna para tirar água para os meninos e lá eles estudaram uns tempos. E nós quisemos fazer uma escola. O Itor até doava o chão, mas a prefeitura condenou, disse que não servia. De repente faltava chão e a filha da Dona Zélia, a Janiclei emprestou um pedaço de chão para fazer a escola. Nós conseguimos as placas e fomos fazer. Quando começou a fazer, a Dona Nelci sentiu a coisa e foi lá e falou: Não, não pode ser assim, tem que fazer uma escola boa.

*A Dona Nelci era a prefeita na época?*

Era prefeita na época, Dona Nelci Spadoni, falou: Vamos fazer uma escola boa! Aí começamos, lá não tinha energia, foi preciso da Dona Zélia doar energia da casa dela que ficava lá uns quinhentos metros, puxar uns fios para lá, pôs uma bomba na represa da

casa da Dona Zélia para jogar água lá para a construção e fizeram a escola. Mas antes de terminar a escola estava precisando demais, já foram para lá, mas só funcionou uma sala mais ou menos, muito mau. De repente, um pessoal da educação estiveram e falaram que não, que podia funcionar daquela maneira. Aí mudaram a escola para uma escolinha antiga que já teve lá no Tonhá, um senhor fazendeiro. Ficou para uns tempos, até que o Paulo Roberto entrou, ganhou a eleição para prefeito e teve que refazer a escola, fazer casa para funcionário.

*Certamente ela não estava de acordo com normas e padrões exigidos?*

Não tinha e a energia era lá da Dona Zélia e não porque motivo não pagaram a energia e cortaram a energia, ficou sem energia e por isso não pode funcionar a escola e não tinha água, a água não própria, teve que fazer poço... até que a escola começou a funcionar em março de 2002, começou a funcionar normalmente, regular, e aí eu fui para lá. A Lúcia Caetano me contratou para ser o guarda da escola.

*Na época em que surgiu a ideia de implantar a escola, que o senhor doou o quadro, onde o senhor morava?*

Eu morava na fazenda Pantanal do Rio doce, no município de Jataí.

*Fica a quantos quilômetros de onde é a escola hoje?*

Fica há nove quilômetros. Então eu precisava muito da escola, porque meus meninos tinham que estudar e eles estudavam numa escolinha no município de Aparecida do Rio Doce com muita dificuldade, indo seis quilômetros a cavalo para a escolinha. Então iria ser muito útil para mim.

*Então o senhor teve um filho que estudou nesta escola?*

Tive quando era a escolinha de madeira lá no Itor, ele estudou lá, parece que o segundo ano. Foi na época que escola saiu da área da casa da Dona Zélia e foi para o Itor, nós fizemos lá uma casinha de madeira.

*Por que tiraram lá da casa da Dona Zélia e passou lá para a casa do Senhor Itor?  
O senhor sabe?*

Eu não sei bem falar o porquê, mas foi por questão política, havia uma demanda de política, um querendo coisa, outro querendo outra, mas política de pais e proprietários de terra, não de prefeitura.

*Nesta época que a escola ficou na fazenda do seu Itor, o senhor lembra quem dava aula?*

Lá começou com muita dificuldade, conseguimos uma professora que se chamava Ivonete. Eu que levei ela daqui para lá, vim buscar e levei. Mas lá não tinha como ela ficar na escola, tinha que ficar numa outra fazenda. E a professora não resistiu a exigência de mãe de aluno que estudava lá, muito complicado, ela saiu. Aí nós viemos aqui, na época a secretária da zona rural era a Waldete, imploramos para ela com muita dificuldade conseguimos a Neusa. A Neusa não era formada, o curso que ela fez não de magistério. Mas depois de muito a gente insistir ela prometeu que a Neusa tivesse um tempo disponível para fazer um treinamento de duas semanas levava para lá. Aí a Neusa foi lá para a escolinha de madeira. Foi a melhor professora que teve.

*Ela morava lá perto? A escola nesta época tinha situações muito precárias? Não tinha como o professor morar lá?*

Ela morava lá perto em uma fazenda, não tinha como morar na escola, a Neusa deu aula lá uns tempos e quando a escola foi construída lá na região da Água Mansa ela já não foi mais para lá, não sei o porquê?

*Então a professora Neusa lecionou só enquanto a escola estava em um local provisório?*

Não era bem provisório, mas ficou sendo, porque não aceitaram lá, mas funcionou mais de ano. A secretaria fornecia merenda, pagava os professores, pagava merendeira, aí acharam que tinha que fazer uma escola melhor.

*Quem veio conversar com Waldete para reivindicar esta professora?*

Foi eu, o Itor que era o proprietário da fazenda e outro pai de aluno que se chamava Tonhão. Foi nós três que conseguimos com muita dificuldade.

*O Senhor lembra quanto tempo se passou entre o surgimento da escola na casa da Dona Zélia, a transferência para a fazenda do Itor até passar para o local definitivo na Água Mansa?*

Eu acredito que uns cinco anos.

*Então esta escola funcionou no fundo de uma área até ser construída sem estrutura?*

Sim, funcionava numa espécie de paiol abandonado, com muita dificuldade.

*O que mais o senhor lembra, depois fundou a escola... o senhor passou a ser funcionário da escola?*

As coisas foram melhorando, eu virei funcionário, trabalhei lá cinco anos como guarda e fui motorista do transporte escolar mais ou menos por quatro ou cinco anos. Buscava crianças da região que estudavam lá. Até que entre 2007 e 2008 eu não fiquei bom das vistas e não tive como renovar minha carteira de motorista, então eu parei de transportar. Aí eu prestei o concurso na prefeitura para ser o guarda na escola e trabalhei mais cinco anos como guarda. Trabalhei até me aposentar.

*Então esse período em que o senhor trabalhou na escola, foi possível acompanhar desde a fundação até 2014. O senhor acompanhou a história desta escola. Quem passou por lá, seja como funcionário ou professor, as crianças, as famílias, os eventos.... De tudo isso, o que mais marcou? Por exemplo, com relação as crianças? Eu me lembro de uma coisa boa que eu vi lá. Como eu ia com frequência visita-lo, um dia me chamou atenção um mural. Estava cheio de cartinhas das crianças. As professoras trabalharam os profissionais da escola através de uma produção de texto. E eu fiquei encantada de ver o que as crianças escreveram sobre o guarda da escola. “Que o guarda parecia um mágico”, fazia brincadeiras e era muito legal. Tive vontade pegar uma cartinha daquelas para mim, mas não podia tirar do mural sem a autorização da professora. E pelo o pouco que eu vi nas produções, o senhor era muito querido pelas crianças.*

(Com lágrimas nos olhos, bastante emocionado). Sim, eu era muito querido pelas crianças, mas algumas professoras falavam que eu batia em menino, que eu machucava menino, que eu era carrasco... teve toda essa conversa lá, mas os meninos me adoravam,

gostavam que contasse histórias para eles, fazer mágica, eles adoravam, toda semana eu tinha que contar histórias para eles.

*Criança é muito sincera, gostam de quem trata eles bem. E com relação as professoras, há alguma lembrança boa?*

Elas eram carinhosas com crianças, me davam presentes, todo ano se reuniam e me davam uma camisa.

*Eu fiquei sabendo que senhor participou do conselho escolar da escola, como foi esta experiência?*

A experiência foi ótima, porque as reuniões que deveriam ser mensais eram feitas a cada quatro ou cinco meses, mas tinha que assinar que teve a reunião. Até que um dia eu não quis assinar, porque não concordava com as coisas que estavam acontecendo, não era da minha vontade, me isolaram e me tiraram do conselho. Eu achei bom, porque eu ficar lá só para falar sim, sim e sim, se não tiver de acordo não servia, então foi melhor afastar mesmo. Se é daquele jeito é, se não é, não posso assinar uma coisa que eu não concordo. Daí me tiraram do conselho.

*Houve um concurso de poesia na escola em que o senhor participou, como foi?*

Ah sim. Era para os funcionários fazerem um poema contando como funcionava a região como que eu vivia lá... e ficou muito bom, tirei o primeiro lugar. Você digitou e imprimiu para mim. Elas fizeram um arquivo, mas ficou faltando frases, ficou esquisito, muito ruim...

*Mas eu tenho o original e vou colocá-lo, afinal também é uma lembrança...*

*Dentre as primeiras professoras da escola, o senhor me falou da Neusa, que foi uma conseguida através da Valdete, ela teve um papel importante na escola?*

Sim, muito importante, porque quando a moça que não deu certo saiu, faltou professora e ninguém daqui queria ir para lá, ninguém tinha disponibilidade de ir para a escolinha. Foi quando nós viemos aqui e conversamos com a Valdete. Primeiro conversei com a Neusa, que era mulher do homem do transporte, motorista que transportava os alunos na pirua. Ela achou difícil porque ela só tinha o científico, mas concordou que eu podia conversar com a Valdete, se ela aceitasse, ela pegava. E viemos, a Valdete disse que se ela tivesse disponibilidade para ficar aqui duas semanas se preparando, quem sabe

daria certo. Então falei: experimenta, já que não tem professor, quem sabe dá certo. E foi, e foi uma excelente professora, lá na escolinha de madeira. E daí ela gostou de ser professora, estudou e é uma excelente professora. Hoje acho que ela dá aula na cidade, mas começou sua carreira lá na fazenda.

*Das professoras que iniciaram suas atividades na sede atual escola, ainda há alguma que está lá até hoje?*

A Márcia e a Lucimeire, todas moram lá perto. Mas já passaram várias professoras por lá. Hoje tem a Débora, que era merendeira, mas estudou e de merendeira passou a ser professora. Tem uma que me esqueci o nome agora, ela cuida de criança deficiente, é professora de apoio. A Giliane, a Maraísa.

*E a comunidade? Nós sabemos que a comunidade rural é muito parceira, participativa.... Há uma história relacionada a esta que o senhor gostaria de contar?*

Muito, muito, se convocar para uma reunião, eles comparecem e fazem doação. Quando eu transportava os alunos, naquele tempo era proibido pegar a criança na porta da casa, tinha que pegar o mais perto 1km, não podia chegar perto da casa, era proibido, a não ser se a linha passasse perto. E tinha uma mãe de aluno que quase 1km do ponto. E como na sexta-feira eles passaram a aula para a parte da manhã, o menino dela era o primeiro que eu pegava, estava escuro ainda. E eu muito difícil para ela ir ao ponto, além disso, ela ainda quis doar todas sextas-feiras o lanche das crianças. Então ela fazia na casa dela, rosca, bolo e muita coisa. Fiquei com dó dela levar aquele tanto de lanche pesado na cabeça. Então eu combinei que pegaria o menino lá na porta da casa deles, que não precisaria de andar 1km até o ponto. E apesar de ter descumprido as regras, o Jolivê, que na época era o responsável pelo transporte escolar me elogiou muito pela iniciativa.

*Como se chamava a mãe? Eles ainda moram lá?*

Se chamava Roberta, eles não moram mais lá, ela é merendeira numa escolinha na Ponte Pedra. O pai do esposo conseguiu uma terrinha através dos sem-terra e mudaram para lá.

*As escolas públicas passam por diversas dificuldades relacionadas aos repasses de verbas, a manutenção, etc. E u acredito que na zona rural talvez isto seja ainda mais agravante, devido ao difícil acesso, dentre outras coisas. Como era o apoio, o contato,*

*as visitas a relação da Secretaria da Educação com a Escola Água Mansa na sua visão de guarda?*

Havia um pouco de descaso. Houve época de ficar mais de vinte dias sem água, porque dava problema na bomba, deu problema na caixa, e ficamos carregando água na pirua do transporte escolar, buscávamos água há 500m de distância s tambores de água e ninguém se importava. Eu fiquei numas férias lá em deu defeito, fiquei vinte e tentos dias sem água, tinha de buscar água.

*Isto foi em ano? Lembra quem era o prefeito?*

Não me lembro o ano, mas era o Dr Juraci. Tivemos muitos problemas com água.

*A função do senhor estava relacionada a lidar com problemas ligados a estrutura física, como bomba, água, porta, fechadura. E nos anos que o senhor ficou lá, estava melhor a assistência?*

Mais ou menos. Tinha uma fossa que lutei com ela durante toda a existência da escola. Eles foram arrumar no final de 2013 e início de 2014. A fossa era retirada da cozinha 5m, vazava sem para, e não adiantava reclamar. Derramava a céu aberto porque enchia, forma lá umas duas vezes esvaziar, mas logo enchia de novo. Só resolveu quando construíram outra.

*Na visão do senhor, como pai, já teve filho estudando na escola rural, como funcionário que trabalhou por muitos anos como guarda nesta escola. É importante a existência da escola rural ou seria mais fácil trazer as crianças para estudar na cidade?*

É muito importante, porque segura os pais na região, na zona rural, além das crianças serem amparadas. Lá as crianças têm nome e não número. Na cidade o transporte chega, deixa os alunos e só vai ver quando vai embora. A escola da cidade chega o horário de embora solta os alunos e pronto. Não tem responsabilidade de ficar olhando os alunos. Na zona rural, a gente ficava olhando os meninos até embarcar, não tem drogas é muito mais seguro. Todos são conhecidos, são filhos de pessoas que conhecemos, que tem consideração uns com os outros. Tem muito o que melhorar, mas é muito positivo a existência das escolas rurais.

*Como o senhor considera a experiência de todos esses anos na escola rural?*

Ótima! Aprendi muito! (Com lágrimas nos olhos). Valeu a pena, se fosse para viver de novo iria com certeza. As crianças ensinam a gente. A reivindicação deles é um ensinamento.

*Se o Senhor pudesse deixar um recado para essas crianças, o que senhor falaria?*  
Para eles continuem do mesmo jeito, não precisam melhorar nada.

*E para as professoras?*

Serem mais sensíveis com as crianças, pregam muito, mas na prática pouco, não dão muito valor, é complicado.

*E para a comunidade, para as famílias das crianças?*

Continuem com filhos aí na escola rural, mas reivindiquem porque tem muitos direitos que nem sabem que tem. Aprendam a pedir, reclamar, porque se a gente não atrás ninguém oferece.

*Se o Senhor pudesse falar alguma coisa para o Secretária da Educação, já que hoje é outra pessoa, não a mesma do seu tempo, o que diria em relação as escolas rurais?*

Tem que dar mais assistência. Enxergar a escola como uma escola e não como papa voto. Ali tem crianças que precisam crescer na vida... (lágrimas do depoente)

*Obrigada Pai!!!*

**APÊNCICE D – Transcrição da entrevista realizada com a professora Neusa Dias  
de Oliveira em 21/05/2015**

*Estou aqui com a professora Neusa Dias, que foi praticamente a primeira professora da Escola Água Mansa Coqueiros, já citada pela Dona Zélia, pelo senhor Afonso, que muito colaborou para início daquela escola que começou em condições tão precárias. Neusa vamos tentar voltar no tempo e lembrar como tudo começou? Como foi este convite para ser professora? Você já era professora ou já havia pensado em ser professora?*

Não, eu nunca tinha sido professora, aliás eu nem tinha entrado numa sala de aula nem para substituir. Aí eu recebi o convite. Uma professora começou e em menos de um mês ela não quis mais ficar na escola, não se porque a escola era muito precária, uma escolinha de pau a pique, e aí eu fui.... Meu marido era motorista, levava as crianças para a escola e eu fui convidada para trabalhar na escola. Lá eu tentei, mesmo sem ser professora e consegui dar aula para as crianças do pré-escolar até a 4ª série, como era chamado na época, sala multisseriada. Eu aprendi junto com as crianças e foi desenvolvendo.

Lá na escola a gente pegava água na bica do lado de fora. Não tinha cantina na escola, a merendeira fazia a merenda na casa dela e depois levava para dar para as crianças. A gente andava um pouco a pé também, porque o carro, a Kombi não até a escola. Tinha um morro, uma serrinha, não havia estrada só um trieiro onde a gente passava para chegar até a escola. Foi assim que iniciei na escola.

*Quem te convidou?*

Partiu um pouco do meu marido e do pessoal que morava lá, da Dona Zélia, do Seu Afonso que já me conheciam e me pediram para ir, porque a escola iria fechar. Se arrumasse uma professora, a escola iria fechar.

*Então foi um desafio?*

Foi um desafio muito grande! No início eu tinha um pouco de receio porque as crianças que faziam a 4ª série vinham para a cidade fazer a 5ª série na época. Então quando as crianças iniciaram aqui eu tive muito medo das crianças não terem aprendido e não darem conta de acompanhar aqui na cidade. Isto foi uma coisa que me marcou e nunca esqueci. O dia que as crianças iriam receber o boletim do 1º bimestre, uma mãe veio para

a cidade pegar o resultado e quando ela chegou lá ela me disse: Ah Neusa! Você não sabe o que aconteceu com seu xodozinho? Na hora me deu uma coisa, parece que eu fui lá em cima e pensei: o que será que aconteceu? (Depoente colocou as mãos no coração demonstrando medo). Então a mãe disse que tirou o 1º lugar da classe e o outro filho dela também tirou nota boa. Daí parece que a partir daquele momento eu percebi que estava conseguindo ser realmente uma professora.

*E o trabalho com sala multisseriada? Havia alguém que oferecia orientação, um programa, um livro? O que você fazia? Como era o planejar aulas para pré-escolar até a 4ª série?*

Eu só tive orientação de dois aqui na cidade. No mais era através dos livros didáticos. Cada criança tinha o seu e através do livro eu ia desenvolvendo as atividades, eu realmente não tinha quem me ajudasse. Foi eu e eu mesmo. Na época eu tinha medo por isso, eu nunca tinha dado aula e começar sem ajuda. Ninguém da secretaria ia lá. Então foi uma batalha que eu consegui vencer. Quando eu pego alguma coisa para fazer, eu gosto de ver se consigo.

*Você ficou lá quanto tempo?*

Eu fiquei só dois anos.

*E nesses dois anos funcionou lá nesse local?*

Sim, foi lá nesse local, na escolinha de pau a pique. Quando eu ia sair, já estava programado para fazer a escola lá onde ela é hoje, a Escola Água Mansa, inclusive a gente ganhou material através de campanha na comunidade, os granjeiros da Perdigão, meu esposo até foi buscar alguns. Quando eu saí já tinha um pouco de material para fazer a escola, mas aí eu saí antes de fundar a escola que tem hoje, nunca trabalhei nela.

*Por que você saiu de lá?*

Porque meu marido foi transferido para outro local e eu fui embora também. Viemos para a cidade.

*Como eram as crianças?*

As crianças como as da cidade. Tinham os mais tímidos, outros mais custosos, que faziam arte, mas tudo normal, aqueles que aprendiam mais rápido, outros que tem que trabalhar mais.

*Você se lembra quantos crianças eram?*

Eram quatorze crianças.

*E o relacionamento com eles? Eram carinhosos? E a aprendizagem?*

Era muito bom, carinhosos. Eles desenvolviam bem. Como falei no início eles foram bem. No final de semana, sexta-feira, a gente brincava no campinho de futebol em cima do morro, tinha também o riozinho no fundo da escolinha, tinha dia que levava as crianças lá para brincar, tomar banho, era bem divertido.

*Quem trabalhava na escola?*

Só eu, a merendeira morava na casa dela, ia lá levar o lanche e ia embora. Ela zelava, varria, colocava água no filtro, cuidava da porta e ia embora. O restante era eu que fazia.

*Como era a participação dos pais?*

Eles iam nos dias de reunião, mas apoiavam bastante. Eram pessoas que tudo o que precisasse eles sempre ajudavam, eram bem participativos. Não aqueles que deixam os filhos na escola e pronto. Os filhos iam de Kombi, mas o dia que tinha reunião eles participavam.

*As crianças moravam todas lá perto?*

Sim, todos moravam lá na zona rural. Vinham de Kombi até perto, menos de 1km, porque não havia estrada, a gente ia a pé. Eu ia no transporte junto com as crianças, porque também morava na região.

*Você me disse que suas eram planejadas de acordo com os livros didáticos. E a avaliação? Como você avaliava os alunos, o que fazia para saber se eles estavam aprendendo?*

Eu elaborava as provas em casa e levava para as crianças. Tudo a mão, porque não tinha recurso, mimeógrafo, etc. Tudo que eles faziam, eu passava trabalhos com desenhos, sobre história e as coisas que a gente trabalhava. Então através dos trabalhos e das provas eu fazia a avaliação. Tinha boletim, diário, tudo dentro das normas, bem organizadinho.

*Qual a melhor lembrança que você tem desse tempo?*

São muitas lembranças..., mas as melhores... quando íamos tomar banho no córrego, quando era tempo de gabirola esperávamos a Kombi chupando gabirola. Era muito divertido, conversávamos muito, brincávamos...

*Se você pudesse encontrar essa turminha hoje, todos adultos, o que você falaria para eles?*

Seria maravilhoso, conversaríamos bastante, recordaríamos tudo o passamos na época. Como cada um seguiu o seu caminho... acho que iríamos conversar sobre os momentos que vivemos ali. Porque houve momentos até de medo. Como a escola era de pau a pique, um dia entrou uma cobra grande dentro da escola. Pedi um rapazinho, o Cristiano, que era o aluno maior para ajudar, ele pegou um pedaço de pau e matou a cobra.

*Tem alguma lembrança ruim que você gostaria de esquecer?*

Sim. A revolta de um aluno. Acho que ele era revoltado pelas coisas que vivia na sua casa. Ele era bastante nervoso. Foi brincar de bola e havia trazido um pedaço de couro cheio de pregos. Iria colocar no joelho para brincar com os colegas de bola. Eu fiquei chocada. Fui conversar com ele, choramos juntos... ficou aquele sentimento de mágoa de pensar que a gente tenta, tenta e não consegue aliviar aquilo que a criança está sofrendo naquele momento, apesar de conversarmos, não dá para saber se ofereceu alguma coisa de boa para a criança. (A depoente disse que esta criança ao crescer se envolveu em roubos de carro e acabou morrendo perdendo a vida em um acidente de carro).

*Hoje existem muitas escolas rurais boas e algumas ainda sem estrutura, semelhantes a esta que você começou sua carreira. O que você diria para as professoras que estão iniciando suas carreiras em escolas semelhantes a que você iniciou?*

Diria para que tivessem bastante calma, mas serem pessoas determinadas, porque para enfrentar esse desafio tem que muita determinação e força de vontade. Enfrentar uma sala multisseriada e tentar ajudar todas as séries juntas.

*Como organizava a turma para facilitar seu trabalho?*

Eu passava uma atividade para uma série, depois para a outra, enquanto uns faziam eu passava para outros, tentando conciliar. O mais difícil era trabalhar oralmente, porque quando ia fazer uma explicação todos te davam atenção, sendo que as vezes a explicação era só para um grupo. Trabalhar a oralidade era mais complicado... você a frente, numa escola pequena, chama a atenção de todos. Não tive nenhuma criança com necessidades especiais. Havia uma com um pouco mais de dificuldade de aprendizagem que as outras crianças, mas ele tinha um dom para o desenho, para o desenho ele era perfeito. Então por lado tinha dificuldade para aprender, mas por outro tinha a habilidade para o desenho.

*Valeu a pena?*

Valeu! Apesar das dificuldades valeu! Eu não tenho nenhuma mágoa de falar assim: ah! Foi ruim! Isso eu quase não aguentei... nunca mais voltaria aqui... eu não teria dificuldade para enfrentar tudo novamente.

*Neusa! Muito obrigada! Parabéns pela sua garra, perseverança e persistência! Com certeza você teve um papel muito importante na vida daquelas crianças... quando ninguém teve coragem você teve. Parabéns!*

**APÊNCICE E – Transcrição da entrevista realizada com a professora Márcia Salustiano Carvalho Leão em 29/09/2015**

*Estou na EMREF Água Mansa Coqueiros com a professora Márcia Salustiano, docente há muitos anos na unidade escolar para realização desta entrevista, desta como objetivo conhecer um pouco mais da história da escola e também da história de vida da professora. Como foi sua formação? Sua vida escolar?*

Bom, minha vida escolar foi tranquila, eu era uma aluna esforçada, aplicada. Tive dificuldade na minha alfabetização, não foi tranquila, minha tinha que me ajudar, procurar professora particular, pois não memorizava. Depois veio a tabuada, a professora nos colava na frente, parecia até querer que eu errasse. Ela perguntava 7 x 8, eu sempre errava, não sabia. Um dia estava na frente, tão apavorada, pois os colegas estavam esperando que eu errasse para rirem de mim. A professora já estava perdendo a paciência comigo de tanto que eu errava e dizia: Márcia, você tem que colocar a tabuada na cabeça! De repente, (a depoente fez gesto colocando a mão na cabeça) coloquei a tabuada em cima da cabeça. Hoje eu conto isto para os meus alunos esta história e procuro ter muito cuidado para não fazer isto com eles. Não quero que eles sofram o que eu sofri. Então quando trabalho matemática, deixo com que eles contem nos dedos das mãos, dos pés e em qualquer lugar que queiram contar, porque nós não somos iguais. Eu tenho aluno que aprende a tabuada em um mês e outros que não aprendem de jeito nenhum, assim como eu. Então nós temos que buscar as nossas próprias estratégias para conseguir chegar lá e a gente chega. Não podemos desistir e nem ficar tristes quando os outros rirem da gente. Temos que errar muito para acertar.

*E como foi tornar-se professora? Houve algo que marcou ou influenciou? Como foi o início da sua carreira docente?*

Naquela época me matriculei de manhã no científico e a noite no magistério. Mas como eu nunca gostei de química, tinha pavor de química, eu não consegui fazer o científico. Daí eu fiquei com o magistério, achei mais tranquilo, gostava da turma, dos colegas dos professores. Gostei do curso, mas não queria ser professora. Porque o salário de professora era muito pouco. Na época acho que não chegava ser um salário mínimo. Então prestei vestibular para o Curso de Direito, pois acreditava que era o curso que mais reconhecimento. Mas a vida dá muitas voltas. Não consegui concluir o curso. Fui morar na zona rural próximo de escola, que depois veio a ser esta escola. No início meus folhos

eram pequenos e não quis trabalhar, mas depois fui convidada para substituir uma colega e começou toda a história. Virei professora! Bem virada! (Sorriu a depoente)

*Então você fez o magistério? Houve algum fato que contribuiu para você virar professora? Todos os seus colegas se tornaram professores?*

Não. Houve um fato muito interessante. Na sala de aula tínhamos o grupo de fazer trabalhos. Eu tinha colega que se chamava Ana Luiza. Ela era super aplicada, seus trabalhos eram os melhores. Quando tinha alguma apresentação era tudo perfeito, sempre carregava de tudo. A mãe dela era diretora de uma escola, então seu destino já estava trilhado, ela iria sair dali com o emprego garantido e ser professora igual a mãe. Mas a nossa professora de magistério, não me recordo o nome no momento, dizia: olha, nem sempre os melhores alunos são os melhores professores/ Mas eu era jovem, tinha dezesseis anos, não dava muito ouvido, mas temos que dar ouvido aos mais velhos, pois sabem o que estão falando. Olha só o que aconteceu. Terminamos o magistério, prestei o vestibular para Direito e Ana Luiza foi ser professora. Quando cheguei em Rio Verde tinha concurso aberto para professor e eu fiz, pensei que seria melhor por causa dos feriados e recessos, se em um banco ou outro tipo empresa seria pior. Eu passei no concurso e comecei a dar aula. Adorei minha turma. Tinha dezessete anos quando comecei, meus alunos do 5º ano eram quase da minha idade. Eu gostava muito. Me descobri dando aula. Eles gostavam de mim e eu deles. Em julho eu retornei à minha cidade e reencontrei minha turma de magistério e também a colega Ana Luiza. Me perguntaram o que eu estava fazendo eu disse era professora. Todas riram e eu respondi que era uma professora, não era qualquer professorinha. Perguntei então para a Ana Luiza e fiquei surpresa, pois a melhor aluna da sala foi ser professora na escola da minha, deu aula uma semana e ficou duas semanas internada. Ela não suportou, não deu conta, não soube lidar com as situações, não teve paciência. Ana Luiza foi então fazer o curso de Administração de Empresas e trabalhar em empresa, deixando o magistério.

*Então no seu caso a vocação falou mais alto?*

Sim, porque eu gosto de ser professora.

*Após o concurso, onde você trabalhou?*

Eu trabalhei na EMEF Olinda Ataídes, era uma escola pequena sem estrutura, chovia lá dentro, minha primeira sala de aula foi no pátio, porque não tinha outro espaço

e os meus alunos foram os que tiveram mais rendimento dentro do município. Um fato que eu nunca esqueci: quando eu era criança meu pai e minha mãe nunca fizeram um bolo de aniversário para mim, nunca, nunca, compravam um presente, mas não entendia a ignorância do meu pai nesse sentido de não entender o sentimento de uma criança. Eu queria um bolo, sabe um bolo de aniversário e eles nunca fizeram. No primeiro ano que fui dar aula, nunca me esqueço, os alunos fizeram para mim um bolo branco e cantaram uma música (Nesse momento a depoente cantou parte da melodia). Oh professora querida! A sua voz é tão bonita! E eu chorei, chorei... Gente se soubesse disso, tem coisas que acontecem nesta profissão que o dinheiro não paga, foi algo que eu nunca vou esquecer, nem dos meus alunos daquela época, dos meus primeiros alunos, assim como o primeiro amor, nunca vou esquecer deles.... Não sei se viu eu postei no facebook um vídeo que os meus atuais alunos fizeram para mim, trouxeram uma torta branquinha, cantaram, fizeram surpresa, colocaram balões.... Então esta coisa de estar com os alunos, fazer parte da vida deles e eles da minha, esse vínculo é muito importante. Hoje aqui na escola nós temos caso de alunos que já se formaram, tem a Caroline que no próximo ano se forma em odontologia, o Claudinho que está na USP e muitos aqui serão grandes profissionais, médicos, etc. quem sabe professores da minha neta.

*Na EMEF Olinda Ataídes você ficou por quanto tempo?*

Lá eu fiquei um ano e meio.

*E depois veio para zona rural?*

Eu casei, dei um tempo na minha faculdade, vim morar na fazenda. Aí começou a chegar os filhos, e foram mais importantes do que qualquer coisa na minha vida, então eu me dediquei aos meus filhos, deixei tudo para me dedicar a infância deles e não me arrependi. Deixei o magistério, tranquei a faculdade de Direito e foram acontecendo tantos imprevistos que não pude retornar.

*Quando você veio para a EMREF Água Mansa Coqueiros? Como tudo aconteceu?*

Olha foi bem interessante! Eu vim para a escola em 2003. A professora Luci Meire não queria que viesse, achou que eu seria muito chata. E não sei quem me indicou, mas a Vera foi lá em casa a minha procura. Eu precisava do holerite dela para conferir o pagamento e ela não me emprestou. Hoje a Tia Luci Meire é minha grande companheira

aqui na escola. De todos os anos aqui na escola, mesmo eu sendo do jeito que eu sou e a Tia Luci Meire sendo do jeito que ela é, nós nunca discutimos nem entramos em atrito. Então ela é uma das minhas grandes companheiras, gosto dela do jeito que ela é ela gosta de mim do jeito que eu sou.

*Então ela já trabalhava aqui quando você veio?*

Sim, já trabalhava. Estava dobrando um período e precisava organizar isto e eu vim contra a vontade dela, mas deu tudo certo.

*E esse início? Como era a escola? Quais eram os recursos?*

Os recursos da escola sempre foram poucos na zona rural. Tínhamos mimeógrafo, quadro e giz, essas coisas mais simples mesmo. Mas isso nunca atrapalhou ensinar as crianças.

*E a escola já era nesse local?*

Quando eu cheguei já estava funcionando aqui.

*Depois de quanto tempo você voltou a estudar?*

Foi no mesmo ano. Vim substituir a colega que estava doente e surgiu a oportunidade de prestar o concurso. Prestei o concurso, passei e naquela época começaram a exigir professores graduados e foi oferecido uma bolsa de estudos para os professores. Foi minha grande oportunidade de estar retornando, agarrei com unhas e dentes, sendo uma ótima aluna. Aliei a teoria com a prática e estamos aí.

*De 2003 para cá são doze anos, muita história para contar. O que esta escola significa para você?*

Sim, doze anos, são muitas histórias para contar. A escola significa um grande aprendizado. Tudo que eu sei, minhas práticas e teorias devo a esta escola, a cada pessoa que conviveu comigo, aos nossos projetos, as atividades, os pais, etc. Tudo que sei e sou devo a esta escola.

*Dos vários projetos desenvolvidos ao longo desses anos, tanto criados pela comunidade ou sugeridos pela Secretaria da Educação, há algum que você gostaria de destacar, que houve maior relevância?*

Há muitos. Eu sempre gostei de abraçar tudo o que nos chega, pois penso que para a gente melhorar. Então as vezes vou em cursos e vejo professores falando: nossa tem que mais isso, mais aquilo... professores reclamando... então sempre tentei abraçar e não reclamar, mesmo lecionando em turma multisseriada, passando por muitas dificuldades, eu acho que para agregar, pois tudo o que nos ajuda a unir, interdisciplinar e aproveitar e não fragmentar. Gostei muito de trabalhar com Olimpíada de Língua Portuguesa, que vem prontinho com nove oficinas só para o professor explorar e trabalhar com os alunos. Esse projeto foi um dos que maior rendimento. Meu aluno Jônatas foi o melhor de Rio Verde e foi para a etapa estadual, passou e foi para Brasília. Então nós ficamos entre os trinta melhores do país.

*Você tem registro disso?*

Sim, tenho fotos, jornal. Então foi um trabalho que eu poderia dizer que não que seja um melhor do o outro, mas porque um faz com vontade e o outro não quer fazer. É o esforço, não porque um seja mais inteligente, mas há aqueles que abraçam e fazem com vontade.

*Uma vez você comentou comigo em uma de nossas conversas sobre a Escola Ativa, sendo também algo que gostou muito. Foi em ano esse trabalho?*

Foi em 2012, durou um ano. A Escola Ativa colaborou muito, mas é sempre assim, as vezes aquilo que é novo, o professor não entendi da forma que o outro pensa e o trabalho não ocorreu como deveria. O Programa Escola Ativa também é um projeto muito bom, com tudo pronto para ajudar. Mas não teve continuidade.

*Márcia como é a rotina do professor da zona rural, tanto no sentido de carga horária, locomoção, mas também de planejamento, da intervenção da Secretaria Municipal de Educação? Há apoio, há alguém que coordenar o trabalho? No dia a dia vocês ficam sozinhas? Como é a rotina? Para que as pessoas que não são da zona rural possam compreender o dia a dia de vocês.*

Bom, a nossa rotina é assim. A gente anda quilômetros para estar chegando aqui, tanto alunos como professores. O planejamento é feito diário. Temos diretora, coordenadora e secretária, mas tudo funciona na cidade. Todos os documentos ficam arquivados lá. A coordenadora está aqui toda semana acompanhando, participando e

ajudando. Temos as reuniões do HPPC também, onde discutimos os problemas e buscando soluções, elaborando projetos.

*Há um dia específico?*

Sim. A gente tem o dia específico de acordo com o nosso horário, ficamos um horário extra.

*Mas é um dia fixo, tipo toda quinta ou sexta ou varia?*

Varia de acordo com a carga horária, porque tem horas estabelecidas para este tipo de trabalho. A coordenadora vem uma vez por semana e temos o contato por telefone caso surja alguma dúvida como, se alguém quer fazer alguma coisa e sabe se pode, precisa da autorização da gestora, porque só ela tem essa autonomia. Ligamos, perguntamos e fica tudo acordado, tudo organizado, o que deve e o que não deve fazer no trabalho. Mas também esse fato de ficar sozinha na escola, (depoente faz gestos com as mãos indicando entre aspas) as vezes é interpretado de maneira diferente e cada um age de uma maneira também de acordo com sua responsabilidade. Então muitas pessoas acham que ficar sozinho é fazer o que bem quer e gerar acomodação. Precisaria de estar alguém para vigiar, para ver se está tudo certo. Mas outro lado, para quem sabe o que precisa fazer, sabe o que o aluno precisa aprender e que tem responsabilidade, isto pode ser bom, porque nos dá autonomia. Então depende de cada um. Eu vejo como autonomia. Não vejo como interferência, quando chegam aqui veem que trabalho está feito, que está caminhando, gera tranquilidade em alguns momentos. Gera responsabilidade, confiança de saber que o professor está lá cumprindo tudo o que precisa, que o plano de aula está feito, o caderno corrigido, as disciplinas estão sendo trabalhadas. Da minha parte eu encaro assim. Eu soube aproveitar a responsabilidade que me foi dada e quando alguma não dá certo, a gente muda, nós mesmos percebemos que não está dando certo e mudamos. Sem precisar de atritos, porque as vezes o dia a dia pode gerar mais problemas do que resolvê-los. E nesse ponto, ficar sozinha gera mais tranquilidade de saber o que devo e não devo fazer. Isto depende da pessoa, da consciência, se perguntar para outra pessoa ela pode encarar de outro jeito, porque eu já ouvi várias coisas.

*Desde que você veio trabalhar na escola, tem realizado o trabalho com sala multisseriada. É uma realidade de muitas escolas rurais. Como é trabalhar numa sala*

*multisseriada, quais os desafios? Como é organizada esta rotina de trabalhar com mais de série ao mesmo? Em quem você se apoia? Fale da sua experiência.*

Aqui é o lugar ideal para estar junto a Vygotsky. Porque ele diz que o que a crianças não consegue fazer hoje, amanhã com ajuda de outras pessoas, ela conseguirá. Ele fala com muita clareza e eu consegui compreender isto no meu dia a dia. Aqui eu tenho 4º e 5º anos, alunos com níveis diferenciados de aprendizado. E nessa interação um auxilia o outro. A aprendizagem flui de uma maneira intencional, porque tem o processo de planejamento, mas de maneira mais livre, espontânea e criativa. Eu vejo muitos professores querendo na sala de todos iguais. Querem os melhores alunos, uma turma homogênea, todos inteligentes e perfeitos e uma escola assim não existe. Só se fizesse uma seleção, uma prova e colocasse os melhores, mas isto não é melhor escola. A melhor é aquela que os alunos pesar de estarem em níveis diferenciados, os mais fracos conseguem superar tanto quanto o que não tem dificuldade. Assim conseguimos superar os nossos desafios.

*Márcia, quero agradecer pela entrevista, o seu comprometimento coma escola, com as crianças. Quando você disse que depende de cada um a responsabilidade do que se deve fazer estando sozinho ou não, quero dizer que você é uma referência para esta escola, referência de boa professora, de comprometimento. Quando estive visitando a Secretaria Educação, você foi uma das referências repassadas para mim. Esse também é um dos motivos do meu interesse em entrevistá-la, além de você ter sido citada também pelo senhor Afonso, meu pai. Te agradeço profundamente e desejo que você continue tendo perseverança, comprometimento, responsabilidade e sabedoria para continuar nesta profissão que árdua, mas tão importante para nós.*

Não tem mistério, uma educação é feita de exemplos. Se alguém educar seu filho não precisa falar coisas e fazer outras, faça. Se quer educar seus alunos para que tenham ética, responsabilidade, não devo ficar fofocando, tenho que ter ética e além de tudo mostrar o que sou pelos meus atos e atitudes. Na educação não adianta escrever e falar tanta coisa bonita, podemos pegar planos de aula lindos e maravilhosos, chegar numa escola linda e maravilhosa, mas se cada um que estiver ali dentro não der o exemplo, vai resolver pouca coisa.

*Que continue sendo um bom exemplo para nós!!*

**APÊNCICE F – Transcrição da entrevista realizada com o ex-aluno da EMEREF Água Mansa Coqueiros, Jonas Nunes do Couto em 14/11/2015**

*Estou aqui com Jonas Nunes do Couto. Ele é ex-aluno da EMREF Água Mansa Coqueiros. Agendamos esta entrevista para saber um pouco do que ele vivenciou nesta escola rural há vários anos atrás, quando era ainda criança. Jonas quais são as lembranças mais marcantes que você tem da Escola Água Mansa?*

Então.... Na época quando eu comecei lá, devia ter de 10 a 11 anos de idade, foi bem interessante, eu brincava com os meninos, jogava futebol, nadava do córrego. O mais marcante foi ter a oportunidade de estar na fazenda e brincar na minha infância.

*Você morava próximo a escola?*

Sim, morava na fazenda que era mais ou menos uns 10 km da Água Mansa. Eu ia de Kombi. Havia outros alunos que vinham para a Rio Verde estudar, mas eu ficava lá, estudei até a 4ª série lá. Eu ia de Kombi até a escola, ela seguia e a tarde buscava a gente por volta das 18h e voltava para casa.

*Você se lembra quanto tempo ficou lá?*

Foram três anos.

*Então você ficou da 2ª série até a 4ª série? Quem era sua professora?*

Sim, minha professora era a Neusa.

*Só foi a Neusa ou teve outras?*

Eu sei que no começo foi a Dona Zélia, mas não estudei nesta época. Só tive a professora Neusa.

*O que você lembra da professora Neusa? Tem alguma coisa que você gostaria de falar?*

Lembro que foi a professora que me ensinou quando comecei. No início das aulas a gente fazia uma oração. Mas não lembro de muita coisa, era muito novo.

*Eram vários colegas, a sala era multisseriada, cada um estava em um nível. Como era isto? Você se lembra?*

Sim, as vezes era um pouco confuso, porque a professora tinha que ensinar todos ao mesmo tempo, tinha aluno que estava em um nível melhor, mas a gente estudava, se esforçava e conseguimos.

*Foi uma professora que te marcou? Há algo que se lembra e gostaria de falar?*

Sim, ela marcou minha vida. O que mais lembro é dela nos ensinar as orações para começar as aulas e os conhecimentos que aprendi com ela. Foi bom!

*Na zona rural você frequentou outra escola ou foi só a EMREF Água Mansa Coqueiros?*

Teve uma escola que eu frequentei antes, acho que fiz parte da 1ª ou da 2ª série. Era mais perto da minha casa, eu ia de cavalo e era muito difícil. Mas a Água Mansa foi a que realmente marcou, eu tinha transporte para me levar, tinha mais alunos.

*Como era a escola? Sua estrutura física?*

Me lembro que era de madeira, de chão batido, madeira de pau a pique. Tinha um quadro na frente e do lado tinha um filtro. Alguns cartazes na lateral. Quando chovia forte molhava.

*Havia animais?*

Tinha os cachorros da merendeira.

*E os materiais escolares, cadernos, livros, o que vocês usavam?*

Tínhamos livros que recebíamos do município e os cadernos a gente comprava. E a professora passava no quadro.

*Tinha provas? Como funcionava a avaliação?*

A gente estudava, as vezes ela passava trabalho, não me lembro bem, faz tanto tempo, mas era igual a escola da cidade, tudo normal, só que na fazenda.

*Com relação a disciplina, como agia a professora?*

Ela conversava, não lembro se deixava de castigo. Chamava os pais.

*De tudo que você viveu na zona rural, esse período que você estudou lá, houve algo que influenciou você ser o que é hoje?*

O que mais aprendi foi a humildade. A convivência com pessoas simples, tudo era mais fácil lá. A simplicidade foi o que mais me marcou, bem diferente dos tempos atuais, sem comparação. Eu valorizo muito e tento colocar em prática. Não consigo sempre, mas tento.

*Das pessoas que você conviveu lá, tem algum contato?*

Difícil, não tenho contato com mais ninguém. As vezes vejo a Dona Zélia, porque é amiga dos meus pais.

*Como era o lanche? Havia merenda escolar?*

Tinha a merendeira que levava o lanche. Tinha bolo, rosca, suco, etc. Nós chamávamos ela de Dona Nega, seu filho também estudava lá.

*Se você hoje morasse na fazenda, colocaria seus filhos numa escola rural?*

Colocaria sim.

*Você acha que para quem mora na fazenda é melhor colocar o filho na escola rural ou na cidade?*

Tanto na escola rural quanto na cidade, acho que não muda muito. Hoje está tudo atualizado, conectado. O que influencia é o convívio com as pessoas, porque é diferente o da fazenda com o da cidade. Há perigo de brigas, drogas, e na fazenda já não tem isso.

*A sua família teve influência no seu processo de escolarização?*

Sim, hoje eu sou formado em Administração de Empresas e minha família sempre me aconselhou a estudar, meus pais, minhas irmãs Betânia e Nívea. Com estudo já está difícil, imagina sem.

*Qual seria o ponto positivo e negativo na sua formação, pensando na EMREF Água Mansa Coqueiros até chegar no curso superior?*

O ponto positivo foi a dedicação da professora, que mesmo diante de todas as dificuldades me ajudou a chegar aqui. O ponto negativo é a desvalorização do professor.

*Quando você concluiu a 4ª série e teve que vir para a cidade estudar. Como foi a adaptação?*

Foi um pouco difícil, porque estava acostumado na fazenda só com uma professora. E houve um pouco de preconceito dos alunos da cidade, chamava a gente de roceiro, etc. No início foi difícil, depois acostumei.

*Como você encarou esta situação?*

Encarei com tranquilidade, tinha outros colegas da fazenda também, não só da minha região como de outras. Então não senti muita dificuldade.

*E com relação aos conteúdos? Foi difícil?*

Algumas disciplinas foram fáceis, outras não. Fui me adaptando.

*Vindo para a cidade você perdeu o vínculo com a EMREF Água Mansa Coqueiros?*

Quando vim para cidade, a escola foi transferida para onde é hoje. E o meu pai arrumou trabalho na escola. Fez concurso público. Então fiquei morando lá do lado da escola e vinha para a cidade estudar. Então eu sempre via as professoras, os alunos. Morei onde é a sede atual uns cinco anos. Meu era o vigia, cuidava da horta e da manutenção da escola.

*Que recado você deixaria para as crianças que estudam na zona rural, que vivem uma realidade semelhante a que você viveu?*

Falaria para estudarem, se esforçarem e viverem suas infâncias lá, com as brincadeiras, porque é muito diferente as brincadeiras da fazenda com as da cidade. Que vivam intensamente esse momento, pois um dia também virão para cidade e se formarão.

*Você acha que valeu a pena?*

Valeu sim, aprendi muitas coisas. Viveria tudo outra vez.

**APÊNCICE G – Transcrição da entrevista realizada com a professora Simone  
Oliveira Ribeiro de Pinho em 16/11/2015**

*Aos 16 de novembro de 2015 às 14h inicia-se mais uma entrevista. Estou na casa da Simone, que foi professora na EMREF Água Mansa Coqueiros, sendo uma importante personagem desta história. Simone, você se lembra em qual ano você esteve na escola?*

Acho que foi em 1997. Eu tinha dezenove anos de idade.

*E como foi? Você queria ser professora ou foi pega de surpresa?*

Na verdade, não foi planejado. Eu havia feito o curso de contabilidade, uma área bem diferente, mas por uma falta de professor na época, eu tinha acabado de concluir o técnico em contabilidade, surgiu essa ideia de uma escola na fazenda para facilitar a vida das crianças que já moravam lá e estavam sem condições para estudar, inclusive meu irmão. E meu pai me convidou. Ele morava na fazenda e eu na cidade. Ele me aconselhou dizendo: Simone vai para lá dar aula, você terminou seus estudos, fica aí trabalhando na cidade e lá precisando de professora. Eu falei: Pai eu não tenho habilidade com isso, não sei se é o que eu gosto. Meu pai insistiu bastante e eu resolvi dar esse apoio para ele, para família, para a região. Porque foi muito difícil para e minha irmã estudar, nos locomover, vir para a cidade, minha mãe com a gente na cidade e meu pai na fazenda. Então eu pensei, não quero que aconteça o mesmo com meu irmão, que na época era pequeno e também por causa das outras crianças. Então resolvi ajudar ele nesse início de luta.

*Como foi esse início? Onde funcionava a escola? Como era a escola?*

Era numa casinha de madeira coberta de capim, uma casinha de sapé, como se diz, construída na terrinha do meu pai. Era tudo na simplicidade. O que a gente tinha de mais parecido com uma escola da cidade era simplesmente as carteiras e um quadro negro. Tinha o material pedagógico que me mandavam e a gente foi começando do zero mesmo.

*Com relação ao material e a sua preparação, houve alguma orientação?*

Na verdade, orientação eu não tive. Elas me cederam o papel. Na época era a Dona Ruth a coordenadora. Ela me passava os materiais, mas eu tinha que fazer pesquisa. Tinha os livros da escola ativa, eu acho. Mas eu tinha que explorar aquele material, além dos livros didáticos.

*Por quanto você ficou na escola?*

Eu fiquei apenas um ano. Eu me casei e tive que mudar;

*Eram quantas crianças?*

Quando nós começamos, eram meu irmão que fazia a 3ª série, mais duas crianças que eram irmãos, o John Cleiton e a Patrícia, também 3ª série. Dois primos que eram da alfabetização. O Cristiano que era 2ª série, um rapaz. Tinham outros dois que não me lembro o nome eram da 2ª série também. E teve um período com três alunos da 4ª série, mas ficaram só alguns meses. Mas que começaram e terminaram foram meu irmão Itor Filho, o John Cleiton, a Patrícia, o Cristiano e meus dois primos que eram da alfabetização.

*Então era uma sala multisseriada? Foi um desafio? Como você organizava as aulas?*

Foi um desafio grande. Eu procurava colocar próximos, independentemente da idade, a alfabetização que eram meus dois primos, eu trabalhava a mesma coisa, puxando mais a de seis anos, que tinha mais maturidade. Cada dia eu preparava um material diferente para trabalhar com eles. Os da 2ª série, algumas coisas davam para adaptar junto com os da 3ª série, tentando puxar um pouco de cada lado.

*E como que as crianças reagiram?*

Eu acredito que as crianças reagiram bem. Elas tiveram um bom rendimento. Teve criança que chegou lá na 2ª série e não sabia ler, o Davi e o seu irmão que não me lembro o nome, eles tinham uma dificuldade muito grande, principalmente com matemática. Terminou o ano e todos sabiam as quatro operações. Até o Cristiano que na época tinha dezoito anos e tinha muita dificuldade em leitura, subtração, multiplicação e divisão, também conseguiu terminar bem. Então eu acredito que funcionou. O pouco tempo que eu fiquei, eles saíram bem alfabetizados. Quem estava na 2ª, 3ª e 4ª série e tinha dificuldade e que sempre estudou em escola da fazenda, foram bem. Só os três que vieram da cidade, que eram meu irmão, e outros dois da 2ª série que já tinham um caminho andado com os conteúdos. Só dei continuidade.

*Depois que você deixou a escola, continuou exercendo a profissão?*

Não continuei, na época eu mudei de Rio Verde e nunca mais fui professora. Foi uma experiência única para socorrer uma necessidade da época. Mas valeu a pena. Eu tenho orgulho de saber que se eu não tivesse o ânimo para começar, talvez a escola não estaria onde está hoje. Porque hoje a escola é bem conceituada. Acredito que valeu meu esforço.

*Você foi importante para o início da escola. E quando pensamos nesse período de surgimento da escola, quais são suas lembranças no que se refere as reivindicações, as lutas da comunidade rural para a implantação da escola?*

Me lembro muito das dificuldades com o lanche. Não era fácil eu e meus pais sustentarem todas as crianças. Minha mãe tinha que improvisar. Cobravam da prefeitura, mas não cumpriam o combinado. Depois de um tempo começaram a ajudar e esse problema foi resolvido. Outro problema que enfrentamos foi com o prédio, o ambiente, pois não era adequado. Era de chão. Na época da seca era poeira, a gente queria fazer alguma brincadeira na sala, mas a poeira subia e sufocava. E quando chovia, houve várias vezes que tivemos que correr para a casa do meu pai e da minha mãe e ficar ali com os alunos num espaço pequeno, tentando acomodar todos ali, porque começava a cair capim nos cadernos das crianças, começava a molhar e tínhamos que correr. A estrutura física não era adequada.

*Você sabe por qual razão a escola foi para este local, para a fazenda do seu pai?*

Houve uma confusão entre os fazendeiros. Queriam que fosse na casa da Zélia, ela queria ser a professora, mas não tinha escolaridade. A prefeitura não aceitou que fosse ela. Por isso, ela não quis ceder o local na casa dela que tinha mais conforto. Então meu pai tomou frente, pois ele já tinha visto a nossa luta para estudar e queria uma escola na região. Então achou melhor começar daquele jeito, porque caso contrário iria demorar mais ainda, até anos. Acho que a prefeitura gostou da ideia e começou a investir.

*Quais investimentos foram feitos no período em você esteve na escola?*

O investimento que a prefeitura fez foi com relação ao material pedagógico e lanche. Nunca faltou material para eu trabalhar com os alunos e da metade do ano para frente a prefeitura começou a enviar o lanche. Mas não quiseram fazer nenhum barracão,

nada. Penso que eles não achavam o lugar adequado, era mais difícil para os levarem as crianças, não era próximo a estrada e preferiram fazer onde é hoje.

*De tudo o que você viveu lá, o que mais te marcou?*

As dificuldades nas horas da chuva, passamos muito sufoco, meus primos eram tão pequenos e tínhamos que sair correndo com o material nas costas porque não tinha a mínima condição de ficar na sala. Na verdade, era um sofrimento ter de correr com eles, nós passamos por aquele sufoco. E pensar que se a prefeitura quisesse poderia fazer alguma coisa para melhorar, uma sala, um banheiro. Não tínhamos banheiro, tinham que ir no matinho. Foi difícil. Foi um ano, mas que quando paramos para pensar parece que foi bem mais. Foi um desafio, eu não tinha feito magistério e tive dificuldades para estar ali na frente e passar o que eu sabia para as crianças, quando a gente não é preparada para isto, temos dificuldade.

*Nesse período em você esteve na escola, alguém foi te orientar ou visitar?*

Iam lá quando tinham que levar algum material, mas ficar lá comigo e orientar, nunca foram. Entregaram na minha mão de acreditaram que eu daria conta. Ninguém nunca passou nenhum dia lá comigo para estar participando e vendo o que passávamos ali.

*O período em que trabalhou lá funcionou apenas nesse local? Não houve nenhuma transferência?*

Sim, só funcionou lá. Depois que me casei e mudei, nem sei dizer.

*Se hoje você encontrasse uma professora de dezenove anos que fosse viver esta experiência que você viveu. O que falaria para ela?*

Eu falaria que tudo vale a pena. Tudo o que vamos fazer tem um motivo para estar acontecendo. Falaria para que fizesse da melhor forma que pudesse fazer. Mesmo tendo pouca coisa, temos que passar o que de melhor temos. É o que tentava fazer. O pouco que tinha, no caso da experiência na área, mas o meu conhecimento eu tentei passar. Eu acredito que todos que vão fazer alguma coisa precisa se empenhar ao máximo, dedicar o que tem de melhor, sem medo, fazendo o seu melhor.

*Quando vê através das fotografias e das redes sociais a EMREF Água Mansa Coqueiros hoje, quais os sentimentos que surgem?*

Me sinto orgulhosa. Talvez muitas pessoas nem sabem o que ocorreu no passado, não sabem da história. Mas eu sei o que foi esse início e fico muito feliz de ver que está atendendo muitas crianças da região. Ver que realmente se tornou bem estruturada. Tem crianças que já se destacaram em redações e trabalhos realizados lá. É uma escola que está sempre caminhando para melhor e estão sendo reconhecidos não só no município, mas em outros lugares, pois quando fazem essas redações participam com crianças de vários lugares. Então eu fico feliz de saber que valeu o sacrifício, a dificuldade que tivemos para iniciar não foi em vão, deram continuidade e muito bem. A prefeitura reconheceu que ali precisava de escola, que valia a pena investir, porque havia uma demanda, ali nunca vai ficar sem crianças. Tem é que cada vez melhora mais, fazer uma quadra, a estrutura física ainda pode melhorar mais.

*Simone, você ainda convive com alguém daquela época?*

Tenho contato só pela internet, ao vivo só com meu irmão. Vi uma moça, a Patrícia, mas ela não me reconheceu. Na verdade, não tenho contato com ninguém, nem com funcionários da educação, não vejo mais ninguém.

*Há alguma coisa que você gostaria de falar, alguma lembrança, algo que eu não perguntei e que acredita ser importante?*

Acho que falamos muita coisa, foi um ano difícil, mas que passou.

*Só para deixar registrado Simone. A EMREF Água Mansa Coqueiros funcionou nesse período na propriedade do seu pai, o senhor Itor Martins Ribeiro e de sua mãe trabalhou como merendeira, a senhora Cidalina Maria de Oliveira. São pessoa que eu ainda quero entrevistar, mas residem muito distante.*

Tem uma questão que eu me lembrei agora, um caso que foi um desafio muito grande para mim também, talvez até o pior desafio. Era final de ano, como eu disse eles me passavam o material, mas nunca vinha o diário. E quando chegou no final do ano, não tinha feito curso de magistério, não tinha noção de como fazer. Então fui cobrada, me passaram os diários, eu tive que fechar todo aquele material dentro de poucos dias. No caso eram várias turmas, quatro diários. Então fui atrás de uma prima minha que era professora e tinha prática, ela me ajudou. Foi a Maurilaine, agradeço demais a ela, eu ficava perdida e ela dizia, não Simone é assim, me mostrava o seu caderno de plano de

aula. Então fiz meu planejamento e os diários. Se não fosse ela eu não saberia o que teria feito. Deu tudo certo, no tempo e da forma que precisava. A Secretaria de Educação nem ficou sabendo do meu sofrimento.

*Simone agradeço demais seu tempo e paciência, contribuição para tentarmos escrever a história desta escola.*

**APÊNCICE H – Transcrição da entrevista realizada com a professora Luci Meire de Oliveira em 10/12/2015**

*Estou aqui com Luci Meire de Oliveira, professora na EMREF “Água Mansa Coqueiros”, uma importante personagem desta instituição e colaborará com história e memória da escola. Luci Meire quais são suas memórias de infância enquanto estudante? Há alguma professora que te marcou ou influenciou para que você se tornasse professora?*

A minha primeira professora. Eu era criança, tinha sete anos. Se chamava Almeri. Me lembro das histórias, dos clássicos infantis, nunca esqueci de como ela contava as histórias. Quando vou trabalhar com meus alunos me lembro dela, das histórias. Me marcou.

*E como foi esta trajetória?*

Foi tranquila, nunca tive problemas na escola, não fui indisciplinada, sendo boa aluna. Meus pais nunca foram chamados para ouvir alguma reclamação. Foi sempre tranquilo.

*E como foi ser professora? Foi vocação? O que te influenciou?*

Acho que foi por acaso. Nunca imaginei que seria professora. Eu fiz meu ensino médio em técnico em contabilidade. Meu primeiro vestibular foi para Direito, mas não fui aprovada. Daí eu casei e fui morar na fazenda e na época precisava de uma professora e como eu tinha ensino médio completo me contrataram. Foi por acaso que comecei. Depois fiz o Proformação, porque não tinha o magistério. Em seguida a faculdade, período em que houve o concurso. Eu fiz e fui bem classificada, não me lembro se 4º ou 6º lugar para trabalhar na zona rural e aí nunca parei.

*Você se lembra em que ano começou sua carreira docente?*

Foi em 1999.

*Como foi esse início?*

A escola em que eu comecei foi extinta. Se chamava Escola Municipal Cândida Pereira. Lá tinha uma sala muito pequena, sem conforto, sem energia elétrica. A água era de cisterna, tínhamos que puxar com balde. O banheiro era aquela casinha, tipo privada,

sem vaso sanitário. Trabalhava com o pré-escolar até a 4ª série, numa sala multisseriada. Eu ficava sozinha. Eram mais ou menos 10 a 12 crianças. Eu fazia tudo. Mandavam o lanche e eu servia. Tirava a água da cisterna para as crianças lavarem as mãos e também para colocar no filtro.

*Quanto a parte pedagógica, havia alguma orientação?*

No primeiro ano a coordenadora foi uma vez na escola. Eu fui lá na secretaria, eles me passaram o que tinha que fazer no início do ano e eu fiquei sozinha. A visita ocorreu em outubro, já no fim do ano. Foram verificar como eu estava me saindo, ver os resultados. Disseram que estava bom.

*Foi nesta época que você fez o Proformação?*

Sim, eu trabalhei um ano. No segundo ano começou o Proformação. Aí tive orientação e ajuda, pois tinha a tutora, a formação continuada presencial. Foi o início da formação na área.

*Você por qual motivo esta escola foi extinta?*

Disseram que não tinha condições adequadas e era apenas uma sala de aula. Então construíram a EMREF Água Mansa Coqueiros, com uma estrutura ampla, com quatro salas de aula, energia elétrica, água encanada, banheiros. Acharam aqui mais adequado para as crianças.

*As crianças que estudavam na Escola Municipal Maria Cândida vieram para a EMREF Água Mansa Coqueiros?*

Sim, elas vieram. Acredito que foi em março ou abril do ano de 2002.

*Como a adaptação a nova escola? Quais as expectativas? O que você sentiu?*

Uma escola nova, recém construída com espaço amplo foi bem melhor. Mas os três primeiros meses não foram fáceis. Eu continuei sozinha. Tive que dobrar a carga horária, porque minha colega de trabalho teve uma gravidez de alto risco e eu tive que cobrir os dois turnos. Foi difícil para mim. Eu saía de casa de madrugada, por das 5h e chegava depois das 19h.

*Quando você veio para a EMREF Água Mansa Coqueiros as instalações estavam prontas?*

Sim, estava tudo certinho. Trabalhei três meses sozinha, a partir de agosto veio uma colega e passei a trabalhar apenas em um turno, facilitou.

*Você acredita que esta escola seja importante para a região?*

Sim, muito importante. Não há outra escola perto. Tem a Vale do Rio Doce e a Sete Léguas que são mais longe e perderia muito tempo com o transporte escolar, além de ser cansativo. É uma escola muito importante para a região, são muitas crianças, sendo que a maioria são filhos de funcionários das fazendas, das granjas.

*Como são as crianças?*

Os meus alunos que são os menores, são meigos e carinhosos, não tenho dificuldade para trabalhar com eles.

*E quanto a participação dos pais?*

Os pais participam, gostam de vir na escola para saber como estão seus filhos, o rendimento e desenvolvimento deles. Sempre que precisamos de alguma coisa, podemos contar com a colaboração dos pais.

*Você trabalhou com sala multisseriada por um tempo. Como é trabalhar com sala multisseriada?*

Olha, eu não sei se hoje eu conseguiria trabalhar novamente, porque você tem que trabalhar com quatro séries ao mesmo tempo, temos que nos desdobrar, ou seja, temos que trabalhar uma atividade com variações.

*Você fez o concurso público para zona rural. É mais compensativo financeiramente falando trabalhar na zona rural?*

Financeiramente sim, apesar de nunca ter trabalhado na zona urbana. Nós temos duas gratificações, sendo uma de dedicação exclusiva e outra de difícil acesso.

*Então esta seria a vantagem financeira. E com relação a infraestrutura, material didático pedagógico? Como funciona na EMREF Água Mansa Coqueiros? Houve avanços desde que você iniciou suas atividades aqui na escola?*

No início era pouca coisa, mas foi melhorando. Na minha sala de aula sempre tive vários materiais. Quando eu comecei aqui tinha giz, pouca coisa. Hoje nós temos dois datashows, o computador interativo na escola e sala de informática. Claro que não tem todos os brinquedos desejados, mas somos bem orientados pedagogicamente. A coordenadora acompanha, fazendo visitas semanais. Esse ano nossa escola está sendo ampliada devido ao aumento do número de alunos. Está sendo construída duas salas de aulas.

*Há capacitações presenciais?*

Sim. No início do ano tem a semana de planejamento, além de estarem oferecendo o curso: Profoco, tendo encontros mensais na cidade.

*Você foi a primeira professora nesta sede?*

Antes de mim, teve a Telma que usou o prédio ainda em construção. Não tinha energia elétrica, estava em obras. Devido as obras a EMREF Água Mansa Coqueiros foi transferida para a Escola Municipal Cândida Pereira até que as obras fossem concluídas. Então a sala de aula da Telma foi transferida para lá, funcionava apenas uma sala multisseriada. Ficamos nós duas até o período em que ela engravidou e precisou se afastar.

*Você se lembra por quanto tempo a EMREF Água Mansa Coqueiros ficou funcionando nas instalações da Escola Municipal Maria Cândida?*

Não me lembro, mas foi só o período para concluir as obras.

*Quem eram forma os primeiros funcionários na sede nova?*

A primeira professora foi eu, depois veio a Márcia Salustiano. Os funcionários eram o Senhor Afonso, a Vera e a Dona Cidalina.

*Eram cinco funcionários ao todo. E hoje quantos são?*

Somos seis professoras, uma merendeira, um guarda e a uma auxiliar de serviços gerais.

*Então vocês começaram com uma sala de aula e hoje são quantas? Há previsão para criar mais salas?*

São cinco salas de aula. Não há previsão para o próximo ano, porque precisava de sala de aula maior. A sala utilizada pelas crianças é muito pequena, ficaram lá durante o ano até a construção desta mais ampla.

*Como é a relação da EMREF Água Mansa Coqueiros com a Secretaria Municipal de Educação?*

Não há problema, dão o apoio necessário. Em casos de emergência utilizamos o telefone.

*Quais os pontos positivos e os pontos negativos de ser uma professora da zona rural?*

Devido eu nunca ter trabalhado na zona urbana, eu não sei quais são os principais problemas lá. Mas aqui convivendo com as crianças, ouvindo as colegas, eu percebo que aqui nós não temos problemas com indisciplina, drogas, ou seja, é bem mais tranquilo. A escola é menor. Nós fazemos as matrículas, pois a secretaria fica na cidade. Nós convivemos mais com as famílias, pois quando algum dia vem buscar as crianças somos que entregamos, apesar da maioria usar o transporte escolar. Então como eu também dependendo do transporte escolar sempre encontro os pais no ponto, acabando por conhecer as famílias das crianças.

*Com relação ao transporte escolar que você mencionou, é eficaz?*

Sim, é bom, traz direitinho, geralmente cumpre o horário, a não ser que ocorra algum imprevisto. Mas esse ano foi bem tranquilo. Os veículos são novos, não tiveram problemas mecânicos.

*Fazendo uma avaliação da sua trajetória profissional, vale a pena ser professora?*

Sim, vale a pena. Apesar de pequenos, aprendo muito com meus alunos. A convivência com as famílias nos trazem muitos ensinamentos.

*O que você falaria para uma professora que fosse iniciar sua carreira na zona rural?*

Há algumas dificuldades como por exemplo as vezes ter que deixar a família na cidade, mas vale a pena. Como eu já disse, as famílias são mais compreensivas, frequentam muito a escola. Não haverá dificuldade.

*O que a EMREF Água Mansa Coqueiros significa para você?*

Aqui é o local onde eu trabalho. Tento fazer o melhor que eu posso para as crianças. Trabalho há seis anos com a Educação Infantil, sendo o infantil I e II, onde é trabalhado a socialização das crianças de forma lúdica com brincadeiras. É o que eu gosto de fazer. Posso dizer que eu trabalhei só aqui, porque a Escola Municipal Maria Cândida foram dois anos difíceis sem estrutura. Então esta escola representa tudo. É aqui que eu convivo com as crianças, que tenho amigos, tiro os recursos para minha sobrevivência. Por isso tento fazer o melhor para as crianças, porque é daqui que recebo o meu salário melhorando a qualidade de vida minha e dos meus filhos.

*Você indica esta escola para as pessoas?*

Sim e muito!

*Parabéns Luci Meire! Pela professora que você é, pelos anos de dedicação e por colaborar com esta pesquisa. Que possamos contar esta história para muita gente!*

**APÊNCICE I – Transcrição da entrevista realizada com a ex-professora Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira em 10/12/2015**

*Estou na casa da Telma que foi professora na EMREF Água Mansa Coqueiros que vivenciou o início desta escola. Vamos saber o que há registrado em suas memórias sobre esta escola. Primeiramente vamos lembrar de como foi a vida escolar da professora Telma?*

Quando eu era aluna, procurava ser comportada, fazia tudo que a professora pedia. Tirava notas boas, ontem estava até mostrando para o meu sogro os meus boletins de quando eu estudava. Minha mãe nunca teve que ir à escola para ouvir reclamação.

*Na sua vida escolar, houve algo ou alguém que tenha influenciado você a ser professora?*

Minha professora, da 4ª série, eu achava bonito o jeito dela dar aula, de como tratava os alunos. A professora Maria Lúcia me incentivou muito. Ainda hoje temos contato.

*E como tudo começou? Foi algo que sempre quis ou aconteceu sem planejamento?*

Foi assim. Precisava de uma professora na Escola Municipal Cândida Pereira, a primeira escola que dei aula. O dono da fazenda veio nos procurar, porque tinha muitos alunos e estava sem professora, a escola poderia fechar. Nesta época eu nunca tinha feito curso, não sabia como era. Então minha cunhada que já era professora, hoje trabalha no Colégio Estadual Oscar Ribeiro da Cunha, que me ensinou a dar aula, fazer plano de aula.

*Qual era sua escolaridade?*

Eu tinha só a 8ª série. Ainda não tinha feito o Proformação, o magistério. Dei aula lá um ano, acho que em 1998. Porém em 1997 saí para ter meu filho. Meu esposo ficou me substituindo do final de setembro até dezembro. Para iniciar o ano chamaram a Luci Meire. Ela dava aula e o esposo dela transportava as crianças.

*E depois, como você retornou? O que ocorreu?*

Depois fomos lutar para a implantação da EMREF Água Mansa Coqueiros. Foi um período em que também não havia professora. Então resolvi voltar. Minha cunhada, a Neusa foi para Rio Verde e eu fiquei no lugar dela.

*A professora Neusa trabalhou no período em que a escola funcionou na fazenda do Sr Itor de 1997 a 1999. Depois da Neusa você assumiu. E a escola foi transferida para onde?*

Foi para a fazenda do meu sogro porque foi interditada, devido ao risco de cair sobre as crianças. Era de pau a pique, o telhado danificado. Então foi para um barracão na fazenda do meu sogro. Eu já estava fazendo o Proformação e a minha tutora que era a Adriana ia me visitar, assistia minhas aulas. Eu tinha de fazer o lanche porque não tinha como a merendeira vir. O meu esposo era quem transportava os alunos. Ele levava os alunos deixava comigo e eu ficava com eles até por volta das 8h da noite. Eu fazia o lanche, cuidava do meu menino e mais tarde tinha que dar outro lanche, porque ficavam até tarde.

*Que horas as crianças chegavam na escola?*

Chegavam por volta das 11h 30mi. E ficava até a noite. Eu cuidava deles, fazia o lanche e tinha meu filho que era pequeno.

*Na fazenda do seu sogro a escola funcionou por quanto tempo? E por que não pode permanecer lá?*

Ficou de janeiro a março, uns três meses. Não pode ficar lá porque a tutora e os responsáveis que iam visitar a escola disseram que não poderia continuar, porque eu tinha que fazer tudo, o lanche, etc. O lugar não era adequado para as crianças. Tinham que usar o banheiro da minha casa, porque lá não tinha. Daí pedimos a Dona Zélia para ficar na casa dela, numa casinha que também era de pau a pique, até terminar as obras de construção da escola.

*Nesse período então a sede da escola onde funciona hoje estava em construção?*

Sim, estava. Nós fomos atrás da prefeita a Dona Nelci, aliás na rádio 96 fm e Júlio Caparelli falou no programa que a escola precisava ser construída. Foi agendada uma reunião na casa da Dona Zélia, que ocorreu com a presença dos pais. Foi quando visitaram a escola na fazenda do Senhor Itor e viram que não tinha condições e fizeram a escolha do local que seria construída a escola. Logo começou a construção, mas pensamos que seria mais rápido. Como demorou muito precisamos ir para essa casinha da Dona Zélia.

*E na Dona Zélia vocês ficaram por quanto tempo?*

Ficamos de abril até junho. Mas também não foi possível ficar lá. Ficamos na escola em obras por quase dois meses, mesmo sem estar pronta, faltando energia, água e piso. As obras foram paralisadas devido à falta de pagamento. Eu colocava o quadro em dois cavaletes. A Dona Nega, a merendeira, fazia a merenda na casinha dos pedreiros, usando o fogão deles. Depois é conseguimos ganhar um fogão e colocamos onde hoje é a cozinha e lá ela fazia o lanche. O banheiro usado era o que os pedreiros tinham feito para uso deles, tipo privada, com um buraco no chão. Eu levava água da minha casa e, tambores para fazer o lanche e para as crianças beberem e lavarem as mãos. Foi assim até terminar o ano. Mesmo assim, sem água e luz não desisti. O meu esposo ainda fazia o transporte. Deixava a gente lá, ia para Rio Verde e depois a noitinha nos buscava. Ficávamos a luz de vela, fechados e com medo de chegar alguém estranho. Alguns alunos que morava perto, os pais buscavam, mas quem dependia do transporte ficava aguardando. A Dona Nega ia embora a pé. Foi difícil! Isto ocorreu em 2000. Em 2001 a diretora disse que não tinha como continuarmos naquelas condições. Foi quando ocorreu a união da Escola Municipal Cândida Pereira e da EMREF Água Mansa Coqueiros. Ficou sendo uma escola só. Ficamos eu e Luci Meire por alguns meses na Escola Municipal Cândida Pereira. Mas devido a sala estar muito cheia, a diretora resolveu dividir a turma. Ela ficou com 3ª e 4ª séries pela manhã e eu a tarde com pré-escolar, 1ª e 2ª séries. Recebíamos visita da tutora e da gestora do Proformação. Fazíamos aniversários das crianças, nossos também, quadrilha, piquenique. Era muito bom! Eu gostava de levar os alunos embaixo de umas árvores bonitas, fazíamos uma roda de leitura para trabalharmos com os livros.

*E nesse prédio da Escola Municipal Cândida Pereira vocês ficaram por quanto tempo?*

Ficamos um ano. Depois eu engravidei, tive toxoplasmose, foi uma gravidez de alto risco e tive novamente ter que me afastar. Acho até que foi por isso que fiquei traumatizada, porque tive que tomar um remédio muito forte e caro. A diretora me mandou embora, alegando que eu não poderia ficar grávida. Eu era contratada e não concursada. Disse que eu não tinha direito a nada, que não tinham como me manter lá. Me chamaram para ir na sala de recursos humanos para fazer o acerto. Passei na cozinha para beber água, estava chorando. Depois falei como faria para comprar meus remédios, sem receber nada. Ela respondeu que era problema meu, ninguém mandou eu engravidar.

Então questionei sobre os dias em que eu trabalhei. Inclusive o ano em que eu trabalhei no meu sogro, na Dona Zélia, na Cândida e na escola Água Mansa em obras eu não recebi nenhum centavo. Eu fiquei o ano todo sem receber salário.

*E como você fez para receber seu salário?*

Aí os responsáveis pelo departamento pessoal me questionaram se eu havia trabalhado. Eu disse que durante todo o ano. Verificaram e viram que era contratada e falaram para a diretora que teria que me pagar. A diretora foi resistente, não queria me pagar, disse que eu teria que avisado que estava grávida ou então escrito na testa: estou grávida. Foi difícil! O pessoal da prefeitura, do departamento pessoal que me ajudaram. Daí foram os nove meses, porque eu tive que ficar em repouso absoluto. Foi difícil receber, demorou muito. As pessoas me criticavam dizendo que eu era boba de ficar fazendo aquele trajeto carregando água, ficando com luz de vela e sem receber..., mas eu sempre respondia que não iria deixar as crianças, que amor que eu tinha neles e eles por mim já me incentivava, não deixaria as crianças eles sem escola, porque era importante eles estudarem. É claro que se eu conseguisse receber eu ficaria feliz, mas o mais importante era eles terem escola. Com os pagamentos comprei os remédios, meu nenê nasceu bem, sem problema. Só que eu fiquei um pouco traumatizada com a escola, por isso nem quis fazer o concurso quando a Luci Meire e a Márcia fizeram. Elas me chamaram, mas eu não quis. Fiquei um pouco revoltada. Quando a gente está grávida, fica sensível e fui muito humilhada. Chorei muito para ter meus direitos garantidos. Depois eu até voltei a dar aula, mas como contrato.

*Então quando você teve seu segundo filho, se afastou por um tempo?*

Sim, eu dei uma pausa. Voltei depois porque a Luci Meire engravidou da Mariana. Precisava de uma professora para cobrir a licença dela e não tinha. Fui substituir ela, acho que em 2006. E aí quando ela voltou eu estava em uma outra sala, mas teve outro concurso e entrou a Gerliane e a Maraisa que tinham sido aprovadas. Eu tive que sair. Os alunos choravam eu também. Foi uma choradeira!

*Por que você não fez o concurso? Se fosse para fazer hoje você faria?*

Eu fiquei muito magoada com aquela diretora. E hoje também não sei se faria, porque depois disso tive outro trauma bem maior com o acidente do micro-ônibus. No

momento ainda não estou em condições emocionais. Estou fazendo tratamento com psiquiatra e psicólogo.

*Você quer falar sobre esse fato? Fale só se você sentir vontade.*

Foi muito difícil para mim, então eu prefiro não falar. Até hoje sinto muito, apesar de já fazer mais de três anos. Ocorreu em 16 de setembro de 2012. Ontem mesmo eu estava lendo as cartas das crianças me agradecendo por ter salvado a vida delas. Até comentei com o meu sogro, eu não deveria estar assim, afinal foram duas vidas que se foram, mas se eu não estivesse lá teriam sido várias. Hoje não gosto de festa nem de sair de casa. Vou a Rio Verde só quando não tem outro jeito. Depressão é uma coisa que a gente não consegue dominar. Mas estou em tratamento. Fiz especialização por orientação da psicóloga. Mas não consegui ainda fazer concurso e retornar por causa da morte da menininha e do motorista.

*Mas você está no caminho certo. Está estudando, se tratando. Vai passar.*

Então eu consigo ainda falar do episódio, porque foi muito triste, que nunca imaginei passar. As cenas, o momento não sai da minha mente por mais que eu queira. Vem as lembranças boas das crianças e as famílias me agradecendo por ter salvo a vida deles. Minha casa ficou cheia de gente. (Neste momento a depoente estava muito emocionada com lágrimas nos olhos). Mas não dá para dar detalhes.

*Cada um tem o seu tempo. Temos que respeitar. Alguns recuperam rápido, outros não. É como a criança que está sendo alfabetizada, uns aprendem mais rápido, outros nem tanto, pois cada um tem seu tempo.*

Eu até já troquei de psicólogo e psiquiatra. Meu esposo me chamou para irmos a Goiânia, mas não quero. Deus vai me ajudar a ficar boa!

*Então a última vez que você lecionou foi substituindo a Luci Meire?*

Sim, mas continuei como contrato depois até haver o concurso. Saí para que as aprovadas no concurso assumissem. Eu até fiquei lá uns dias repassando minha experiência para elas de como trabalhar com uma sala multisseriada.

*E como é trabalhar com uma sala multisseriada?*

Não é fácil. Eu dividia a quadro para cada série. Planejava a aula escolhendo um tema que abrangesse todas as séries. Por exemplo se eu fosse explicar sobre a água, fazia um plano sobre a água para todas as séries, pois todos vão fazer perguntas, querendo saber o porquê. Se fizer um plano diferente sobre outro assunto você é interrompida o tempo todo. As atividades são separadas. Para os menores eu usava mimeógrafo para fazer as tarefas. Para os maiores eu passava no quadro e usava os livros, procurando atender os chamados a medida do possível.

*Vocês tinham orientação? A Secretaria de Educação dava o apoio pedagógico?*

Sim, fazíamos cursos de aperfeiçoamento.

*Desses cursos de formação continuada que você fez, qual você considera que mais colaborou com sua prática pedagógica?*

Todos contribuíram. Para a Educação Infantil, a especialização foi melhor. Mas de modo geral todos foram bons, tinham bons professores que explicavam bem, além das atividades práticas em sala de aula, das quais éramos avaliados.

*Telma, quando você olha para trás, toda sua trajetória profissional, essa luta de carregar água, ficar a luz de velas, mudar de um lugar para outro e tantas dificuldades. Valeu a pena?*

Valeu. Valeu, porque o amor das crianças para mim é muito importante. O carinho e a alegria deles fizeram com que valesse a pena. Se precisasse faria tudo de novo. Eu não sou uma pessoa que age pelo dinheiro, mas pelo amor ao próximo. Dinheiro é importante, mas o amor é mais ainda.

*Se você tivesse que falar alguma coisa para uma professora que fosse passar por situações semelhantes a que você viveu. O que falaria?*

Falaria para não desistir. Mesmo com as dificuldades, depois da luta vem a vitória e a gente vê o quanto foi importante a nossa luta, que valeu a pena. Ver as crianças e os pais felizes... O menino que fiz o aniversário de quinze anos, o Davi, nunca tinha ganhado um bolo, vivia dizendo que nunca passaria da 3ª série, e eu dizia que ele iria passar e aprender, procurava acreditar nele, fazia caderno de elogio, cartinhas e no fim ele me agradeceu e disse que a própria mãe havia dado o carinho que eu dei. A mãe deixava ele

com vizinhos por vários dias, terminou o ano morando na minha casa, porque a mãe se mudou para Rio Verde. Quando terminou ele me abraçou e chorou muito e disse eu fui mais do que uma mãe para ele, pois havia ajudado em tudo e dado amor e incentivado que iria conseguir aprender e passar de ano. O primeiro pedaço de bolo foi para mim. Então uma professora hoje para começar digo que vale a pena. O ganho de sentimentos, de gratidão são muito importantes.

*Apesar de você hoje não estar atuando na EMREF Água Mansa coqueiros, o que esta escola representa para você?*

É muito importante. Foi uma escola que eu ajudei a construir. Já tem um tempo que eu não vou lá, porque quando eu chego lá me lembro do acidente e me sinto mal. Mas a escola é muito importante e boa, procuro aconselhar as pessoas a colocarem seus filhos lá, porque os meus dois filhos estudaram lá. O Antônio Neto hoje está no Colégio Militar e tem conseguido pegar o alamar, os professores adoram ele, tem notas boas. O Igor que é o mais também estudou lá. Eu acho que a EMREF Água Mansa Coqueiros teria que ser ampliada, porque é uma escola ótima. Claro que na cidade tem várias boas, mas da zona rural esta é uma das melhores. As professoras tratam os alunos com amor, é uma escola família, unida. Na cidade, quando meus filhos foram, me diziam que tinham saudade, porque era só um oi e pronto, sem vínculo. Já na zona rural perguntam como foi o final de semana, como está a família, então a Água Mansa Coqueiros todos são amigos. Eu tenho um vizinho que está levando a filha para a Coopen na cidade, leva e traz todos os dias, eu disse não, coloca na Água Mansa, porque os meus folhos estudaram lá e não tiveram nenhuma dificuldade, se saíram muito bem. Eu tenho orgulho de ter colaborado para que essa escola fosse construída.

*Então esta história merece ser contada, estou no caminho certo?*

Sim, está no caminho certo, merece ser contada. Esta escola passou por muitas coisas. Alguém ainda vai te contar sobre o acidente, foi algo triste, mas que teve o lado bom que várias crianças foram salvas.

*Telma! Foi ótimo! Você colaborou muito, contando uma parte da história que ninguém havia contado, as várias transferências de lugares. Eu só tenho a agradecer e desejar que você fique boa logo!*

Obrigada! Eu também agradeço por você ter saído de Rio Verde para vir até aqui na minha casa para fazer seu trabalho. Com isso vai incentivar muitas pessoas a serem professoras, a lutar e nunca desistirem de seus ideais. Muitos desistem diante das dificuldades, é só lutar que consegue. Eu também vou conseguir vencer esta fase!

**APÊNCICE J – Transcrição da entrevista realizada com o Senhor Itor Martins  
Ribeiro em 31/12/2015**

*Senhor Itor, boa tarde! Eu gostaria de saber o que há em suas memórias sobre o início da EMREF Água Mansa Coqueiros, como tudo começou?*

Eu trabalhei na política e fomos sorteados com a escola. Ela funcionou lá em casa.

*O senhor trabalhou na campanha eleitoral? De qual prefeito?*

Sim, da Dona Nelcy. Eu corri atrás da escola, muitas vezes eles retrucavam, mas eu usava o nome do José Lázaro que era o vice. Ele falou que tudo que eu fosse fazer era para usar o nome dele. Ele se afastou do cargo, mas eu consegui duas pontes, uma para o nosso chão, outra para a Água Mansa e também a escola, tudo com a Dona Nelcy.

*Antes dessa época não existia escola? Onde as crianças estudavam?*

Nadinha, nada, nada. As crianças não estudavam. Quem podia trazer para a cidade trazia. Alguns iam para a Sete Léguas.

*Então ficou na fazenda no senhor? Como era lá?*

Ficou lá por quase três anos. Era um ranchinho de pau. O primeiro ano, como a escola ainda não era registrada, eu, o senhor Afonso e o Tonhão que fazíamos a despesa de lanche. Nós associávamos.

*E nesse período que ficou lá, a prefeitura ajudou, fez algum investimento?*

No primeiro ano nada. Do segundo ano para frente conseguimos o lanche e o transporte. Eu, Seu Afonso e o Tonhão correndo atrás para conseguirmos. Os empregos para funcionários foram oferecidos para mim. Então eu passei para as pessoas que havia pedido voto. Passei para minha esposa ser a merendeira. A Simone, minha filha foi professora, mas depois saiu. Depois da Simone ficou a Ivonete por três meses e depois assumiu a Neusa, filha do Seu Tonhá.

*O que lembra dessas lutas para implantação dessa escola?*

Foi difícil. Eu andava a pé. Vinha para a cidade. Depois que conseguimos o lanche pela prefeitura, eu tinha que pegar a autorização na secretaria e fazer as compras no supermercado. Então eu vinha a pé, o motorista que vinha com dois alunos do ginásio me

dava carona. Na época meu genro trabalhava na Vulcan, eu esperava ele chegar do serviço à noite, colocava combustível do meu bolso para ele levar o lanche até a escola.

*Por que a escola não ficou na sua propriedade?*

Porque a Zélia, os pais de alunos fizeram um abaixo assinado para a escola passar para as terras da Dona Zélia. Eu havia ganhado um alqueire de terra para fazer a escola mais próxima da estrada. O fazendeiro, O senhor José paulista me deu a terra para esse fim.

*Mas não deu certo?*

Não deu certo, porque a Rita, venceu o contrato e não mudava. Quando foi para fazer a escola, a Dona Nelci me procurou e contei que tinha ganhado a terra, que seria bom fazer a escola mais perto da estrada até a Rita desocupar. Então ela me respondeu que aquela mudança da Rita iria longe, perguntou se eu tinha alguma coisa contra a Dona Zélia. Então eu disse que não tinha nada contra ela, o secretariado da senhora que colocou ela revoltada comigo. E ao mesmo tempo ela estava correndo atrás para que a escola fosse nas terras dela. Tanto que na época doaram uma quarta de chão para fazer a escola. Daí quando terminaram fizeram cerca bem próximo a escola. Primeiro ela doou a terra, depois vendeu.

*Por que ela queria tanto que fosse nas terras dela?*

Para tirar dinheiro. Eu sou uma pessoa que trabalho com sinceridade. E ela para ganhar o povo, os pais de alunos, procurava ficar agradando, dando balas para as crianças, etc. Ela tinha vontade ser professora, mas não tinha escolaridade, queria que suas filhas fossem professoras lá também. Ela brigou com a diretora dentro da minha casa. Tínhamos feito uma reunião e ela não foi convidada, ficou sabendo e foi.

*Qual era a finalidade da reunião?*

Era para decidir o futuro da escola.

*E como foi para sair da propriedade do senhor?*

Ficou lá em casa três anos. Ficou aquela mudança. A Dona Zélia arrumou um ranchinho na casa dela, mas depois de pouco tempo correu com a Telma de lá. Ficou para lá e para cá. Queriam retirar a escola e passar para a Cândida Pereira, devido a influência do fazendeiro Tonhá. Como eu tinha ganhado a escola devido a campanha política, e lá

na região da Água Mansa era o eixo da Perdigão e teria muito aluno, eu fui para a cidade, fiquei o dia todo na prefeitura aguardando a Dona Nelci me atender. O vereador Ita foi comigo para presenciar o que iria falar. Então falei para ela que se a escola fosse passar para a Cândida Pereira, eu queria saber naquele momento, pois já sabia que tinha saído verba para a construção. Se fosse ser construída no local da Cândida Pereira. Nesse meio tempo, minha esposa ficou três meses sem receber, porque quando queriam dispensar alguém, ficavam sem pagar. Falei para ela que trabalhava com as pessoas de forma que no fim do dia pagava pelo trabalho, sou diferente do a senhora está pensando, trabalhei na sua política, mas quero que seja franca. Se a escola não for funcionar na Água Mansa, que é a região que precisa e trabalhei para isso, vou fretar um caminhão para buscar as carteiras da escola e colocar aqui no pátio. Porque eu não aceito que seja construída na Cândida Pereira. E não quero que um político nunca mais fale comigo. Então ela me disse para ficar tranquilo, ligou para a secretária da educação que na época era a Lúcia Mony e disse para não mexer na Escola Água Mansa e autorizar o contrato da Dona Cidalina para o outro dia. Foi uma pressão que fiz com ela, mas se fosse assim, a escola não funcionaria na Água Mansa hoje. As pessoas que foram contra eu, hoje estão lá usufruindo. Tiraram também o senhor Afonso de lá, sendo que nós lutamos por aquela escola. Mas eu sou caboclo bocudo, eu nunca sentei numa carteira para estudar, mas corro atrás dos direitos. Por isso sou bem-sucedido.

*A construção da escola na região da Água Mansa era fundamental, devido a chegada da Perdigão e a construção de muitas granjas. Além, disso, havia outro desejo que motivava o senhor a lutar pela implantação dessa escola?*

Fiquei morando na região por trinta e seis anos. Vi muito sofrimento de crianças que não tinham como estudar e ter seus empregos e hoje estão por aí bebendo pinga, porque não tinha escola. Os fazendeiros não lutavam, mas eu lutei. Inclusive a primeira ponte que foi feita que ia para minha casa, os fazendeiros foram debater com os empreiteiros, pois achavam que tinham que fazer outras pontes, porque nós não dávamos renda. Mas responderam que não tinham feito o que eu fiz, correr atrás. E o José Lázaro prometeu no meio de monte de gente em campanha e eu fui atrás da promessa.

*Depois que a escola saiu da propriedade do senhor, por quanto tempo ainda ficou residindo na região?*

Minha esposa trabalhou doze anos na escola, então foi mais ou menos em 2009.

*Por qual motivo o senhor deixou a região?*

Fomos fazer uma divisão de terras e não deu muito certo, teve umas revoltas. Minha esposa queria mudar, resolvemos mudar.

*O senhor tem algum arrependimento?*

Estou satisfeito por ter mudado.

*Quando o senhor volta por aquela região, o que sente?*

Não sinto nada. Fiquei revoltado, mas não encenquei com ninguém. Soube vencer a batalha sem discussão.

*O senhor deve ficar sabendo como a escola cresceu, a quantidade de alunos que possui. O que o senhor ao saber disso?*

Me sinto muito feliz por ter lutado pela escola. Inclusive tenho duas netas que estudam lá, e vai entrar mais uma. Eu lutei por algo que está servindo para muitos, inclusive para minha família. A Zélia quando ficou sabendo que iria mudar foi na minha casa me pedir para não ir, porque eu faria falta na região. Mas respondi que chegaria alguém melhor do que eu.

*Se o senhor tivesse que dar um recado para os fazendeiros, o que falaria?*

Ah! Eu não tenho noção! Tem gente rica e pobre que me apedrejaram. Eu fico com vontade de participar de uma reunião e falar meus motivos, pois sei que fazem reuniões e mentem, batem papos, etc Mas ninguém nunca me convidou. (Neste momento o depoente estava bastante emocionado, não tendo condições de opinar)

*Seu Itor tem algo que eu não perguntei e que seria interessante falar para sabermos um pouco mais da história dessa escola?*

O importante é mostrar como tudo começou. Você pode fazer isso. Dizer como foi o passado, a luta. Porque tem gente usufruindo com o gogó grosso, sem ter movido uma palha. O primeiro dia que o Paulo Roberto foi fazer visita a escola, ele disse que foi muito errado ter feito a escola lá, falei para ele que havia ganhado um alqueire de terra, mas que tinha perdido na votação. Então ele falou que o povo gostava do não prestava.

*Obrigada pelo tempo, pela atenção! Por colaborar com meu trabalho!*

**APÊNCICE K – Transcrição da entrevista realizada com a Senhora Cidalina  
Maria de Oliveira Ribeiro em 31/12/2015**

*A Dona Cidalina acompanhou o início da EMREF Água Mansa Coqueiros, trabalhando como merendeira por alguns anos. E ela irá nos contar quais são suas lembranças daquele tempo. Quando começou o envolvimento da senhora com a escola?*

Como foi oferecido o emprego para nós da família, eu fui chamada para ser merendeira. Eu até falei que não sabia fazer merenda, que só sabia cozinhar para peão. Me disseram que era o suficiente e resolvi começar. Eu fazia o lanche lá em casa e levava, porque era perto. Durante um ano nós demos a merenda. No ano seguinte a prefeitura começou a fornecer o lanche, mas continuou do mesmo jeito, completou os três anos na mesma rotina.

*O que a senhora fazia de lanche?*

Fazia arroz, frango, bolacha, arroz doce, bolo, esse tipo de coisa.

*Eram muitas crianças?*

Não. No início eram seis crianças. Com o passar do tempo foi aumentando, só que como hoje, nunca passou de quarenta. Eu anotava a quantidade para fazer o lanche e tenho na lembrança.

*Apesar das dificuldades, quando era na propriedade de vocês era mais fácil?*

Lá não tinha água, a cisterna lá do ranchinho na época da seca secava e não tinha como tirar água. Eu ia no córrego, pegava a água colocava dentro de tambores e levava no carrinho. Jogava água no chão, varria, limpava as carteiras, enchia o filtro e ficava feliz, porque fui criada daquele jeito. Deixava tudo arrumado e voltava para casa, cuidava dos meus afazeres e na hora da merenda ia outra vez com o carrinho para transportar o lanche. Era assim que funcionava.

*E quando saiu da propriedade de vocês? Como ficou a rotina da senhora?*

A escola ficou na mão da justiça e mandaram a gente lá para a Escola Cândida Pereira e lá era uma sala só e por esse motivo a Telma dava aula a tarde e a Luci Meire de manhã. Eu ia para lá e ficava o dia inteiro. Tinha um lugar para fazer o lanche, tudo grosseiro, feito de placa, o banheiro era uma privada, separada. Tinha cisterna, eu puxava

a água no balde. Na sexta-feira as professoras tinham que vir para a cidade estudar e tinham que dar as aulas todas pela manhã. A turminha da Telma ficava embaixo da árvore e a da Luci Meire na sala de aula. Só assim terminavam a aula e pegavam o ônibus para irem estudar. Todos entravam no ônibus para irem embora e o Ismael me levava também. Não me lembro por quanto tempo isso durou. Depois fomos para o ranchinho da Zélia, que era pequeno, mas eu zelei e ficamos lá, até que não quis mais que ficássemos. Eu fazia merenda no fogão dela, com os materiais da prefeitura. Levava o lanche e as crianças comiam na salinha deles. Veio as férias e quando as voltaram, ela não quis que continuássemos lá. Ela pegou as coisas do ranchinho e levou para escola sem terminar. Não tinha janela, nada, só a estrutura da casa. Não tinha fogão, nada, porque se não tinha terminado é porque não havia os materiais. Então eu tive que cozinhar no cômodo dos pedreiros feito de plástico. O vento batia e apagava o fogo, o fogão era de lenha. Foram meses difíceis. A construção foi terminada com gente lá. Acho que foi nas férias. Com o tempo a prefeitura começou a enviar os equipamentos, fogão, panela, geladeira e foi melhorando. Depois me chamaram para fazer o concurso. Mas eu só havia estudado por seis meses na minha vida e conseguir o histórico de anos atrás seria muito difícil. E também nunca tinha concluído um ano, foram apenas seis meses. Eu até me inscrevi no concurso, mas vi que seria necessário o histórico, resolvi desistir. Falei para minha sobrinha Débora fazer o concurso, ela prestou, passou está lá até hoje. Começou como merendeira e hoje é professora de apoio.

*A senhora se lembra até que ano ficou na escola?*

Nos meus contracheques consta que fiquei até 2006. Por esse motivo do concurso eu saí. E também andava muito a pé, porque o horário que o ônibus passava nem sempre dava certo para mim, as vezes eu queria ir mais tarde, outras vezes mais cedo. Então resolvi deixar, estava cansada.

*Qual a melhor lembrança que a senhora tem daqueles tempos?*

Ah! Tudo! Apesar da gente sofrer, fui criada na labuta e não achava difícil. Tudo foi bom!

*A senhora tem saudades? Do que mais sente falta?*

Tenho saudade! Sinto saudade das crianças. Tinha uma foto que queimou, onde mostrava as crianças me dando os parabéns no meu aniversário e eu ajoelhada para ficar da altura deles na porta da cantina. Eu tenho saudade!

*E tem alguma lembrança que a senhora gostaria de esquecer?*

Sabe que é pouca coisa. Achava tudo bom! Até as caminhadas, quando eu ia mais cedo descongelar uma carne ou preparar algum lanche ou quando ficava até mais tarde organizando alguma coisa. Valeu a pena!

*A senhora tem contato com pessoas daquele tempo?*

Tenho. De vez em quando eu vou lá e as mulheres vem me abraçar.

*O que a senhoraalaria para as pessoas que estão chegando agora para viver o que a senhora viveu?*

Ah! Ninguém imagina o que passamos no passado. Hoje está na maior facilidade...

*Então, já que a senhora sente falta das crianças o quealaria para elas?*

Ah! Nem sei! Falaria para sejam bons alunos, cresçam com o mesmo objetivo de estudar, aprender e ser boa gente no futuro.

*Com relação as fotos de vocês atravessando pinguelas, qual era a situação?*

É uma boa pergunta! Na sexta-feira como as professoras tinham que dar aula pela manhã e tinha só uma sala, eles revezavam. Iam para minha casa, outras vezes iam para casa de colegas e assim ia passando cada semana, corria a roda. Naquela foto estávamos indo na casa de dois alunos, não era perto, íamos a pé e no caminho atravessámos a pinguela numa represa. Ela deu aula lá, eu fiz o lanche. Isto aconteceu umas duas vezes. Quando dava o horário voltávamos e o ônibus já estava encostando para irmos embora. Então era assim que funcionava e lembrei porque a gente estava atravessando a pinguela e carregando o lanche, as vasilhas de fazer o lanche, porque os pais dos alunos pediam para falar para a professora que se fosse para ela dar aula embaixo da árvore era para ir para a casa deles, convidavam. As vezes era perto, a gente ia, outras vezes o ônibus ia para a mesma direção e íamos também. Com cuidado para perder o horário dos alunos que iam para a cidade, nem dos que estudavam lá. Nada passava da hora. Era difícil, mas sinto saudade! Tudo foi história e boa! Com muita sinceridade, principalmente de minha

parte, sempre trabalhei com honestidade, pensando em fazer o bem para eles. Um lanchinho simples, mas com amor. Às vezes alguma coisa estava pouca e pensava o que iria fazer, mas eles sempre gostavam.

*Muito obrigada pela colaboração da senhora!*



APÊNDICE L – Leis e resoluções alusivas a EMREF Água Mansa Coqueiros  
Prefeitura Municipal de Rio Verde - Goiás

LEI Nº 3.545/97

"Cria e denomina Escola  
que menciona  
e dá outras providências"

A CÂMARA MUNICIPAL DE RIO VERDE-GO. APROVA E EU SANCIO-  
NO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º - Fica criada unidade de ensino na zona rural deste Município, a se denominar ESCOLA MUNICIPAL "ÁGUA MANSA COQUEIROS", localizada na Fazenda Água Mansa.

Art. 2º - Revogam-se disposições contrárias.

Art. 3º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, retroagindo seus efeitos a 1º de junho do ano em curso.

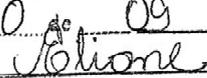
Gabinete da Prefeita Municipal, aos 10 de setembro de 1997.

  
Vanderval Lima Ferreira  
SECRETÁRIO GERAL

  
Nelci Silva Spadoni  
PREFEITA MUNICIPAL

Registrado às fichas do arquivo próprio e  
publicado nesta Secretária

Em 10 de 09 de 19 97

  
RESPONSÁVEL

ESTADO DE GOIÁS  
PREFEITURA MUNICIPAL DE RIO VERDE  
SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO  
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - COMERV



RESOLUÇÃO Nº 033/01 - COMERV, Rio Verde – GO, 07 de novembro 2001.

*“Autoriza funcionamento do Ensino Fundamental na Zona Rural, com Administração Centralizada e dá outras providências.”*

O CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE, no uso das atribuições legais que lhe são conferidas e...

Considerando que o Ensino Fundamental na Zona Rural, de 1997 a 1999, foi ministrado pelo município, com Diretoria e Secretaria centralizadas na extinta Superintendência Especial de Ensino Rural e, a partir do ano de 2000, com Diretoria e Secretaria centralizadas na Secretaria Municipal de Educação;

Considerando que o município ainda não conta com infra-estrutura necessária para dar estatus de Unidade Escolar aos espaços físicos utilizados na Zona Rural para ministrar o Ensino Fundamental;

Considerando que as diretrizes pedagógicas na Zona Rural são as mesmas adotadas pelas Unidades Escolares da Zona Urbana da Rede Pública Municipal; e

Considerando, ainda, os estudos do colegiado e decisão plenária do dia 07/11/2001.

**RESOLVE:**

Art. 1º - Autorizar o funcionamento do Ensino Fundamental na Zona Rural em espaços físicos destinados à formação escolar em fazendas do município, com direção e secretaria centralizadas, com efeito retroativo ao ano de 1997.

Conselho Municipal de Educação de Rio Verde - COMERV
PUBLICAÇÃO
Rio Verde - GO, 07 / 11 / 2001

MUNICÍPIO DE RIO VERDE - GOIÁS  
SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO  
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - COMERV



RESOLUÇÃO N.º 037/02 -COMERV

RIO VERDE, 20 DE DEZEMBRO DE 2002

*“Autoriza funcionamento de Unidade Escolar e dá outras providências”.*

O CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - GO, no uso de suas atribuições legais, considerando os autos processuais e a decisão plenária de 17/12/2002,

**Art. 1º** - Autorizar o funcionamento da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental “Água Mansa Coqueiros”, criada pela Lei Municipal n.º 3.545/97, com sede na Fazenda Água Mansa, município de Rio Verde/GO, para ministrar o Ensino Fundamental, por 04 (quatro) anos letivos, a partir de 2003.

**Art. 2º** - Aprovar o Regimento Escolar.

**Art. 3º** - Esta Resolução entra em vigor na apresente data, ficando revogadas as disposições em contrário.

  
Helena da Silva Guimarães de Souza  
Presidente em exercício  
COMERV

**Conselheiros:**

*Clarice Rodrigues de Macedo*  
*Emilda Hannun Motta*  
*Geni Aleida Guimarães*  
*Hercília de Castro Guimarães*  
*Leila Conceição Favaró Boldrin*

*Marineuza Caldeira de Sousa Prado*  
*Maria José Jardim Godoi*  
*Sonia Carvalho Oliveira Cabral*  
*Vicente Pereira de Almeida*  
*Telma Divina Nogueira Rodrigues*

MUNICÍPIO DE RIO VERDE - GO  
SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO  
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO RIO VERDE - COMERV



RESOLUÇÃO N.º035 /2005-COMERV, DE 16 DE NOVEMBRO DE 2005

*“Prorroga atos autorizativos de Unidades Escolares”*

O CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - GO,, no uso de suas atribuições legais e considerando decisão plenária de 16 de novembro de 2005,

**RESOLVE:**

**Art.1º** - Prorrogar até 31/12/2006 os atos autorizativos das Unidades Escolares de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal, vencidos e vincendos no ano letivo de 2006.

**Art.2º** - Estabelecer a data limite de 10/08/2006 para que as Unidades Escolares abrangidas pela presente resolução protocolem no Conselho Municipal de Educação de Rio Verde, os processos de regularização funcional.

**Art.3º** - Revogar as disposições em contrário.

**PRESIDÊNCIA DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - GO,** aos 16 dias do mês de novembro do ano de 2005.

*Helena da Silva Guimarães de Souza*  
**PRESIDENTE - COMERV**

**CONSELHEIROS:**

Hercília de Castro Guimarães  
Lúcia Helena Batista de Oliveira  
Marli Rodrigues de Souza  
Sônia Carvalho Oliveira Cabral  
Telma Divina Nogueira Rodrigues  
Vera Lúcia Barros Santana  
Vera Lúcia Coelho Alves



MUNICÍPIO DE RIO VERDE - GO  
SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO  
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO RIO VERDE - COMERV

RESOLUÇÃO N.º 23/2007-COMERV, DE 5 DE DEZEMBRO DE 2007.

*“Aprova Regimento Escolar.”*

O CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - GO, no uso de suas atribuições legais, considerando o Processo n.º 25/2007 e decisão plenária,

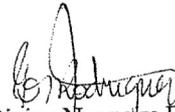
**RESOLVE:**

Art. 1º - Aprovar novo Regimento Escolar da EMREF “Água Mansa Coqueiros”, Unidade de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal.

Art. 2º - Validar os atos praticados pela unidade escolar em consonância com o texto regimental, ora aprovado, a partir do ano letivo de 2006.

Art. 3º - Revogadas as disposições em contrário, esta Resolução entrará em vigor na presente data .

SALA DAS SESSÕES DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - GO, aos 5 dias do mês de dezembro do ano de 2007.

  
Telma Divina Nogueira Rodrigues  
Presidente - COMERV

*CONSELHEIROS:*

Camilo de Macedo Filho  
Cimão Dias Borges  
Claudécir Gonçalves  
Paula Martha Pimenta Gomes  
Hereília de Castro Guimarães  
Leila Conceição Favaro Boldrin

Vera Lúcia Barros Santana  
Marli Rodrigues de Souza  
Sônia Carvalho Oliveira Cabral  
Helena da Silva Guimarães de Souza  
Lúcia Helena Alves Caetano

MUNICÍPIO DE RIO VERDE - GO  
SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO  
CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO RIO VERDE - COMERV



RESOLUÇÃO N.º 18 /2008-COMERV, DE 11 DE JUNHO DE 2008.

*“Prorroga atos autorizativos de Unidades Escolares”*

O CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - GO, no uso de suas atribuições legais e considerando decisão plenária de 11 de junho de 2008,

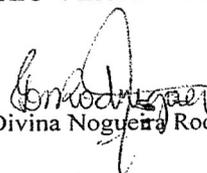
**RESOLVE:**

**Art.1º** - Prorrogar até 31/12/2009 os atos autorizativos das Unidades Escolares de Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal, vencidos até o ano letivo de 2008 e vincendos no ano letivo de 2009.

**Art.2º** - Estabelecer a data limite de 10/8/2009 para que as Unidades Escolares, abrangidas pela presente resolução, protocolem no Conselho Municipal de Educação de Rio Verde, os processos de regularização funcional.

**Art.3º** - Revogar as disposições em contrário.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE - GO, aos 25 dias do mês de junho do ano de 2008.

  
Telma Divina Nogueira Rodrigues  
Presidente - COMERV

**CONSELHEIROS:**

Adriane Cruvinel Campos Guimarães  
Cimão Dias Borges  
Hercília de Castro Guimarães  
Helena da Silva Guimarães  
Vera Lúcia Barros Santana

Maria José Jardim Godoi  
Marli Rodrigues de Souza  
Paula Martha Pimenta Gomes  
Sônia Carvalho Oliveira Cabral  
Camilo de Macedo Filho



Sistema Municipal de Ensino  
Conselho Municipal de Educação – COMERV



Resolução n.044/2009 – COMERV, de 21 de outubro de 2009.

“ Regulariza situação funcional de unidade escolar e dá outras providências”.

O CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE RIO VERDE/GO, no uso de suas atribuições legais, considerando o que dispõe a Resolução n. 003/2009 - COMERV, os autos processuais n. 063/2009 quanto a regularização funcional da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros, o Parecer n.040/2009 e decisão colegiada,

#### RESOLVE:

Art. 1º. Regularizar a situação funcional da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros, situada na Fazenda Água Mansa – município de Rio Verde/GO, unidade escolar jurisdicionada ao Sistema Municipal de Ensino.

Parágrafo Único - A Unidade Escolar está autorizada a ofertar os Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Art. 2º. A vigência desta resolução é por tempo indeterminado, estando a unidade escolar condicionada a manter os padrões mínimos exigidos.

Parágrafo Único – Os padrões mínimos exigidos quanto aos aspectos pedagógicos, escrituração e guarda dos documentos escolares, condições de infra-estrutura, e situação funcional do pessoal docente, administrativo, técnico – pedagógico e de apoio serão avaliados anualmente.



Construindo um Novo Amanhã.

MUNICÍPIO DE RIO VERDE – GO  
SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA GESTÃO EDUCACIONAL

## **PORTARIA Nº 076/03/SME**

**“Estabelece a Nucleação das Unidades Escolares da Zona Rural”**

Lúcia Helena Alves Caetano, Secretária  
Municipal de Educação no uso de suas  
atribuições legais e etc ...

CONSIDERANDO a necessidade de maximizar a proximidade da Escola com a residência dos alunos;

CONSIDERANDO a maximização do uso de recursos financeiros para assegurar a otimização no atendimento na Zona Rural;

CONSIDERANDO ainda a minimização de custos com o Transporte Escolar,

### **RESOLVE:**

Art. 1º – Estabelecer a nucleação das Unidades Escolares da Zona Rural, com o objetivo de melhorar a qualidade e eficiência na gestão escolar, maximizando a utilização de recursos destinados à manutenção dos alunos e professores, mais próximos de suas residências e, a minimização do curso do Transporte Escolar,

Art. 2º - Utilizar a nucleação como instrumento avançado para a autonomia escolar, assegurando um porte mínimo, com lotação adequada de pessoal, monitoradas por Diretoras compromissadas com a qualidade do ensino.

Art. 3º - Referendar a formação de 07 Escolas Núcleo, assim distribuídas:

Art. 4º – Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

APÊNDICE M – Memorando da SME 052/2013, determinando a extinção de escolas.

			MUNICÍPIO DE RIO VERDE - GO SISTEMA MUNICIPAL DE ENSINO SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO - SME	052/13 DATA 04.07.13
<b>MEMORANDO</b>				
LOCAL EMISSÃO SEC EDUCAÇÃO	NOME DO EMITENTE PROF DR LEVY REI DE FRANÇA	ÁREA EDUCAÇÃO	CARGO SECRETÁRIO	
LOCAL DESTINO Depto de Unidades Escolares, Projetos Extintos e Estatística	NOME DO DESTINATÁRIO Adelia da Silveira Gomes Ferreira	ÁREA Depto de Unidades Escolares, Projetos Extintos e Estatística	CARGO Coordenadora	
REF./ASSUNTO: SOLICITAÇÃO				
<p>Em resposta ao Ofício nº 01/2013, determino que as escolas abaixo relacionadas, sejam extintas, devido às mesmas estar há mais de três anos paralisadas.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>✓ EMREF ALFREDO FERREIRA DE CASTRO</li> <li>✓ EMREF ORCALINO FERREIRA GUIMARÃES</li> <li>✓ EMREF RECANTO DO FUTURO</li> </ul> <p>À oportunidade antecipamos agradecimentos.</p>				
PROF. DR. LEVY REI DE FRANÇA Secretário Municipal de Educação Decreto nº 059/2013				
Resposta				
OBS: Resposta mediante devolução da 2ª via				

## **ANEXOS**

Anexo 01: Os resultados referem-se à matrícula inicial na Creche, Pré-Escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio (incluindo o médio integrado e normal magistério), no Ensino Regular e na Educação de Jovens e Adultos presencial Fundamental e Médio (incluindo a EJA integrada à educação profissional) das redes estaduais e municipais, urbanas e rurais em tempo parcial e integral e o total de matrículas nessas redes de ensino. As matrículas da Educação Especial constam no Anexo II.

Unidades da Federação Municípios Dependência Administrativa	Matrícula inicial											
	Ensino Regular										EJA	
	Educação Infantil				Ensino Fundamental				Médio		EJA Presencial	
	Creche		Pré-escola		Anos Iniciais		Anos Finais		Parcial	Integral	Fundamental	Médio
	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral				
Estadual Urbana	0	0	0	0	65	0	5.472	241	6.417	1	0	480
Estadual Rural	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Municipal Urbana	0	1.576	3.480	75	11.726	579	2.607	35	0	0	882	0
Municipal Rural	0	0	191	0	640	65	460	55	0	0	0	0
Estadual e Municipal	0	1.576	3.480	75	12.431	644	8.539	331	6.417	1	882	480

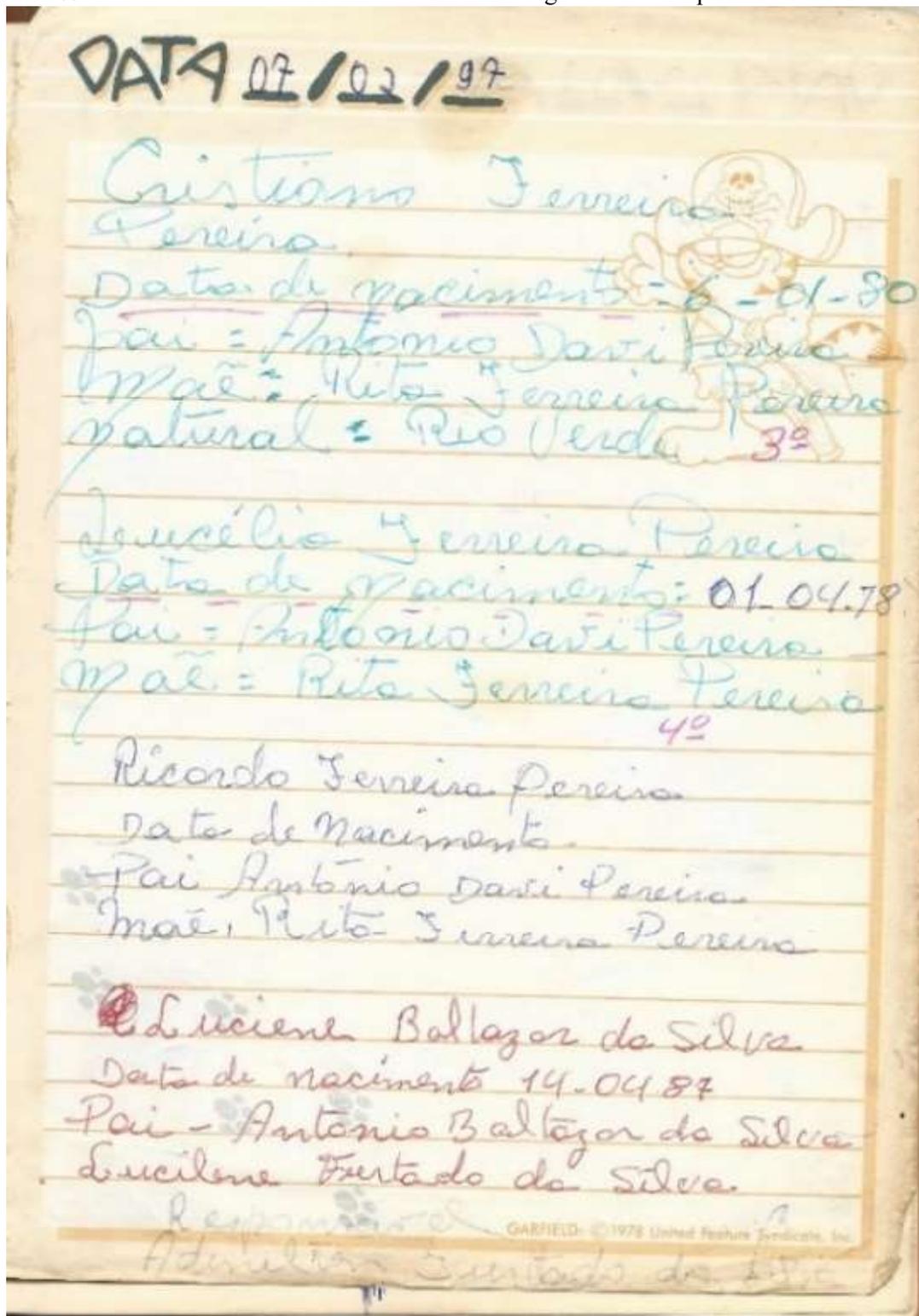
Fonte: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>

Anexo 02: Os resultados referem-se à matrícula inicial na Creche, Pré-Escola, Ensino Fundamental e Ensino Médio (incluindo o médio integrado e normal magistério), e na Educação de Jovens e Adultos presencial Fundamental e Médio (incluindo a EJA integrada à educação profissional) da Educação Especial, das redes estaduais e municipais, urbanas e rurais em tempo parcial e integral e o total de matrículas nessas redes de ensino.

Unidades da Federação Municípios Dependência Administrativa	Matrícula inicial											
	Educação Especial (Alunos de Escolas Especiais, Classes Especiais e Incluídos) EJA										EJA	
	Educação Infantil				Ensino Fundamental				Médio		EJA Presencial	
	Creche		Pré- escola		Anos Iniciais		Anos Finais		Parcial	Integral	Fundamental	Médio
	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral	Parcial	Integral				
Estadual Urbana	0	0	0	0	0	0	80	40	34	0	0	3
Estadual Rural	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Municipal Urbana	0	1	43	1	282	13	62	0	0	0	81	0
Municipal Rural	0	0	1	0	9	0	12	0	0	0	0	0
Estadual e Municipal	0	1	44	1	291	13	154	40	34	0	81	3

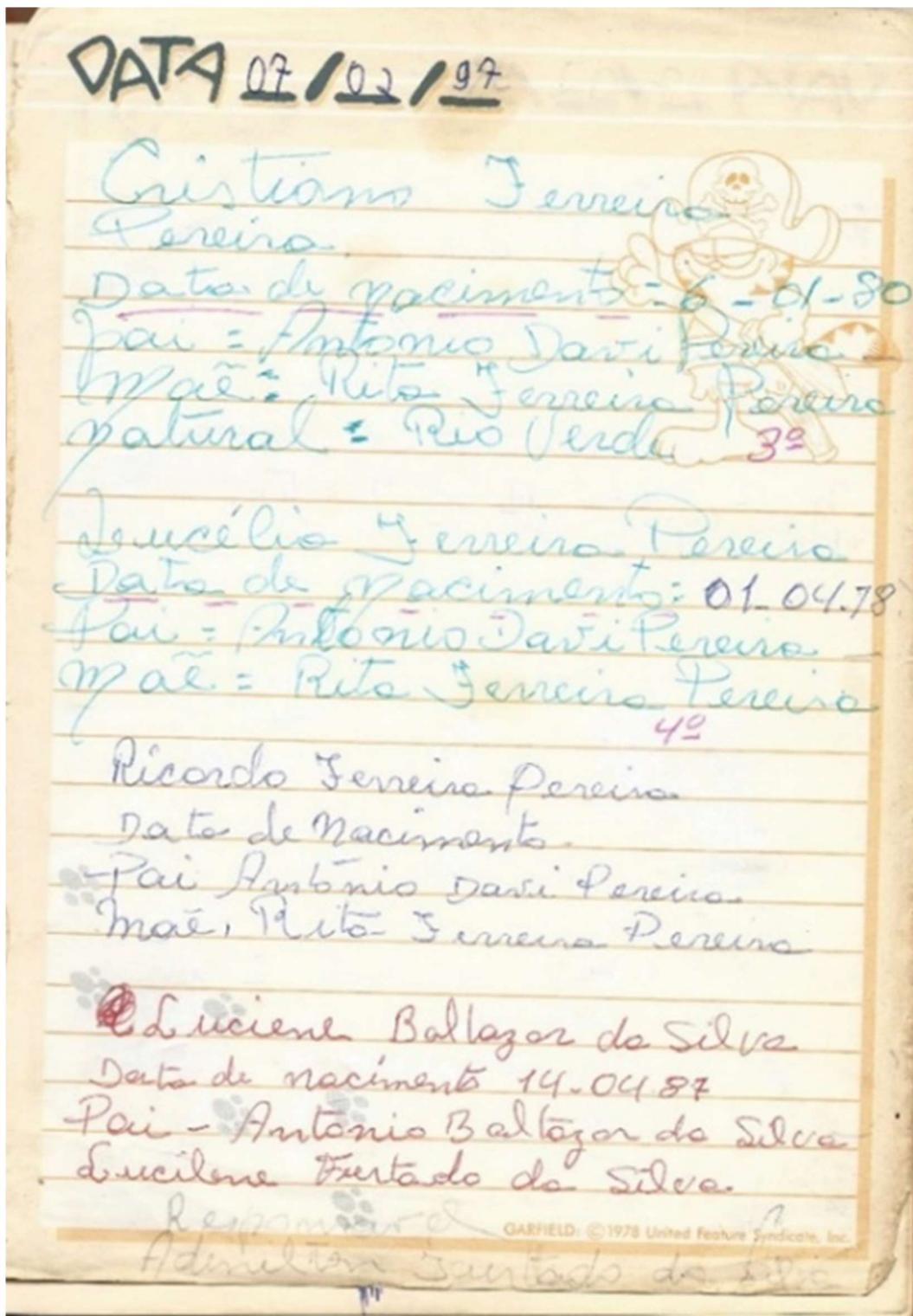
Fonte: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo> Acesso em dezembro/2015.

Anexo 03: Matrícula informal dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros.



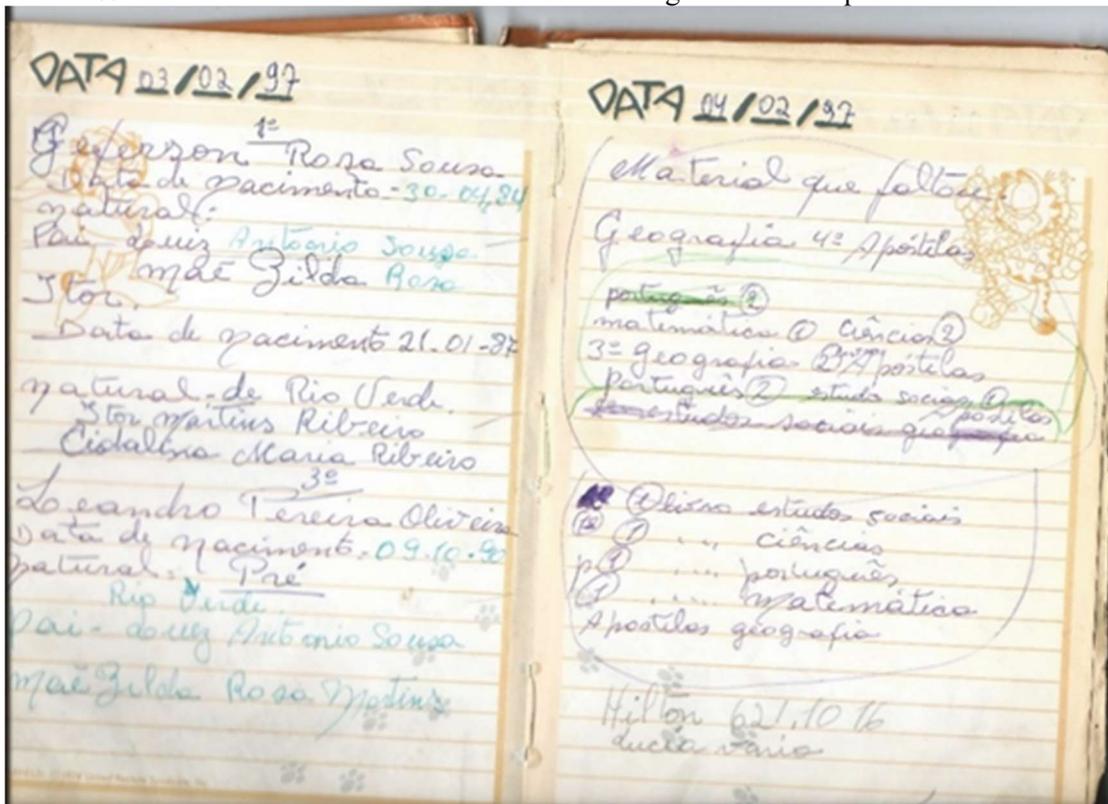
Fonte: Arquivo pessoal da depoente Zélia Ferreira de Andrade. Ano: 1997.

Anexo 04: Matrícula informal dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros.



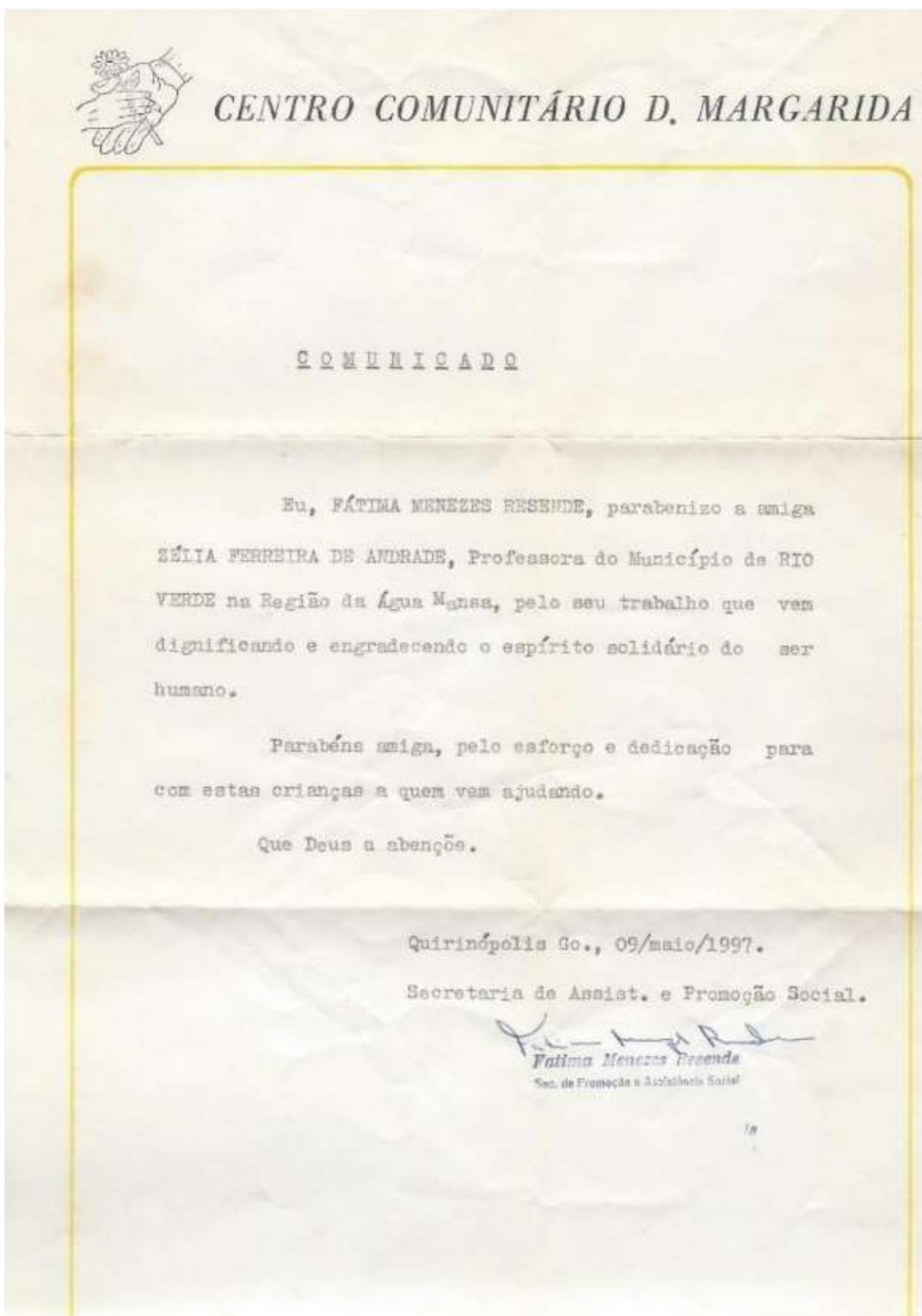
Fonte: Arquivo pessoal da depoente Zélia Ferreira de Andrade. Ano: 1997.

Anexo 05: Matrícula informal dos alunos da EMREF Água Mansa Coqueiros.



Fonte: Arquivo pessoal da depoente Zélia Ferreira de Andrade. Ano: 1997.

Anexo 06: Carta/comunicado de elogio.



Fonte: Arquivo pessoal da depoente Zélia Ferreira de Andrade. Ano: 1997.

Anexo 07: Carta de desabafo de Telma de Fátima Cruvinel de Oliveira, nos dias seguintes ao acidente.

Telma

As vezes acontece coisas  
que não conseguimos explicar  
Numa bela manhã  
Acordei tão disposta para uma colega ajudar  
E com alegria as crianças ensinar  
Levantei, servi, rezei e até o ponto comi e chei  
Esse dia 16 de Setembro jamais esquecerei  
Como uma intrusa desejável  
naquele onibus entrei  
Como gostaria de nunca ter que relatar  
tudo, tudo que presenciei.

mas...

Infelizmente, inesperadamente  
tão rápido aquele horrível acidente aconteceu  
Um fio de energia despenhado e descuidado  
causou toda dor, desespero e tormento  
Vi duas vidas sendo ceifadas  
E quantas crianças pedindo para ser ajudados  
Rezei e pedi a Deus...

Coragem, paciência e sabedoria

É assim um a um lancei pela pequena janela  
Não me lembro que horas era aquela  
nem como consegui pular

mas tenho certeza que Deus enviou  
muitos anjos para me ajudar

Agora compreendo melhor quando  
Jesus nos ensinou: em tudo dai graças.

Agradeço a dificuldade, dor, tormento, alegria e  
obrigado, obrigado, obrigado. sempre

Fonte: Arquivo pessoal da depoente.

Anexo 08: Poema classificado no projeto Dia da Conquista.

Poema: **Onde eu vivo** (Afonso  
Lázaro do Couto)

Quem vem da cidade  
Depois da capela  
Uma horta de tela  
Que eu mesmo cultivo  
Uma casinha modesta  
Atrás do pomar  
Aqui é meu lar  
Aqui é onde eu vivo

Estou sempre em contato  
Com a natureza  
Contemplando a beleza  
Dos campos floridos  
Que as vezes constrata  
Com a relva afogada  
Na poeira da estrada  
De chão batido

Modéstia por fora  
Por dentro riqueza  
Não falta na mesa  
O arroz e o feijão  
Se falta conforto  
Não falta alegria  
Pra nossa família  
Não falta união

Aqui onde vivo  
Estou sempre na lida  
De bem com a vida  
Ao lado do bem  
Com muitos amigos  
Com Deus ao meu lado  
Eu sou. Sou muito amado  
Ao lado de alguém.

# Olimpíadas de Língua Portuguesa

A olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro percorreu escolas públicas de todo o país. Nesta Segunda edição 5.488 municípios aderiram ao programa. No total foram 239.458 inscrições.

Rio Verde / GO, neste ano, destacou-se a nível nacional. Após a semifinal, realizada em Fortaleza / CE, Jonathan Luiz Kuczirca, da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Água Mansa Coqueiros, ficou entre os 38 finalistas - categoria Poema da OLPEF (Olimpíadas de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro).

O resultado deste concurso mostra o avanço que educação de Rio Verde/GO alcançou a partir de uma gestão democrática dentro da escola.

Parabéns ao aluno Jonathan e a Professora Marcia Salustiano Carvalho.



Jonathan com o secretário Prof. Dr. Levy Rei de França



Jonathan apresentando seu certificado



Jonathan com sua família



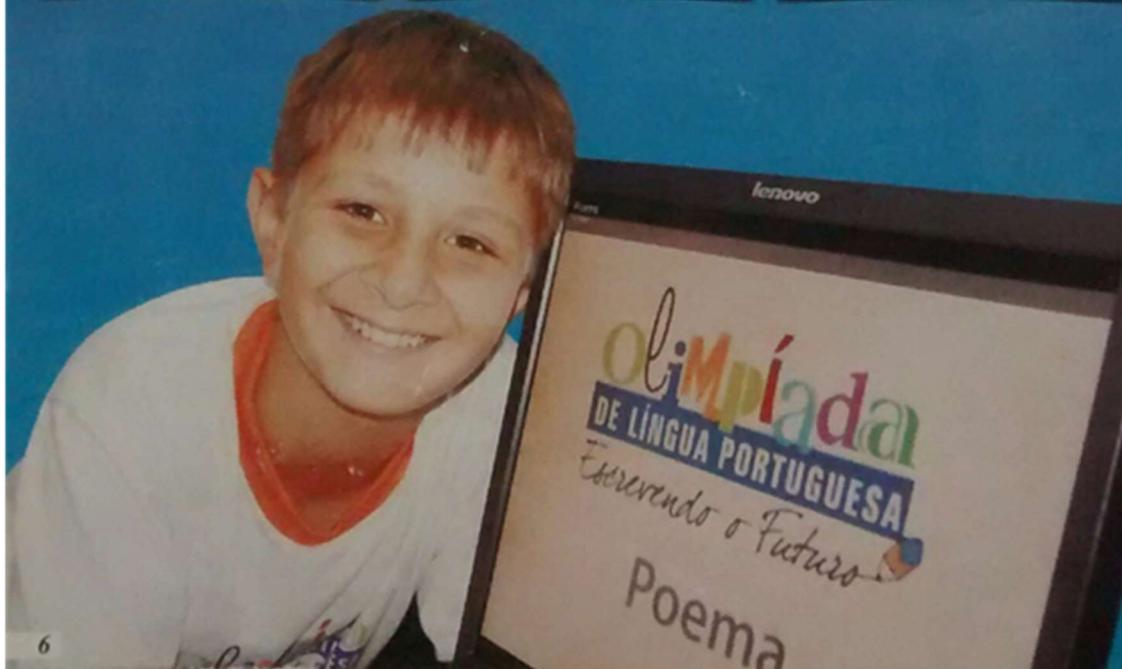
Ione (Gestora), Jonathan e Aneide (Coordenadora do Ensino Rural)



Sua Mãe, Prof. Levy, Jonathan e Profa. Giselly (Coord. da Olimpíadas em Rio Verde)



Jonathan Luiz Kuczirca

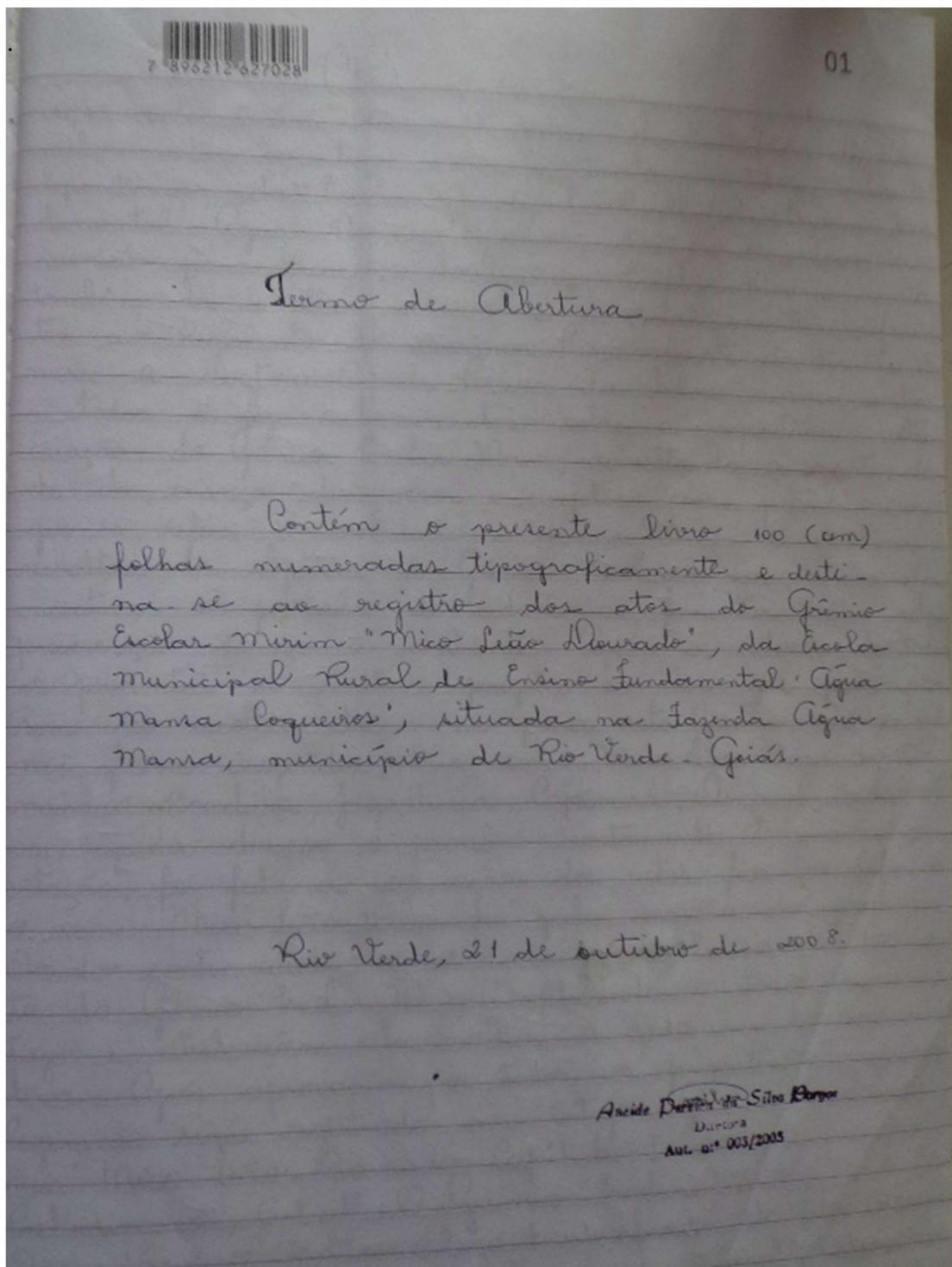


Fonte: Arquivo pessoal de Márcia Salustiano Carvalho Leão. Ano: 2011.

Anexo 10: Jornal de divulgação dos Grêmios Mirins na rede municipal de ensino.



Fonte: Documentos da EMREF Água Mansa Coqueiros. 2015.



Fonte: Documentos da EMREF Água Mansa Coqueiros. 2008.

09

Ata nº 01

Cos vinte dias mês de maio de dois mil e quinze às 14 horas na EMREF Água Mansa Coqueiros, situada na fazenda Água Mansa Coqueiros reuniu-se os membros representantes do Grêmio Estudantil Mico Leão Dourado para tratar de assuntos referentes à prestação de contas do PDEM (Programa Dinheiro nas Escolas Municipais) referente à parcela de 2015 creditadas nos dias na conta corrente nº 11.211-9, Agência 2973-4 do Banco do Brasil, nesta cidade. O valor creditado destinado ao Grêmio Estudantil é de R\$ 57,75 (cinquenta e sete reais e setenta e cinco centavos), mais o valor reprogramado de 2014 de R\$ 4,62 (quatro reais e sessenta e dois centavos), totalizando o saldo de R\$ 62,37 (sessenta e dois reais e trinta e sete centavos). Não havendo gastos, ficando o valor de R\$ 62,37 (sessenta e dois reais e trinta e sete centavos) para ser reprogramado para o 2º semestre de 2015. Sem mais nada a relatar eu Dilora Oliveira Maia Santiago orientadora do Grêmio Estudantil Mico Leão Dourado assino a presente ata juntamente com os membros presentes, presidenta Luiza Oliveira de Freitas, Secretária Gláris Fernandes Martins, tesoureiro Roberto Martins de Oliveira.

Fonte: Documentos da EMREF Água Mansa Coqueiros.